

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

14 de julho × Atlântico, a super-decisão

Desde a implantação do profissionalismo em nossa região, isto em 1952, os clubes de Passo Fundo, haviam vencido apenas no ano de 1955, através do 14 de Julho. Gaúcho e Riograndense, sequer chegaram perto de título. Em 1963, novamente o 14 de Julho, fora declarado campeão, porém perdeu a taça no tapetão para o Ypiranga de Erechim. Os protestos dos dirigentes rubros e da crônica esportiva local foram veementes, mas de nada adiantaram.

Decorria o ano de 1964. Ano tumultuado pelos acontecimentos políticos, com profundos reflexos na sociedade brasileira. No futebol regional, o ano terminaria com 14 de Julho de Passo Fundo e Atlântico de Erechim, rigorosamente empatados em pontos, no topo da tabela de classificação. Na última rodada, a dos clássicos, o Gaúcho, sem a mínima chance, venceu seu maior rival por 1 a 0. Em Erechim, o Atlântico bateu o Ypiranga por 3 a 0. Novamente boatos e especulações de "entrega" de jogo, foram as manchetes dos jornais.

A Federação Rio-grandense de Futebol; determinou a realização do chamado super-campeonato, numa única partida a ser jogada em Getúlio Vargas, campo do



14 de Julho - Campeão Regional 1964

Em pé: Egídio Reolon (Téc), Piranha, Palma, Nelcy, Ubiratã, Paulinho, Verardi, Nívio, Osvaldo, Chita e Dr. Osvaldo R. Lara (Pres.)

Agachados: Caneco, Zoca, Mariotti, tuta, Délio Viana, Plínio, Armando e Juarez.

Taguá, designando o árbitro José Luiz Barreto, para dirigi-la. Torcedores rubros, mobilizados, lotaram vários ônibus a carros particulares para acompanharem a partida.

No plano de jogo, o técnico quatorzeano, Egidio Reolon, não poderia contar com o zagueiro Caneco, machucado. Em seu lugar o veterano Nívio, foi escalado. Nada, porém, abalava a confiança do time do 14 de Julho. Tudo o que tinha acontecido e que havia sido dito, antecedendo o jogo, mexeu com os brios dos jogadores, aflorando ainda mais o espí-

rito guerreiro do time.

Enquanto fora de campo as brigas entre torcedores dos dois clubes, era uma contante, dentro dele o 14 de Julho, era o dono das ações. Mariotti e Armando Rebechi, acertaram a trave erechinense, e seu goleiro Poppe, já era figura de grande destaque. Primeiro tempo termina sem abertura do marcador.

Volta o Atlântico para a etapa complementar, com a camiseta do Taguá, para ganhar a simpatia da torcida local. Logo aos 3 minutos Mariotti foi lançado na área, dribla o goleiro e toca para o gol vazio.

No caminho da bola, vinha Luiz Carlos, que desvia com a mão. José Luiz Barreto, sem pestanejar, marca pênalti. Tuta, encarregado da cobrança o faz com perfeição. 14 de Julho 1 a 0.

Na arquibancada, próximo ao alambrado, perto da copa, em qualquer lugar, a torcida colorada festeja ao mesmo tempo que parte para a "porrada". Délio, Ubiratã, Tuta, Paulinho e o gigante Nívio esbanjam raça e categoria. O Atlântico empalideceu diante da extrema vontade e vibração daqueles jogadores que jogaram também pela honra de Passo Fundo, e pelo amor à

camiseta vermelha, que eles se orgulhavam de vestir. 14 de Julho, campeão regional da 1ª divisão de profissionais de 1964.

14 de Julho

Nelci, Piranha, Paulinho, Nívio Belotti e Chita; Ubiratã e Délio, Mariotti, Tuta, Armando Rebechi e Zoca.

Atlântico

Poppe, Sebastião, Noronha, Luiz Carlos e Fossati; Tomazzi e Viana; Jaburú, Cobrinha (Cardoso), Índio e Carioquinha.

Árbitragem

José Luiz Barreto, com Garwin Gertz e Júlio Martins.



Pampa

A sua revenda Volkswagen

Os melhores preços estão aqui. Confira!

Um nome, uma tradição.

Fone/Fax: (054) 314 1455 - Passo Fundo

Disque Moto Service

Terceirização dos serviços de office boy.
Entrega especializada de malas-diretas, avisos,
correspondências em geral a custo reduzido.

Disque: 313-2444
998-1144

Memória Esportiva

14 de Julho, 80 anos

N dia 21 de junho de 1921, foi oficializada a fundação do Grêmio Esportivo 14 de Julho (Recreativo foi acrescentado ao nome muitos anos depois), clube de futebol criado pela elite da sociedade passo-fundense. Com o passar dos anos, foi se tornando um clube popular e sua torcida dividiu a cidade. Se ainda existisse, teria completado 80 anos.

Teve o pioneirismo de ser o primeiro clube a possuir estádio de futebol iluminado, na região. Foi o primeiro a aderir ao profissionalismo no esporte, em Passo Fundo, além disso, conquistou inúmeros títulos da

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1922

Os atletas, da direita para a esquerda: Dionísio Langaro, Altino Penteadó, Brazil Trindade, João Cúrio de Carvalho, Paco, Genico, Inhô, Cascudo (Raimundo Rocha), Homero e Brasileiro Trindade.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1955 - Campeão Regional

Em pé, da esquerda para direita: Vicente Souza, Gentil, Vete, Gringo, Celso, Omir e Magalhães.

Agachados: Getúlio, Caico, Sadi, Tubino e Barbiran.

ARQUIVO DM

14 de Julho de 1957 - Campeão do Centenário

Em pé, da esquerda para direita: Gentil, Pinga, Neno, Vadeção, Lara e Gradin.

Agachados: Claudino, Caico, Gringo, Calé e Bergamota.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1961

Em pé, da esquerda para direita:

Piranha, Luis Roberto, Alceu, Nadir, Nívio e Vadeção.

Agachados: Caico, Meca, Jairo, Verardi e Saul.

era amadorista. Na fase profissional, foi hexacampeão citadino, campeão do primeiro centenário de Passo Fundo, três vezes campeão regional, em 55, 64 e 68, neste mesmo ano, sagrou-se campeão estadual da segunda divisão. Como curiosidade, é o único clube da cidade a vencer a dupla grenal. O Internacional, pelo Gaúcho, em 71 e o Grêmio, em partida amistosa, em 77.

As imagens lembrarão aos quatorzeanos um pouco de suas glórias e do grande clube que foi.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1964

Em pé, da esquerda para direita: Piranha, Nelcy, Caneco, Ubiratã, Paulinho e Chita.

Agachados: Valdir, Armando, Marioti, Décio e Zoca.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1966

Em pé, da esquerda para direita: Pedro Grunewald (presidente), Tomé, Delavechia, Betão, Zangão, Vinitú, Romeco, Lara e Devino Ughini.

Agachados: Cavalheiro, Marioti, Santarém, Bebeto, Roberto e Liminha.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1968

Em pé, da esquerda para direita: Dr. Vasconcellos, Armando Rebechi (técnico), Cavalheiro, Amâncio, Noé, Zé Carlos, Tomé, Osvaldo e Lara (massagista).

Agachados: Mariotti, Abílio, Pedruca, Santarém e Dicão.

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1969

Em pé, da esquerda para direita: Valmor, Volney, Machado, Tomé, Eloy e Noé.

Agachados: Mariotti, Santarém, João Pedro, Sadi e Liminha.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Vitórias

A redentora vitória brasileira, aliada ao monumental fiasco uruguaio e a derrota do Equador, dá ao torcedor um sentimento de alívio quanto à classificação. A respiração deixou de ser tão ofegante e os aparelhos começam a serem desligados, mas...

Faltou futebol

O time ficou devendo futebol. O senso coletivo é ínfimo. Jogamos muito recuados, deixando enormes espaços entre os três setores, aproveitados pelo adversário, que acabou dominando o jogo.

As individualidades que poderiam superar os defeitos pela falta de treinamentos sucumbem, exceção feita a raros momentos. Mais uma vez Rivaldo ficou devendo, e também Edilson, Tinga, Eduardo Costa, Cris, Roque Junior, e até o goleiro se atrapalhou. Mas o estilo Felipão é assim mesmo. Lembram do Grêmio? Jogava bem no máximo 30 minutos da partida, e os restantes 60, era o maior sufoco.

Mexidas

Ouvi as entrevistas coletivas e ninguém ousou perguntar ao Felipão, sobre as substituições. A primeiro foi um erro de percepção. Marcelinho, além de puxar os contra-ataques, vigiava Arce, a arma letal paraguaia. Pondo Denílson, o lateral ficou livre e chegou duas vezes ao lado da área brasileira.

Observando a mancada, menos de 5 minutos após, corrigiu, colocando Leonardo para barrar Arce. Poderia ter simplesmente trocado Denílson por Edílson e não queimaria uma substituição.

14 de Julho

Impressionante a existência de milhares de quatorzeanos espalhados pela cidade, que continuam odiando o Gaúcho e ignorando solenemente o Passo Fundo, apesar do clube ter fechado há mais de 15 anos.

Dizem que se o Passo Fundo, voltasse a ser 14, ganharia uma legião de torcedores e colaboradores. Um forte abraço ao senhor Bráulio, um atento e autêntico quatorzeano.

"Onde eu pego o ônibus para o Bairro Petrópolis?"

Dúvidas? Informações?

Agora você tem uma linha direta com a Coleurb, para solicitar informações ou esclarecer qualquer dúvida sobre o serviço de transporte coletivo.

Pode até fazer sugestões! Ficaremos felizes com a sua ligação!

COLEURB

De segunda a sexta: das 8:45h às 12h e das 14h às 17:15h - Sábado das 8h às 12h.

A sua linha direta com a Coleurb!



Coleurb responde

0800 510 4699

coleurb@bol.com.br

Ligação gratuita!

Memória Esportiva

Gaúcho x Ipiranga 70 anos de rivalidade

FOTOS ARQUIVO DM

O Sport Club Gaúcho foi fundado em 1918 e o Ypiranga Futebol Clube em 1924. Nessa década começaram os primeiros jogos amistosos entre as duas equipes. Entretanto, o bicho-papão da então Boa Vista do Erechim era um clube chamado Ítalo-Brasileiro.

O acirramento da rivalidade Passo Fundo x Erechim começou quando do surgimento da segunda divisão de profissionais, no início da década de 50. Aí a coisa pegou fogo.

Os confrontos entre os clubes das duas cidades eram precedidos de uma semana inteira de trabalhos "especiais" nos bastidores. Boatos (que às vezes se confirmavam) de compra de juízes, tentativas (às vezes exitosas) de amolecimento de jogadores e, invariavelmente, brigas, muitas brigas, entre dirigentes, jogadores e torcidas. Gaúcho e Ypiranga protagonizaram jogos fantásticos, e após mais de uma década, voltaram a se enfrentar. É interessante recordar alguns desses momentos.

1965 - Golaço de Maneca

O Gaúcho precisava vencer em Erechim, para não dar o bi-campeonato regional ao 14 de Julho. O jogo, na velha Baikada, em Erechim, estava empatado em 1x1 e o alviverde, curiosamente jogando com três jogadores lesionados no ombro: Gitinha, Adair Bicca e Machado. A partida chegava aos seus derradeiros minutos, com o Gaúcho heroicamente segurando o empate. Faltando cinco minutos, o volante Barbosinha, do Ypiranga, tira de cabeça bola de sua área, após cobrança de escanteio. Maneca, postado na entrada da área, pega a bola no ar, de voleio, mandando-a no ângulo.

Um gol para televisão, um dos mais belos presenciados naquele campeonato. O Gaúcho venceu por 2x1 e, na rodada seguinte, o mesmo Ypiranga empataria com o 14 de Julho em 2x2, ficando a decisão para um super-campeonato, vencido pelo Gaúcho, que assim tornou-se, pela primeira vez, campeão regional, na fase profissional.



Gaúcho de 1961

Em pé (a partir da esq.): Daison Pontes, Cavalheiro, Maneca, Amancio, Jacy e Valentim. Agachados: Chita, Tuta, Montezana, Sariba e Banana

1973 - Jogo Inacabado

A partida, válida pelo retorno da Copa Governador do Estado, reunia no Colosso da Lagoa o time de melhor ataque, Gaúcho, contra o de melhor defesa, o Ypiranga. Jogo nervoso, com poucas chances de gol, até que aos 39 minutos do primeiro tempo o Gaúcho conseguiu um encanteio. Todos na área, inclusive Daizon Pontes. Bola alçada, caiu nas mãos do goleiro Waldir. No instante seguinte, para surpresa geral, Waldir desferiu um violento pontapé em Daizon, no que foi acompanhado pelo lateral Cláudio. Passados quase 30 anos, ninguém consegue arrancar de Daizon o que ele disse ao goleiro. Sabe-se apenas que Waldir era casado com uma linda mulher, funcionária do Banco do Brasil, em Erechim. O árbitro Hedo Porto Alegre, incontinenti, expulsou Waldir e Cláudio.

O goleiro ia deixando lentamente o campo de jogo, quando repentinamente, arancou a bandeira de escanteio, voltando irado, esbravejando, em direção a Pontes. Foi o que bastou para que a briga se generalizasse. Todos os jogadores, inclusive reservas,

dirigentes e comissões técnicas se engalfinhando em campo e torcedores fazendo o mesmo, fora dele. Foram mais de 15 minutos de confusão, que os brigadianos suaram para acalmar.

A partida terminou ali mesmo. O árbitro expulsou todos, menos Mosquito, ponteiro do Gaúcho, que sabiamente, por ter pouco mais de 1,50 de altura, nada tinha a fazer no meio daquele entrevero.

Historinha

Na década de 60, o Gaúcho tinha um meia-direita, hábil, veloz, de muita movimentação e técnica, chamado Tuta. Jogou também no 14 de Julho, Glória, de Carazinho e no Ypiranga, entre outros. No Ypiranga, jogava o goleiro Alcino. Grande, forte, até um pouco gordo para os padrões dos goleiros atuais e completamente surdo. É pai de Zé Alcino, atacante que jogou no Internacional, Grêmio, surgiu em São Borja e atualmente joga na França.

Numa partida entre Gaúcho e Ypiranga, Tuta posicionou-se na pequena área, atrás do goleiro, esperando a cobrança de um escanteio. Mal a bola começou a viajar em direção a área, Tuta enfiou com toda força seu dedo polegar no traseiro de Alcino. O grito dado pelo goleiro ecoou em todo estádio e suas imediações. No momento seguinte, Tuta, com seus pouco mais de 1,60 de altura, saiu em desabalada corrida para fora do gramado, com o desatinado Alcino em sua perseguição. Correram jogadores, dirigentes, técnicos, massagistas, para conter Alcino, que jurava, aos gritos e prantos, que iria matar Tuta. Foi um custo danado segurá-lo e fazê-lo voltar ao seu gol. Enquanto isso Tuta sumiu. Apareceu somente no vestiário e nunca mais se aproximou de Alcino.

Tuta reside em Esteio e Alcino, se a memória não me trai, é falecido. A última notícia que sabe-se é que morava em São Borja e foi massagista da hoje licenciada Associação São Borja de Futebol.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damían

O cumpridor de promessas

Quando chegou ao Gaúcho, o técnico Alcindo enfatizou que sua equipe seria ofensiva, bem ao seu estilo quando jogador. Efetivamente o Gaúcho tem o segundo melhor ataque da competição e dois de seus atacantes brigam pela artilharia. Mesmo tardiamente, Alcindo irá decolar como técnico de futebol em grandes times brasileiros. Afinal, cumpre suas promessas.

Reforços

Embora com boa campanha, o Gaúcho, para voltar à Divisão Especial, terá que necessariamente reforçar seu elenco, como seus concorrentes estão fazendo. Caso contrário, será muito difícil chegar lá.

Internacional

É dolorosa e melancólica a indignância técnica que vive o Internacional. Acompanho o futebol a quase 40 anos e não lembro, por mais que exercite a memória, ter visto um time tão fraco vestindo a camisa vermelha. Mesmo nos anos 60, quando ganhou apenas dois estaduais (61 e 69), a equipe tinha jogadores de boa qualidade, como Sérgio Lopes, Gilberto Andrade, Flávio Minuano, Sapiranga, Gaspar, Chorinho, Darlan, Claudio Dani, Ari Hercílio, Dorinho, Scala, Báulio, Claudiomiro e muito outros.

Hoje apenas Hiran é um razoável goleiro e Luiz Claudio é um atacante que conhece a posição. Fábio Rochemback ainda é uma promessa e já está negociado. O restante é de uma mediocridade espantosa. Brigar com a imprensa, com a torcida e até com Che Guevara é uma das poucas coisas que a direção vem fazendo. Sua resignação com os maus resultados e sua indolência com o plantel de jogadores só é interessante e agradável aos ouvidos gremistas.

Outra coisa: é justo que se adote uma política contrária às loucuras que os clubes brasileiros fizeram, quanto aos astronômicos salários dos jogadores. Mas, pagando "salário mínimo", só contratando cabeças de bagre. Aliás, o Inter SM é o de Santa Maria.



Ypiranga de 1973

Em pé (a partir da esq.): Dal Prá, Mário Tito, Ciro, Paulo Ferro, Pedruca, Bugre, Néilson e Amílton.

Agachados: Machado, Reno, Galina, Luizinho, Jonas e Bentinho

MARCO ANTONIO DAMIAN

A BOLA DO ADVERSÁRIO... O BRASIL DE PELOTAS

Eu não sabia exatamente o porquê. Sabia apenas que o Brasil de Pelotas me fascinava. Eu era criança e aleatoriamente ouvia as jornadas esportivas da Guaíba, que meu pai escutava num velho rádio a luz. A cada gol do Brasil, ficava quieto e curti sozinho minha satisfação. Meu time de botão panelinha, que já tinha sido São Paulo, passou a ser o Brasil de Pelotas, cuja escalação, lembro-me bem: Gióvio, Adilson, Pontes, Moacir e Baia; Caçapava e Birinha; Edi, Oli, Pintinho e João Borges. Eu sabia, pois recortava as escalações dos times que vinha no extinto Diário de Notícias das segundas-feiras, e as guardava numa caixa de sapato. Algo no Brasil de Pelotas me fascinava, mas eu não sabia porque.

x X x

Com enorme expectativa fui assistir pela primeira vez o Brasil, em 1967, contra o Gaúcho. Contraditoriamente ao meu sentimento,

"sequei", com todas as minhas forças o xavante. Nesse dia presenciei uma jogada inolvidável. Arthur, o "charque", na linha de fundo, aplicou um chapéu no adversário, trazendo a bola por trás do corpo, com o calcanhar e esse lance resultou na virada do alvi-verde por 2 a 1. Nesse dia vi Gióvio. Era realmente um espetacular goleiro.

x X x

Em 1969, no Vermelhão da Serra, assisti outro jogo inesquecível, 14 de Julho x Brasil. Era uma tarde cinzenta, de muito frio. O vento minvano entranhava-se nas roupas de lã. Eu tremia de frio e de medo. O Brasil metia medo. Naquela tarde vi outro esplêndido jogador. Fazia o que queria com a bola. Era o Torino. Ele e Marcos, que hoje mora em Passo Fundo e é meu amigo, jogavam demais. A partida terminou empatada em 4 a 4. O time pelotense sempre na frente e os rubros empatando. Mi-



Brasil de Pelotas. Em pé: Gióvio, Adilson, Manoel, Otacílio, Casca e Valnil, Vanderley, Birinha, João Francisco, Marcos e Aldir

nha grande satisfação foi saber que desde criança eu tinha razão. Era bom ver o Brasil jogar.

x X x

Não lembro-me mais do ano, mas no mesmo Vermelhão, debaixo de um aguaceiro, vi o Brasil virar em dois minutos uma partida contra o Passo Fundo, por 2 a 1. Aí entrou a genialidade de outro craque. Claudio Freitas, comandou a vitória do tricolor por 4x2. Recentemente pela Copa Abilio dos

Reis, o Passo Fundo venceu outra, por 3 a 2, com Felipe sendo o herói da noite.

x X x

O Brasil voltará a Passo Fundo no dia 7 de março. Isso representa festa, representa chuva de gols, representa espetáculo. Tomara que o Vermelhão finalmente lote. Tomara que o tricolor comece a competição com vitória, pois não significa apenas vencer. Significa vencer o grande Brasil de Pelotas.

Projeto de Seguro Agrícola é lançado pelo Governador

O projeto de Seguro Agrícola, encarado como um aliado na luta contra o desemprego, por fixar o agricultor na terra e evitar o êxodo rural, foi lançado em 24 de fevereiro pelo governador Olívio Dutra, em solenidade no Salão Alberto Pasqualini. O documento foi elaborado em parceria do Governo do Estado com representantes do poder Legislativo.

Ao anunciá-lo, Olívio disse que o novo projeto "tem todas as condições de ser o carro-chefe do resgate do desenvolvimento integrado no nosso Estado". Assinalou, também, os mais de 12 anos de luta pela aprovação do seguro agrícola, que, por três vezes, chegou a ser aprovado na Assembléia Legislativa, mas acabou vetado pelos últimos governos estaduais. Para o governador, o seguro agrícola é uma peça fundamental na política agrária do Estado. O projeto não significa

um milagre, observou Olívio, mas um instrumento que prioriza não apenas os agricultores e sim a sociedade como um todo.

O secretário da Agricultura, José Hermeto Hoffmann, explicou que os recursos para a implementação do seguro agrícola serão operacionalizados pelo Governo do Estado em parceria com as cooperativas e empresas privadas. O projeto será coordenado por um conselho paritário composto por entidades privadas e o governo, tendo caráter normativo e deliberativo. O conselho terá dois representantes da Secretaria da Agricultura, um da Fazenda, um da Emater, um do Bannrisul, um indicado pelo governador representando o Orçamento Participativo, e, ainda, seis representantes da Farsul, Fecoagro, Coceargs, Fetag, CUT e Movimento dos Pequenos Agricultores, um de cada entidade.

PRONTO SOCORRO CORRE O RISCO DE FECHAR

A direção do Hospital da Cidade de Passo Fundo já enviou um comunicado à Secretaria Municipal de Saúde, onde informou que o fechamento do Pronto Socorro da cidade vai para...

OBRAS DO GINÁSIO POLIESPORTIVO ESTÃO PARADAS

Só a competência leva um jornal à credibilidade.

Um jornal com credibilidade, volta mais olhos para suas páginas!

Aqui, não se trabalha pelo corriqueiro. Isso faz a diferença!

(054) 311-0033



Memória Esportiva

A Família Custódio no futebol

O patriarca Argemiro Custódio quando jovem, começou a jogar futebol da famosa Liga da Canela Preta, em São Gabriel, onde morava. Nas primeiras décadas do século passado, jogadores da raça negra eram discriminados pelos clubes de futebol, normalmente clubes sociais, com departamento de futebol. Para conseguirem jogar, fundavam times e ligas, e mostravam uma intimidade singular com a bola, desde quando nela tocavam. No final dos anos 20 os negros, a maioria bons de bola, passaram a ser valorizados e assediados pelos clubes tradicionais e quem ganhou foi o futebol brasileiro. Em 1938 Argemiro que era funcionário da Viação Férrea veio morar em Passo Fundo. Jogou um ano no Gaúcho e depois foi para o Riograndense, time dos ferroviários. Custódio como era conhecido jogava na lateral-direita, tinha boa técnica e muita disposição. Foi quatro vezes campeão da cidade, na melhor fase da história do clube, entre 1940 e 1944. O Riograndense jogava com Toró (Lângaro), Sabino e Isabelino (Alfredo Rasga-Diabo); Custódio, Nativo Lopes e Quero-Quero (Chispa); Come-Bola (Adão Galinha Morta), Polaco (Moacir), Célio Barbosa, Marcondes e Jamegão (Orestes).

Ainda nos anos 40 Custódio largou a bola, mas de sua segunda geração saíram outros dois jogadores. Reis Jorge Custó-



Riograndense de 1942

Empé: Come-Bola, Sabino, Celio, Marcondes, Banha, Orestes, José Carnacini e Brasileiro Costa.

Agachados: Jamegão, Isabelino, Lângaro, Noronha, Nativo, Quero-Quero e Custódio.



FOTO: ARQUIVO DM

Grêmio Santanense de 1961

Caju, Teixeira, Reis, Eli, Barcellos, Tonho, Amorim, Jorge, Camelinho, Adãozinho e Vieira.

dio e Saul Custódio. O primeiro um volante de alta linhagem. Marcador leal e implacável, técnico no domínio da bola, nos passes e lançamentos. Começou jogando no Colégio Conceição e posteriormente no 14 de Julho, categoria de aspirantes. Jogou raras partidas no time principal e foi parar no Grêmio Santanense, onde sagrou-se campeão cidadão em 1961. Seu exuberante futebol o levou ao Rio Grande, na época um dos melhores times gaúchos. Em 68 foi contratado pelo Grêmio Porto-alegrense, foi heptacampeão estadual e jogou no meio de campo com Jadir ou Sérgio Lopes. Atuou ainda em clubes de Santa Catarina, antes de deixar o futebol. O segundo, Saul, lateral-direito como o pai. Possuía muita velocidade e força para atacar e jogou basicamente no 14 de Julho, embora tenha tido passagens pelo juvenil do Grêmio, São Luiz de Ijuí e outros clubes do interior.

Pois o grande Argemiro Custódio está hospitalizado, com graves problemas de saúde. Sua genial perna direita, que batia na bola com elegância e carinho, foi amputada. O velho Custódio, de 84 anos de idade, até hoje mantém um carinho pelos filhos, entre eles, Reis, funcionário da Semeato e Saul, há muitos anos trabalhando na agência dos Correios. Esta é uma singela homenagem a Família Custódio que ajudou a construir a história do futebol passo-fundense e gaúcho

Meu jogo inesquecível

Rudimar Pedro

Certamente assisti mais de 500 jogos apenas do Gaúcho, muitos deles fantásticos e decisivos, mas um em especial jamais vou esquecer. Estava na sala de aula no Colégio Cecy Leite Costa, numa noite de muito calor, em 1978. Ao olhar pela janela vi lá no fundo as luzes do estádio do Gaúcho que iluminavam o Boqueirão. A partida era Gaúcho x Caxias, um jogo de bola.

Não me aguentei e convidei o amigo e também torcedor periquito Miguel Maraschin para matarmos a aula e irmos jogar. A primeira e quase impossível tarefa era driblar a coordenadora do noturno, Professora Neiva Tonial. Milagrosamente conseguimos passar pela severa professora, pegamos o ônibus e fomos para o campo.

O estádio Wolmar Salton estava completamente lotado,

pois o Caxias era enorme atração. Nele jogavam Felipão de zagueiro e Bebeto de centro-avante. O Gaúcho também tinha bom time mas não estava bem no campeonato. O Caxias saiu ganhando por 1 x 0, gol do Bebeto, após rebote do goleiro Ronaldo. Me pareceu que Bebeto não queria fazer gol no seu time de coração, mas estava 1 x 0. Com muita garra o Gaúcho fez uma de suas melhores partidas, empatou o jogo com gol de Téio, o melhor em campo e virou no segundo tempo com gol de Toninho, um ponteiro-esquerdo contratado ao Internacional de Santa Maria. Foi uma festa e eu senti uma emoção indescritível. Lembro ainda que a preocupação dos torcedores era que Luizão, zagueiro de origem, estava improvisado na lateral-esquerda. Pois Luizão, depois de Téio foi o melhor do jogo, calando a boca da torcida. Valeu a pena ter gazeteado a aula, pois este foi meu jogo inesquecível.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

São Caetano

Sinceramente não consigo entender esse time. Embora o clube seja pequeno e sem tradição, seus jogadores são experientes, rodados por vários clubes grandes, time entrosado, treinador calejado há mais de 20 anos no futebol (Jair Picerni foi técnico da seleção brasileira olímpica, em 84) e chega as decisões e não consegue jogar bem. O segundo tempo do São Caetano contra o Olímpia foi doloroso. Amarelou? Tremedeira? Mas porque? Realmente não há explicação, ou melhor, talvez Freud explique.

Internacional

O novo time colorado tem se saído muito bem nos amistosos, parece que está com o time certinho, realizou duas boas contratações, Luiz Alberto e Luizinho e seu técnico Guto Ferreira, nos parece muito seguro e com fortes convicções sobre o esquema tático da equipe. Percebe-se no Inter algo diferente dos últimos anos. Há uma confiança no time e no trabalho do treinador, além de uma tranquilidade política há muito ausente do Beira-Rio. A prova dos nove se dará no início do Brasileirão. Caso comece a vencer poderá embalar e pela tradição e camisa, será candidato a chegar as finais.

Grêmio

A filosofia de trabalho no Grêmio começa a mudar. Percebe-se que não apenas a redução dos salários é a meta principal. A outra é livrar-se dos veteranos para que os jovens tunidades. Acho corretíssima essa postura. Jogadores ruins e os que não podem mais oferecer todo seu futebol em razão de problemas de idade ou físicos, tem de ir adiante. Seja qual for a performance do time no campeonato brasileiro, os medalhões que restam deixarão o Olímpico. Time bom e barato, assim será o Grêmio e muitos outros clubes no ano que vem.

Lelé

Fiquei sabendo através do amigo Rui Menegaz que há aproximadamente 20 dias, faleceu em Camboriu, onde morava Earle Martins, conhecido por Lelé. Segundo Rui, Lelé, que morava sozinho, foi encontrado após dois dias de seu falecimento. Lelé, conforme Abilio Fuão, foi o mais habilidoso jogador de futebol de salão de Passo Fundo. Lelé também jogou futebol de campo e foi campeão estadual pelo Independente, em 1962. Vi ele jogar muitas vezes na quadra de asfalto do Conceição e realmente encantava pelo malabarismo que fazia com a bola. Há alguns meses perdemos Cotinha e agora Lelé. A história do futebol de salão está cada vez mais pobre.

Quase tão bom quanto a sua cama, com a vantagem de acordar em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e INFORMAÇÕES

311.1226



A história em nossas páginas



O primeiro avião em Passo Fundo, Múcio de Castro com o Comandante Rui Della Múa



Paulo, Adão, Burrinho, Mario e Antenor nas dependências do jornal (1958)



Múcio de Castro, Nel Menna Barreto e Arthur Lângaro



Revolta no enterro de João Goulart



Esperança de paz nos anos de ditadura



Bebeto, o "Canhão da Serra": 184 gols pelo Gaúcho entre 1967-1980 em jogos oficiais, goleador do Gauchão em 1973 e 1975



Luiz Freire caído entre Carbone e Valdomiro. Gaúcho 1 X 1 Inter, em 25/03/73



Bebeto marca mais um: Gaúcho 4 X 2 Internacional de Santa Maria, em 1970



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

A MAIOR CONQUISTA DO GAÚCHO

No próximo dia 18 de dezembro (quinta-feira), a nação alvi-verde estará comemorando a maior conquista da história do clube. Campeão estadual da 1ª divisão de profissionais, em 1966, o que lhe valeu o ingresso ao convívio dos grandes clubes do futebol do Rio Grande do Sul. Este título era inédito na região, e tudo começou assim:

O Regional: O Gaúcho tornou-se bi-campeão regional, em 1966, com apenas uma derrota, foi para o Atlântico, em Erechim, por 1 a 0. Com o time bem entrosado e com excelentes jogadores, o alvi-verde, venceu os dois clássicos citadinos pelo mesmo placar, 3 a 2. Aplicou sonoras goleadas, como os 7 a 0 contra o 14 de Julho de Erechim, 4 a 2, frente ao Glória de Carazinho e 6 a 1, na partida de volta contra o Atlântico. Na final, venceu ao Ypiranga, em Passo Fundo, por 2 a 1, quando precisava apenas do empate.

O Estadual: Campeão da Zona 3, o alvi-verde recebeu o Tamoio de Santo Ângelo, campeão da região missões. Na 'Montanha', vitória apertada do Gaúcho por 2 a 0, gols de Raul e Antoninho. Na partida de volta, em Santo Ângelo, após estar perdendo por 2 a 1, de virada, o Gaúcho igualou o placar no final da partida. Meca e Antoninho, foram os goleadores. O próximo passo era o São José. A primeira em Porto Alegre, e vitória dos donos da casa, por 1 a 0, gol de Cigano. Na volta, com o estádio completamente lotado, numa quinta-feira à tarde, Amâncio, de cabeça deu a vitória ao Gaúcho. Na prorrogação de 30 minutos, Raul e Meca, levaram o alvi-verde às finais, numa tarde de futebol luxuoso do periquito.

A Final: No dia seguinte a vitória



REPRODUÇÃO CZAMANSKI

Gaúcho 2 x 0 Glória em 1966. Em pé: Carabajal, Machado, Maneca, Amâncio, Nadir, Honorato e Daizon. Agachado - Meca, Olavo, Raul, Gitinha e Antoninho.

expressiva contra o São José, o Gaúcho rumou para Uruguaiana, para enfrentar seu adversário, no domingo. Sob um sol senegalesco, que beirava 40 graus a sombra, o Uruguaiana venceu aos 40 minutos do 2º tempo, por 1 a 0, gol de Caio. Na volta, no dia 18 de dezembro, debaixo de uma chuva torrencial, a grande conquista. Vitória por 5 a 0, no tempo normal, gol de Honorato (2), Raul, Antoninho e Arthur. Agora eram mais de 30 minutos de prorrogação e sofrimento. Novamente Antoninho dentro da área, quase caindo, marcou o gol da vitória e da conquista inédita. Foi a maior festa futebolística presenciada em Passo Fundo.

Onde Andam: Entre os dirigentes campeões, o patrono Wolmar Salton, os diretores de futebol, Honorino Malheiros e Aroldo Madureira Freire, o vice-presidente Ricardo Santini, o vice-

presidente de futebol Flávio Araújo, os presidentes do conselho fiscal Armando Mendes da Costa e Ernani Lampert, já faleceram. O presidente Daniel Viuniski, reside em Passo Fundo, exercendo a advocacia. O

presidente Anielo D'Arienzo, também reside em Passo Fundo, bem como o vice-presidente Hélio Bernardon. Entre os jogadores, NADIR, faleceu recentemente nesta cidade, CARABAJAL, goleiro reserva, reside em São

Leopoldo, como representante comercial; MACHADO, é treinador de futebol, residindo em Canoas; AMÂNCIO, reside e trabalha em Porto Alegre, como proprietário de frota de táxi, DAIZON PONTES, reside em Passo Fundo, sendo funcionário municipal. MANECA, também está em Passo Fundo, é aposentado; HONORATO, voltou a morar em sua terra natal, Cruz Alta, GITINHA, faleceu a poucos anos em Porto Alegre; MECA, também reside nesta cidade e é aposentado; ARTHUR, vive em Caxias do Sul, como aposentado da Prefeitura Municipal; RAUL, está em Passo Fundo, e trabalha como representante comercial; ANTONINHO, faleceu recentemente na localidade de Desvio Rizzo, distrito de Caxias do Sul; BIRA, reside na capital, NEWTON QUEIRÓZ, é oficial da Brigada Militar, reformado e reside em Porto Alegre; ODILON, logo após 1966, voltou para sua cidade natal, Uruguaiana, OLAVO, é funcionário da empresa Panambra, em Caxias do Sul e Vêncio, massagista, já faleceu. Esses foram os heróis, que jamais poderão ser esquecidos.

SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Pedro Celso de Abreu (torcedor de futebol)

Rebequinho, Zangão, Daizon Pontes, Branco Ughini e Maneca; Heitor Verardi e Roberto; Meca, Santarém, Bebeto e Armando Rebechi.

- Ivaldino Borges Rezende (torcedor de futebol)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Adair e Heitor Verardi; Meca, Bebeto, Roberto e Chitão.

- Sergio Luiz Osório (torcedor de futebol)

Nadir, Jaime Boni, Valmor, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Eloy, Roberto e Santarém, Meca, Bebeto e Luiz Freire.

- Rui C. da Silva (torcedor de futebol)

Volney, Piranha, Alceu, Vadeção e Maneca; Adair e Gitinha, De Carli, Arthur, Armando Rebechi e Antoninho.

- Antonio Soares (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Barão e Sabino, Prinche, Heitor Verardi e Gradin; Gafanha, Nery, Jamegão, Vadila e Chinesinho.

- Aparicio R. da Silva (Torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Josino e Barão; Prinche, Quero-Quero e Gradin; Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio, Bebeto e Vadila.

- Gilmar Favaretto (torcedor de futebol)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Wilson Moraes e Roberto, Meca, Pedro, Bebeto e Maurinho.

- Alfredo Mendes Gazzoni (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Sabino e Barão; Prinche, Waldemar Verardi e Heitor Moura; Meca, Heitor Verardi, Bebeto, Jamegão e Vadila Marques.



ADVOGADOS

Dr. Flávio Luz
OAB/RS - 3526Dr. Mauro Machado
OAB/RS - 10333Fagundes dos Reis, 565 - Conj. 408
Fone: 313-5603

Memória Esportiva

A mais antiga competição do Brasil

FOTOS ARQUIVO DM



Atletismo - Salto em altura, Hermes Orango



Basquete - Arthur Markus, não identificado, Luiz Carlos Trombini, Hélio Borges e Álvaro Costa (Keko)



Futebol - Ademir, Gobbi, Binho, Renatão, Biazus e Edu. Agachados, Celso Scortegagna, Paulo Grando, Kiko, Luiz Freire e Iaca

Em setembro de 1928, reitores dos três colégios metodistas existentes no Rio Grande do Sul, reuniram-se para criar a Liga dos Colégios Metodistas, competição esportiva e cultural, congregando alunos e professores. Eram os colégios, Porto Alegre College, hoje IPA, Instituto Gymnasial, de Passo Fundo, hoje IE e Instituto

União de Uruguaiana. Em 1948 eram seis as escolas participantes, além das três fundadoras, estavam agregados os Colégios, Centenário de Santa Maria, Americano de Porto Alegre mais o IPINHA de Jaguarão, hoje extinto e a competição passou a denominar-se Olimpíada dos Colégios Metodistas do Rio Grande do Sul.

Não há no Brasil nenhuma competição esportiva estudantil mais tradicional e duradoura que a Olimpíada Metodista. Dela saíram atletas amadores ou profissionais que mais tarde representaram o estado e o país. A olimpíada é disputada anualmente (salientando que houve interrupção nos anos da segunda grande guerra) com rodízio de sedes, com as seguintes modalidades esportivas: Futebol, basquete, vôlei e atletismo e nas provas culturais: oratória, declamação e redação.

Neste sábado, dia seis, o Instituto Educacional será o anfitrião da 69ª edição da Olimpíada, cujo encerramento está marcado para o dia 11, quinta-feira. A

novidade deste ano será a abertura dos jogos, onde estarão disputando uma partida de basquete, os ex-alunos do IE contra uma seleção dos ex-alunos das outras escolas. A Memória Esportiva relembra algumas equipes e atletas do IE que participaram da Olimpíada.



Cinqüentenário das Olimpíadas, comemorado em 1978



Vôlei Masculino - Morcegão, Hermes, Rubens Justi, Renatão, Luiz Freire e Caco



Vôlei Feminino - Jacira Lopes, Jaqueline Lisboa, Marilena, Betinha Justi, Margarete Markus e Ivete Dossa

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Seleção

O presidente FHC deu uma entrevista afirmando que no caso da seleção não se classificar para o mundial, será uma catástrofe pior que as crises econômicas. Certamente não será pior, mas será algo inusitado e triste para o povo brasileiro, acostumado com vitórias e alegrias que o futebol proporcionava. Quanto às crises econômicas, o povo brasileiro pacífico e ordeiro que é, está habituado às torturas que o governo os submete e as muitas crises que estouram a cada momento em seus braços, são absorvidas com naturalidade.

No campo

Torçamos, com muita fé que a seleção vença o Chile de qualquer forma, mesmo no estilo Felipão, aquele de submeter o torcedor a ameaça de enfarte. Que o gol chegue cedo, que os chilenos joguem mal, mais uma vez, que Rivaldo resolva jogar e que Cris tenha uma ligeira indisposição estomacal e não possa atuar. Qualquer resultado que não seja a vitória nos jogará no abismo e a Copa do Mundo, nem pela TV, pois não sou doído de assistir jogos dos outros de madrugada.

Gre-Nal

E agora? O Inter perdeu para a Luza, mas entra inteiro no clássico. O Grêmio apenas empatou com o Fluminense e perdeu Rodrigo Mendes e possivelmente Zinho. A imprensa trucidou Parreira pela atitude de poupar titulares e elogiou Tite por jogar completo. Se o Inter vencer o Gre-Nal, se dirá que poderia também ter vencido a Portuguesa e seriam seis pontos ganhos. Se perder o Gre-Nal, dirão que não adiantou jogar com time misto contra a Portuguesa, jogo que poderiam conquistar três pontos. E agora?

Legenda

Pior do que foto sem legenda, somente fotos com legendas trocadas. Foi o que ocorreu na Memória Esportiva da semana passada. Sentimos muitíssimo e pedimos desculpas aos leitores e às pessoas que gentilmente emprestaram as fotografias.

Só falta você.
Viaje Unesul.

unesulpt@terra.com.br - Fone: (0xx54) 311-3099

MARCO ANTONIO DAMIAN

DE BATE PRONTO

O Brasil de Farroupilha já enfrentou, em decisão de título, um time de Passo Fundo. Foi contra o Independente, em 1962, pelo Estadual de Amadores. Na terceira e decisiva partida em Guaporé (campo neutro), deu Passo Fundo. O Independente venceu por 4 a 2. Edino Bertoglio, Juarez Rodrigues e o atual diretor do Colégio Fagundes dos Reis, Professor Carmo Lammel, fizeram os gols da conquista.

oOo

O 14 de Julho foi o único time passo-fundense a vencer a dupla grenal. O primeiro foi o Internacional, de Bráulio e Valdomiro, derrotado por 1 a 0, gol de Pedrada, no gaúcho de 1971. Depois o Grêmio, em 1977, com Telê Santana, Tadeu Ricci e Eder, que perdeu também por 1 a 0, gol de Zé Augusto. Ambos os jogos ocorreram no Vermelhão da Serra.

oOo

O primeiro gol marcado no antigo Estádio da Vila Vergueiro, pertencente ao Gaúcho, foi de autoria do goleador e músico Célio Barbosa, então atuando no Cruzeiro da Brigada Militar, em 1938. Em 1949, o fabuloso Tesourinha, do Internacional, fez o gol inaugural da velha Baixada Rubra, do 14 de Julho, localizada na hoje Estação Rodoviária. O Estádio da Montanha (Wolmar Salton), do Gaúcho, foi inaugurado em 1958, na partida Grêmio 8 x Gaúcho 2. Armando Rebechi, teve o privilégio de abrir o placar. No Vermelhão da Serra, Mariotti (já falecido), do 14 de Julho, em 1969,

teve a primazia de marcar primeiro.

oOo

O Futebol Clube Porto Alegre (já extinto), foi a primeira agremiação da Capital a jogar na nossa cidade. Foi no dia 25/07/1926 e foi derrotado pelo 14 de Julho, por 4x0. O Internacional pisou em solo passo-fundense, em 1941 e empatou com o 14 de Julho, em 4x4. Já o Grêmio foi o paraninfo na inauguração do Estádio da Tingaúna, pertencente ao Independente e o jogo terminou empatado em 3 gols.

oOo

Altino Nascimento, ex-zagueiro do Grêmio, que encerrou a carreira no Gaúcho e Gentil Alves de Castro, ex-lateral do 14 de Julho, ganharam o Troféu Belford Duarte, que premia os jogadores que comprovadamente jogaram mais de 10 anos, sem nunca terem sido expulsos de campo. Branco Ughini também alcançou esta marca, mas o extravio de sumulas e documentos, o impediram de comprovar a façanha.

oOo

Neste mês de abril o futebol de Passo Fundo ficou mais triste. Faleceu o ex-atacante do Gaúcho e do futebol menor de nossa cidade, Cid. Goleador estilo "tanque", rompedor, Cid fez enorme sucesso nos clubes varzeanos e amadores, o que fez o alviverde contratá-lo em 1971, para fazer dupla de ataque com Luiz Freire. Nos últimos anos o Gaúcho perdeu Nadir, Gringo, Daltro Pinto e agora Cid, e com eles parte de sua história.



S.C. Gaúcho 1971. Em pé: Raul, Luiz Carlos, João Pontes, Carlos Alberto, Oswaldo e Daison Ponte. Agachados: Ademir, Luiz Freite, Cid, Olavo e Antoninho

A SAGA CONTINUA

Torcedores passo-fundenses. Estão todos convidados a ouvirem mais uma história de terror no próximo domingo. Ela transcorrerá em Pelotas, mais especificamente no Estádio Bento Freitas, e os protagonistas serão o Brasil e o Passo Fundo, o mais novo Boris Karloff (para os mais antigos, o maior ator de filmes de terror do cinema mundial). Ao mesmo tempo outra película será apresentada no Estádio das Castanheiras. O Brasil de Farroupilha jogará sua vida (ou será a morte?) contra o Caxias.

Como no ano passado quando o time tricolor submeteu seus torcedores ao mais atroz sofrimento, ao vencer o São José, de Cachoeira do Sul, numa infundável cobrança de pênaltis, este ano desenha-se o mesmo quadro.

Após um início de competição animador, o time caiu de produção a cada rodada. Seu ataque entrou num jejum de gols digno de faquir. Os erros grosseiros, principalmente nas substituições do ex-técnico Bianchini, desorganizaram a equipe. Os erros de arbi-

tragem sempre contra o Passo Fundo (mais uma vez recorro aos mais antigos. Lembrem-se que José Luiz Barreto, diretor de árbitros, levou uma surra solene de Daizon Pontes, do Gaúcho). Não ficou rancor contra a cidade? Tudo isto provou pânico na torcida.

Essa torcida que colaborou comparecendo em massa aos jogos e incentivando o time. Essa torcida que foi injustiçada com o abusivo aumento dos ingressos no jogo contra os reservas do Internacional. Essa torcida não merece tanto sofrimento.

A vitória sobre o Brasil de Farroupilha valeu demais. Embora desorganizado taticamente, o time se superou na vontade e na garra. Tomara, Leocir, você que faz muita falta dentro de campo, una o grupo e parta para Pelotas para vencer, embora o empate sirva. Vá com a mesma obstinada determinação, mas com um pouco mais de futebol. Os torcedores certamente lhe ficarão gratos por muito tempo pela classificação, mesmo que seja sofrida.



O time dos passo-fundenses ainda tem chances de classificação. Mas é preciso mais garra



SEU MATERIAL, DA CRIAÇÃO À IMPRESSÃO

AV. GENERAL NETTO, 385 - S.24/25 - ED. MONTPANASSE - FONE: (054) 311-0033 - PASSO FUNDO

MEMÓRIA ESPORTIVA

Hugo Vargas segue a saga dos grandes pilotos de Passo Fundo

O autódromo de Tarumã, em Viamão, vivia momentos de festa para a edição da prova mais tradicional do automobilismo gaúcho, as 12 horas de Tarumã. Entre dezenas de carros e pilotos nas mais variadas categorias, um representava Passo Fundo. Na classe Speed 1600 a bordo de um bem preparado fusca, a equipe liderada por Hugo Vargas Filho. Era a terceira vez que ele participava da prova, nas anteriores havia o título lhe escapado das mãos por meros, mas importantes detalhes. Exatamente a meia-noite foi dada a largada e Hugo parte veloz na dianteira. Paradas de box, troca de pilotos e pneus, reabastecimento, pequenos ajustes mecânicos durante a madrugada e lá parte o fusca rasgando a pista. O sol começa a mandar timidamente seus primeiros raios avisando que o dia está chegando. A preocupação de Hugo Vargas e equipe é apenas administrar a corrida, pois está a sete voltas do segundo colocado.

Entretanto corridas de automóveis, mais ainda de longa duração, a imprevisível está distante apenas de um tênue fio da previsibilidade e na Curva Talalarga arrebentou o cabo do acelerador do fusca nº 32 amarelo e azul de Vargas. A alta velocidade permitiu que o carro praticamente deslizesse próximo ao box. Foram apenas 100 metros de socorro e quase uma eternidade para a troca da peça quebrada. Os adversários tiravam rapidamente a diferença e a angústia tomava conta da equipe. Vargas sentado,



mãos no volante vendo a destreza dos mecânicos ajustarem a pequena peça, necessariamente controlava a ansiedade. Porém, em sua mente passavam acontecimentos parecidos, que em outras ocasiões haviam tirado a vitória de suas mãos. Será que perderei uma corrida ganha? Perguntava-se a si mesmo. Repentinamente o fusca é baixado ao solo e os gritos nervosos ecoam como uma ordem suprema. "Vá, corra, acelera" e Hugo retorna a pista tal qual uma águia persegue sua presa. As sete voltas anteriores se resumiam há apenas uma. Mas como a sorte acompanha os bons, o segundo colocado ficou logo à sua frente e o restante da corrida foi manter a estratégia de permanecer onde estava, pois havia o receio de uma ultrapassagem pudesse por em risco a vantagem. Ao meio-dia de

domingo Vargas recebe a bandeirada final. O troféu de campeão viajaria para Passo Fundo e Vargas entraria para a história do automobilismo do Rio Grande do Sul.

Ainda no autódromo, festejado pela equipe e por familiares, Vargas viajou no tempo. Lembrou-se da primeira corrida de rua que assistiu em Passo Fundo, quando tinha pouco mais de seis anos de idade. Lembrou-se dos pilotos Orlando Menegaz, Aido Finardi, Catarino Andreatta, Breno Fornari, seus ídolos. Lembrou-se de seu tio Ivo Tasca que o levava às provas em Interlagos, Circuito da Cavallhada e das Corridas da Serra e lembrou-se também do primo Roberto Tasca, a quem ajudou nos serviços de box para ele correr na inauguração de Tarumã e em outras competições. As viagens da mente são preciosas na vida do ser humano.

A intimidade de Vargas com a velocidade vem desde a infância e não parou mais. Correu de kart, participou de rallyes, onde foi campeão brasileiro da classe Turismo e nas pistas, com os fuscas, protótipos e hoje corre no campeonato brasileiro de endurance, com um protótipo Aldee Spyder, com o nº 32.

A Memória Esportiva, nesta edição presta uma homenagem ao automobilismo de Passo Fundo, na pessoa do grande piloto Hugo Vargas Filho, que muitas vitórias alcançou no cenário gaúcho e brasileiro. Um piloto rápido e audaz que segue nas pistas, agora alçando vôos mais altos em uma categoria muito veloz. Em outras edições nos reportaremos a outros pilotos de Passo Fundo que deixaram suas marcas no automobilismo nacional.



MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Arnildo Endres

Eu jogava bolão no Clube Juvenil, havia uns 13 anos quando, em 1981 foi realizado nas dependências do clube, que inaugurava o Play Center, o campeonato estadual. Na ocasião eu jogava e era o capitão do time, que funcionava como um treinador. Eram doze entidades brigando pelo título. Além do Clube Juvenil e do União Batutas dos Ferrovários, de Passo Fundo, disputavam a Sogipa e o Teresópolis de Porto Alegre, Corinthians e Aliança de Santa Cruz, Sete de Setembro de Santa Rosa, Sociedade Ginástica de Ijuí, Cruzeiro de Caxias do Sul, e times de

Novo Hamburgo, São Leopoldo e Estância Velha.

Por ser o capitão do time recebi o troféu e um champagne para brindarmos. O problema foi que não consegui abri-la

Os atletas que participaram pelo Juvenil foram Antônio Barriquel, Arlindo, Agostini, Joelci Vieira, Dorlei Spessatto, Waldemar dos Santos, Carlos Morengo, Amaral e eu. O presidente do Juvenil era Seu Arlindo Agostini, um entusiasta do esporte e junto ao Antônio Barriquel, formaram uma grande dupla.

O Juvenil não era o favorito, pois nunca havia alcançado o título, mas desde o começo das partidas nós fomos vencendo e praticamente nunca ameaçados durante

toda a competição. No final vencemos por boa margem. Derrubamos 1327 pinos contra 1311 do Clube Aliança. No campeonato individual representei o Juvenil e fiquei em segundo lugar, perdendo por diferença de apenas um pino para Airton Bruschi, dos Batutas.

A festa da vitória foi algo inusitado. Lembro-me que subimos ao salão social para festejarmos e recebermos as faixas de campeão. Por ser o capitão do time recebi o troféu e um champagne para brindarmos. O problema foi que não consegui abri-la. Embora outros títulos por mim conquistados no bolão e as memoráveis partidas de vôlei em que jogam meus filhos e que me emocionam demais, esta conquista do campeonato gaúcho de bolão jamais esquecerei.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Calendário I

Há um justo movimento no RS para que o calendário do futebol brasileiro que prioriza os grandes clubes, beneficie também os pequenos, que hoje agonizam ante a desorganização. A frente dessa mobilização deveria estar a FGF, com a anuência desses clubes. O impasse porém, é que para o Presidente Emidio Perondi, não existe campeonato gaúcho sem as duplas Grenal e caju. Partindo desse princípio realmente não há salvação. Nossos grandes clubes não querem nem saber dos pequenos, querem competições rentáveis e o dinheiro da TV, o resto não interessa. A única solução para os clubes pequenos, embora alguns em grandes cidades, como Passo Fundo, Santa Maria e Novo Hamburgo, por exemplo, seja organizar um gauchão sem os grandes, jogando pelo menos durante oito meses, apenas nos finais de semana, de forma regionalizada, aguçando velhas rivalidades, que sempre atraiu público.

Calendário II

Creio que o calendário ideal seria o de realizar o campeonato brasileiro da série A, com no máximo 22 times, jogando de setembro a maio, adaptando-se ao europeu, apenas nos finais de semana, em turno e retorno, pontos corridos, descendo os dois últimos colocados. A série B funcionaria e nos mesmos moldes. A série C seria os estaduais, com disputas conforme regulamento estabelecido por cada federação e os clubes participantes. Os campeões de cada estado jogariam mata-mata e os dois primeiros colocados subiriam a série B. Essas competições disputadas paralelamente, durariam pelo menos oito meses e nas noites do meio de semana, ficariam para a Copa do Brasil, Libertadores, Seleção Brasileira e amistosos.

Calendário III

Na verdade, toda a discussão sobre mudança de calendário e reorganização financeira dos clubes, se tornarão inócuas se não houver uma outra e urgente mudança. Os Tribunais de Justiça Desportiva. Esse é um dos mais graves problemas do futebol brasileiro. Todo o ano é a mesma ladainha. Em razão de julgamentos que suscitam dúvidas, ações na Justiça Comum pipocam, com clubes querendo subir ou não descer de divisões, dirigentes que cometem verdadeiros absurdos são absolvidos sem nenhum pudor e livros para continuarem seus desmandos, dinheiro que some dos clubes como num passe de mágica e eles impunem a tudo. No dia em que houver um Tribunal isento, vinculado ao Poder Judiciário, com juízes neutros, sem cores clubísticas, que possam julgar e punir, se for o caso, com o rigor necessário e a luz da lei, os clubes, jogadores, árbitros e cartolas, o futebol brasileiro ganhará seriedade e aí sim tudo irá mudar para melhor.

Futsal

Entre os postulantes as duas últimas vagas da chave B para o octogonal final a UPF/Semeato/Clube Juvenil é a que tem a situação mais tranquila. Basta vencer a Reserg e poderá considerar na próxima fase. Como afirma o amigo Javali. "Entre os que ainda brigam, nós fomos os únicos a vencer fora de casa (coincidentemente a Reserg) e a tirar ponto a ACBF. Então nossa situação é a mais confortável". Vai muito bem esse time.

Memória Esportiva

A saudade entra em campo

Amizade, disciplina e confraternização são o lema da Associação dos Veteranos do Futebol de Passo Fundo, entidade juridicamente constituída, fundada em 26 de outubro de 1976, portanto há 25 anos. A Associação surgiu da vontade de amigos, ex-jogadores que aos finais de semana, em algum campo da cidade iam fazer o que fez parte de suas vidas, jogar futebol. O jogo era sucedido pela indefectível cervejinha, e o prazer de estar ali, os levou a pensar numa organização, uma associação, cujos membros fizeram das prazerosas tardes, algo mais que uma simples "pelada", e que talvez, a exemplo de outras cidades, como Porto Alegre, pudessem participar de competições da categoria.

Os fundadores

A primeira providência foi buscar em Porto Alegre, cópia dos estatutos da entidade análoga. Entregue ao advogado e ex-miembro campista do Gaúcho, nos anos 50, Dr. Alberi Falkembach Ribeiro, a associação ganhou vida oficialmente. Alguns dos fundadores foram: Orlando Spanemberg (presidente), Gradin, Vadeção, Benoni, Gago, Dorinho, Alberi Ribeiro, Luiz Sacchett, Palma, Vando, Jerônimo Oliveira, Maneca, Saul, Orlando Clímaco, Ratinho, Charuto, Alceu, Nivio, Verardi, Dino Rosa, Delmo Alves Xavier, Duarzan B. Davila, Meca, Rafi Dadia, Badico, Carmo, Hélio, Gentil, Sebastião, Celso Soveral, Nenê, Nanico, Adair, Celso, Anselmo, Juarez, Passo Fundo, Santarém, Getulino, Neco, Augusto Homrich, José Mário Lima Cruz.

Confraternizações

A partir daí foram muitas competições, jogos amistosos entre si e com outras cidades, clássicos entre 14 de Julho x Gaúcho, de veteranos, preliminares e jogos profissionais, em que muitas vezes se tornavam mais inte-



Reis Jorge, Orlando, Sul e Bidê, alguns dos membros da atual diretoria



Equipe de Veteranos
Em pé: Orlando, Lanza, Saul, Valdir, Vadeção, Pontes, Alceu, Maneca, Raul e Aita
Agachados: Osmar, Pedro, Meca, Marcos, Carmo e Palma



Equipe de Veteranos
Em pé: Prínche, Passo Fundo, Rangel, Valdir, Nivio e Verardi
Agachados: Dorinho, Plínio, Nega-Véia, Gradin e Banana

ressantes que os jogos de fundo e confraternizações entre os associados. Com o passar do tempo o ânimo foi arrefecendo, os encontros rareando e a associação saiu da prática para permanecer apenas no papel.

Diretoria atual

Em 22 de junho do corrente ano, nova diretoria assumiu os des-

tinios da entidade, com o intuito de sacudir a poeira e voltar a fazer a Associação efetivamente funcionar, pois existem centenas de ex-jogadores, profissionais ou amadores, que residem na cidade e o prazer do futebol ainda corre em seu sangue. A nova diretoria ficou assim constituída: Presidente, Orlando Spanemberg, vice-presidente, Santo Claudino Verzeletti, pri-

meiro secretário, Oswaldo Spanemberg, segundo secretário, Jorge da Silva Duarte, primeiro tesoureiro, Osni Rosa, segundo tesoureiro, Saul Carvalho Custódio. Conselho Deliberativo, Orlando Spanemberg (presidente), Telmo Aita (Vice-presidente), Américo Martins de Oliveira (secretário), Oswaldo Spanemberg, Santo Claudino Verzeletti, Clodomiro Machado, Saul Carvalho Custódio, Osni Rosa, Manoel Carrão Oliveira, Reis Jorge Custódio e Valdir Fávero. Suplentes, Ernesto Oliveira, Pedro Rosa, Jorge da Silva Duarte, Antonio Carlos Severo e Adair Lopes Bicca. Conselho Fiscal, Alcebíades de Almeida Camargo, Aguiar Pitágoras e Paulo Roberto Bibiano. Suplentes, Raul Matté, Carmo Lammel e Pedro Kunz.

Depoimento

O presidente Orlando Spanemberg faz um forte apelo aos ex-jogadores que se aproximem da Associação e dela participem, pois a atual diretoria está com muitas idéias para movimentar a entidade.

Uma delas é realizar partidas com os veteranos de Carazinho, com quem já houve contatos e Erechim, além de competições internas, como um possível campeonato de veteranos de nossos clubes, 14 de Julho, Gaúcho, Passo Fundo, Riograndense, Independente, Santos e União, entre outros.

Para concretização dessas idéias a conchamação dos ex-atletas e simpatizantes para a Associação se fez premente e que voltem a conviver com o saudável mundo da bola.

Igualmente espera que clubes e empresários patrocinem eventos entre os veteranos e revivam a época de ouro do futebol de Passo Fundo, com retorno absolutamente certo na mídia esportiva.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Torcida x Romário

A imprensa do centro do país está explorando a briga entre Romário e uma facção da torcida do Vasco, que vaiou o jogador ao bater um pênalti. O jogador retribuiu as vaias com gestos obscenos e em entrevistas os chamou de babacas. Pois o maior patrimônio de um clube de futebol é sua torcida. É ela que vai ao estádio e paga ingresso, associa-se ao clube e paga mensalidades, adquire os produtos anunciados no estádio e nas camisas de seu clube, que dá ibope às transmissões de televisão e consome os produtos dos anunciantes. Enfim a torcida é o mais valioso patrimônio de um clube de futebol, pois permanece fiel por 50 anos ou mais. Por tudo isso a torcida tem o sacramentado direito de vaiar e cobram empenho dos jogadores que vestem a camisa que ela ajuda a pagar. Romário, que se julga acima do bem e do mal, deveria ser exemplarmente punido ao ofender o maior símbolo do clube, que é sua torcida.

Centro-avante

Ao comprar um verdadeiro atacante, Leandro, o Grêmio se qualifica para chegar entre os primeiros oito finalistas.

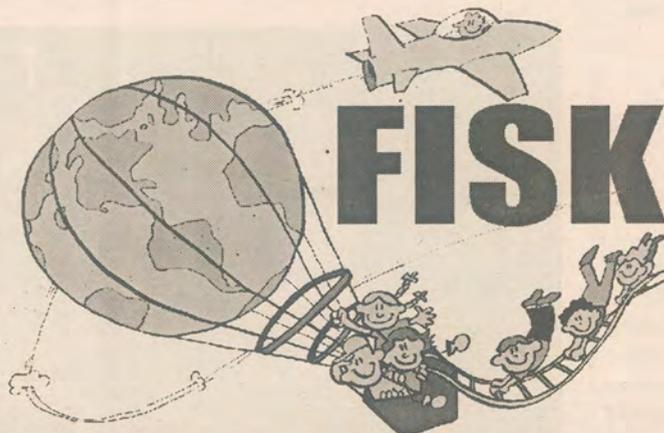
Vermelhão

Há rumores na cidade que um grupo de fiéis torcedores do 14 de Julho, liderados por um notório quatorzeano morador do centro da cidade, irá reivindicar junto à direção ao Passo Fundo, a alteração do nome oficial do estádio, para Estádio Plínio Rosseto, continuando Vermelhão da Serra, como nome fantasia. Dará muito que falar.

Bravine

Amigo Branco, o jantar de segunda-feira estava espetacular e teu tempero é inigualável. Esperamos outros encontros. Um abraço.

SÓ CONQUISTA
O MUNDO,
QUEM SE PREPARA
PARA O FUTURO



Matricule-se
agora!!

EM
VELOCIDADE
MÁXIMA!

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo - RS

Seleção passo-fundense de futebol "B"

Dando prosseguimento às edições especiais do Diário da Manhã sobre o futebol do passado, publicamos hoje a seleção 'B' dos melhores jogadores de todos os tempos, bem como, a relação de todos os nomes indicados pelo colegiado de esportistas de Passo Fundo. A partir das próximas edições o DM - Esportes, continuará trazendo novas matérias, sempre com o objetivo de apresentar ao leitor o resgate da história do nosso futebol.



Waldemar Pantera (22 indicações) - Jogou no Rio-grandense e Gaúcho de Passo Fundo, Atlântico de Erechim e Penharol do Uruguai entre outros. Um fenômeno no gol, nas décadas de 40 e 50. Já é falecido.



Gradin (20) - Jogou no Gaúcho, Atlântico de Erechim, Lutador de Getúlio Vargas e Nacional de Porto Alegre. Mas a maior parte de sua trajetória foi no 14 de Julho, jogando sempre pelo lado esquerdo. É funcionário do Hospital São Vicente de Paulo.



Caíco (18) - Jogou no Atlético, Gaúcho e 14 de Julho de Passo Fundo. Apelidado de 'pequeno polegar', foi um driblador fantástico. Jogava apenas por prazer, e hoje está aposentado do Banco do Brasil.

Célio Barbosa (16) - Jogou no Cruzeiro, Rio Grandense, Independente, 14 de Julho e Gaúcho. Um grande goleador e saxofonista. O segundo maior artilheiro da história do nosso futebol. Já faleceu.



Vadecão (17) - Jogou no Rio-grandense, Independente, 14 de Julho e Gaúcho. Jogador técnico e de força, atuava em todos os setores da defesa. Reside em Passo Fundo, trabalha na Pampa Automóveis.



Raul Matté (15) - Jogou no Juventude e Flamengo de Caxis, Aimoré, Floriano, Gaúcho e Atlético de Carazinho. Símbolo de garra e profissionalismo, foi ídolo da torcida alvi-verde. É representante comercial.



Vadila Marques (15) - Jogou no Cruzeiro, 14 de Julho, Gaúcho e Independente de Passo Fundo, Cruzeiro e Inter de Porto Alegre. Craque com 'C' maiúsculo, foi artilheiro em todos os times em que passou. Titular no primeiro 'rolo compressor' do Internacional. Já faleceu.



Sabino (16) - Jogou no Rio-grandense, 14 de Julho, Independente, Atlântico de Erechim e Tabajara de Getúlio Vargas. Formou com o irmão Isabelino, famosa zaga do 'ferrinho'. Já falecido.



Roberto (16) - Jogou no Grêmio Porto-alegrense, 14 de Julho, Gaúcho, Ipiranga e Guarany de Bagé. Estupendo domínio de bola e categoria. Reside em Porto Alegre e é representante comercial.

Nome dos jogadores que receberam indicações

- Amâncio (14)
- Zoca (13)
- Zangão (lateral), Nívio, Adair Bicca, Armando Rebecchi e Antoninho (12).
- Rebequinho, Heitor Moura, Marcondes e Chinesinho (11)
- Piranha, Pedro (10)
- Volney, Gringo (lateral), Valmor, Luiz Freire, (9)
- Custódio, Vacaria, Wilson Moraes, Gitinha, (8).
- Lara, Luiz Carlos, Pregentino, Ivo Aguiar e Plínio Rosseto (7).
- Carlos Alberto (goleiro), Vete, Pupe, Tomé, Vicente, Wando, Libinho, Arthur, Leivinha, Polaco, (6).
- Harry Becker, Vêncio, Alceu Belotti, Quero-Quero, Odacir Rico, Valdemar Verardi, e Mariotti (5)
- Susin, Timpa, Nardo, Isabelino, Ubiratã, Zica, Honorato, Papagaio, Dom Pedrito, Gafanha, Tubino, Naninho e Maurinho (4)
- Cavalheiro, Bino, Rasga-Diabo, Pinga, Guaporé, Juca (lateral), Jair, Sariba, Ratinho, Tuta, De Carli, Come-Bola, Clóvis Aita, Banana, e Serginho Mariano (3).
- Abey Simão, Nelcy, Jaime Boni, Nativo Lopes, Josino, João Pontes, Hugo Loss, Litwin, Paulinho (zagueiro), Celso Stangler, Gentil, Jamir, Banha, Marcos Gazzoli, Miléo, Nery Simão, Brasileiro, Jorge Berthier, Biguá, Juarez (ponteiro), Lauro (ponteiro), Cabrinha, Liminha, Chitão (2).
- Doroty, Lângaro, César (goleiro), Telmo Aita, Aldo (zagueiro), Caneco, Mario Tito, Léo (zagueiro), Edú, Sabonete, Tibiche, Armandinho, Antônio Carlos, Gerdi, Sório, Neno, Chita, Orlando Climaco, Reis Jorge, China, Zizi, Pouca-Roupa, Elói, Vadi, Claudio Freitas, Joir, Pepino Aita, Margarida, Omir, Olavo, Paulista, Avas, Djalma, Noio, Peixe, Labarthe, Montezana, Prego, Kita, Sargento Pontes, Alexandre (ponteiro), Ciro, Cauduro, Donato, Mujica, Cebo, Souza Neto, Calé, Daltro Filho, Culmann e Orestes (1).

Branco Ughini (17) - Jogou no Gaúcho durante 10 anos consecutivos. Centro-médio ou quarto zagueiro elegante no trato com a bola. Dizia-se na época que poderia jogar de smoking, tal sua categoria em campo. É empresário em Passo Fundo.



Adão Galinha Morta (10) - Jogou no Cruzeiro da Brigada Militar. Assim como chegou deixou Passo Fundo, sem que as pessoas soubessem para onde. Quem o viu jogar, se fascinou pelo malabarismo que fazia com a bola.



DM divulga seleção passo-fundense de futebol

Durante quatro meses (setembro a dezembro/97), o DM ESPORTES realizou uma consulta popular entre dirigentes, jogadores e torcedores, num total de 115 pessoas, para saber como seria formada uma seleção passo-fundense de futebol de todos os tempos. As seleções escaladas pelos participantes foram todas publicadas nas edições especiais do DM.

O entusiasmo, a empolgação entre as pessoas consultadas e os leitores, superaram as expectativas em emoção e saudosismo. A medida que as escaladas eram publicadas, surgiam nomes de craques consagrados ou desconhecidos da maioria, dando uma dimensão da grandeza do nosso futebol.

Craques do quilate de Jamegão, Barão, Célio Barbosa, Waldemar Pantera, Prinche,

Gradin, Polaco, Marcondes, Come-Bola e outros foram lembrados por velhos torcedores que vivenciaram a época romântica do futebol amador, do amor a camiseta, em toda a sua essência.

Jogadores de épocas mais recentes, especialmente os heróis da conquista do Gaúcho de 1966, foram nostálgicamente lembrados. Em razão do grande número de

craques indicados, o DM ESPORTES elaborou as seleções "A" e "B", e agradece publicamente a todos que foram consultados e que gentilmente colaboraram. Nesta edição será conhecida a Seleção 'A' e no próximo domingo, o DM publica a seleção 'B'.

Estes craques, portanto, segundo a pesquisa, foram os melhores jogadores de clubes passo-fundenses em todos os tempos:

Seleção "A"



Nadir - (24 indicações) - Jogou pelo Independente, Juventude e Pelotas, além do Gaúcho, clube que defendeu por 9 anos consecutivos. Deixou o futebol novamente vestindo a camisa alvi-verde. Faleceu recentemente.



Machado (31) - Jogou no Grêmio, Flamengo de Caxias, Gaúcho e 14 de Julho. Ao encerrar a carreira de jogador, virou técnico, um dos mais competentes que trabalhou em clubes da cidade. Continua como técnico de futebol.



Barão (37) - Jogou no Rio-grandense, Independente, Tabajara, 14 de Julho e Gaúcho. Fabuloso zagueiro-central nas décadas de 40 e 50. Já falecido.



Daizon Pontes (55) - Jogou no Grêmio Santoangelense, Elite, Cruzeiro - de Porto Alegre, Flamengo e América do Rio de Janeiro, Pelotas, Gaúcho e 14 de julho. Zagueiro técnico e viril, virou símbolo da violência do futebol gaúcho. É funcionário público municipal.



Maneca (46) - Jogou no Grêmio Portoalegrense, São José, 14 de Julho e Gaúcho. Lateral-esquerdo de grande habilidade e leal marcador. Reside em Passo Fundo e está aposentado.



Prinche (26) - Jogou no Gaúcho, 14 de Julho, Grêmio Bagé, Internacional de Porto Alegre, Guarany de Cruz Alta, Grêmio Santanense, Riograndense de Santa Maria e Nacional de Porto Alegre. Centro-médio de altíssima técnica e firmeza. É funcionário público municipal.



Heitor Verardi (52) - Jogou no Independente, 14 de Julho e por 8 anos no Internacional de Porto Alegre. Meio - campista de raríssima habilidade e visão de jogo. Um dos maiores craques de Passo Fundo. É odontólogo e professor universitário.



Meca (65) - Jogou no Veterano de Carazinho, 14 de Julho e por 8 anos consecutivos como titular do Gaúcho. Um dos maiores ídolos da torcida periquita em todos os tempos. Apelidado de Garrincha de Passo Fundo, cidade onde reside. É aposentado.



Santarém (40) - Jogou no Cruzeiro de Porto Alegre, Glória de Carazinho, Veterano, Gaúcho, Ipiranga e Flamengo de Caxias. Mas sua maior trajetória foi vestindo a camisa vermelha do 14 de Julho. Craque de futebol com todas as letras, hoje reside na cidade e é aposentado.



Bebeto (63) - Jogou no 14 de Julho, Grêmio e Internacional de Porto Alegre, Caxias, Corinthians Paulista, América carioca, Bahia, Juventus de São Paulo, Inter de Santa Maria e Toledo. Seu nome porém, está associado ao Gaúcho clube que o consagrou como maior goleador em todos os tempos. Hoje é técnico do E.C. Passo Fundo.



Jamegão (35) - Jogou no Grêmio e Inter de Porto Alegre, Cruzeiro, Rio-grandense, 14 de Julho de Julho e Gaúcho de Passo Fundo, Atlântico, Ipiranga e 14 de Julho de Erechim, entre outros. Aquelas pessoas que o viram jogar, afirmam numa só voz, que se trata do maior jogador de futebol que viram em campo. Um fenômeno. Já faleceu.

MATÉRIAS ESPECIAIS PUBLICADAS PELO DM

2/3 agosto - DM entra em campo para contar as histórias de futebol.

7 agosto - 14 de Julho é campeão do Centenário de Passo Fundo.

10/11 agosto - Gaúcho recebe Grêmio na inauguração do seu novo Estádio.

24/25 agosto - G.E.R. 14 de julho - 76 anos.

17/18 agosto - MECA - Um craque, um ídolo.

31 agosto/1º setembro - Jogo tumultuado entre Gaúcho e Grêmio termina empatado em 2x2.

7/8 setembro - Rio-grandense - Tricampeão Cidadão.

14/15 setembro - Histórias que a bola não conta e onde anda.

20/21 setembro - Santarém - Um craque fora de série.

28/29 setembro - Mané Garrincha no 14 de Julho.

4/5 outubro - História da Bola (Massagistas, os heróis anônimos).

12/13 outubro - DM homenageia as famosas duplas do futebol Passo-fundense - Parte I.

18/19 outubro - Duplas famosas do futebol passo-fundense - Parte II.

26/27 outubro - Independente - 56 anos de glória - Parte I

1º/2 novembro - Independente - 56 anos de glória - Parte II.

8/9 novembro - Os grandes goleiros - Parte I.

15/16 novembro - Grandes goleiros - Parte II.

22/23 novembro - Adair Bicca - Um craque tipo exportação.

29/30 novembro - Leivinha, um ponteiro nas Américas.

6/7 dezembro - Jamegão: o maio de todos.

13/14 dezembro - A maior conquista do Gaúcho.

20/21 dezembro - Lançamento de lucro reuniu craques do passado.

3/4 janeiro - Reis - O grande centro-médio.

10/11 janeiro - Um craque chamado Polaco.

17/18 janeiro - Luiz Freire: craque a técnico em futebol.

24/25 janeiro - Numa família de craques surgiu Heitor Verardi.

**Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo**

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafézinho, geladeira, poltrona king-size.

saídas: de Passo fundo 14h40, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

**RESERVAS e
INFORMAÇÕES
311.1226**



Memória Esportiva

Conceição x Atlanta, a superdecisão

O campeonato citadino de futebol de salão de 1967 teve a participação de apenas seis equipes. Na verdade, a competição entrava em sua fase de declínio, tanto que em 1969 ocorreu sua derradeira edição. Disputaram a AABB (de Javel, Savagé, Ivan Ianez e Caíco), a Guaraé (de Airton Dipp, Pavin, Flávio Benvegnú, Valter Hugoe Tassi), o Capingüi (de Cotinha, Bibe, Pisca, Celso Marini e Jacques), o Irajá (de Detoni, Guto, Dorlei, Volnei e Wilson), além de Conceição e Atlanta. Na última rodada, um sábado a tarde, o Atlanta empatou com a AABB e ficou junto com o Conceição, com oito pontos perdidos. A Liga decidiu pela realização de uma partida extra, na segunda-feira à noite. A quadra de asfalto do Conceição, onde foi jogada toda competição, era um eminente perigo às pernas e braços, pois qualquer tombo era sinônimo de uma grande esfolada. Por não ter redes de proteção laterais, em cada partida era vários os vidros quebrados do salão de festas do colégio. A Liga arcava com os prejuízos.

A decisão

O jogo iniciou depois das 10 horas, após o término das aulas noturnas do curso de contabilidade. Não é preciso descrever que pelo menos 80% dos torcedores eram alunos do colégio, que lotavam os corredores acima da quadra e a sua volta. Parte da banda marcial tocava freneticamente marchinhas de incentivo ao time. A equipe do Conceição era formada por garotos entre 18 e 20 anos de idade, todos estudantes, enquanto no Atlanta praticamente todos tinham sido profissionais da bola, com mais de 30 anos. A partida foi pura adrenalina. Disputada, de alta técnica e eletrizante. Enquanto o Atlanta tinha a ausência de Branco, machucado, o Conceição tinha seu melhor jogador e um dos artilheiros, João Artur, em péssimas condições físicas. Ela havia jogado, no domingo, uma decisão estadual de amado-



Atlanta de 1967

Em pé (esq. p/ dir.): Valdenir Castro (treinador), Vadecão, Roberto, Branco, Verardi e Hemitério Vieira (diretor)

Agachados: Nívio, Plínio, Sorela e Pepo

res, pelo time de Tenente Portela, sua cidade natal, com prorrogação e tudo, e chegara à Passo Fundo quase na hora do jogo, após desgastante viagem de ônibus. O goleador Plínio abriu a contagem no primeiro tempo. No segundo, João Artur empatou. Nívio desempatou, chutando de bico, da metade da quadra, mas João Artur novamente empatou: 2x2. Faltando poucos segundos para terminar o jogo, novamente Plínio, desempatou, dando o título aos experientes "coroados" contra a juventude. Foi uma decisão espetacular, como muitas ocorridas

no futebol de salão de Passo Fundo, uma esporte que trouxe e ainda trás muita emoção aos seus aficionados.

Onde andam

Passados quase 34 anos, os protagonistas dessa superdecisão, em sua maioria, residem em Passo Fundo. Confira onde estão e o que fazem alguns deles:

Atlanta

Hemitério Vieira era seu diretor.

Reside em Passo Fundo e se aposentou como gerente do Banco Meridional. Oscar Carvalho (Schelêu), reside em Passo Fundo e trabalha como gerente de empresa agrícola, em Carazinho. Osvaldo Spanembefg (Vadecão) é funcionário da empresa Pampa Veículos e reside em Passo Fundo. Branco Ughini também está em Passo Fundo e é proprietário da empresa de condimentos Bravine. Heitor Verardi, odontólogo, professor da UPF, reside em Passo Fundo. Nívio Belotti, empresário, sócio-gerente da empresa Pampa Veículos. Evandro Pepo Azevedo, titular do Cartório de Títulos e Documentos, reside em Passo Fundo. Plínio Rosseto é falecido e Hélio Baruffi (Sorela), trabalhou no ramo de contabilidade, é aposentado e mora em Passo Fundo. Sobre o goleiro Roberto, não conseguimos informações.

Conceição

Irmão Telêmaco, deixou a Congregação Marista e reside no estado de Rondônia, onde é empresário. Ramos da Luz (Machado) trabalha com futebol profissional em Canoas, onde reside. Sérgio Morsch Cardoso, advogado e corretor de imóveis, reside em Passo Fundo. José Pedro D'Agostini, advogado, está em Passo Fundo. Ivan Formigheri é aposentado do ICMS e reside em Passo Fundo. Élio Sturm, corretor de imóveis e empresário, também está em Passo Fundo. Romeu Damian reside há vários anos na cidade de Osório, onde é servidor da justiça. João Artur Fortes, odontólogo, tem seu consultório em Passo Fundo. Amaury Berbegier (Morcego), extra-oficialmente teria falecido na cidade de Soledade, sua terra natal. Mauro Andrade largou o futebol de salão para ser profissional no 14 de Julho e depois no Ypiranga. Faleceu em acidente de trânsito, há vários anos. Paulo Hickmann (Novidade), comerciante, reside em Passo Fundo.



Conceição de 1967

Em pé (esq. p/ dir.): Sérgio Cardoso, Ivan, Hélio, Zé Pedro, Elio Sturm, Morcego, Machado e Irmão Telêmaco

Agachados: Novidade, Romeu, João Artur, Mauro e Pedrinho

Dois personagens



Vadecão, fixo do Atlanta

"Eu só joguei aquela partida porque o Branco estava machucado. Foi um sufoco ganhar daqueles meninos. No final fizemos uma grande comemoração.

Nosso time era formado por jogadores com experiência, pois vínhamos do futebol de campo. O Verardi, por exemplo, jogou muitos anos no Internacional".



Sérgio Morsch Cardoso, técnico do Conceição

"Lembro-me que ao empatar com a AABB, na última rodada, os experientes jogadores do Atlanta chegaram junto aos nossos jovens, que tinham assistido a partida, e disseram: "você já são campeões. Por favor não nos dêem uma goleada para não ficar ruim para nós". Ali, na malandragem, eles começaram a ganhar o jogo."

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Grêmio

A grande atuação do Grêmio em São Paulo o credencia a estar entre as equipes mais acertadas do futebol brasileiro no momento. Sua ascensão deve-se a vários fatores, entre outros, a organização tática adotada pelo técnico Tite, a motivação e a união do elenco de jogadores e a estabilidade de marcação, onde residia o maior problema gremista. A regularidade passa também pelo grande futebol e experiência de Zinho e Mauro Galvão.

Para comparar, a forma de jogar do Grêmio é muito semelhante a do Vasco, campeão brasileiro de 97. Marcação fortíssima, a diminuição de espaços para o adversário jogar e o contra-ataque em velocidade. Na frente, um craque. Odo Vasco era Edmundo. No Grêmio, Marcelinho Paraíba. Ah, não dá para esquecer que Mauro Galvão jogava naquele Vasco.

Inter

Tudo o que tinha para dizer do Parreira foi dito esta semana. Vencedor, entendido de futebol, educado, poliglota, um gentleman. Num perfil muito parecido ao de Parreira, o Inter, há pouco tempo atrás, trouxe Paulo Autuori, e ele não deu certo. E olha que tinha um time muito melhor nas mãos. Para Parreira ou qualquer outro treinador alcançar vitórias, necessariamente, o grupo de jogadores terá de sofrer alterações substanciais.

A contratação de pelo menos cinco jogadores experientes, rodados, para mesclar com jovens saídos dos juniores e poucos do elenco atual. Sinceramente, ainda estou um pouco cético quanto aos resultados que Parreira poderá obter. Sou daqueles que acha que, para tirar um clube gaúcho do buraco, somente um treinador daqui, dos pagos.

Reforços

Estava esquecendo: o primeiro reforço que a torcida colorada deveria exigir da diretoria, nem que fosse pressionar no famoso portão oito, deveria ser o colombiano Fredi Rincón, que recém saiu do Santos. Com o Rincón quente, talvez o falsificado Diego Rincón também jogasse.



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

ADAIR BICCA - UM CRAQUE TIPO EXPORTAÇÃO

Poucos foram os jogadores, que atuaram em clubes de Passo Fundo, e depois foram para o exterior. Podemos citar o grande goleiro Waldemar Pantera, que defendeu o Penharol, Wilson Moraes, que também esteve no Penharol, mais recentemente Toninho, ponteiro esquerdo do Gaúcho, que jogou no Barcelona do Equador, além de China e Cabrinha que jogaram em Portugal. Outro craque, que esteve fora do país, foi Adair Lopes Bicca, centro-médio do Gaúcho, em 1965 e 1967.

Tudo começou na cidade de São Gabriel, quando aos 13 anos de idade, Adair já jogava entre adultos, no Olaria, time varzeano de sua terra natal. Logo, seu talento com a bola nos pés foi reconhecido, e o craque foi convidado para fazer testes no Guarany de Bagé.

Em seu primeiro treino, o técnico o colocou no time reserva, e orientou o jovem jogador a marcar nada mais, nada menos, que o monumental

Tupazinho, craque da seleção brasileira, que brilhou no Palmeiras e mais tarde no Grêmio, infelizmente já falecido. Adair obedecendo a determinação técnica, saiu -se maravilhosamente bem, anulando Tupanzinho, e se atrevendo a jogadas de ataque. No Guarany, jogou ao lado de jogadores fabulosos, como o próprio Tupanzinho, Augusto, Solis Rodrigues, Ivo Medeiros, Picão (que mais tarde jogou no 14 de Julho), e João Borges, entre outros.

Sua capacidade técnica, aliada a uma saúde invejável, levaram o jovem Adair a transferir-se para o juvenil do Grêmio porto-alegrense, recomendado por Abílio dos Reis. Foi titular absoluto nas categorias inferiores do Grêmio, juntamente com Everaldo, Paíca, Breno Kirinus, Paraguaio, Osmarino, Odon e outros. Logo estava no time principal, mesmo sem ter idade para tanto. Foi campeão gaúcho pelo tricolor em 1966.



Adair Bicca (em pé - sexto da esquerda para a direita) na equipe do Newll's Old Boys da Argentina.

Antes disso, aos 19 anos, em 1965, foi emprestado ao Gaúcho. Foi vice-campeão estadual da 2ª divisão, jogando o fino da bola. O alvi-verde tentou segurá-lo, mas o Grêmio foi irredutível, querendo o craque de volta ao Olímpico.

Em 1967, forçou junto a direção tricolor, novo empréstimo ao Gaúcho, mas permaneceu poucos meses em Passo Fundo. Na volta a Porto Alegre, lá estavam dirigentes do Ypiranga de Erechim e Newll's Old Boys, da Argentina, para contratá-lo. Preferiu seguir para Rosário, juntamente com Carlos Castro,

do Internacional e Bezerra, do Cruzeiro. Atuou ao lado de jogadores da seleção argentina, como os atacantes Pontareno e Avalay. Durante dois anos ficou no clube portenho.

De volta ao Brasil, recebeu várias propostas, mas preferiu jogar alguns meses pelo Cachoeira, e depois no Esportivo de Bento Gonçalves, ficando por 5 anos. Na serra, jogou com Gasperin, Lairton, Neca, Décio, Paulo Araújo e outros craques. Após vestir a camisa do Encantado, Adair, resolveu pendurar as chuteiras como jogador. Em 1994, Adair voltou aos gramados, desta vez para

comandar as equipes de base do S.C. Gaúcho. Neste mesmo ano, Adair conquistou com a categoria 1984, o título estadual, vencendo o Grêmio pelo placar de 2x1. Em 1995, sua equipe após realizar uma bela campanha, chegou na decisão e novamente com o Grêmio. Desta vez, o time da capital levou a melhor. No ano passado, os garotos sob seu comando conquistaram o título de bi-campeão estadual, em pleno estádio Alfredo Jaconi contra o Juventude. Atualmente Bicca comanda a categoria 1983, do Gaúcho, que já venceu o Campeonato Regional/1997 e busca o título estadual.



Na equipe do Grêmio em 1964, Adair (em pé - terceiro da esquerda para a direita), jogou com Everaldo e Lumumba.



Bicca entre Daizon Pontes e Nadir na equipe do Gaúcho em 1966

SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Roberto Dall'Agnoll (torcedor de futebol)
Volney, Gringo, Daizon Pontes, Tomé e Maneca; Raul e Santarém; Luiz Freire, Pedro, Bebeto e Cabrinha.
- João Pedro Argenta (torcedor de futebol)
Rebequinho, Machado, Nivio, Daizon Pontes e Maneca; Heitor Verardi e Santarém; Meca, Bebeto, Armando Rebecchi e Chitão.
- Evaldo Arioli (torcedor de futebol)
Nadir, Prinche, Sabino, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Odracil Rico e Heitor Verardi; Meca, Santarém, Tubino e Gradin.
- Mario Antonio Tomazi (torcedor de futebol)
Volney, Zangão, Alceu, Nivio e Maneca, Adair e

- Roberto; Caíco, De Carli, Bebeto e Biguá
- José Daltro Nicolai (torcedor de futebol)
Nadir, Piranha, Barão, Vadeção e Maneca; Honorato e Gitinha; Caíco, Libinho, Tuta e Antoninho.
- Sérgio Américo da Silveira (torcedor de futebol)
Timpa, Barão e Celso; Vete, Vicente e Áureo; Dom Pedrito, Libinho, Chinesinho, Jamegão e Pregentino. Helio Lago (torcedor de futebol)
Nadir, Machado, Amâncio, Paulinho, e Maneca; Ubiratã e Roberto; Meca, Pedro, Bebeto e Zoca.
- Enio Rodrigues da Silva (torcedor de futebol)
Vêncio, Barão e Sabino; Nardo, Prinche e Gradin; Gafanha, Nery, Jamegão, Pregentino e Chinesinho.

MEMÓRIA ESPORTIVA

Adeus Hélio Toldo

Às vezes Deus olha para a terra e elege alguém para subir e ficar ao seu lado. Talvez para trocarmos idéias para um mundo melhor. Deus espera um mundo sem guerras, sem violência, sem desonestidade e então Ele escolhe uma pessoa boa, humilde, inteligente, séria e honesta para ajudá-lo. Desta feita escolheu Hélio Toldo. Deus o retirou bruscamente do convívio de seus familiares e os muitos amigos, mas Ele tem preferência e ao seu lado Hélio será ainda mais útil.

Enquanto esteve em nossa companhia Hélio foi um amigo. Seja no escritório Conac, num campo de futebol, numa quadra de futebol de salão, na Secretaria de Esportes do Município, no escritório do Deputado Airton Dipp ou na cancha de futebol sete de sua chácara, Hélio era sempre o mesmo. Tranquilo, sereno, sempre disposto a ajudar alguém que necessitasse.

Além de o maravilhoso ser humano que sempre foi, Hélio era um craque de futebol. Desde menino até a sua morte Hélio jogou bola. Jogou no Aimoré, Corinthians, Estrela, Olaria e muitos outros times da várzea. Jogou no juvenil do 14 de Julho e no time principal do Riograndense.

No futebol de salão, jogando como pivô, Hélio era imbatível. Poucos realizaram a função como ele. Hélio usava sua habilidade com a bola e a rapidez para realizar jogadas que normalmente resultavam em gols. Costumava ficar de costas para o adversário, recebia a bola e com elegância a entregava ao



Aimoré de 1965 - Em pé: Paulo Aguirre, Antoninho, Ramiro Bueno, Valmir Mendes, Valtér R. Lima, João Odorizzi, Vanderlei Lima, Eloi, Odilon Soares de Lima e Arlindo Mendes. Agachados: Décio Ramos de Lima, Hélio Toldo, Natanael Mathias, Vivaldino Gai, Adonir Moreira Rodrigues, Bianco, e Nilson Formigheri

companheiro que chegava de trás batendo a gol. Ou então ele próprio girava o corpo, tirando o marcador da jogada e fazendo gols inesquecíveis. Levava muitos pontapés, empurrões e cotoveladas, mas jamais revidou ou reclamou do árbitro ou do adversário. Nas quadras defendeu o Irajá, Capinguí, Clube Íris e Cosmos de Passo Fundo e o Cesp de Sertão.

Na partida de inauguração do Ginásio Dr. Irineu Gehlen, o Cosmos enfrentou a seleção brasileira de futsal e apesar da derrota, Hélio marcou o gol dos passo-fundenses, o que muito lhe orgulhava. No futebol sete, Hélio jogou o campeonato Inter-Grânjas, desde a primeira edição, marcando muitos gols e confraternizando com seus amigos. Seu bem cuidado campo de futebol sete foi palco de jogos memoráveis.

Tudo isso acabou, pois Hélio foi embora. Será difícil acostumar-se com a idéia de sua ausência. O sentimento de perda é seguramente o mais triste. Mas a vida é assim mesmo. A sangria e as feridas cicatrizarão, porém, serão profundas e visíveis e nos lembrarão a cada momento que Hélio passou por aqui e pela vontade divina se foi, deixando uma imensa saudade. Adeus Hélio Toldo.



Juvenil do 14 de Julho em 1964 - Em pé: Chitão, Cláudio Fonseca, Garcia, Dalla Rosa, Adãozinho, Valtér, Gilberto, Jaques e Evonir Rangel Bueno (treinador). Agachados: Mico Marcondes, Hélio Toldo, Daltro, Sorela e Valtér Hugo Figueiredo

MEU JOGO INESQUECÍVEL • Dirceu Rebelatto

Um dos meus jogos inesquecíveis foi a decisão do campeonato brasileiro de 1975, entre Internacional e Cruzeiro, gol do Figueroa. Mas não vou me reportar a ele e sim a outro jogo do Internacional, também no Gigante da Beira-Rio. Foi a semifinal do brasileiro de 76, entre Internacional x Atlético Mineiro. Foi inesquecível pelo resultado, pela emoção e pelo fantástico gol marcado por Falcão. Na época eu trabalhava como representante comercial da empresa Cipla e

"Naquele tempo era bom assistir jogos do Inter"

todas as segundas-feiras tinha reunião na empresa. Como bom Colorado que sou, eu ia a Porto Alegre ainda no domingo para aproveitar os jogos do Internacional. Naquele tempo era bom assistir jogos do Inter.

Lembro que saímos perdendo por 1 x 0, gol do Vantuir e foi penoso chegar am empate. O gol de Batista que empatou a partida e levantou o estádio foi passando dos 30 minutos do segundo tempo. Quase no final do jogo aquele gol maravilhoso do

Falcão que está sempre repetindo pela televisão. Ele e Ecurinho tabelaram com quatro toques de cabeça e a bola sobrou para Falcão espichar o pé e pegar somente na "orelha" da bola e desviar do goleiro argentino Ortiz. Se pegasse bem na bola ele furaria a rede ou a mandaria para fora do estádio. Caprichosamente seu pé conseguiu pegar de leve na bola e desvia-la do goleiro. Eu estava sentado na arquibancada inferior bem próximo a trave e lembro da fisionomia estarrecida de Ortiz olhando a bola passar mansamente em seu lado, no contra-pé, e dirigir-se para o fundo da rede.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Rallye

Brilhante a iniciativa do Dr. Roberson Azambuja e do Dr. Julmar Biancini, da realização do ainda inédito na região, rallye de carros antigos. O percurso será entre Passo Fundo e Marau, só ida, por estradas vicinais. Com o patrocínio do Hospital ProntoClínica é mais uma bola dentro do Veterán Car Clube de Passo Fundo e seus associados. Será mais uma festa organizada pelo automobilismo de Passo Fundo.

Pênaltis

Estranho o destempero e os argumentos de Rogério Ceni, após ter defendido um pênalti contra o Santos. Por ter se adiantado antes da cobrança o árbitro mandou repeti-la. O goleiro enlouqueceu, empurrou o árbitro e depois da partida esbravejou dizendo: "Eu sei que a regra não permite o que eu fiz, mas nenhum árbitro anula a jogada, porque este foi diferente?" Ora, é um absurdo a inversão de valores no futebol. Quando um árbitro cumpre a lei, levanta-se uma revolta contra ele. Na Europa Rogério teria sido expulso e suspenso por suas declarações. Em tempo. O São Paulo só não perdeu para o Corinthians, porque Rogério defendeu um pênalti de Guilherme nas mesmas condições e o árbitro por falta de coragem, muito comum na categoria, não mandou repetir. Enquanto não se criar um Tribunal de Justiça Desportiva sério e isento, o futebol brasileiro continuará desorganizado e seus protagonistas uns transgressores contumazes da lei.

Celso Roth

Não gosto de ser repetitivo, mas aonde eu vou encontro Colorados possessos de raiva com Celso Roth. Suas atitudes fogem completamente a lógica. Jogando em casa duas partidas contra times comuns, deveria ter somado seis pontos e fez apenas um e a muito custo. A racionalidade dizia que para jogar no Beira-Rio contra o Goiás, o Inter deveria entrar com Chiquinho, um verdadeiro ala, no lugar do Cássio. Fabiano Costa e Alexandre formariam a dupla de volantes, como o fizeram no São Paulo. Carlos Miguel de armador e o ataque com três jogadores, Librelato, Fernando Baiano e Daniel Carvalho. Entrar no Beira-Rio para vencer, matar o jogo e depois eventualmente segurar a vitória, colocando mais marcação. Agora, entrar retrancado, arriscando a sofrer gols, como efetivamente ocorreu e depois correr atrás é no mínimo burrice. E como se fosse dono da verdade Roth não dá a menor explicação para suas esdrúxulas "convicções".

Rapidamente

Embora os reveses, não dá para vaiar ou reclamar de Javali. Ele mostrou a competência de um vencedor e seu trabalho, bem como dos dirigentes da UPF/Semeato/Clube Juvenil, é ainda embrionário. Se errou, ele próprio, Javali, inteligente que é, irá reconhecer o erro e corrigi-lo. Para o ano que vem, com mais experiência e estrutura a situação irá certamente melhorar, embora a toalha ainda não tenha sido jogada.



Algumas coisas acontecem

MUITO RÁPIDO e mudam nossas vidas

PARA SEMPRE.

Matricule-se agora!

INGLÊS - FRANCÊS-ESPANHOL-PORTUGUÊS (1º E 2º graus, VESTIBULARES E CONCURSOS)

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo-RS

FISK

Rápido e para sempre

Memória Esportiva

Agora há goleiro lá em cima

Segunda-feira última foi sepultado Lírío Susin, empresário, agropecuarista, produtor, pessoa muito bem relacionada na sociedade de Passo Fundo e também goleiro, do Colégio Conceição, do Gaúcho e especialmente do 14 de Julho, seu clube de coração. Seu velório foi realizado na residência da família, como tradicionalmente acontecia e lá, veteranos jogadores e amigos. Entre tantos assuntos não poderia faltar o futebol. O goleiro Susin era baixinho para a posição, embora os padrões de altura do brasileiro na época era outro, ágil, arrojado e elegante. Ao vê-lo pela última vez, lembrei-me da entrevista que por ele me foi concedida, quando das pesquisas para elaboração do livro "Futebol de Passo Fundo, Contribuição à sua História". Seu jogo inesquecível foi o histórico empate entre 14 de Julho e Internacional, em 1941, que o velho goleiro contava em detalhes.



FOTOS ARQUIVO DM

14 de Julho x Gaúcho, em 1941

Susin com a bola, observado pelos defensores Barão (atrás) e Ferrari, e o atacante do Gaúcho Jamegão

O Inter

Em 1941 o Inter ainda não era chamado de Rolo Compressor, mas já era o Rolo Compressor.

No mesmo ano seria bi-campeão estadual com goleadas humilhantes, como nas semifinais, 6 x 2 no Novo Hamburgo e 7 x 1, no Riograndense de Passo Fundo e 9 x 2 e 6 x 2, nas partidas finais contra o Rio Grande. O Inter, de passagem pela cidade, no meio da semana, pois iria a Erechim, inaugurar o estádio do Atlântico no domingo, resolveu atender um convite do 14 de Julho para pela primeira vez jogar em Passo Fundo. Tinha o goleiro Rubens, Alfeu, Borges, Assis, Osvaldo Brandão, Pedrinho, Tesourinha, Salvador, Carlitos, Castilhos, Rui, Vilalba, quase só craques.

O 14 de Julho

Em princípio fariam uma seleção da cidade com a camisa do 14, pois havia o temor de um vexame histórico. Porém, os bravos jogadores rubros, que não queriam ficar de fora dessa, resolveram enfrentar sozinhos o desafio, com raça e hombridade. Jogar no

campo do Gaúcho, na Vergueiro, mais central e com acentuado desnível, seria uma vantagem. Outra caberia ao capitão do time, alertado por Susin: "no segundo tempo vamos atacar para baixo, pois o pôs do sol vai atrapalhar a visão do goleiro deles".

O jogo

O primeiro tempo terminou com apenas 3 x 1 para o Inter e o terceiro gol, foi irregular. Vilalba deu um soco na bola que estava no alto entre as mãos de Susin e o árbitro não viu o lance. No segundo tempo o Inter ampliou e o mesmo Vilalba, num lance na entrada da área do 14, quase quebrou a perna de Alberico. A partir daí os jogadores do 14 encheram-se de brios e foram para cima do Inter. Jogando tudo o que podiam, foram marcando gols até chegarem am empate, num chute de longa distância de Maneca, que Rubens, foi traído justamente pelo sol, bem no final da partida.

Susin

O jovem arqueiro quase ficou fora do jogo. Seus pais temiam pela sua integridade ao defrontar-se com jogadores profissionais. Com os pais persuadidos, Susin, entrou em campo, aplaudido pelos torcedores que lotavam o Estádio da Vergueiro, todo de branco, numa contumaz elegância.

Susin lembrava com saudades deste jogo e sem pestanejar, citava seus companheiros: Barão, Edu, Alberico Passos, Jerônimo Oliveira, Heitor Moura, Tico Trindade, o gigante Pupe, o judeu Gojo, Miléo, manhoso uruguaio e Maneca, o grande amigo, Dr. Hélio Ferreira, autor do gol de empate.

Na época da entrevista só Susin restava vivo e na última segunda-feira, ele também partiu. Lá em cima encontrará seus companheiros, que ficarão alegres por saberem que faltava o goleiro. Agora há goleiro lá em cima.



14 de Julho x Inter, em 1941

Em pé: Pedrinho, Maneca, Pupe, Rubens, Artur, Brandão, Tico, Alberico, Assis, Miléo, Borges e Ferrari
Agachados: Susin, Tesourinha, Salvador, Vilalba, Eoiu, Castilhos, Barão, Carlitos e Heitor Moura

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Técnico I

O que um técnico deve fazer para obter sucesso? Ser inteligente, trabalhador, observador, estrategista e saber tirar dos jogadores, o máximo que eles podem oferecer. Para o último item é preciso uma regra especial. Saber lidar com os jogadores. Ter autoridade, amizade e uma cumplicidade, além do trabalho diário. Deve conseguir a confiança absoluta dos jogadores, em relação a si próprio e deve administrar constantemente alguma rusga entre o grupo de trabalho. Aos atletas darão o sacrifício a mais pelo clube e seu comandante. Só pode ser isso que está acontecendo com Tite e os jogadores do Grêmio. Lateral joga de zagueiro, volante joga de zagueiro, meia joga de atacante, atacante joga na meia e o ritmo não cai. Um time de reservas joga contra o Palmeiras e empata, outro com sete reservas joga contra o Corinthians e vence, ambos fora de casa. Contra o Corinthians o meio de campo do Grêmio era formado por Emerson, Gavião e Itaqui, qualidade técnica quase nula e ganha a partida jogando bem. Tite, além de armar muito bem o time, tem o poder absoluto sobre os jogadores e aí está a diferença.

Técnico II

Estatisticamente o único técnico que veio de fora do Rio Grande e realmente deu certo foi Rubens Minelli. Dois títulos brasileiros e três estaduais, um pelo Grêmio e nenhuma derrota. Antonio Lopes venceu um Gauchão e uma Copa do Brasil, pelo Inter, os mesmos títulos conquistados por Evaristo no Grêmio. Mas ambos conheceram também o fracasso. Ganhar ou perder faz parte do jogo, mas aqui no Rio Grande, não se pode perder a identidade do futebol. Todas as conquistas gaúchas tiveram a força e a garra como ingredientes, e sem ele fica mais difícil vencer.

Técnico III

Parreira adiantou que irá embora no final do ano. É um bom técnico, estudioso e sério, mas comete falhas e as está cometendo no Inter. Uma delas é a insistência com Leandro Guerreiro. Pobre rapaz vem falhando em praticamente todos os jogos e muitos gols foram tomados por suas falhas. Enciso, Marcelo e Anderson foram mandados embora, porque não experimenta Wiliam.

SÓ CONQUISTA
O MUNDO,
QUEM SE PREPARA
PARA O FUTURO



Matricule-se
agora!!

EM
VELOCIDADE
MÁXIMA!

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo - RS



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

DM homenageia as famosas duplas do futebol passo-fundense

Ao longo da história do futebol passo-fundense, os clubes possuíram em seus elencos, jogadores, que tinham algumas ou muitas afinidades. As vezes por serem irmãos, outras vezes por jogarem junto várias temporadas, ou

então por atuarem em posições próximas, dentro do campo. O DM ESPORTE, lembrará, em duas edições, as duplas famosas. Aquelas, que o torcedor ao recitar a escalação de seu time, dava maior ênfase ao pronunciar seus nomes.

Aquelas que como se diz no vocabulário futebolístico, jogavam por música, ou tabelavam sem se olhar e que quando entravam em campo, faziam tremer o adversário. Aqui estão algumas destas duplas:



Barão e Guaporé

Famosa dupla de zagueiros do Gaúcho. Jogaram juntos no clube, de 1947 a 1951. Foram bicampeões da cidade, em 1949/1950. Barão, era mais clássico e objetivo, enquanto Guaporé era mais exibicionista. Na época, quando se falava em Gaúcho, qualquer torcedor, mesmo o mais desligado, começava a escalação: Vêncio, Barão e Guaporé...

Tuta e Sariba

Jogaram no Gaúcho, em 1961 e 1962. Sariba, veio do Grêmio, Tuta, do São José. Tuta, era meia-direita, Sariba, meia-armador. De estatura pequena, a dupla tinha muita habilidade e presença ofensiva. Se falava tanto neles, que no antigo Teatro do Biduca, o velho palhaço, alegrava a criançada chamando-as por nomes conhecidos na cidade, e fáceis de pronunciar. No meio das frases engraçadas, gritava: "Tuta e Sariba".



Prinche e Gradin

Prinche começou na lateral-direita e Gradin na lateral esquerda do Gaúcho, em 1941. Ambos, foram jogar no 14 de Julho, sendo campeões citadino e regional, em 1947. Jogaram ainda juntos no Nacional de Porto Alegre. Jogadores de habilidade e bom domínio de bola. Prinche, eram mais viril. Gradin, mais comedido. Sempre foram grandes amigos, dentro e fora de campo.



Plinio e Verardi

Plinio era centro-avante. Verardi, meia-armador. Começaram jogando no Independente, no início da década de 50. Jogaram juntos no juvenil do Internacional. Em 1960, se reencontraram no 14 de Julho. Atuando juntos até 1964. Eram mais que amigos. Se tratavam como irmãos. Em campo, Verardi lançava e Plinio fazia os gols. Marcaram época.



Ratinho e Juarez

Começaram no Gaúcho, em 1946. Ratinho, meia-esquerda, e Juarez, ponta-esquerda. Jogaram juntos no Independente, de 1948 a 1952. Foram para o Atlético, em 1952. Desfizeram a parceria por algum tempo e se encontraram no Gaúcho, em 1956, para formar novamente a famosa ala esquerda. Ratinho, habilidoso, rápido e com um chute forte. Juarez, veloz, driblador e com cruzamentos precisos. Ambos se completavam.

Pedro e Bebeto

Jogaram no ataque do Gaúcho, em 1975 e 1976. Fizeram tanto sucesso, que nesse mesmo ano, foram contratados pelo Internacional. Depois de aproximadamente oito anos, voltaram a jogar no Gaúcho, em 1984, já veteranos. Diziam, que poderiam jogar de olhos vendados, que ainda assim conseguiriam tabelar, tal o entrosamento. Combinavam, a habilidade de Pedro com a precisão dos chutes de Bebeto. Quem gostava, eram os torcedores que saíam dos estádios maravilhados com a dupla.



Seleção passo-fundense de Futebol

- Oswaldo Spanemberg - (ex-jogador do 14 de Julho, Riograndense e Gaúcho)

Nadir, Orlando Clímaco, Nívio, Vando e Maneca; Branco Ughini e Heitor Verardi; Caíco; Meca, Tubino e Gradin.

- Jorge Berthier de Almeida (ex-jogador do Gaúcho e 14 de Julho)

Harry Becker, Sabino e Barão; Nardo, Prinche e Áureo; Meca, Papagaio, Vadila, Jamegão e Marcondes - - Mario Neves (torcedor de futebol) Timpa, Pupe e Sabino; Nardo, Prinche e Gradin; Gafanha, Paulista, Célio, Pregentino e Lauro.

- Ruy Mattos de Souza (ex-presidente do S.C. Gaúcho)

Rebequinho, Maneca, Vadecão e Gentil; Vando e Branco Ughini; Meca, Caíco, Djalma, Heitor Verardi e Juarez.

- Agenor Pauletto - (torcedor de futebol)

Carlos Alberto, Gringo, Valmor, Daizon Pontes e Vacaria; Raul e Roberto; Leivinha, Luiz Freire, Bebeto e Maurinho.

- Gino Nívio Belotti (ex-jogador do Independente e 14 de Julho)

Rebequinho, Zangão, Daizon Pontes, Vando e Vadecão; Raul e Heitor Verardi; Meca, Caíco, Bebeto e Zoca.

- Odolir Di Domênico (ex-dirigente do E.C. Passo Fundo)

César, Machado, Daizon Pontes, Amâncio e Maneca; Raul e Santarém; Meca, Pedro, Bebeto e Maurinho

- Alberi Falkembach Ribeiro (ex-jogador do S.C. Gaúcho)

Vêncio, Vadecão, Daizon Pontes, Branco Ughini e Maneca; Prinche e Reis Jorge, Meca, Heitor Verardi, Bebeto e Gradin.



BARBADÃO

Em consequência da renovação de sua frota, a COLEURB coloca a venda carros semi-novos em perfeito estado de conservação.

ÔNIBUS A PREÇOS REDUZIDOS

Interessados em preços e condições:

COLEURB: 7 de Setembro, 97 - Petrópolis

Fones: (054) 311-1322 e 311-1209

MEMÓRIA ESPORTIVA

Bebeto, o goleador maior

A bola partiu do lado direito do ataque do Gaúcho e viajou alta e solitária em direção à congestionada área do Juventude. Ao se aproximar do solo, encontrou pouso no peito de Beбето. Numa fração de segundo, o "Canhão da Serra" tocou-a com o pé direito por sobre a cabeça do zagueiro Roberto Fernandes. O giro de seu corpo foi seqüencial e, ao aproximar-se Roberto Silva, o outro zagueiro, feroz e sedento de vingança, novamente o pé direito de Beбето, que não era exatamente o bom, aplicou-lhe também um balãozinho.

Os torcedores que lotavam a arquibancada atrás da goleira, como que encantados pela magia do lance, lentamente e em sintonia, começaram a se levantar, prevendo o final feliz. Após o segundo drible,

a bola lânguida e desobediente teimava em sair pela linha de fundo. Repentinamente o pé esquerdo do craque partiu com muita força e decisão em direção a ela e, quase no risco da linha de fundo, mandou-a como um míssil em direção ao ângulo oposto do goleiro Gigante.

A bola, pega de surpresa, explodiu contra a rede. Este foi um dos gols mais bonitos da história do Estádio Wolmar Salton, marcado por Beбето, o maior goleador da história do futebol de Passo Fundo, e um dos maiores do Estado. Somente com a camisa alverde foram mais de 250 gols.

Ao chegar a Passo Fundo, em fins de 1965, vindo do Pampeiro de Soledade para o 14 de Julho, seu jeito era simples e humilde, o que lhe valeu o apelido de "Grosso". Seu chute potente e a boa colocação na área foram as armas para ele



14 de Julho de 1983 - Em pé: Rodiguero, Julião, Orso, Livio, Joubert, Marquinhos, Xavier e Roberto França. Agachados: Wilson, Nenê, Deco, Beбето, Pisca e Ivan

desandar a fazer gols. Em um ano e meio no 14, foram mais de 50 gols. Em 1967, contratado pelo Gaúcho, que jogava a divisão especial, sua performance técnica melhorou, os gols passaram a surgir com muita facilidade e cada vez mais requinte. O velho apelido ficara para trás.

Beбето jogou no Internacional, no Robertão de 69, mas não esteve bem. Teimosamente, o técnico Daltro Menezes só o escalava na ponta-esquerda, posição que ele detestava. No Grêmio, numa época de derrotas, em que nenhum centro-avante sobrevivia. No Corinthians, treinou, jogou e marcou gols, mas lá Beбето não quis ficar. Jogou no América carioca, quando encantou os torcedores com belos gols de fora da área. No Bahia, onde atuou ao lado do lendário argentino Sanfelippo e foi campeão baiano. Jogou no Caxias, e embora tenha vestido a camisa grená menos de dois

anos, é o terceiro maior artilheiro da história do clube. Jogou no Inter de Santa Maria, Juventus de São Paulo e Toledo. Voltou ao Internacional de Porto Alegre, em fins de 76, ao Gaúcho várias vezes. Numa delas, em 1984, foi campeão estadual da segunda divisão, jogando no meio de campo e marcou o gol que deu a vitória ao Gaúcho no último clássico GaQua da história. No ocaso da carreira retornou ao 14 de Julho e sua partida de despedida no futebol, foi vestindo a camisa do Gaúcho.

Ao deixar os gramados foi ser treinador e ensinar aos jogadores a arte de marcar gols. Nos quase vinte anos como treinador, Beбето dirigiu mais de uma dezena de clubes, entre eles o Gaúcho e o Passo Fundo. Beбето recupera-se de problemas de saúde e provavelmente logo estará a beira do gramado, lugar em que sente-se muito bem.



Gaúcho de 1969 - Em pé: João Pontes, Luiz Antonio, Indio, Nadir, Daizon Pontes e Jamir. Agachados: Meca, Zangão, Beбето, Flávio e Ramiro

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Teste sua memória

A - Quantos gols Kita marcou em grenais?

1. 2, ambos pelo Inter.
2. 3, dois pelo Inter e um pelo Grêmio.
3. 2, um pelo Inter e outro pelo Grêmio.

B - Quais dos jogadores abaixo jogou só no Inter e não no Grêmio.

1. Luiz Freire
2. Heitor Verardi
3. Bruno Camozzato

C - Qual goleiro do Inter ficou 1202 minutos sem levar gols.

1. Manga
2. Gainete
3. Schneider

D - Qual jogador, bi-campeão brasileiro pelo Inter, teve rápida passagem pelo Gaúcho.

1. Vacaria
2. Escurinho
3. Cláudio

E - Que goleiro saiu dos juvenis do Grêmio para o futebol de Passo Fundo.

1. Cavalheiro
2. Nadir
3. Volnei

F - Dois jogadores campeões em 66 pelo Gaúcho saíram dos juvenis do Grêmio

1. Machado e Maneca
2. Adair e Arthur
3. Gitinha e Amâncio.

MEU JOGO INESQUECÍVEL

• João Arthur Fortes

Profissionalmente joguei no São Miguel do Oeste, Santa Catarina, no 14 de Julho, de Passo Fundo e no Pratense, de Nova Prata. Em 1973, eu era estudante do último ano de odontologia na UPF, quando recebi convite do presidente do Pratense para jogar em seu time. De início relutei, pois os estudos eram minha prioridade absoluta. A proposta deles foi boa e eu realmente gostava de jogar futebol e aceitei o convite. Assinei contrato e cheguei a Nova Prata num sábado. Havia uma certa desconfiança do treinador e dos dirigentes pelo meu futebol. Afinal eu era um quase desconhecido no meio. Apenas o presidente depositava confiança em mim.

Minha estréia foi um dia depois da minha chegada, sem qualquer treinamento. No vestiário o treinador me deu a camisa nº 9 e entrei em campo sem saber sequer o nome dos meus companheiros. Foi até uma loucura entrar em campo naquelas condições. Se jogasse mal, o que era mais provável, pelas circunstâncias, poderia me queimar. O jogo contra o Riograndense de Rio Grande foi dramático e eletrizante. Acabamos vencendo por 4 x 3, e marquei todos os gols da minha equipe. No restante da competição marquei várias vezes e o Pratense foi o campeão da segunda divisão naquele ano. No final da temporada, os dirigentes queriam minha permanência, mas a conclusão do curso de odontologia, me fez desistir da idéia. Montei o consultório em Tenente Portela, minha terra natal e voltei a jogar pelo Miraguaí, do futebol amador.

Memória Esportiva

Beto França, 23 anos descobrindo talentos

FOTO ARQUIVO DM

Formado em Educação Física pela UFGRS, com especialização em futebol, Roberto França realizou estágio em preparação física no Internacional de Porto Alegre, com o mestre Gilberto Timm. Após trabalhou em várias equipes profissionais, como o 14 de Julho, Passo Fundo, Gaúcho, Atlético de Chapecó, entre outras. Paralelamente a sua função, exercia sua maior satisfação no futebol e uma vocação, descobrir craques, em categorias menores.

Treinou por alguns anos os juniores do 14 de Julho, onde foi campeão estadual da segunda divisão, em 1983 e a mesma categoria do Sport Club Gaúcho. Pelas suas mãos passaram jogadores promissores, alguns seguiram a carreira profissional e o maior exemplo foi Marquinhos Dall'Oglio, volante que jogou como titular no Internacional e hoje é médico, em São Paulo e outros com muito talento deixaram o futebol para trás. A Memória Esportiva publica alguns esquadrões dos juniores do 14 de Julho, treinados por Beto França e o time profissional do 14 de Julho, na segunda divisão, em 1983, vendo-se Bebeto no comando do ataque e Ivanir Rodighero, como treinador.



Juniores 1978

Empé: Antonio Canhoto, Jair, Jairo, Paulinho, Ricardo Ghelen, Batatinha, Micheleto, Azevedo, Beto França e Zico Frediane
Agachados: Carioca, Amarante, Dindinho, Leca, Neno, Gildásio e Fábio

FOTO ARQUIVO DM



Juniores 1982

Em pé: Renato, Bombardelli, Tito Verardi, Jairo, Adão, André Verardi e Beto França
Agachados: Paulinho, Anão, Toto, Marquinhos e Fio

FOTO ARQUIVO DM



Juniores 1985

Empé: Ricardo, Jean, Carvalho, Neco, Fischer, Hortêncio, Antonio, André, Renato, Marcelo, Laerte e Beto França
Agachados: Claunir, Dudu, Max, Marcelinho, Beto Campos, Ferraz, Marquinhos e André Serpa

FOTO ARQUIVO DM



Juniores 1984

Em pé: Tuca, André, Hortêncio, André Verardi, Dagostini, Jean e Beto França
Agachados: Fio, Ricardinho, Dudu, Pablito e Vedana

FOTO ARQUIVO DM



14 de Julho 1983

Em pé: Rodighero, Julião, Orso, Livio, Joubert, Marquinhos, Xavier e Beto França
Agachados: Wilson, Nenê, Deco, Bebeto, Pisca e Ivan

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Seleção

Desconte-se a ingenuidade da Venezuela, que até tomar o terceiro gol, jogava com os zagueiros em linha e depois da porta arrombada, colocaram um líbero. Desconte-se a ansiedade dos jogadores brasileiros que erraram muitos passes e conclusões. Desconte-se o erro do árbitro no primeiro gol, marcado de forma irregular. Desconte-se isto e chegue-se a conclusão que o Brasil jogou sua melhor partida sob o comando de Felipão. Na minha ótica, três avanços táticos foram claros. A valorização do ataque, com um jogador da posição de centro-avante, no caso foi Luizão, mas poderia ser Romário. A velocidade do meio de campo na armação das jogadas, especialmente através de Juninho e Edílson. E, finalmente a saída para o jogo de um dos três zagueiros, no caso, Edmilson, como vínhamos apregoando neste espaço. Agora é esperar. Se Felipão for confirmado, terá tempo para montar um time de acordo com suas convicções. A favor do técnico o fato de ser um especialista em vencer competições curtas e torneios, como é a Copa do Mundo.

Internacional

Embora não tenha feito uma partida primorosa, a clássica vitória por 3 x 0, sobre um adversário direto, lhe permite, ao contrário do havíamos comentado há alguns dias atrás, sonhos mais altos. É muito bom o time embarcar na fase decisiva e a fixação de garotos no time deu novo ânimo. Louve-se a fase esplêndida do jogador Carlinhos. Ele realmente está fazendo a diferença no meio de campo e contagiando seus companheiros pela força e dedicação demonstrada.

Grêmio

O time gremista está cansado e com muitos jogadores fora de forma e ritmo de jogo. É bom abrir o olho e se reciclar, pois a fase quente está chegando e apenas um jogo decide quem será o semifinalista.

Caubi

Após uma longa e dolorosa enfermidade, faleceu no sábado passado o amigo e vizinho Caubi Lunardi. Era um ardoroso torcedor do Gaúcho e seu dirigente por muitos anos. Caubi era daqueles que não perdia jogo do alviverde. No Estádio Wolmar Salton assistia aos jogos em pé, no alambrado, rodeado de amigos. Foi uma perda lamentável. A sua esposa, familiares e ao seu filho Biso, um abraço e nossas condolências.

Dúvidas? Informações?



Coleurb responde

0800 510 4699

coleurb@bol.com.br

Horário de Atendimento: de segunda a Sábado das 7h às 19h.

COLEURB

Ligação gratuita!

A sua linha direta com a Coleurb!



Memória Esportiva

Branco, o craque de um só clube

FOTO: ARQUIVO DM

No futebol, profissionalismo e amor à camiseta parecem ser palavras antagônicas. Especialmente na atualidade, aquela dedicação a mais do atleta desapareceu e fala-se apenas "a carreira é curta e eu preciso pensar em mim e na minha família". Meninos apenas em fase inicial de adaptação ao esporte já possuem empresários, para cuidarem do suposto dinheiro que irão ganhar no futuro. Não se pronuncia mais algumas palavras de amor e dedicação ao clube. Dar um sacrifício a mais então é um sacrilégio. Amor à camiseta que veste deveria estar interligado ao profissionalismo.

A exceção Passar toda a carreira defendendo apenas um clube? Hoje nem pensar. Há alguns anos era mais comum isso ocorrer, especialmente na era do amadorismo. No Rio Grande do Sul, Carlitos e Claudio Duarte, no Internacional, Milton Kuelle, no Grêmio e mais alguns pelo interior são as exceções. Em



Gaúcho de 1958

Em pé: Armando Mendes da Costa, Olinto, Itamar, Chiquita, Nicanor, Rebequinho e Vete. Agachados: Peres, Gilberto, Armando, Branco, Alberi e Aderbal



Gaúcho de 1961

Em pé: Bem-Hur, Caneco, Jacy, Branco, Padilha, Cavalheiro e Espalha (Massagista). Agachados: Gonzales, Décio, Sariba, Tuta e Claudio



Gaúcho de 1963

Em pé: Vadecão, Branco, Amancio, Lara, Chicão e Maneca. Agachados: Meca, Moreninho, Sariba, Mondezzana e Bernardi

Passo Fundo, excetuando-se os tempos primitivos do amadorismo, apenas um craque permaneceu toda a carreira defendendo uma só camiseta. Branco Ughini, do Sport Club Gaúcho. Quando chegou ao clube, ainda menino, pôr volta de 1954, o Gaúcho já havia aderido ao regime do futebol profissional. Na verdade, profissional somente no nome, pois a estrutura era de extremo amadorismo. Foram anos difíceis, sem estádio, sem dinheiro, montando times de estudantes, militares e trabalhadores da cidade, que antes atuavam na várzea. Anos de derrotas, pela qualidade dos adversários, principalmente o rival 14 de Julho, o Atlântico, de Erechim e o Glória, de Carazinho, os papões da época. Apesar disso, o futebol clássico, vistoso, fino e elegante do centro-médio Branco aparecia. Também apareciam propostas para mudar de ares e até para ganhar dinheiro, o que não acontecia no Gaúcho. Sim, Branco nada ganhava para jogar. O futebol era seu prazer. E por isso, e por amar o Gaúcho, ele permanecia, embora sofrendo com as consecutivas vitórias quatorzeanas nos clássicos, que davam títulos citadinos aos rubros.

As vitórias

No começo dos anos 60 as coisas melhoraram. O Gaúcho passou a contratar jogadores de outros clubes, com maior qualificação técnica, e as vitórias surgiram. Dos tempos bicudos, só restou Branco e, em 1961, depois de seis anos de jejum, o time conquistou o campeonato da cidade, o que já era muito e motivo de intensas comemorações. Seu time base tinha: Cavalheiro, Chita, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Branco e Sariba; Moreninho, Tuta, Montezana e Banana. Em 1963, repetiu-se a façanha, e aí Branco era quarto-zagueiro, na formação tática mais moderna.

No final de 1964, o craque deixou os gramados. Branco ainda era jovem e largou as chuteiras para ajudar seu pai nos negócios da família. Deixou imensa saudade nos torcedores alvi-verdes. Saiu de cena a imensa categoria no trato com a bola, a quem a tratava intimamente. Saiu de cena o jogador leal, que jamais foi expulso de campo. E, principalmente, saiu de cena o jogador do Gaúcho, única e exclusivamente do Gaúcho. Um craque que não se sentiria a vontade vestindo outra camiseta.

Visão de Jogo

Marco Antônio Damian

Vermelhão da Serra

Alguns dias atrás passei pelo Vermelhão da Serra e seu melancólico abandono futebolístico me entristeceu. Não o estado de abandono, pois o estádio está lindo e bem cuidado, além do muro lateral ter se transformado em uma belíssima galeria de arte. Também sei que começou uma excelente competição de juniores. Mas não é mesma coisa.

Volta-me o pensamento de que, em 2001, ano do início do terceiro milênio, foi realizado o pior campeonato estadual da primeira divisão de todos os tempos. Competição que durou apenas 45 dias, para alguns clubes, como o Passo Fundo. É doloroso. Um clube e seu imenso estádio permanecerem mais de 10 meses do ano completamente paralisados é u a burrice estratosférica. Culpa de quem? Dirigentes do clubes, Federação, empresas que patrocinam o campeonato? Tudo tem que ser repensado para o próximo ano. E que, em pelo menos em seis meses do ano, o Vermelhão da Serra tenha vida.

Sugestão - Talvez minha sugestão seja um pouco extemporânea, mas é algo para se pensar. O campeonato brasileiro está em fase embrionária de elaboração e são tantos os problemas para acomodar clubes que a tarefa da CBF e do Clube do Treze, agora desfalcado de Vasco e talvez Botafogo, será árdua. Mas porque não pensar em trazer, pelo menos dois jogos do brasileirão, um do Internacional e outro do Grêmio, para Passo Fundo?

As despesas ficariam por conta da cota fixa para o mandante do jogo. Por outro lado, bilheteria, placas de publicidade (todos os jogos serão mostrados ao vivo pela televisão, mesmo que no sistema par-pey-wiev) e alguma promoção de sorteios, poderiam dar lucro para os promotores dos jogos e torcedores da região seriam beneficiados com belos espetáculos. A idéia, que certamente não é exclusiva, surgiu quando passava pelo Vermelhão. Esporte Clube Passo Fundo e empresários da região, está aí uma sugestão.

Esclarecimento - Um pequeno esclarecimento aos (poucos) leitores. A coluna, que inicialmente chamava-se morte súbita, atendendo a pedidos, especialmente do amigo Paulo Rigon, que repudiou-a energicamente, achando o nome por demais escatológico, mudou para Visão de Jogo. Um grande abraço ao Paulo Rigon e obrigado pelo incentivo.

Memória Esportiva

Campeonato Citadino

Na romântica era do futebol amador o campeonato da cidade era a grande competição que envolvia o torcedor e movimentava a comunidade, especialmente em torno da rivalidade existente. O campeonato gaúcho começava pelo citadino e seu campeão seguia na competição, defrontando-se em partidas eliminatórias contra o campeão de outra cidade, até chegarem ao quadrangular final entre os vencedores das zonais Serra, Sul, Fronteira e Metropolitano, jogado normalmente em Porto Alegre.

Em Passo Fundo, o campeonato citadino oficialmente começou em 1922, com Gaúcho e 14 de Julho. A partir de 1925 agregou-se o Riograndense, em 35 jogavam apenas o "Ferrinho"

e o Cruzeiro da Brigada Militar e em 1952 o Independente. No final de 1949 surgiu o Atlético, nascido entre os alunos do IE, que teve vida fugaz, mas deixou seu nome na história. Em 1952 o 14 de Julho aderiu ao profissionalismo, com o Gaúcho fazendo o mesmo no final do ano seguinte. Daí, a partir de 1954, a cidade passou a ter dois campeonatos, o profissional e o amador, este até 1961, quando o Riograndense também se profissionalizou. O citadino durou até 1967 oficialmente. Com 14 e Gaúcho na divisão especial e o Riograndense extinto, não houve mais interesse na sua continuidade. Esporadicamente ao clássico Guaqua, válido pelo Gaúcho, dava-se uma conotação de campeonato da cidade, porém de caráter oficioso.

CAMPEÕES DE PASSO FUNDO

22 - 14 de Julho	44 - Riograndense
23 - Não houve, em razão da Revolução Libertadora	45 - 14 de Julho
24 e 25 - 14 de Julho	46 - Independente
26, 27 e 28 - Gaúcho	47 - 14 de Julho
29 e 30 - 14 de Julho	48, 49 e 50 - Gaúcho
31 a 34 - Não houve disputa pela inatividade dos clubes	51 - Atlético
35 - Riograndense	52 - Independente
36 e 37 - Cruzeiro	53 - Independente (sem a presença do 14 de Julho)
38 - Riograndense, que foi declarado campeão para representar a cidade no estadual	54 - Gaúcho (era profissional)
39 - Gaúcho	61 - Gaúcho
40, 41 e 42 - Riograndense	62 - 14 de Julho
43 - 14 de Julho	63 a 67 - Gaúcho



ARQUIVO DM

Riograndense de 1942
Lângaro, Vamegão, Come-Bola, Isabelino, Sabino, Quero-Quero, Custódio, Cécio, Nativo, Banha, Marcondes, Orestes e Brazilino Costa.



ARQUIVO DM

Independente de 1953
Em pé (da esq. pra direita): Bruno Palma, Antoninho, Hugo, Hermes, Hiran Verardi, Scortegagna;
Agachados: Clóvis, Pepino, Plínio, Heitor Verardi e Juarez.



ARQUIVO DM

Gaúcho de 1954
Em pé (esq. pra direita): Leo, Omir, Petica, Ben-Hur, Gentil e Magalhães;
Agachados: Paulistinha, Hermes, Joir, Caico e Djalma.



ARQUIVO DM

14 de Julho em 1962
Em pé (esq. pra direita): Piranha, Lara, Níveo, Verardi, Sabonete e Juca.
Agachados: Délío, Jairo, Leitão, Caico e Biguá.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Seleção

Segunda-feira todos estarão atentos na divulgação da lista oficial dos jogadores que irão a Copa do Mundo, pelo técnico Felipão. Salvo evidentemente alguma lesão, até o início dos jogos, onde poderá haver alguma mudança. Pelo que o treinador vem falando, não haverá surpresa. Gostaria de ver Zé Roberto no lugar de Junior e Kaká substituindo Juninho Paulista. A atenção estará nos atacantes, pois teoricamente Felipão estará levando três jogadores com problemas, Rivaldo, lesionado, Ronaldinho Nazário, ainda uma incógnita para os 90 minutos e Luizão, fora de forma e ritmo de jogo. E serão apenas dois amistosos e menos de 20 dias de treinamentos para entrosar o time. Haja coração.

Futsal

Extraordinária a performance do jovem time da UPF/Semeato/Clube Juvenil. As duas últimas vitórias contra Marau, fora de casa e Internacional, deu um moral enorme ao time. Javali, que não precisa mostrar mais nada para ninguém, deu um banho tático em Baio e Morruga e ainda, a motivação que dá aos seus comandados é digna de elogios. O trio Amarildo, Dornelles e Abílio, sabem como trabalhar no futsal e fizeram a montagem do time dentro da realidade financeira que possuíam. Pois está aí, um time relativamente barato, tecnicamente bom e muito amor à camiseta. Ainda é muito cedo, mas a equipe já empolga.

Clássico

A matéria da Memória Esportiva nos remete a pensar, o porque que não se joga o clássico entre Gaúcho x Passo Fundo. Se não me falha a memória, apenas em 1987, foram realizados dois clássicos, com um empate e uma vitória alviverde, em razão da longa inatividade do Gaúcho. Mas agora seria possível reviver essa grande emoção. O médico Cláudio Scussel, quatorzeano roxo, tem uma tese sobre a não realização do clássico: "Não é possível jogarem, pois o Gaúcho jogará contra metade de si mesmo, pois o verde da camisa do Passo Fundo é do próprio Gaúcho".

Resposta

Resposta à pergunta da semana passada. O primeiro jogador gaúcho a disputar uma Copa do Mundo, foi Moderato Wisintainer, em 1930. Natural de Alegrete, ponteiro-esquerdo, que começou jogando no 14 de Julho do Ginásio, de Santa Maria, passando depois pelo Cruzeiro de Porto Alegre e finalmente Flamengo, em 1927. Ao encerrar a carreira voltou para sua cidade natal. A pergunta desta semana: "Qual jogador, que jogando por um clube gaúcho, foi convocado para a Copa do Mundo e marcou um gol?"

Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

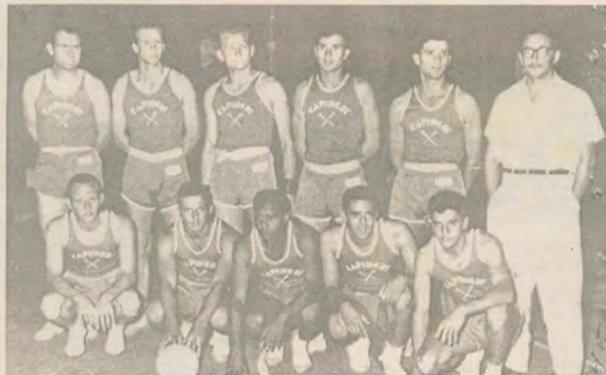
RESERVAS e
INFORMAÇÕES

311.1226



MEMÓRIA ESPORTIVA

Capingüi, 52 anos no esporte



Equipe de futsal do Capingüi em 1965 - Em pé: Abílio Fuão, Bode, Jaques, Pedrinho, Pirata, Aroldo Freire. Agachados: Daltro Pinto, Odir, Sorela, Cotinha, Job e Zabu



Equipe feminina do Capingüi em uma excursão para Carazinho, em 1953. Empé: Eneida, Edith Busato e Nilva Zambonin. Agachadas: Helena, Emelina e Teresinha



Equipe de futsal do Capingüi em 1961 - Em pé: Pisca, Espanhol, Lelé e Vieira. Agachados: Cezar, Norton e Cinderela.

Como o próprio nome explicita, o Clube Náutico Capingüi nasceu para a prática dos esportes aquáticos, especialmente remo e natação. Foi no distante 13 de outubro de 1950 que, as margens da Barragem do Rio Capingüi, um grupo de freqüentadores do local resolveu criar um clube organizado para o esporte e lazer.

Pouco tempo depois, o Capingüi ingressou nos esportes terrestres. O clube foi praticamente o precursor do voleibol em Passo Fundo, graças ao fascínio que o dirigente Eduardo Martinelli tinha por este esporte. Logo se agregaram outros esportes, como o tênis, basquete, atletismo, esqui aquático, handebol, ciclismo, judô, tênis de mesa e futebol (categoria dente de leite).

O futebol de salão foi o outro esporte que, além do vôlei, mais deu títulos ao Capingüi e os mais importantes deles foram as conquistas dos campeonatos estaduais juvenil, em 1960 e adulto, em 1964, o único da história deste esporte para Passo Fundo. Seu maior incentivador foi o dirigente Aroldo Madureira Freire.

O Clube Náutico Capingüi completa 52 anos neste domingo. Possui uma rica história de conquistas e revelação de atletas de alto nível. O maior clube do esporte amador de Passo Fundo é dono de um grande patrimônio, que inclui o Ginásio de Esportes no centro da cidade e a imponente Sede Náutica, além de seu seleto quadro social.



Equipe de vôlei do Capingüi em 1958 - Em pé: Schiling, Leyser, Baio, Pelincha e Lucio Martinelli. Agachados: Reschi, Papagaio, Douglas, Tufi e Paulo Santos

Ao longo de sua história o clube foi presidido pelos seguintes dirigentes: Vitor Drugg, Pedro Soares Pinto, Eduardo Martinelli, Aroldo Madureira Freire, Walter Knack, Nelson Ayres Peruffo, Waldir Luiz Gunther, Germano Spode, Rui Renato Froder, Antonio Ernani Bortolon, José Orestes Sturm, Djalma Woitchunas, Telmo Cansian, José Carlos Maritan (Dudi) e Dércio Cansian.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Paraíso no bosque

Convidado pelo amigo Mário Daniel, estive visitando a Academia Daniel Tênis Center, cujo proprietário é seu filho Márcio Daniel, instrutor de tênis. Confesso que fiquei encantado com as belezas naturais do local e impressionado com a estrutura da academia. São seis quadras de tênis, com piso de saibro, sendo duas cobertas e todas muito bem iluminadas. Os usuários podem alugar as quadras por hora ou mensal, para praticarem o nobre esporte. Para quem sonha em ser um novo Guga, os instrutores ensinam todos os fundamentos do tênis. Junto funciona a Academia Energia Vital, de propriedade da Professora e Personal Training Cristina Vieira Bonotto da Cunha. A superequipada academia de ginástica e musculação, oferece aos cultuadores do corpo as melhores condições para a prática deste esporte. Outra inovação da academia é a trilha para caminhadas, com seu percurso sinalizado, em meio à mata nativa. Um verdadeiro espetáculo natural. A academia conta também com sauna e um agradável barzinho para o happy hour, após os exercícios físicos. Esse paraíso, caros leitores, fica incrustado no Bosque Lucas Araújo, na rua João Biazus e está à disposição dos passo-fundenses, que precisam conhecê-lo. Lá se respira saúde e vida.

Exemplo

14 de Julho e Grêmio de Livramento, Uruguiana, Ferro Carril e Sá Viana, mais Universal e Brasil de Quarai, ressurgiram das cinzas e revivendo velhas rivalidades instituíram a Copa Fronteira. O campeonato tem turno e retorno, com pontos corridos. A média de público ultrapassa mil torcedores por jogo. Os times são baratos, compostos por jovens pratas da casa e algumas atrações como os veteraníssimos Ruben Paz, que joga no Sá Viana e Dinho, contratado pelo Uruguiana. Esta iniciativa é capaz de salvar o interesse pelo futebol do interior gaúcho e este exemplo deveria ser tentado em outras regiões.

Futsal

Dura a vida da UPF/Semeato/Clube Juvenil. A tabela da competição não nos favoreceu nem um pouco. Aquela história de não escolher adversário não é bem assim. Jogar com todos os times que disputaram a Liga Nacional em casa e os outros do mesmo nível fora é um pepino. O fator local é preponderante e as dificuldades contra o Ypiranga e o Delta/Marau eram previsíveis. Só que as dificuldades contra Atlântico, ACBF e Ulbra, mesmo em Passo Fundo também eram. E não adianta argumentar. O time que embala no começo da competição, somando pontos tem vantagens pelo fator moral, de empolgação e de trazer mais torcedores ao ginásio. Certamente que jogando contra Ypiranga ou Marau, dentro de casa no início do campeonato, seriam vitórias quase certas. Bem não adianta chorar. Agora é vencer a Ulbra e continuar brigando.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Paulo Hickmann

Posso mencionar dezenas de jogos inesquecíveis e um deles foi Gaúcho x Uruguiana, a final da segunda divisão, em 1966. Fomos para o Estádio Wolmar Salton, eu, Abílio Fuão, Daltro Pinto, Celso Marini, Telmo Marini, Cotinha e seu cunhado Jaques. O pavilhão estava lotado e então improvisamos junto ao alambrado um banco com uma tábua e tijolos. O tempo prenunciava chuva, o que ocorreu depois do intervalo para o segundo tempo.

"...fui o primeiro a invadir o campo, dando o sinal verde para o resto da torcida que fez o mesmo..."

Caiu um aguaceiro sem igual. Volta e meia um de nós ia buscar um copo de conhaque na copa. Nos noventa minutos o Gaúcho foi empilhando gols e fez 5 x 0. Existia um misto de euforia e preocupação. Nós comentávamos: "Será que esgotou os gols e faltará na prorrogação?" Estávamos escaldados, pois no ano anterior havíamos perdido a decisão estadual, num jogo roubado, em Rio Grande.

Começou a prorrogação e o Gaúcho pressionou o tempo todo. Arthur que foi o melhor do time deu um drible "lambreta" num zagueiro do Uruguiana e passou para Antoninho marcar o gol do título. No final do jogo, sob efeito do "balde" de conhaque que havíamos ingerido, subi no alambrado e o Abílio me empurrou para dentro do campo. Cai a beira do gramado e ao me levantar, todo embarrado, vi o Raul Matté correndo de braços abertos em minha direção. Fui o primeiro a invadir o campo, dando o sinal verde para o resto da torcida que fez o mesmo. Foi uma festa inesquecível.



Agora a Unesul leva você mais longe.



Unesul

Nosso destino é a sua satisfação.
sac@unesul.com.br • (51) 3375.9000

parla

Memória Esportiva

Causos da bola

As estórias do futebol de Passo Fundo, algumas trágicas, muitas hilárias, formam parte de sua história. Várias delas viraram lendas com o passar do tempo, outras permanecem no mais absoluto sigilo. Umas são publicáveis, outras não e quase todas são curiosas. Nesta edição publicaremos algumas delas.

Bicho

O Independente tinha um grande time no início da década de 50. Nele jogavam Verardi, Plínio, Juarez, Bruno Palma e outros. Em 1953, conquistaram o bi-campeonato da cidade, em cima do Riograndense, no estádio da Tingaúna. Na época, o calçamento da Avenida Brasil, em direção ao Boqueirão, ia somente até o IE e a partida tinha sido realizada abaixo de chuva. Os jogadores festejavam o título, quando os dirigentes eufóricos, os reuniram e anunciaram uma premiação pela conquista, o famoso bicho. Na verdade eram duas opções. Irem para o centro em carros de aluguel (antiga denominação dos táxis) ou ganhar em um jantar no Restaurante Maracanã. Contentes, os jogadores preferiram o jantar, e voltaram amassando barro pela avenida afora até suas casas para tomarem banho e depois confraternizarem. Velhos tempos.

Chapadão

O Internacional de Porto Alegre iria pela primeira vez disputar o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (equivalente ao campeonato brasileiro), em 1967. No começo do ano veio realizar uma partida amistosa contra o 14 de Julho. Na semana da partida, os jogadores se reuniram no Bar Imprensa, de propriedade do presidente do clube, Pedro Grunewaldt, o Alemãozinho, quando Ruyter Carraro, torcedor fanático do Gaúcho, apostou com Santarém, jogador do 14, que lhe daria meia dúzia de garrafas do vinho chamado Chapadão, existente na época (ima-



Independente - bicampeão em 53

Em pé: Bruno Palma, Antoninho, Hugo Loss, Hermes, Hiran Verardi, Alberto Scortegagna. Agachados: Clóvis, Pepino Silva, Plínio, Heitor Verardi e Juarez

ginem se existisse hoje), se Santarém desse uma janelinha no famoso centro-médio Elton, do Inter. O Estádio da Baixada estava lotadíssimo no dia do jogo, Santarém, com toda a sua habilidade, tentando fazer a jogada em cima de Elton e o Inter acumulando gols. A partida estava 3 x 0 e a goleada não era maior, porque o goleiro Cavalheiro estava pegando tudo, quando Santarém recebeu a bola no meio e ao virar-se para o campo adversário, encontrou Elton em sua frente. Quando o jogador do Inter tentou desarmá-lo, a bola já estava passando entre suas pernas, e Santarém exultante e já sentido o gosto do vinho, com ela nos pés. A torcida delirou e o craque quatorzeano passou toda a semana tomando Chapadão.

A vingança

Ivo Aguiar foi um dos maio-



Atlântico de 1942

Em pé: Whitté, Carioca, Bósio, Gerônimo Oliveira, Felipe, Gorila e Pimenta. Agachados: Waldemar Pantera, Eolo Arioli, Ilmo, Borges, Magri e Massignan

res jogadores revelados na cidade de Cruz Alta. Em 1940, jogou no Gaúcho e em 1941, foi para o Grêmio, juntamente com o ponteiro Sório, do Riograndense de Cruz Alta, para testes. Ao chegar no campo da Baixada, recebeu um par de chuteiras com numeração maior que as suas e sentou no banco de reservas, vendo o treino passar. Faltando pouco mais de 15 minutos, o chamaram e o colocaram no time reserva.

Ivo Aguiar marcou quatro gols e antes mesmo do término do treinamento, saiu do campo, descalçou as chuteiras e deixou o estádio sem dar a menor satisfação à ninguém. Toda a direção do Grêmio saiu procura-lo em Porto Alegre, até o encontrar na Estação Rodoviária. O convenceram a voltar e lhe apresentaram um polpudo contrato. Ivo ficou no Grêmio até 1944, passando depois para o Internaci-

onal, onde foi campeão gaúcho.

Pantera

Jogavam Riograndense de Passo Fundo e Atlântico de Erechim, pelo estadual de 1942. Partida equilibrada, com o 0 x 0 teimando em não sair do placar. No fim da partida, o Riograndense tem um escanteio a favor.

A bola viaja para a entrada da pequena área, e ali está Quero-Quero, que salta mais alto que todos e cabeceia com força em direção ao canto esquerdo. Como um verdadeiro felino, salta o goleiro Waldemar Pantera, um negro alto e ágil e agarra a bola, sem dar rebote. Um verdadeiro milagre. Ao levantar-se, Pantera olha nos olhos de Quero-Quero e exclama: "Está para nascer um center-half (o volante da época) que faça gol em mim". Na verdade Waldemar Pantera foi o melhor goleiro da região, em toda a sua história. Numa época em que o futebol uruguaio era forte e totalmente profissional, ao contrário dos gaúchos, por exemplo, Pantera, foi goleiro titular do Penharol.

Medo

Gaúcho e Riograndense jogavam pelo Torneio Infância, em 1940. Chovia e o campo da Vila Vergueiro estava em péssimo estado, cheio de poças d'água. Num contra-ataque a bola sobrou na pequena área para o atacante Krueel (Dr. Antonio Loureiro Krueel, recentemente falecido) que só teria o trabalho de empurrá-la para dentro do gol. Foi quando alguém gritou: "Cuidado o Rasga-Diabo".

O zagueiro do Riograndense, era de uma violência suicida e cometia atrocidades em campo. Realmente sentindo o bafo na nuca e com medo de ser quebrado Krueel ao invés de chutar, pisou na bola que permaneceu no mesmo lugar, e o atacante deslizou sozinho para dentro do gol. Levou uma vaia estrondosa. Depois deste lance, Krueel foi estudar até formar-se médico, pois percebeu que a bola era sua inimiga.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Ao pé da letra

Após a conquista da Copa do Brasil, dirigentes gremistas anunciaram aos quatro ventos que a prioridade seria a Copa Mercosul, em detrimento ao Brasileirão. Até agora, pelo menos, a obediência dos jogadores tem sido canina.

Bobagens

Alguns apresentadores e repórteres de programas esportivos da televisão saem com cada bobagem, que chega a doer os ouvidos dos telespectadores. Uma delas é infernal. Ao término da segunda rodada do Brasileirão, já saía a pérola: "Se o campeonato terminasse hoje, o Inter estaria rebaixado". Ora faltavam ainda "somente" 25 rodadas. E o pior é que continuam com a mesma ladainha. A atual vítima do rebaixamento precoce é o Cruzeiro.

Inter

Há alguns dias comentávamos aqui na redação que o meio de campo ideal para o time seria Wiliam (centralizado), Jackson (direita), Martinez (esquerda) e Silvinho (ligação). Quando Martinez voltar de lesão, só faltará Wiliam. Parreira, Wiliam no lugar do Leandro Guerreiro.

Ifaa

Conheço o Amarildo Loss, o Javali e especialmente meu amigo de infância, Carlos Dornelles. Todos competentes no esporte, sérios e responsáveis, gente do ramo. Com o manancial de jogadores que a região sempre possuiu, agora os futuros craques terão todo o respaldo, assistência e acompanhamento que necessitam para ingressarem no competitivo mundo da bola. Passo Fundo está orgulhosa por entrar definitivamente na modernidade do futebol.

Amigos

Amigo Luiz Carlos Carvalho, tua competência o levará ao mundo, tu mereces. Ao jornalista Walfridio Fonseca, fã incondicional da Memória Esportiva, um abraço.

Só falta você.
Viaje Unesul.

unesulpf@terra.com.br - Fone: (0xx54) 311-3099

Memória Esportiva

Centro Avantes PARTE II

FOTO: ARQUIVO DM



Ilo

Poucos centroavantes foram tão bons cabeceadores no futebol brasileiro como Ilo. Ele era uma fera. Alto, boa impulsão, impetuoso e destemido, sua técnica para o cabeceio era fora do comum. Conseguia impulsionar a cabeça contra a bola de tal forma que mais parecia um chute.

Começou no juvenil do Gaúcho e se profissionalizou no 14 de Julho. Em 1980, defendeu o São Borja, que realizou a melhor campanha de sua história. Foi campeão do interior e disputou a Taça de Bronze (terceira divisão do Brasileirão). Em 82, estava no Juventus, de São Paulo, e foi campeão da Taça de Prata. Depois começou a peripetuação. CRB (campeão alagoano e goleador da competição, com 10 gols, sendo oito de cabeça), Atlético Goianense, Colorado, do Paraná, Figueirense, Ferroviário, do Ceará, Brasil, de Pelotas (treinado por Felipão), Botafogo, de Ribeirão Preto, Taubaté, volta ao Gaúcho e muitos outros.

Ilo foi campeão da segunda divisão de Portugal, defendendo o Estrela Amadora, sendo goleador do campeonato. Deixou os gramados com 31 anos e hoje é funcionário da Prefeitura Municipal.

Kita

Teve a maior trajetória entre todos os futebolistas de Passo Fundo. Começou a carreira no juvenil do Gaúcho, em 76. No mesmo ano, jogou algumas partidas nos profissionais e, em sua estréia, contra o Guarany, de Espumoso, marcou dois gols. Inexplicavelmente o Gaúcho o perdeu para o 14 de Julho. Começava então uma brilhante carreira de goleador. Alto, forte, boa técnica, excelente no jogo aéreo, Kita tinha, principalmente, um notável senso de oportunismo. A bola sobrava na área, ele metia para o fundo das redes.

Jogou também no Brasil, de Pelotas, Criciúma, Juventude (quando foi artilheiro do Gauchão), Internacional (campeão estadual de 84), Inter, de Limeira (campeão paulista e goleador do campeonato), Flamengo (marcou dois gols em sua estréia contra o Corinthians), Grêmio (campeão gaúcho e da Copa do Brasil), Portuguesa, Atlético Paranaense, entre outros, pendurando as chuteiras, defendendo o Passo Fundo. esteve com o Brasil, nas Olimpíadas de Los Angeles, em 84, quando marcou dois gols, um contra Marrocos e outro contra o Canadá, ganhando a medalha de prata.

Kita é empresário e funcionário público municipal em Passo Fundo.



FOTO: ARQUIVO DM

Pedrada

Como tinha um bom trânsito nos clubes de Porto Alegre, o diretor de futebol do 14 de Julho, Nery Simão, assistia a um treino do Grêmio, a procura de jogadores. Com pouco mais de 10 minutos de treino, Nery viu Pedrada, então jogador dos juvenis, arrasar a defesa titular. O dirigente não titubeou e trouxe por empréstimo. Pedrada era veloz, batia bem de direita, tinha boa movimentação e presença na área.

Ficou pouco tempo no 14, voltando para o Grêmio e daí para o Brasil a fora. Sua maior projeção no futebol ocorreu no Nordeste, quando defendeu por muitos anos o América, de Natal, e o Náutico, entre muitos outros. Em Passo Fundo, ficou na história ao marcar, aos 12 minutos do segundo tempo, o gol da vitória do 14 de Julho sobre o Internacional, que tinha Valdomiro, Bráulio, Carpegiani, Dorinho, Claudio e outros craques. Foi a primeira e única vitória de um time de Passo Fundo sobre a dupla Grenal, em jogos oficiais. Em 88, o Passo Fundo venceu o Grêmio, pelo Gauchão, mas nas disputas de pênaltis.



FOTO: ARQUIVO DM

Célio Barbosa

Antes da era Bebeto, foi o maior goleador do nosso futebol. Tinha o apelido de "pescador", pois estava sempre desmarcado, esperando a bola para colocá-la nas redes. Jogou no Cruzeiro, da Brigada Militar, time que foi bicampeão da cidade e região, em 36 e 37. Depois foi para o Riograndense, para ser mais quatro vezes campeão citadino e tri-campeão serrano. Em 1941, chegou a semifinal do estadual, sendo derrotado pelo Internacional, em partida única, jogada em Porto Alegre. Defendeu também o Gaúcho, o 14 de Julho e, em breve passagem, o Independente.

Ao encerrar a carreira, foi árbitro e treinador. Célio Barbosa era músico e maestro da Orquestra Jazz Típica Tangará, que abrilhantava bailes da alta sociedade de Passo Fundo e região, bem como nos cassinos e cabarés da famosa rua XV. Sua orquestra acompanhou artistas famosos da música brasileira, como Francisco Alves, Orlando Silva, Ângela Maria, Emilinha Borba e muitos outros. O misto craque e músico faleceu em 1976, vítima de atropelamento, em Passo Fundo.



FOTO: ARQUIVO DM

Armando Rebecchi

Era um discreto lateral esquerdo do Gaúcho, quando o treinador, Capitão Bijuca, na véspera de um amistoso contra o Grêmio, o lançou como centroavante. Sem nunca ter atuado na posição, fez o primeiro gol da partida, em cima dos zagueiros Airton Pavilhão e Enio Rodrigues. Transformou-se então num dos maiores artilheiros do futebol de Passo Fundo.

Foi no 14 de Julho o auge de sua carreira. Tinha forte presença na área, estilo trombador, mas com boa técnica, um chute fortíssimo, especialmente com o pé esquerdo, e bom cabeceio. Entre 1963 e 1967, comandou o ataque rubro. Foi campeão regional em 1963, perdendo no tapetão para o Ypiranga. Ratificou o título no ano seguinte, sendo ainda artilheiro da competição. Em 1965, perdeu a super-decisão para o Gaúcho. Antes, em 1961, teve uma passagem pelo Cruzeiro, de Porto Alegre. Ao encerrar a carreira, comandou o 14 de Julho, aí como treinador, ao título estadual da segunda divisão, em 1968.

Armando Rebecchi hoje é um próspero empresário da construção civil em Porto Alegre e Litoral Norte.



FOTO: ARQUIVO DM

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Gaúcho

O presidente Juracy, ao afirmar que não será candidato à reeleição, deixa à vontade os integrantes da chapa Renova Gaúcho, que deverão garantir ao grupo de atletas uma solução para os problemas financeiros por eles enfrentados, pois são eles, os atletas, os grandes prejudicados por esta crise.

Claudio Freitas

A final da Copa do Brasil entre Grêmio e Corinthians remete o pensamento à 94, quando ambos se enfrentaram pelas oitavas de final. Claudio Freitas, junto com Pingo, Jamir e Carlos Miguel, formavam o meio campo do time campeão. Se tivesse sido profissional, Claudio estaria jogando em qualquer grande clube, pois futebol sempre teve.

Grêmio x Corinthians

De um lado o Grêmio, marcador inclemente, aguerrido, de disciplina tática obstinada. De outro, o Corinthians, time leve, veloz, com jogadores de categoria indiscutível. Para vencer, o Grêmio não poderá dar o mínimo espaço, em nenhum momento da partida, pois a velocidade e a inteligência do contra-ataque corinthiano é mortal, e Tinga deverá grudar o tempo todo em Ricardinho, para anular a principal peça alimentadora do ataque. Será o testa mais duro para o time de Tite até agora.

Seleção

O mundo sabia do desfecho que teria a Seleção Brasileira neste torneio do Japão. Um time fraco, corre sérios e claros riscos de se dar mal. Evidentemente que muitas outras seleções aqui formadas fracassaram, e em razão disso muitas cabeças rolaram. A de Leão será a próxima? Vem aí Felipão, aguardem.

Planalto

Há muito gostaria de externar meus cumprimentos à equipe esportiva da Rádio Planalto. Sou fã de carteirinha do trio que transmite os jogos. Ben-Hur, um repórter inteligente. Ari Machado, conhece e explica o jogo. E Carvalho, um narrador que põe a emoção no ar. Estão no nível das melhores narrações do rádio do Rio Grande do Sul.

Memória Esportiva

Centroavante – profissão gol

Parte I

Ao entrar em campo, normalmente com a camisa número 9, o centroavante tem um único e exclusivo objetivo: fazer gols. É sua obsessão e obrigação. Não interessa se a bola vem pelo alto, numa bem feita tabelinha ou rifada, sua tarefa é colocá-la dentro do gol. Se cumpre bem sua função é disputado a peso de ouro por grandes clubes. Se, por outro lado, entrar num jejum de gols é visto com desconfiança e sua cotação no mercado futebolístico cai vertiginosamente. Sua imagem é a mais vista na televisão, tanto pelo gol que o consagra como pelo desprezo de perdê-lo. Assim é o centroavante, o jogador mais amado e odiado do futebol. Grandes centroavantes vestiram as camisas de nossos clubes, alguns glorificados, outros malditos. Esta série vai lembrar alguns deles.

Bebeto

O maior de todos. Um faro de gol impressionante e um míssil em cada pé. Batia na bola como ninguém. Marcou seguramente mais de 450 gols, 255 somente no Gaúcho. E olha que jogava apenas umas 40 partidas por ano. Foi goleador do Gaúcho em 73 e 75, jogando pelo alviverde. Foi artilheiro da Segundona, em 66, pelo 14 de Julho, com 19 gols. Foi o segundo maior artilheiro da história da SER Caxias, com 50 gols. Marcou gols também pelo Internacional, Grêmio, Bahia (onde foi campeão estadual, jogando ao lado do extraordinário atacante argentino Sanfelippo), América (carioca), Inter (Santa Maria), Juventus (São Paulo) e Toledo (Paraná). Não fez gols no Corinthians,



pois ficou pouco tempo. Entre tantos gols bonitos que marcou, dois mereceriam placas no "Wolmar Salton". Contra o Juventude, quando recebeu a bola na área, matou no peito, deu um "balãozinho" em Roberto Silva, outro em Roberto Fernandes e, quase na linha de fundo, pegou de primeira, mandando no ângulo de gigante, tudo sem deixar a bola cair. Outro foi contra o Grêmio, de Cejas, quando pegou de vôleio, de fora da área, quase furando a rede. Beбето é técnico de futebol e vive entre Passo Fundo e Porto Alegre.

Naninho

Este sabia tudo de bola. Centroavante de enormes recursos técnicos, habilidoso, bom posicionamento na área, oportunista, manhoso, malandro, tinha um chute forte e certeiro, além de bom cabeceio. Surgiu nos times de Cachoeira do Sul, sua terra natal. Andou pelo Cruzeiro, de Porto Alegre, Brasil, de Pelotas, Guarany, de Bagé e depois subiu. Jogou no Flamengo, do Rio de Janeiro, Bonsucesso, Santa Cruz e Sport Recife, seleção carioca e pernambucana. Veterano, foi contratado pelo 14 de Julho e apesar dos muitos gols e da exuberância de seu futebol, ficou marcado por um pênalti chutado para fora, no clássico Gá-Qua, decisão do certame regional de 65. Naninho ainda atuou pelo Glória, de Carazinho, antes de encerrar a carreira.

Alguns anos depois, trabalhando na construção civil, em Porto Alegre, caiu de um prédio em obras, vindo a falecer.



Marcos

Surgiu nos juvenis do Grêmio e depois foi para o Brasil, de Pelotas, onde se consagrou, numa equipe que tinha Otacílio, Edi, Vanderlei, Torino e outros craques. Marcos Jacaré foi um senhor jogador de futebol. Fazia o que queria com a bola. Originalmente era meia esquerda e nessa posição foi escolhido o melhor do Gaúcho de 68, indo parar na Seleção Gaúcha, a quente. Quando estava na Associação Caxias, o treinador Sérgio Moacir o colocou como centroavante e Marcos desandou a fazer gols.

Chegou em 76, já rodado, ao Gaúcho. Tinha passado, além da Associação Caxias, no Olaria (Rio de Janeiro), Nacional (Manaus) Chapecoense (Santa Catarina). Parou com o futebol no 14 de Julho. Em 1977, foi protagonista de um grande momento de emoção vivido pela torcida do Gaúcho. Nas quartas de final da Copa Governador do Estado, contra o Inter, de Santa Maria, Marcos marcou o gol da vitória por 2x1, no fim da partida, e mais um na prorrogação, que deu a classificação ao alviverde. Marcos reside em Passo Fundo, é treinador competente e atualizado, à espera de nova oportunidade para mostrar seu trabalho.



Gringo

Centroavante à moda antiga. Homem de área, de enfrentamento aos zagueiros truculentos e, embora de estatura pequena, tinha facilidade no cabeceio. Um goleador nato. Reinou no ataque do 14 de Julho na década de 50. O futebol na época era do amadorismo marrom, com chamavam, mas Gringo, por ser militar, tinha um excelente condicionamento físico. Gringo jogou num período em que o 14 de Julho mandava no futebol de Passo Fundo. Foi hexacampeão citadino, campeão regional, em 55, e campeão do centenário, em 57. Sua preferência era fazer gols no Gaúcho. Era difícil o clássico em que não marcava. Dois foram históricos. Em 1957, nas goleadas por 5x3, quando marcou três vezes, e noutra de 4x1, quando marcou mais dois gols. Gringo Juriatti reside em Passo Fundo e é oficial reformado da Brigada Militar.



VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Centroavantes

Nos últimos anos, o Grêmio esborrachou do estádio Olímpico quatro centroavantes que, no entender da diretoria ou do treinador e até mesmo da torcida, não tinham condições de vestir a camiseta do clube.

Vejam como se precipitam avaliações, se cometem erros e exageros. Adão, ex-Caxias, é o artilheiro do Joinville, prestes a ser tri-campeão estadual, com média de um gol por partida. Loco Abreu está jogando um bolão e fazendo gols pelo San Lorenzo, co-líder do Campeonato Argentino. Foi dele o gol que derrotou o Boca Juniors, no último domingo. Amato é artilheiro do Betis, que voltará à Primeira Divisão espanhola na próxima temporada e Washington, que sequer chegou a jogar no Grêmio, hoje é titular da Seleção Brasileira. E o Grêmio não tem nenhum centroavante com as características que os quatro possuem.

Ronaldinho

Tenho lido e ouvido nos últimos dias, uma idiotice monumental, de que o Grêmio é melhor sem Ronaldinho do que com Ronaldinho. Segundo os seguidores desta "tese", o esquema de jogo beneficiaria apenas Ronaldinho.

Dizer isso é uma incompreensão total do futebol. A grande diferença entre o Grêmio de Ronaldinho e o atual é o treinador. Hoje o time tem uma mecânica de jogo, com marcação forte, velocidade e bom posicionamento de seus jogadores. Hoje o Grêmio tem Tite e não Celso Roth.

Imaginem Ronaldinho jogar num time em que Eduardo Costa e Anderson Polga acertam os passes? Em que Marinho jogue com seriedade e se posicione dentro da área com um zagueiro? Imaginem então um ataque com Ronaldinho e Marcelinho? Bom, Marcelinho e Roth não tinha.

Dever de casa

Ao bom time do Gaúcho, basta fazer correta e rigorosamente o dever de casa e alcançar um pontinho fora que uma das vagas para a próxima fase será sua. Se fizer tempo bom, o "Wolmar Salton" receberá duas mil pessoas.

Rapidamente

Quem acha que o Grêmio perde para o Juventude, levante a mão.

Memória Esportiva

Craques de ontem

FOTOS ARQUIVO DM

O futebol de Passo Fundo remonta a década de 10, do século passado. Alguns clubes, antes mesmo do Gaúcho, fundado em 1918, foram formados, com jogadores tentando desvendar os mistérios da bola.

Paulatinamente o esporte foi se massificando e os craques começaram a surgir. Nossos clubes passaram a se organizar e disputar as competições oficiais. Na época do amadorismo, o Gaúcho, 14 de Julho, Riograndense, Cruzeiro e Independente. Mais tarde, aderindo ao regime do futebol profissional, o Gaúcho, 14 de Julho e finalmente o Esporte Clube Passo Fundo. Nesse ínterim, centenas de jogadores foram revelados nos próprios clubes, nos colégios e na várzea da cidade, enquanto tantos outros vieram de fora. Entre eles, alguns ruins de doer, outros, grandes jogadores que se tornaram ídolos consagrados e muitos que tiveram pouco tempo para mostrarem seu valor. Mesmo exibindo talento e conquistando títulos, foi em outros clubes que revelaram-se verdadeiros craques e obtiveram o reconhecimento de seu futebol. Alguns já chegaram veteranos, rodados pelo Brasil a fora e aqui deram seus derradeiros shows.

A partir desta edição, vamos mostrar quem foram eles, que saíram, passaram ou ainda conseguiram mostrar em Passo Fundo um grande futebol.

Oswaldo Brandão

Foi um centro médio de boa técnica e força e que, em 1937, era jogador do Internacional. No começo de 1939 aportou em Passo Fundo, para jogar no Gaúcho, juntamente com o uruguaio Pacheco e o ponteiro-esquerdo Mujica. Treinou, jogou algumas partidas amistosas e, dois meses depois, voltou ao Internacional.

Bicampeão gaúcho, em 40 e 41, foi para o Palmeiras para ser campeão paulista em 42. Ao encerrar prematuramente a carreira, se tornou um dos grandes técnicos da história do futebol brasileiro. Dirigiu o Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Santos, Independente (Ar-



Internacional - Em pé: Pedrinho, Rubens, Alfeu Cachapuz, Osvaldo Brandão, Borges e Assis; Agachados: Tesourinha, Salvador, Vilalba, Castilhos e Carlitos



Rio Grande - Em pé: Ezequiel, Motini, Galego, Ari, Adenir e Reis; Agachados: Leleco, Lambari, Alfeu Freitas, Haroldo e Luizinho

gentina), entre outros clubes, além da seleção brasileira, em duas oportunidades. Oswaldo Brandão faleceu há alguns anos em São Paulo.

Reis

Outro centro-médio técnico e de uma raça impressionante. Filho de Custódio, craque do velho Riograndense da década de 40. Reis começou na várzea, jogando no time do Colégio Conceição e

nos aspirantes do 14 de Julho. Sem receber grandes oportunidades, foi tentar a sorte em gramados distantes e se deu bem.

No Grêmio Santanense, foi campeão cidadão em 1961. Vendido ao Rio Grande e jogando ao lado de craques como Alfeu, Lambari e Haroldo, conseguiu grande destaque nos campeonatos estaduais, especialmente em 66 e 67. No ano seguinte foi para o Grêmio, onde ajudou o clube a conseguir sua maior sequência de conquistas estaduais, o heptacampeonato. Reis Jorge Custódio reside atualmente em Passo Fundo, onde é funcionário da empresa Semeato.

Gigante

Goleiro de grande estatura, boa colocação e elasticidade. Pautou sua carreira por incríveis coincidências. Saiu dos juvenis para os profissionais do Brasil, de Pelotas, encontrando na meta o extraordinário goleiro Gióvio. Sem chances, veio a Passo Fundo, em 67, para amargar, durante um ano,

a reserva de Nadir. Pelo alviverde jogou poucas partidas.

Mas, como um estupendo goleiro sempre tem mercado de trabalho, foi contratado pelo Juventude, de Caxias do Sul. Lá encontrou Negri e novamente foi para o banco. Negri foi então vendido ao Santos, de Pelé e Gigante, finalmente, teve sua grande oportunidade. Foi titular do Juventude, durante várias temporadas e escolhido como o melhor goleiro dos clubes do interior. Ao encerrar a carreira, passou a jogar futebol de salão em equipes caxienses. Em 1977, foi convocado para a Seleção Gaúcha, que foi campeã brasileira de seleções, o primeiro grande título do salonismo do Rio Grande do Sul. Campeão sim, mas assistindo do banco de reservas o titular, Eugênio Portillo, brilhar. Gigante ainda reside na cidade de Caxias do Sul, onde é representante comercial e goleiro, titular, dos veteranos do Juventude.

MORTE SÚBITA

Marco Antônio Damian

Três Personagens

Falaremos de três personagens do esporte brasileiro, que de uma forma ou de outra estão mexendo com nossa cabeça, uma vez que têm sido manchetes nos principais meios de comunicação do país, por sorte, azar e fatos nebulosos.

Rubinho

É comovente ver o sacrifício, a vontade e a perseverança deste rapaz para tentar ser piloto de automobilismo. Além de sua duvidosa competência, o fato de não ter estrela, ser realmente azarado, tem sido motivo de chacota no Brasil inteiro. No último domingo, em Interlagos, o pobre Rubinho correu mais a pé do que com a Ferrari. Imagine o que é ter que percorrer parte do autódromo naquele mormaço, usando macacão, luvas, bataclava e capacete, com milhões de telespectadores do mundo todo, divididos entre a gozação e a piedade.

Apenas um fato dá a dimensão de sua falta de sorte. Ter sido ele o piloto de plantão na Fórmula 1, por ocasião da morte de Ayrton Senna. E mais: para manter a audiência, a emissora brasileira que transmite as corridas o elegeu como o sucessor do campeão. Torçamos para que outro piloto brasileiro, com mais capacidade e sorte, suceda efetivamente Ayrton Senna.

Rivaldo

Esse quando abre a boca é de doer. Um bóia-fria que ficou milionário, graças ao seu futebol e uma grande dose de sorte. Rivaldo, que na verdade é um bom jogador, porém igual a tantos outros pelo Brasil a fora, sempre esteve no lugar certo, no momento certo. Jogou no melhor time que o Palmeiras montou nos últimos anos e foi campeão brasileiro. Vendido ao La Coruña, entrou em um time entrosado, recheado de brasileiros e fez um ótimo campeonato. Aí, comprado pelo milionário Barcelona, onde qualquer um joga, foi eleito o melhor do mundo em um ano que, por exemplo, Romário estralhou no Vasco.

Na Seleção, no entanto, ele não tem jogado nada e não aceita críticas ou vaias. Quem é Rivaldo para não aceitar críticas? Até Pelé foi vaiado. Julinho Botelho recebeu a maior vaia da história do Maracanã. Vive ameaçando que não aceitará mais convocações. Não deve ser mais convocado mesmo, pois é um peladeiro, individualista e colocá-lo na "geladeira" seria muito bom para a Seleção.

CPI do Futebol

Respondam rapidamente: o que Eurico Miranda faz como membro da CPI do Futebol, se o principal investigado é ele mesmo?



Juventude - Em pé: Nezito, Gigante, Roberto Fernandes, Celso Cabral, Antenor e Bugre; Agachados: Cleomar, Caio, Balzaretto, Mário Tito e Ari.

MEMÓRIA ESPORTIVA

Da Sociedade Italiana ao Mundial, a bocha em Passo Fundo

Embora sua divulgação nos meios de comunicação de massa ainda seja ínfima, o jogo de bocha é um dos esportes mais praticados no Brasil. Em canchas oficiais, na areia ou na grama, sempre haverá partidas sendo arduamente disputadas. Há poucos anos esse esporte era praticado mais intensamente por homens idosos. Hoje eles ganharam a companhia de mulheres e jovens que praticam a bocha em todos os níveis, pois é o esporte da amizade e do conagração, mesmo que as vezes competidores extrapolem o espírito esportivo e cavalheiresco inerentes a competição.

Consta que, em Passo Fundo, o jogo de bocha começou a ser praticado de forma organizada na Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, criada por imigrantes italianos, que eram funcionários da empresa que construía a ferrovia que ligaria Passo Fundo a outros recantos do Rio Grande do Sul. Hoje essa sociedade denomina-se Caixeiral Campestre Tênis Clube.

Anos mais tarde, o esporte dissimulou-se aos demais clubes sociais e esportivos, como o Clube União Comercial, Clube Recreativo Juvenil, antiga Sociedade Alemã, Clube União Batutas dos Ferroviários, Sociedade Operária, Centro Social Santa Terezinha, Clube Industrial e em canchas de associações comunitárias de bairros e vilas.

Desde os anos 20 até o presente momento, essas entidades, agregadas a equipes de empresas e sociedades de amigos, filiadas a Liga Passo-fundense de Bocha, disputam acirradas competições



Ricieri Spessatto no Atlântico, quando recebia a medalha de campeão sul-americano



Equipe de bocha do Clube Juvenil nos anos 50

citadinas, regionais e estaduais, revelando jogadores do mais alto nível. Entre os muitos bochófilos passo-fundenses que se destacaram, um em especial merece referência. Trata-se de Ricieri Spessatto, um jogador extraordinário, que vestiu as camisas do Atlântico de Erechim, Clube Juvenil, União Batuta dos Ferroviários e Centro Social Santa Terezinha. Foi jogador da seleção gaúcha de bocha e campeão sul-americano, defendendo o Atlântico. A dupla Spessatto e Mantovani, foi imbatível durante muitos anos. Como batedor, Spessatto possuía uma técnica para atirar a bocha que simplesmente a trocava de lugar. Ao falecer tornou-se uma lenda entre os bochófilos gaúchos.

Os aficionados da bocha e a população em geral de Passo Fundo são brindados agora com o maior evento esportivo dos 145 anos do município: o Campeonato Mundial de Bocha. Estarão convivendo conosco atletas de 17 países, entre eles, evidentemente, o Brasil, representado por duas equipes, uma delas o Clube Recreativo Juvenil, local de disputa dos jogos. Louve-se os esforços despendidos pela Confederação Nacional, Federação Estadual, Liga Passo-fundense, Poder Público Municipal, Clube Recreativo Juvenil e a Comissão de Organização do evento, liderada por Antonio Carlos Formigheri, Itamar Vanzetta e Amilton Seady, para que o campeonato ocorresse em Passo Fundo. Quiçá esse histórico acontecimento venha a alavancar mais entidades e atletas para a prática deste milenar esporte.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Mundial de Bocha

Estive no Clube Juvenil e fiquei impressionado com o alucinante ritmo de trabalho na organização do Mundial de Bocha. Os incansáveis Tuti, Biguá, Hamilton Seady, presidente do clube e suas equipes, estão exauridos de tantas atribuições. Este evento deverá ser prestigiado pela população de Passo Fundo, pois outro do mesmo nível, talvez daqui a uns 145 anos.

Autódromo

O vultuoso empreendimento da construção do autódromo trará imensos benefícios para o desenvolvimento turístico da cidade. Imaginem uma prova da Stock Car em Passo Fundo, com a Rede Globo por trás? Somente no final de semana de uma competição deste nível a população de Passo Fundo crescerá em mais de 50 mil pessoas, gastando no comércio, restaurantes, hotéis e a noite ficará agitada. Com o autódromo virando realidade, mais a conclusão do ginásio e da Sociedade Hípica, tudo na atual gestão municipal, o prefeito tornar-se-á uma lenda no esporte para esta e futuras gerações. O que não pode virar é novela mexicana, senão os empreendedores cansarão e irão procurar outras plagas.

Inter

No elenco do Inter só tem cobras criadas, jogadores rodados e malandros. Para comandá-los, o treinador tem de ter personalidade e comando, o que não parece ser o caso de Guto Ferreira. Para consolo colorado entretanto o time não vem jogando mal, tem falhado em individualidades e, no caso de Guto, suas substituições tem sido desastrosas. Antes sacava do time Fernando Baiano em todos os jogos, agora a vítima é Daniel Carvalho, mesmo que seja o melhor em campo. As vezes não são necessárias mudanças durante os jogos. Quando está jogando bem e vencendo não se mexe no time.

Grêmio

Impressionante o amadorismo e a inabilidade dos dirigentes gremistas em administrar a derrota. Fizeram terra arrasada depois da Libertadores, falaram pelos cotovelos, intranquilizaram o grupo de jogadores às vésperas do Brasileiro. Mandaram embora seis jogadores, não fizeram as reposições necessárias, ameaçaram os demais com redução salarial ou demissão, deixando o ambiente no Olímpico insuportável. O reflexo disso tudo fica para dentro do campo. O time é um amontoado de jogadores que não sabem o que fazer com a bola ou sem ela. O Grêmio é o único time do mundo que não tem um zagueiro de ofício no elenco. Possui apenas um centro-avante e nenhum meia-armador. A continuar esse marasmo a tendência é o rebaixamento, de novo.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Antonio Carlos Formigheri (Biguá)

Muitas partidas de bocha ficaram marcadas para mim, inclusive uma derrota numa final estadual em Garibaldi. Porém uma competição tornou-se inesquecível. Foi o campeonato estadual de presidentes de ligas e clubes, em Esteio. Era uma competição individual e eu representava a Liga Passo-fundense. No primeiro jogo ganhei de Esteio por 15 x 2, no segundo a vitória foi em cima de Porto Alegre por 15 x 4.

Depois foi a vez de Tupaciretã, a quem venci mais uma vez por 15 x 12. A próxima vitória foi fácil sobre o representante de Canoas, 15 x 2. Na semifinal uma

vitória difícil contra o Glória de Carazinho, por 15 x 13. A partida final foi dramática do começo ao fim. Jogava contra a Transportadora Waldemar de Carazinho, e tinha como adversário Milton, campeão brasileiro.

Foi uma vitória com um sabor inesquecível e inigualável

Os torcedores de Esteio que rodeavam a cancha torciam por mim, o que aumentou a responsabilidade. Eu não estava mais só, tinha toda uma comunidade comigo o que me dava maior motivação. O jogo foi ponto a ponto. Minha concentração na partida era absoluta, pois não podia dar nenhum passo errado. O jogo ficou empatado em 13 x 13 até que

numa jogada marquei os dois pontos decisivos para me tornar campeão estadual. Foi uma vitória com um sabor inesquecível e inigualável, pois pela primeira vez conquistei uma competição dessa categoria.

Gostaria também de salientar que quando assumi a presidência da Liga, percebi que teria de fazer alguma coisa para dar uma mexida com a bocha de Passo Fundo.

Com muito orgulho e contando com a colaboração de muitas pessoas e amigos, em minha gestão conseguimos trazer a maior competição de bochas do mundo para a cidade e isso me enche de satisfação e creio, ficará para a história de Passo Fundo.

MARCO ANTONIO DAMIAN

DE BATE PRONTO

Poucas vezes clubes grandes de fora do Estado, jogaram contra equipes locais. As exceções foram o Olaria, do Rio de Janeiro, na época a sensação do campeonato carioca, em 1955, venceu uma seleção formada por jogadores do Gaúcho, 14 de Julho, Independente e Rio-Grandense, por 5 a 4, no Estádio da Baixada. O Palmeiras, campeão paulista e que representou a seleção brasileira, em 1965, venceu o Gaúcho, por 3 a 1, num inesquecível jogo de futebol. No mesmo ano o Juventus de São Paulo, que tinha Hidalgo e Gino Orlando no time, bateu o 14 de Julho, por 3 a 0, e, finalmente, em 1977, o Vasco da Gama, com time misto, empatou com o 14 de julho, no Vermelhão da Serra, em zero a zero.

O jogo Gaúcho x Palmeiras, foi arbitrado pelo passo-fundense José Paulo Viero, na época sargento do exército e árbitro da Liga local. O grande Djalma Santos, lateral alvi-verde e da seleção brasileira, possuía entre várias virtudes, uma característica. O arremesso do lateral era lançado a uma grande distância e, quando próximo a área adversária, era melhor do que um escanteio. Pois naquela partida, ao mostrar essa grande habilidade, Viero mandou reverter a cobrança, como irregular, deixando o imenso público, os jogadores e o próprio Djalma perplexos. Após a partida, Djalma Santos concedeu entrevistas concordando com Viero, e parabenizando-o por ser o primeiro árbitro do mundo a perceber a irregularidade, pois ele arremessava a bola somente com uma mão, a outra apenas como apoio.

Na década de 20, jogaram no Gaúcho os irmãos Delveaux. Alfredo e Ernesto eram franceses. Alfredo jogou no Vasco da Gama e Fluminense do Rio de Janeiro. Era um craque para a época. Ernesto não tão bom jogador, se notabilizou em outra profissão. Construtor e escultor. Foram dele a construção e as esculturas que ornamentam a Catedral Nossa Senhora Aparecida.

Alguns jogadores que passaram por times da cidade, também jogaram no exterior. Foram os casos de

Abilio, atacante do 14 de Julho, em 1968, que defendera times mexicanos. Picão, ponteiro, da mesma época do 14 de Julho, atuou pelo Dornbier da Áustria e Liverpool do Uruguai. Adair Bicca, do Gaúcho, esteve por dois anos do Newell's Old Boys da Argentina. Sariba, jogou no Gaúcho e no Godoy Cruz, da Argentina. Waldemar Pantera, goleiro do Rio-Grandense na década de 40, defendeu o Penharol. China, centro-médio do 14 de Julho, esteve vários anos em Portular, no Beira-Mar e no Marítimo, Cabrinha, ex-E.C. Passo Fundo, saiu daqui também para Portugal e, finalmente, o centro-avante Picolé, atuou em clubes do México e Passo Fundo.

Embora a imprensa de Porto Alegre, tenha eleito Daizon Pontes, o símbolo da violência do futebol gaúcho, os mais antigos lembram de outros dois, segundo eles extremamente violentos e desleais. Alfredo Rasga-Diabo, zagueiro do Cruzeiro da Brigada Militar e Rio-Grandense local, na década de 30, e início dos anos 40, e, Burro Branco, jogador do Atlântico de Erechim.

No início dos anos 50, foi fundado em Passo Fundo, o Esporte Clube Atlético. Formado por dissidências do Gaúcho e do 14 de Julho, e em sua maioria alunos e ex-alunos do IE. Em seu primeiro ano de existência, foi vice-campeão da cidade. No segundo ano, campeão, e no terceiro, foi dissolvido, pois não tinha sócios, nem torcedores. Os próprios jogadores mantinham o time financeiramente.

No último dia 12 de maio o Sport Clube Gaúcho, completou 81 anos de existência. Fundado para ser um clube de futebol, deixou esse objetivo em 1990, para ser um clube social. Apenas as escolinhas mantêm a tradição do clube, cheio de conquistas, glórias, temido e respeitado em todo o Estado. Os domingos de futebol na Montanha não existem mais. Existe sim, as histórias, que com o passar do tempo vão sendo esquecidas ou enriquecidas pelas fantasias que a elas se agregam, virando lendas. Pouco se noticiou sobre o aniversário do alvi-verde, talvez para que seja mesmo esquecido.

DIVULGAÇÃO ROTA



Esporte Clube Atlético - 1951 - Em Pé: Centenário, Flávio Araújo, Zizi, Edson, Beto, Mário Boff e José Ecil Borges.

Agachados: Edú, Caico, Berthier, Ratinho e Oly



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

DM entra em campo para contar as histórias do futebol

Foot-Ball, esporte inventado pelos ingleses, que chegou ao Brasil no final do século passado. Com o decorrer do tempo virou simplesmente futebol, numa grafia bem nacional. A paixão do povo brasileiro por ele foi arrebatadora, contagiante e permanente. E a rivalidade surgida entre os clubes litigantes, num misto de amor e ódio entre seus torcedores, é o fator principal para a sua sobrevivência.

Não existe lugar nenhum no mundo, que não haja alguma discussão em torno de futebol. E nessas ocasiões, alguém do alto de sua sabedoria, irá dizer que algum time ou gol, num passado próximo ou distante, foi melhor ou mais bonito que o presente. E aí passa a contar uma história. É exatamente isso. O futebol também é história.

A partir das próximas edições dominicais, o Diário da Manhã, estará publicando, matérias sobre histórias do futebol de Passo Fundo. O riquíssimo e empoeirado baú de recordações irá se abrir para contar aos leitores, quem foram os craques, as velhas rivalidades, a grandeza dos clubes, o amor à camiseta, e mais uma quase inesgotável gama de informações.

Entrevistas e reportagens sobre jogadores, dirigentes e torcedores ilustres serão focalizadas. Assim iremos resgatar a memória de muitos que infelizmente já faleceram. E também de outros, hoje anônimos e pacatos cidadãos, que outrora foram ídolos de muitas gerações.

Serão lembrados os grandes jogos, as

partidas decisivas e dramáticas. Os clássicos Gá-Quá, que invariavelmente terminavam em grossas pancadarias, e que tinham o poder de consagrar ou terminar com carreira de jogadores. As furiosas batalhas entre Riograndense e Independente. Os campeonatos citadinos da era romântica do amadorismo. Os certames regionais e o ódio futebolístico com Erechim e Carazinho. As partidas contra a dupla Gre-Nal, quando se vendia caro demais a perda de algum ponto. As grandes conquistas e as derrotas frustrantes.

A coluna "Onde Anda", revelará a biografia dos craques e como vivem hoje. A coluna de sugestões, onde os leitores poderão solicitar o que gostariam de lembrar. O leitor saberá como foram edificadas os estádios, seus jogos inaugurais, além de causos e histórias abordando o lado curioso e engraçado do nosso futebol.

Vamos também eleger a seleção de Passo Fundo de todos os tempos. Uma, através de um colegiado formado por notáveis conhecedores da trajetória do esporte em nossa cidade. Farão parte do colegiado, jogadores, dirigentes e torcedores, com mais de 50 anos de idade. Outra, que se chamará seleção do povo. Todos os leitores, independente de idade, terão a oportunidade de escolher sua seleção. Os detalhes explicando como o leitor deverá proceder para participar, serão fornecidos nas próximas edições.

O futebol do passado, do presente, com o Esporte Clube Passo Fundo, o Campeonato Amador e as equipes de base do S.C. Gaúcho, farão parte de nossas páginas esportivas.

REPRODUÇÕES: FOTO MODERNA



14 Julho - 1960: Em pé da esquerda para a direita: Piranha, Maneca, Vando, Rebequinho, Hugo e Vadeção. (Agachados) Caíco, Meca, Plínio, Verardi e Armando



Equipe do Rio-grandense em 1957. Em pé da esquerda para a direita: Cabeça, Valentin, Pedro Martins, Pirata, Rubens, Hugo Loss, Jares e Gago (técnico). (Agachados): Jorge, Aimoré, Erlando, Marcos e Benoni.



Independente - 1953: Em pé da esquerda para direita: Bruno, Antoninho, Hugo, Eimes Andreis, Hiran e Scortegagna. (Agachados): Linhares, Pepino, Plínio, Verardi e Juarez.



Equipe do S.C. Gaúcho - 1956: Em pé da esquerda para a direita: Léu, Luiz Sacchet, Balduino, Zizi, Beto e Rebechi. (Agachados): Gilberto, Branco, Djalma, Ratinho e Juarez



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:



Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS



Arte: Leonardo Dóro

Esporte



Duplas famosas do futebol passo-fundense

Sabino e Isabelino

Zagueiros que jogaram juntos no Riograndense, a partir de 1941. Sabino era um jogador habilidoso, clássico, mas quando precisava dar chutes, não hesitava. Isabelino, tinha muita velocidade e boa recuperação, embora menos técnico. Sabino, formou outra dupla no 14 de Julho, com Pupe. Isabelino, jogou mais tempo, e teve uma trágica morte, num incêndio ocorrido em uma boate, em Santa Catarina.

**Ubiratã e Délio**

Meio de campo do 14 de Julho, em 1963 e 1964. Levaram o seu clube a conquista do campeonato regional de 1964. Tinham um entrosamento perfeito. Ora um, ora outro, fazia a marcação ou a armação das jogadas de ataque. Ambos tinham o espírito guerreiro, e uma grande movimentação. Ubiratã também cabeceava muito bem. Délio, passava sempre a bola de primeira e com precisão, o que dava mais velocidade ao seu time.

**Pregentino e Nery**

Ala direita do 14 de Julho. Pregentino Parizzi, jogava pelas duas extremas. Jogador de dribles fáceis e jogadas de arranque, tinha muita técnica e era goleador. Fez uma famosa dupla nos gramados, com Nery Simão, meia-direita, de grande vitalidade e vigor físico. Nery corria durante todo o jogo. Ajudava na marcação, na armação das jogadas e concluía bem a gol. Foi um dos goleadores da história do nosso futebol. Para os tempos atuais seria um jogador moderno.

**João Pontes e Daizon Pontes**

A mais famosa dupla de zagueiros do interior do Estado: Foram eleitos pela imprensa de Porto Alegre, como símbolos da violência do futebol gaúcho. A verdade é que eram donos de sua área, e realmente eram temidos. João, compensava a pouca técnica, com objetividade e um chute muito forte. Daizon, mais habilidoso, era soberano no jogo aéreo e tinha facilidade para sair jogando. Seguramente Daizon, foi um dos melhores zagueiros do futebol de Passo Fundo. Marcaram época no Gaúcho.

Raul e Roberto

Meio de campo do Gaúcho durante várias temporadas. Raul que jogava de centro-avante, foi transformado em centro-médio de grandes qualidades. Guerreiro, leal e dono de feroz marcação, foi o símbolo da raça alvi-verde. Roberto, elegante, habilidoso, espetacular nos lançamentos, bom cabeceador, e que também marcava quando o adversário atacava. Um craque, jogador quase completo. Formaram uma intermediária de luxo.



SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- **Herculano de Oliveira Annes** (Torcedor de futebol)

Carlos Alberto, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca, Raul e Gitinha, Meca, Pedro, Bebeto e Maurinho.

- **Wilson Moraes** (ex-jogador de futebol profissional, Gaúcho, Atlético Paranaense e outros)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca, Wilson Moraes, Santarém e Roberto, Meca, Montezana e Banana.

- **Milton Canfield** (Torcedor de futebol) Susin, Rasga Diabo e Daizon Pontes; Maneca, Prinche e Zica, Come-Bola, Célio Barbosa, Jamegão, Pedro e Bebeto.

- **Milton Hamel** (torcedor de futebol)

Nadir, Vadecão, Daizon Pontes, Branco Ughini e Maneca, Heitor Verardi e Santarém, Meca, Bebeto, Ratinho e Maurinho.

- **Darci da Silva Lopes** (ex-jogador profissional do Gaúcho e São José)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca, Adair, Honorato e Roberto, Meca, Bebeto e Antoninho.

- **Odorico Juril Ribeiro** (ex-jogador do 14 de Julho)

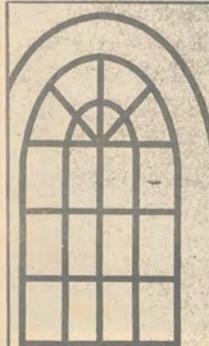
Pirata, Osório e Celso Stangler, Prinche, Vicente e Gradin, Meca, Heitor Verardi, Célio Barbosa, Tubino e Cauduro.

- **João Pedro da Rosa** (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Barão e Gerdi; Vete, Vicente e Rico, Brasileiro, Jamegão, Vadila, Clóvis Aita e Chinesinho.

- **Hemérito Vieira** (ex-atleta amador e dirigente esportivo)

Waldemar Pantera, Barão e Daizon Pontes, Prinche, Áureo e Vacaria, Souza Neto, Heitor Verardi, Jamegão, Bebeto e Chinesinho.



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA

MARCO ANTONIO DAMIAN

ELES SAÍRAM DE PASSO FUNDO PARA O SUCESSO



Eles deram seus primeiros chutes na bola em campos de terrenos baldios ou de futebol de salão. Ao crescerem, jogavam em times de colégios, na várzea, até chegarem aos nossos principais clubes. Porém, todos tiveram o mesmo destino: O sucesso no futebol. Viram seus nomes incluídos nas manchetes dos principais jornais do Brasil. Eles jogaram em grandes clubes e mostraram que de Passo Fundo também saem craques.

JAVEL SILVEIRA: Foi o primeiro. Saiu do Gaúcho na década de 20, para o Internacional. Jogou no Grêmio e Santos. Foram dele os três gols colorados na inauguração do Estádio dos Eucaliptos.

HEITOR MOURA: Lateral do 14 de Julho, foi titular absoluto do Grêmio no início dos anos 50, vestindo a camiseta da seleção Gaúcha.

VADILA MARQUES: Craque de bola. Centro-avante do IE, Gaúcho e 14 de Julho, foi titular e campeão gaúcho com o primeiro "rolo compressor" do Inter. Seu ataque era: Tesourinha, Russinho, Vadila Marques, Ruy e Carlitos.

VALDEMAR VERARDI: Extraordinário centro-médio. Jogou no Independente, antes de brilhar no Grêmio Portoalegrense.

BRUNO CAMOZZATO: Também saiu do Independente para o Cruzeiro de POA. Foi centro-médio do Inter, Grêmio e Palmeiras.

HEITOR VERARDI: Talvez o maior craque nascido em Passo Fundo, em todos

os tempos. Meio-campista fenomenal, saiu do Independente para arrasar no Internacional.

BEBETO: Embora sendo de Soledade, iniciou sua carreira profissional em Passo Fundo. O "canhão da serra" foi o maior goleador da história do futebol passo-fundense. Jogou no Grêmio, Inter, Bahia, América RJ e Corinthians e seleção gaúcha.

VACARIA: Saiu da lateral-esquerda do 14 de Julho para ser bi-campeão brasileiro pelo Internacional. Esteve ainda no Palmeiras.

LUIZ FREIRE: Jogador originário do futebol de salão, começou no Gaúcho, mas brilhou no Grêmio, Inter, Coritiba e Criciúma, além da seleção gaúcha.

KITA: Ex-juvenil do Gaúcho, profissional no 14 de Julho, foi goleador dos campeonatos gaúcho e paulista. Jogou no Inter, Grêmio, Flamengo, Portuguesa e Atlético do Paraná. Único passo-fundense a ganhar medalha olímpica (de prata), nos jogos de Los Angeles em 1984.

CHINA: Outro quatorzeano que fez sucesso. Campeão mundial pelo Grêmio em 1983. Jogou pela seleção brasileira, Vasco da Gama e Clubes portugueses.

JEFERSON: Também de Soledade. Aos 16 anos saiu do Gaúcho para o Fluminense, quando defendeu a seleção juvenil. Joga até hoje.

FABIANO: Do E.C. Passo Fundo, direto para o Flamengo, permanecendo na Gávea até esta data.

Semeato vai doar livro às escolas

O livro "Os Dez Brasis", do grande escritor paraense Jorge Baleeiro de Lacerda, em poucos dias deverá estar nas mãos de centenas de estudantes da rede de ensino de Passo Fundo. A aquisição de vários exemplares da obra, escrita depois de uma viagem de mais de 25 anos, por todo o Brasil, de Baleeiro de Lacerda, foi uma iniciativa da Semeato, que possui fábrica em Passo Fundo e várias unidades de produção no Brasil.

"Entendemos que todos os esforços são bem vindos, quando queremos o melhor para a nossa comunidade. Principalmente para os jovens. No que diz respeito à educação, então, devemos fazer o possível para que mais e mais pessoas tenham um acesso facilitado ao conhecimento. E com este livro, temos certeza de que o conhecimento de vários estudantes será aprofundado. É uma maneira de, sem sair daqui, conhecer este grande país que é o Brasil", disse o assessor especial da empresa, Paulo Magro.

Jorge Baleeiro de Lacerda esteve em visita a Passo Fundo na semana passada. Com muita disposição, e acompanhado pelo pessoal da Semeato, entre elas, o Dr. Geraldo Zibetti, visitou todos os órgãos de imprensa da cidade, entidades e instituições, como a Universidade de Passo Fundo (UPF), quando foi recebido pelo Reitor, Ilmo Santos, oportunidade

em que falou do seu livro, sucesso em nível nacional. O escritor tem uma relação muito grande com Passo Fundo, uma vez que, apesar de ser natural de Belém do Pará, estar residindo em Francisco Beltrão-PR, tem dois filhos passo-fundenses, onde residem familiares seus. "Além disso, minha esposa é gaúcha", faz questão de frisar Lacerda.

Várias autoridades, ligadas ou não diretamente com a educação, e políticos, vem, insistentemente, elogiando o livro "Os Dez Brasis". Além disso, muitos querem que o MEC adquira a obra para sua posterior distribuição a todas as escolas do país. "Este é o resultado de anos de pesquisa, viagens e muitas histórias por várias regiões deste grande Brasil. O país é imenso, lindo e com uma diversidade muito grande. Entendo que muitos brasileiros ainda não tiveram a oportunidade de conhecer plenamente o país onde nasceram. "Os Dez Brasis" relata muito bem toda esta história. Creio que é uma grande colaboração que a Semeato está dando para os estudantes passo-fundenses e da região", afirmou Lacerda.

Paulo Magro informou, que a Semeato está realizando um trabalho de pesquisa, a fim de doar os exemplares adquiridos de uma maneira que um maior número de estudantes tenham acesso às importantes informações que traz "Os Dez Brasis".



Coletânea: A obra traz o Brasil em textos e em mais de 180 fotos



PRISMA
Produções Gráficas
SEU IMPRESSO, DA CRIAÇÃO À IMPRESSÃO

☎ 311-0033

AV. GENERAL NETTO, 385
SALA 24 - ED. MONTPARNASSE
e-mail prisma@annex.com.br

Porque tempo é dinheiro!

MEMÓRIA ESPORTIVA

Foguinho Menegaz: o esporte está em sua alma

Como todo o menino em idade escolar, Vladimir iniciou no esporte pelo futebol. Até levava jeito, mas a influência do irmão Lelo e do primo Chico Amaral, o encaminharam para o basquete e o voleibol. Aluno do IE e do Professor Cláudio Wagner, a quem considera um segundo pai, Vladimir ou Foguinho, como é mais conhecido, levou muito a sério o esporte e passou a treinar com afinco para suprir alguma deficiência natural do iniciante. Tinha apenas 14 anos de idade e jogava no time adulto de voleibol do colégio, ao lado do próprio irmão e do primo.

Ainda aos 14 anos, foi convocado para a seleção de Passo Fundo do voleibol, para participar dos JIRGS. Foi a suprema glória para o garoto. O time do IE e seu treinador, quando não competiam pelo colégio, vestiam a camisa do Clube Náutico Capinguí, em campeonatos municipais e estaduais. Foguinho atuava na posição de levantador, mas jogava bem também em outras posições.

Pelo Capinguí, jogou o campeonato estadual de vôlei em Caxias do Sul, contra Sogipa e União, de Porto Alegre, Ginástica de Novo Hamburgo e Recreio



Foguinho jogando pelo 16º Batalhão de Santo Ângelo, nas Olimpíadas Militar



Seleção de Passo Fundo, 1978 - Em pé: Santo Verzeletti, Baio, Jefe, Judeu, Chico e Renatão. Agachados: Foguinho, Marcão, Jair e Fernando

da Juventude de Caxias do Sul. Foi contra o time da casa que o Capinguí disputou a final, no pequeno ginásio do Recreio, onde antes era um cinema. Num lance, um jogador do Capinguí saltou para a cortada e ao pisar, uma tábua do piso quebrou e o atleta lesionou-se com gravidade. A partida foi concluída em outro ginásio e terminou às duas horas da madrugada com a vitória dos passo-fundenses. Este foi um dos mais longos e tensos jogos na carreira de Foguinho.

Em 1976 foi convocado para a seleção gaúcha juvenil de vôlei. Muito jovem e em época de conclusão do ano letivo, declinou da convocação. Dois anos depois recebeu outra convocação para a seleção juvenil. Apresentou-se em Porto Alegre, realizou treinamentos, mas foi chamado para servir ao exército.

No Exército Nacional, Vladimir teve a melhor fase na carreira como atleta. Servindo no NPOR de Passo Fundo, jogou no Circulo Militar, que disputava campeonatos estaduais de vôlei e basquete. Em 1980, como 2º Tenente, foi designado para a cidade de Santa Rosa. Foi convocado para a seleção do 3º Exército, formado pelos Estados do Sul. Disputou os Jogos Marciais, onde foi campeão brasileiro de

basquete e as Olimpíadas do Exército, na cidade de Campinas, campeão brasileiro de basquete e vice-campeão de voleibol. Em 1983, foi convocado para a seleção brasileira de vôlei do Exército, nos Jogos das Forças Armadas, que reunia além do Exército, a Marinha e a Aeronáutica. Seu treinador era Jorge Bittencourt e o preparador físico Major Paulo Sérgio, ambos da seleção brasileira de vôlei profissional, que disputou campeonatos mundiais e olimpíadas. Foguinho, numa performance espetacular ajudou seu time a ser campeão. Foi convocado para a disputa do Mundial das Forças Armadas, na Holanda. Num treinamento na Esefe, no Rio de Janeiro, sofreu uma distensão muscular, lesão fatal para seu corte.

Vladimir deixou o Exército em 1986, se formou em Educação Física na Faculdade Dom Bosco de Santa Rosa e foi ser treinador de basquete e vôlei da própria Faculdade, onde treinou o então promissor jogador de vôlei, Cláudio Taffarel. Retornando a Passo Fundo, trabalhou como Coordenador de Esportes do IE, na AABB e hoje exerce a mesma função na Escola de Ensino Médio Garra, lecionando futsal e basquete.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



O Inter se enganou

Entre os grandes e inúmeros erros da direção do Internacional, um foi fatal para esse epílogo. Depois de fracassar na Copa Sul-Minas e Copa do Brasil, o clube demitiu Ivo Wortmann e efetivou o inexperiente e inseguro Guto Ferreira. O novo treinador teve mais de sessenta dias para montar seu time titular, entre intertemporada, treinos e amistosos. Pois aconteceu exatamente o contrário. Guto não conseguiu dar padrão de jogo, nem definir o time titular. Aí chegou o torneio supergaúcho, quando o clube jogou cinco partidas, todas contra times do interior. Campeão do torneio, os dirigentes se enganaram e acharam que o time era bom o suficiente para ser campeão brasileiro. Guto Ferreira, que não teve pulso para comandar os jogadores, não teve também o respaldo da direção. Depois de poucas rodadas e derrotas, foi demitido e todo o trabalho de preparação foi jogado no valo. Os dois treinadores que sucederam Guto, Roth e Claudião, tem algumas qualidades, mas são perdedores. Venceram apenas alguns campeonatos estaduais e mais nada.

Outro erro foi a falta de comando de vestiário à direção. Desde o começo do ano que jogadores trocam acusações e sopapos em treinos e vestiário. Reclamam acintosamente na imprensa dos treinadores, exceção de Claudião, e nada acontece. Faltou respeito, hierarquia, união, esforço e vergonha na cara. Chorar quando o leite está derramado não adianta. Nos jogos contra o Paraná, Figueirense, Goiás e Coritiba, a apatia dos jogadores e direção foi crucial. Porque não jogou todos os jogos com a mesma determinação do jogo contra o Cruzeiro? O Internacional construiu sua lápide ao longo do campeonato e quarta-feira escreveu o epitáfio. Só falta o ponto final.

Arbitragem

Ao contrário do Internacional, o Palmeiras parece que trabalhou nos bastidores. O favorecimento do trio de arbitragem no jogo contra o Flamengo foi uma vergonha. O Palmeiras somente não venceu a partida, com o auxílio do apitô, porque não teve competência nem para isso. Acredito que haja interesse para o Verdão se salvar.

Veteran Car Clube

O Veteran Car Clube de Passo Fundo, mais uma vez dá mostra de sua magnitude, força e organização. As dezenas de carros de seus associados darão um brilho especial à Mostra Guaporé, que se realizará neste final de semana. As milhares de pessoas que se farão presentes ao evento, verão o entusiasmo dos nossos antigomobilistas e suas máquinas maravilhosas. Parabéns ao presidente Miguel Guggiana, ao incansável Nelson Marques da Rocha e a todos os associados do Veteran.

Veia de Campeão

Preparem-se para receber ainda este ano o Veia de Campeão. A história do esporte de Passo Fundo contada a partir da vida de grandes esportistas e das maiores entidades do esporte local.

Plano Hospitalar plus

Pronto-clínica

Porque viver bem é fundamental

Você que sempre sonhou em oferecer um serviço de saúde de qualidade a seus dependentes ou colaboradores, não pode perder esta oportunidade.

O Plano Hospitalar Plus Pronto-clínica é um plano de saúde do tamanho da sua necessidade e do seu bolso.

Ligue para nós agora mesmo que teremos o maior prazer em oferecer-lhe simplesmente o melhor.

Central de Atendimento e Vendas

Passo Fundo 313-5100 / Lagoa Vermelha 358-1680 / Marau 342-2574 / Carazinho 330-2022 / Sananduva 343-2400

Memória Esportiva

Futebol bandido, os nossos bad-boys

Futebol bandido foi a designação com a qual a imprensa definiu a Seleção de Felipão, com muita luta, garra, malandragem a até uma dose na medida certa de intimidação ao adversário. Veio substituir o futebol bailarino, apregoado aos quatro ventos pelo es-treinador da Seleção, Leão. Na verdade ele próprio e sua turma de Leomar, Léo e outros é que acabaram bailando.

Bad-boy, na tradução literal inglês-português, significa menino mau. Mas a expressão é usada comumente para adjetivar pessoas, especialmente esportistas, que de santos não têm absolutamente nada.

Ao longo de sua história, Passo Fundo teve vários jogadores de futebol, digamos, bandido e poderiam tranqüilamente ser chamados de bad-boys. Vale a pena lembrarmos de alguns deles.

Os irmãos Di Primio

Bijuca, zagueiro, e Nino, centro-avante. Jogaram no Riograndense e no Gaúcho, nos anos 20 e 30, e eram militares do exército. Valentes, temidos pelos adversários, gostavam de uma boa briga e nada os intimidava. Confusão dentro ou fora de campo era com eles. Nino foi um atacante, exímio goleador e Bijuca aquele zagueirão de fazenda, que chutava a bola e o adversário (juntos) para o lado em que estava virado.

O mais violento

Alfredo Rasga-Diabo. O próprio apelido já arrepiava. Dizem ter sido o mais violento e temido jogador da história do nosso futebol. Não levava livre nem os companheiros de time. Certa feita, num treino, Rasga-Diabo entrou rachando numa dividida e o atacante reserva, conhecendo-o, teve a feliz idéia de cair fora do lance. O zagueirão passou lotado, com a sola do pé erguida, atingindo o caibro que segurava o para-peito, partindo-o ao meio. Jogou no Riograndense e Cruzeiro, da Brigada nos anos 30.

Abandonou o futebol em razão de uma fratura exposta na perna.



FOTOS: ARQUIVO DM

Gaúcho x Inter SM, em 1974. No lance, Daison Pontes dando um soco no árbitro José Luiz Barreto. Jogadores do Inter observam



Riograndense de 1940

Em pé: Moacir, Célio, Barão, Nativo, Damásio, Chispa, Comebola e Orestes.

Agachados: Lângaro, Quero-quero, Sitoni, Rasga-Diabo e Otacílio.

Bandidos, notívagos e desordeiros

Não só pela violência se distinguem os bad-boys, mas também pela indisciplina, pela falta de profissionalismo e pelo excesso de malandragem. Entre os violentos, os "bandidos", estão Prinche, um craque, com domí-

nio de bola inigualável, mas que tinha um certo prazer em bater. Chegou ao ponto de intimidar o centro-médio Olavo, do Olaria do Rio de Janeiro, nos anos 50, considerado o mais violento do Brasil, tanto que acabou banido do futebol pela Federação Carioca. Outros como Vete, do Gaúcho, Piranha, lateral do 14 e Valentim, volante do Riograndense, eram respeitados por abrirem a todo instante a "caixa de ferramentas".

Tinha também os notívagos, os craques boêmios, como Wilson Moraes, volante, Santarém, meia-armador, Pedro, ponta de lança e Claudio Freitas, meio-armador. Todos com futebol para jogarem na Seleção Brasileira e ficarem milionários, mas a noite os chamava. A bebida e as paixões arrebatadoras sempre foram mais importantes que a bola.

Existiram ainda aqueles irriquetos, excelentes jogadores, mas que entravam em campo com o espírito da desordem. Os árbitros já os conheciam e os marcavam. As expulsões constantes e as brigas prejudicaram suas carreiras. Dorval, ponteiro direito do 14 de Julho, foi um grande exemplo de bad-boy desordeiro em campo. Outros foram Claudio, lateral do Gaúcho, Loreno, que jogou no Gaúcho e 14 de Julho e Feijão, ponta direita do Passo Fundo.

O maior de todos os bad-boys

Claro que foi Daizon Pontes. Segundo a Revista Placar, o jogador mais indisciplinado do futebol brasileiro. Foram ao todo 18 expulsões na carreira, uma das quais por agressão ao árbitro José Luiz Barreto. Foi também um grande jogador de futebol. Atuou 10 anos no Gaúcho, 14 de Julho, Pelotas, Flamengo, América, do Rio, e Cruzeiro, de Porto Alegre. Na levava desaforos para casa, batia muito, desaforava e provocava os adversários, puxava cabelos, enfiava o dedo, peitava juízes, intimidava, brigava, dava socos e cotovelos, cometia todas as atrocidades possíveis em campo. Foi eleito o símbolo da violência e da virilidade do futebol gaúcho.

Jogou ao lado de Amâncio, Geraldo, Osvaldo, Mário Tito e outros, mas foi com seu irmão, João Pontes, que formou a mais temida dupla de zaga do futebol do Rio Grande do Sul.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Me derrubou I

Na coluna do último final de semana, elogiamos o desportista Sérgio Moraes, que colocou seu nome à disposição para assumir a presidência do Gaúcho. Na noite anterior, porém, foi aclamado o advogado Emerson Broto, que peremptoriamente já havia declinado do cargo. É para derrubar qualquer jornalista ou colunista, que tem que entregar sua matéria bem antes do fechamento da edição. Mas não há nenhuma surpresa no fato em si, pois a história do clube registra outras até mais insólitas do que essa. Não duvidem, portanto, se outros desdobramentos ocorrerem e o próprio presidente eleito deixar o cargo, antes mesmo da posse.

Me derrubou II

A Seleção e Felipão também me derrubaram. Parece que quem sentiu o peso da camiseta amarela foi o treinador. Não parecia o Felipão à beira do gramado e nas entrevistas. O técnico brigão, gritão e mal educado deu lugar a outro cordial, passivo, educado com a imprensa e, pior, escalando e mexendo muito mal no time.

Copa América

Que confusão. Até parece aqueles campeonatos organizados pelo Sagui, pelo Ismael, há 25 ou 30 anos atrás. Começavam bagunçados e nunca terminavam. A Copa América sairá ou não? Argentina e Canadá, ao que parece, não irão participar. A "organização" das competições foram terceirizadas e o interesse econômico está acima de tudo. Eu falo no interesse das empresas. De qualquer forma, se sair será bom para o Brasil, que poderá treinar, se entrosar e tirar algumas dúvidas quanto a certas individualidades, que há muito nada apresentam na Seleção.

**Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo**

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES
311.1226



HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Por: Marco Antônio Damian

GA-QUA: O NOSSO GRE-NAL

Segundo tese defendida pelo médico, escritor e desportista, Dr. Jorge Alberto Salton, a rivalidade entre Gaúcho e 14 de Julho, vem de muitos anos, antes mesmo da criação dos clubes, mais precisamente desde a Revolução Federalista do final do século passado.

Acontece que a maior guerra civil da história brasileira, atingiu em cheio Passo Fundo, que se dividiu entre os maragatos (bandeira vermelha) e os chimangos (bandeira verde).

No pós-guerra, o ódio existente entre os confrontantes teria sido levado ao campo esportivo, com a criação do Sport Club Gaúcho (bandeira verde) e o Grêmio Esportivo 14 de Julho (bandeira vermelha).

A tese tem grandes possibilidades de ser verdadeira, pois o que se seguiu a partir de 1921, ano da funda-

ção do 14 de Julho, foram verdadeiras batalhas dentro do campo de jogo ou fora dele.

O primeiro GA-QUA que se tem notícia foi realizado no dia 18 de junho de 1922, com a vitória do 14 de Julho por 3 x 2, tendo os rubros marcado o primeiro gol, através de Brasileiro, que mais tarde foi goleador e ídolo alvi-verde.

Daí em diante, jogos memoráveis que decidiram campeonatos, com a vitória do 14 de Julho pelo citadino de 1945, por 3 x 2, ou então a vitória do Gaúcho por 2 x 1, em 1950, dando ao clube o tricampeonato citadino. Nesta oportunidade, Souza Neto, ponteiro periquito, marcou todos os gols da partida.

O título de campeão do Centenário de Passo Fundo, em 1957, não sai da memória de quatorzeanos mais



Em pé: Carbajar, Machado, Maneco, Amâncio, Nadir, Onoraso e Daison.

Agachados: Meca, Olavo, Raul, Jibinha e Antonhinho.

Gaúcho 2 x 1 Glória em 19.06.66

antigos, claro, em cima do Gaúcho. Este, por sua vez, deu o troco no supercampeonato de 1965, quando bateu seu rival por 2 x 0 e 1 x 0, sagrando-se campeão regional.

Brigas antológicas acabaram com as partidas bem antes do tempo regulamentar. Jogadores adversários, em semana de clássico, não podiam conversar. Tudo era paranóia. Boatos e bravatas que jogadores haviam sido "comprados" pelo rival, eram o assunto da semana entre torcedores no Café Elite ou no Restaurante Maracanã, os lugares mais frequentados na época.

O pior é que às vezes era para valer. Ainda hoje contam histórias de jogadores que "entregaram" seu time ao rival. Uma delas foi que um jogador entrou para o clássico, lá pelos anos 50, e nos primeiros cinco mi-

nutos o adversário passou facilmente por ele e marcou dois gols. Um de seus companheiros chegou nele e disse: "Porque não me disseste que estavas na 'gaveta', seu f.d.p., pois aí eu apostaria no time deles..."

Verdadeiras ou não, as histórias passam a virar lendas e cada vez mais ficam fantasiadas, mas o clássico tinha disso.

Conforme os dirigentes dos dois clubes, em 1986, o profissionalismo extremado e as dificuldades financeiras não comportariam que a cidade de Passo Fundo tivesse dois clubes de futebol profissional, e acabou-se o 14 de Julho. O Gaúcho tentou voltar, mas sem o seu inimigo não haveria de ter mais graça. A rivalidade é essência do esporte, é a alavanca da paixão, é a concorrência desleal no futebol.



Em pé: Aldo, Volney, Tomé, Getúlio, Elói, Gringo.

Agachados: Santarém, Pedrada, Jorginho, Vadi e Ruy.

14 de Julho em 1971.

Com o nome de Gaúcho Futebol Infantil, a escolinha de futebol do Sport Club Gaúcho está em atividade desde de 1994, dirigida pelo médico psiquiatra Jorge Alberto Salton e comandada tecnicamente por Adair Bica e Moacir Bella Valentina. Com a escolinha igualmente foram criadas de competições, nas quais ingressam jogadores que mais se destacam. São

OS MENINOS DO GAÚCHO

nove categorias divididas conforme a idade dos atletas Atualmente estão inscritas mais de 800 crianças, treinando três vezes na semana e realizando diversos jogos amistosos.

TÍTULOS CONQUISTADOS.

Desde sua fundação, os Meninos

do Gaúcho conquistaram várias competições, entre as quais o bicampeonato categoria 12 anos, vice-campeonato categoria 11 anos, campeão categoria 10 anos, tricampeão regional categoria 12 anos, além de um vice-título internacional disputado na Argentina. Está

nos planos do Gaúchos a realização de um campeonato brasileiro de sub-17 e sub-20, provavelmente na semana do município.

Nossos cumprimentos aos atuais dirigentes pelo papel social que desempenham em nossa comunidade, visto que 70% das crianças que estão na escolinha do Gaúcho são crianças carentes.

CASA DE CARNES LAZARETTI

Av. Presidente Vargas, 1772 - São Cristóvão

A mais variada linha para churrasco.

Nos domingos e feriados, carnes assadas sob encomenda com entrega no horário previsto.

Reservas: 315-1157

Rua Gal. Neto, 378

BAVÁRIA BAR

Música ao vivo a partir de quarta-feira

O Bar dos Amigos

Fone: 981-3507

Memória Esportiva

Gaúcho 84 anos

O audacioso grupo de jovens que no distante 12 de maio de 1918 fundou um time de futebol chamado Sport Club Gaúcho, jamais teria imaginado que ele chegasse até essa idade. Tampouco pensaram que um dia tivesse a grandeza e o patrimônio que hoje possui. Dificilmente este clube supôs quantas glórias e conquistas seu recém fundado clube traria a sua legião de fanáticos torcedores e certamente não iriam crer que o seu Gaúcho se tornasse uma lenda no futebol do Rio Grande do Sul. Pois neste domingo o Gaúcho completa 84 anos de existência. Começou como um time de futebol do bairro Boqueirão, passou a um bem organizado clube e na década de 20 obteve sua primeira grande conquista no âmbito estadual. Depois fechou, ficou nove anos inativo. Em 1937 se reorganizou e dois anos mais tarde chegou a semifinal do campeonato gaúcho. Jogou no velho estádio da Vila Vergueiro, construiu o Estádio Wolmar Salton e se tornou também um clube social. Em 65 chegou ao vice-campeonato da segunda divisão. No ano seguinte foi campeão e permaneceu 14 anos na divisão especial. Nos anos 80 viveu bons e maus momentos. Desceu, subiu e voltou a descer da divisão de elite. Tentou uma frustrada fusão com o rival 14 de Julho e depois ficou dz longos anos licenciado. Nessa época abriu uma fábrica de formação de craques. A bom sucedida escolinha de futebol do



Gaúcho em 1965

Em pé: Machado, Adair Bicca, Amâncio, Nadir, Daizon Pontes.

Agachados: Meca, Joãozinho, Raul Matté, Gitinha e Newton Queiroz

Gaúcho. Em 2002 voltou com a categoria profissional e foi campeão da série C. Neste ano o clube luta para voltar a série A, com um time feito basicamente de jovens promessas em um trabalho de muita seriedade e profissionalismo, que o futebol atual exige.

Os grandes ídolos

Foram centenas de jogadores que vestiram a sagrada camisa alviverde. Muitos deles se tornaram grandes ídolos da torcida, se identificaram com o uniforme que representa garra e amor ao clube. Os primeiros foram Javel Silveira e Alfredo Delveaux, ambos convocados para a seleção gaúcha.

Julio Culmann, chamado Menino de Ouro, pela torcida feminina Legendárias Gaúchas. Os vigorosos zagueiros Zica e Honorino Malheiros. Brasileiro, Papagaio, Armandinho Mendes da Costa, Nino Di Primio, Sudeto e o lendário goleiro Harry Becker, os heróis da campanha de 39. Vêncio, Barão e Guaporé; Vete, Vicente e Áureo, os torcedores recitavam essa escalação no final dos anos 40. O zagueiro Léo, cujos irmãos Joir e Joel, também jogaram no clube. Luiz Sachett, goleiro, Ratinho e Juarez, atacantes. Branco Ughini, um símbolo alviverde durante uma década. Sariba, Moreninho, Banana, Montezana, todos do início dos anos dourados do clube. Altino Nascimento, zagueiro, treinador, supervisor,

quase quinze anos de dedicação ao Gaúcho. Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes, Maneca, Honorato, Gitinha, Meca, Arthur, Raul Matté, Antoninho, os campeões de 66. Adair Bicca, Bebeto, o Canhão da Serra, mais de 250 gols marcados com a camisa do Gaúcho. Roberto, o maestro. Carlos Alberto, João Pontes, Luiz Freire, Leivinha, Luiz Carlos, Mario Tito, Gringo, Mosquito, Jair, o pequeno grande craque, Marcos Jacaré, Téio, Mica, Luizão, Jéferson, Sergio Pontes e atualmente Grizzo e Rodrigo. Alguns tecnicamente melhores que outros, mas todos com algo em comum. Os torcedores os idolatravam pois eles se orgulhavam de jogar no Gaúcho de Passo Fundo.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Olimpíadas

Fabuloso o evento esportivo que ocorre em Passo Fundo, a Olimpíada dos Surdos do Brasil. Em toda a cidade encontramos atletas vindos de todos os recantos do país, em animadas e silenciosas conversas na sua linguagem própria, dando um colorido especial às ruas centrais. Iniciativa da Associação dos Surdos de Passo Fundo, que tem em sua direção o valoroso amigo Gustavo Bresolin. O evento, dessa magnitude, louvável e digno de todos os elogios, ficará na história do esporte passo-fundense.

Brasiliense

Fiquei impressionado com o Brasiliense. Joga um futebol solidário. Todos marcam, retomam a bola e partem em bloco e velocidade para o ataque. Os jogadores são precisos nos passes e finalizações, ao melhor estilo São Caetano, com um pouco menos de qualidade técnica. É outro exemplo de como se faz futebol. Time jovem mesclado com 3 ou 4 jogadores experientes, sem estrelas, clube com boa estrutura, salário em dia, preparo físico perfeito e técnico inteligente e trabalhador. Em campo o Brasiliense é comandado por Gil Baiano, execrado no Internacional e seu Gerente de Futebol é o indefectível Ernesto Rosa Guedes, ex-jogador e treinador do Gaúcho. Aliás o alviverde foi seu primeiro time profissional, como técnico.

Gaúcho

O presente que o Gaúcho quer receber no dia do seu aniversário é ver mais de duas mil pessoas torcendo e incentivando o time no Wolmar Salton. Com a ajuda de sua torcida terá sua primeira vitória nessa fase. Parabéns ao Gaúcho, seus jogadores, comissão técnica e aos abnegados Rudimar Pedro, Sergio Moraes, Flávio Algarve, Dr. Wilson Heurich e o presidente João Nereu Lago.

Resposta

A pergunta da última semana foi: qual jogador, que atuando por um time gaúcho foi para a Copa do Mundo e marcou gol? Resposta: Valdomiro do Internacional, em 1974, no jogo contra a República do Zaire. A pergunta desta semana: Quem foram os jogadores gaúchos convocados para a Copa de 50?



Gaúcho em 1947

Em pé: Rodrigues, Guaporé, Vicente, Vete, Benito, Vêncio e Celso.

Agachados: Anjinho, Pepino, Come-Bola, Chinesinho e Djalma



Gaúcho em 1958

Em pé: Armando Mendes da Costa, Olinto, Itamar, Chiquita, Nicanor, Rebequinho e Vete.

Agachados: Peres, Gilberto, Armando Rebechi, Branco, Alberi e Aderbal

Algumas coisas acontecem
MUITO RÁPIDO e mudam nossas vidas
PARA SEMPRE.

Matricule-se agora!

INGLÊS - FRANCÊS-ESPANHOL-PORTUGUÊS (1º E 2º graus, VESTIBULARES E CONCURSOS)

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo-RS

FISK
Rápido e para sempre



Gaúcho é campeão estadual nas categorias 1983, 1984, 1985 e 1986

O domingo cinzento e chuvoso acabou se transformando num dos dias mais iluminados da história do Sport Club Gaúcho. O alvi-verde conquistou diante de sua torcida que lotou as sociais do estádio Wolmar Salton, os títulos de Campeão Estadual nas categorias, 1984, 1985 e 1986. Na verdade, a festa começou sábado, quando a categoria 1983, do técnico Bicca, foi até São Gabriel e empatou em 0 a 0 com a AABB ficando com o título.

CATEGORIA 1983

Na primeira partida da final disputada no estádio Wolmar Salton, os garotos da equipe 1983, venceram pelo placar de 2 a 0 e foram para a final com a vantagem de perder pela diferença de um gol em São Gabriel. Com um sistema defensivo bem armado e explorando os contra-ataques, a equipe do técnico Bicca ficou no 0 a 0 e fez a festa na casa do adversário. Domingo, os jogadores compareceram para dar a volta olímpica no estádio Wolmar Salton.

CATEGORIA 1986

Às 16 horas, a categoria 1986 do Gaúcho entrou em campo para decidir o título contra o Ipiranga de Sarandi. A melhor campanha durante a competição, e o placar de 2 a 2 no primeiro jogo em Sarandi dava ao Gaúcho a vantagem de jogar pelo empate. Mesmo assim, a equipe também comandada por

Bicca, tomou a iniciativa do jogo. Aos seis minutos o atacante Marco fez uma bela jogada pela esquerda, invadiu a área e chutou rasteiro no canto para a defesa de Kauê.

O Gaúcho continuou insistindo e aos 18 minutos abriu o marcador através de Michel. Após arebatada do zagueiro, a bola sobrou para o atacante que bateu de primeira no canto esquerdo, fazendo 1 a 0. Faltando dois minutos para terminar a primeira etapa, o jogador Marcos, um dos destaques da equipe, fez um belo lançamento para o centroavante Nicolas que colocou a bola na frente invadiu a grande área e fuzilou sem chances para Kauê.

Precisando fazer três gols para ficar com o título, o Ipiranga voltou mais ofensivo, e aos 10 minutos conseguiu um pênalti. Vinícius cobrou para fora desperdiçando a chance de fazer o primeiro para o Ipiranga. Aproveitando os contra-ataques, o Gaúcho fez o terceiro gol através de Chimanguinho e garantiu o título de bi-campeão.

Gaúcho: Tierry Tairony, Felipe, Igor, Anderson, Diego, Michel, Dudu, Nicolas, Tiago, Marco e Amílcar, Leandro (Chimanguinho), Lucas, Douglas, Maycon e Leandrinho.

CATEGORIA 1984

Após a conquista da 86, foi a vez da categoria 1984, que

buscava o tri-campeonato. Na primeira partida o Gaúcho perdeu fora de casa para o Vera Cruz por 1 a 0 e precisava da vitória. A chuva deixou o gramado escorregadio e a forte marcação das duas equipes favorecia o jogo aéreo. O zagueiro Tiago teve bastante trabalho principalmente com os cruzamentos do rápido Ezequiel.

Mais experiente e com o apoio da torcida, o Gaúcho voltou melhor na segunda etapa. O meia-esquerda Everson, começou a se destacar com o toque rápido e os lançamentos precisos, que resultaram no tão esperado gol alvi-verde. O volante Fernando após receber um lançamento partiu como um atacante pela direita, invadiu a área deu um corte no zagueiro e com a perna esquerda colocou no ângulo direito do goleiro Ricardo.

A vantagem de um gol já dava o título ao Gaúcho, mas os garotos queriam mais. Aproveitando um cruzamento na área, o jogador Quico chegou primeiro que o zagueiro e completou de cabeça consolidando o Tri.

Gaúcho: Douglas, Ninja, Tigo, Felipe, Fernando, Cassiano, Cristian (Quico), Jaderson, Ricardo, Everson, Thiago, Daniel, Alex,

Fabiano, Henrique, Rogério, Wagner, Carlos, Aurélio, Guilherme, Alexandre, Fábio e Jorge.

CATEGORIA 1985

Com as conquistas das categorias 1986 e 1984, só restava a decisão da categoria 1985 para completar a festa alvi-verde. O adversário foi o S.C. Cometa de Panambi que veio acompanhado de sua torcida. O placar de 0 a 0 em Panambi se repetiu em Passo Fundo e o Gaúcho ficou com o título.



Mesmo com o mau tempo a torcida ficou até o final e acompanhou mais uma volta olímpica.

Gaúcho - Carlos Eduardo, Alexandre, Fabrício, Aloísio, Vinícius, Douglas, Steice, Graciano, Juliano, Cleber, Tiago, Anderson, Vinicius, Marlon, Vinícius K. George e Mateus.

FOTO ORIDES M. FLORÃO



Categoria 1986 é bi-campeã estadual

FOTO ORIDES M. FLORÃO



Equipe 1984 conquistou o tri-campeonato estadual ao vencer o Vera Cruz por 2 a 0

movelar

A Arte que Decora
MÓVEIS SOB MEDIDA

* Orçamento Sem Compromisso.

**TUDO EM
3 PG.TOS.**

Sem acréscimo

(054) 313-3781
FAX: (054) 313-6846

Rua Antônio Araújo, 71
Vila Annes - Passo Fundo



BARBADÃO

Em consequência da renovação de sua frota, a COLEURB coloca a venda carros semi-novos em perfeito estado de conservação.

ÔNIBUS A PREÇOS REDUZIDOS

Interessados em preços e condições:

COLEURB: 7 de Setembro, 97 - Petrópolis

Fones: (054) 311-1322 e 311-1209





Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Histórias do Futebol

Gaúcho recebe o Grêmio na inauguração do seu novo estádio

Em 1954, o Sport Clube Gaúcho, por seu presidente Nilo Zimmermann e pelo vice, Armando Menegaz, adquiriu da viúva Antonia Barreiro, o imóvel para construção de seu estádio, no Boqueirão. O Clube na época estava sem campo para jogar, uma vez que o da Vila Vergueiro, havia sido demolido, para que a família proprietária, loteasse a área. A partir daí era arregaçar as mangas e trabalhar. Torcedores, dirigentes e os jogadores, em regime de mutirão ajudavam na obra. Para angariar fundos até mesmo o sorteio de um automóvel Bel-Air, foi efetivado. Conforme conta Danilo Zimmermann, o carro ficava



Jogadores da esquerda para direita - Delem, Vieira, Bob, Juarez, Enio Rodrigues, Airton, Oneti, La Guardia, Toquinho, Figueró, Gessy (Grêmio). Gaúcho - Hugo Loss, Careca, Nicanor, Aderbal, Branco, Enir, Finco, Armando Rebechi, Rebequinho, Vete.

Onde Anda

Em 1953, o Rio-grandense lançou em seu quadro principal, um jovem goleiro que mais tarde seria um dos melhores da história do futebol de Passo Fundo. Seu apelido, Pirata. Era dono de uma grande elasticidade, excelente senso de colocação e de um arrojado impressionante. Permaneceu em seu clube do coração até 1960, quando se transferiu para o Independente. Campeão Citadino de Amadores pelo ferrinho em 1959, repetiu o feito em 1961, pelo IGAA. No ano seguinte, já como treinador levou o alvinegro do Boqueirão, ao seu maior título. Campeão Estadual de Amadores, série azul. Foi também um extraordinário goleiro de futebol de salão. Defendeu as cores do Americado, Capingüí e Atlanta. Sagrou-se campeão estadual pelo Capingüí.



Hoje, o cidadão Antonio Severo de Freitas, seu verdadeiro nome, está com 64 anos de idade e vive uma abençoada união de 43 anos com a esposa Ubaldina Souza Freitas. Tiveram apenas uma filha Gilcéia Souza de Araújo, já casada, e completam a felicidade com um casal de netos. O grande Pirata, está aposentado, após prestar serviços por 30 anos na Agência Ford, e reside em casa própria na rua Padre Valentin, em Passo Fundo.

exposto num estrado defronte a Catedral, e o feliz ganhador foi Henrique Freitag, pai do comunicador Jaime Freitag. A Prefeitura Municipal cedeu o maquinário para a terraplanagem do campo. Funcionários da empresa Menegaz, comandados por Alfeu Comim, trabalhava nos sábados e domingos, gratuitamente, na soldagem do alambrado. Enfim, o esforço foi árduo e desgastante.

Chegara o dia inauguração. Era 24 de abril de 1957, tarde cinzenta, carregada de nuvens e prenúncio de chuvas.

No estádio, ainda sem nome, não havia lugar para sentar. Era cercado com madeiras, e além do gramado só tinha o alambrado. O presidente do clube agora era Centenário do Amaral.

O convidado especial, Grêmio Portoalegrense, era

o campeão Gaúcho de 1956. No tricolor, as estrelas eram o zagueiro Airton da Silva, Bob, que depois jogou no Botafogo, La Guardia, titular da seleção do Paraguai, Delem, que posteriormente brilhou no Vasco e no River Plate, e o extraordinário Gessy, além de Juarez e Vieira, dois excelentes jogadores. Apenas o meia Milton, titular, não veio jogar.

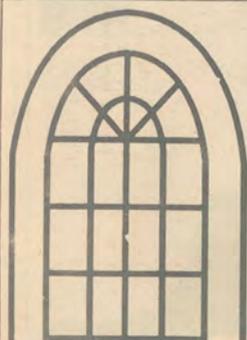
O Gaúcho por seu lado tinha um time formado por jogadores da cidade, entre estudantes, militares e funcionários de empresas locais.

A novidade naquele jogo, era o deslocamento de Armando Rebechi, que vinha mal na lateral esquerda, para o meio do ataque. Posição que o consagrou no futuro.

Estádio cheio e uma renda que proporcionou CR\$ 20.000,00 record na época. O árbitro foi o

argentino Juan Uguiza, contratado pela Federação Riograndense de Futebol. A partida inicia logo nos primeiros momentos, Armando Rebechi, agora centroavante marca o gol histórico. O primeiro do novo estádio. Mas o Grêmio, infinitamente superior, acumulou gols em profusão, vencendo a partida por 8x2. Marcaram para o Tricolor, Juarez, Gessy e Delem dois gols cada, mais Tesourinha II e Vieira. Careca, apelido do já falecido Oly Albuquerque, marcou o segundo do Gaúcho.

Algum tempo mais tarde Wolmar Salton, realizou uma série de benfeitorias no estádio, incluindo um pavilhão coberto. Os conselheiros do clube, por unanimidade deram a praça de esportes o nome de Estádio Wolmar Salton. Ele também é conhecido como Estádio da Montanha.



**GOLDEN
SHOPPING
CENTER**

O novo centro de PASSO FUNDO

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA

ef

Memória Esportiva

Gradin, 20 anos de talento

Pedro Rosa, o Gradin, foi um dos jogadores de maior longevidade nos campos de futebol de Passo Fundo. Considerando que em sua época o atleta com 30 anos ou perto disso era considerado acabado para o esporte, Gradin contrariou todas as previsões e correu atrás da bola até os 36 anos de idade. Gradin foi um craque. Um craque negro, num período em que a predominância de jogadores brancos era esmagadora. Ele e seu inseparável amigo e outro grande jogador Prinche, o lateral Custódio, do Riograndense e Miquinha, do Gaúcho, eram os negros do futebol passo-fundense no início da década de 40.

Meu pé esquerdo

Quando menino, Gradin mostrava habilidade com a bola e era sempre convidado a participar de peladas, na vasta imensidão de campo existente na cidade. Jogava com os pés descalços, pois chuteiras, além de artigo raro, eram muito caras.

Certa feita chegou ao campo para jogar e foi surpreendido com a imposição de que teria de jogar com chuteiras. Como não tinha, virou as costas e voltaria para casa.

Mas, como era o craque do time, seu companheiro teve uma idéia brilhante: "Gradin, eu te empresto a chuteira do pé esquerdo e jogo com a direita". O regulamento não falava nada em jogar com uma só chuteira, assim entraram em campo.

Aí surgiu o segundo problema. Gradin era destro e o pé esquerdo era apenas um complemento de seu corpo. Chutar bola com ele nem pensar. Para



Riograndense, jogando em Concórdia - SC - Em pé: Orlando, Cao, Moisés, Headerley, Valter e Sebastião. Agachados: Paulistinha, Gringo, Itamar, Ronaldo e Gradin

não ficar de fora, Gradin jogou assim mesmo e passou obrigatoriamente a chutar com o pé esquerdo, até aprender. E foi assim que se tornou um dos melhores laterais ou ponteiros do nosso futebol, jogando sempre pela esquerda.

Com a camisa vermelha

Em 1941, com Prinche, ele chegou ao Gaúcho. Sua posição original era centro-médio, mas ali

jogava o veterano Zica. Então Gradin foi para a lateral esquerda. No Gaúcho ficou apenas um ano. A camiseta vermelha, igual a do seu Internacional, o seduziu, e Gradin mandou-se para o 14 de Julho.

Foi campeão da cidade, em 43, 45 e 47. Neste último título, o 14 de Julho foi semifinalista do campeonato estadual de amadores. Venceu o Glória, de Carazinho, o Atlântico, de Erechim e o Gepo, de Tupanciretã. Na primeira partida venceu em casa o Flamengo, de Caxias, por 1x0. Mas perdeu na prorrogação, na partida de volta, por 2x0. Sua equipe base formava com: Timpa, Sabino e Pupe; Nardo, Tau e Gradin; Gafanha, Nery Simão, Célio Barbosa, Prinche e Pregentino.

Campeão em Erechim

Em 1948, Gradin foi contratado pelo Atlântico, de Erechim, e também foi campeão da cidade. Nas quatro partidas disputadas contra o Ypiranga, clássico local, venceu todas, pelos placares de 3x0, 2x1, 2x1 e 4x3. A base do time era: Miguel, Sabino e Celso Stangler; Bosio, Rico e Gradin; Barbieri, Magri, Ronchetti, Borges (pai de Paulo César Carpegiani) e Nercy.

Na metade de 49, Gradin deixou o Atlântico para jogar no Lutador, de Estação. Depois se transferiu para o Nacional, de Porto Alegre, onde permaneceu pouco tempo.

Volta ao 14

Em 1950, o craque voltou ao 14 de Julho. Não era mais um lateral, mas sim passou a ser, pelo menos teoricamente, um jogador de futebol profissional, disputando o campeonato estadual da segunda divisão de profissionais.

Em 1955, foi campeão regional e das Missões, primeiros títulos do 14 de Julho como clube profissional. Seu time tinha: Magalhães, Léo e Celso; Vete, Getúlio e Gentil; Caíco, Omir, Gringo, Tubino e Gradin (Calé). Entre 55 e 60, foi hexa-campeão cidadão de futebol.

Ainda em 1955, Gradin foi convocado para formar uma seleção de Passo Fundo, que disputou uma partida amistosa contra o Olaria, do Rio de Janeiro, clube sensação do futebol carioca naquele ano. A seleção perdeu a partida por 5x4, e Gradin marcou um gol olímpico, o terceiro dos passo-fundenses. A seleção foi formada por Dindo, Hugo Loss e Gentil, Prinche, Nivio Belotti, Antoninho; Djalma, Omir, Zizi, Caíco e Gradin.

O craque encerrou a carreira no final de 1961, jogando pelo Riograndense. Foram 20 anos ininterruptos de talento, lealdade e humildade de um grande craque. Gradin foi um dos maiores nomes da história do futebol de Passo Fundo.



Atlântico de 1948 - Em pé: Sabino, Celso, Gradin, Rico, Bósio e Nercy. Agachados: Barbieri, Ronchetti, Magri, Borges e Miguel



14 de Julho em 1954 - Em pé: Hugo, Edson, Vete, Zizi, Gradin e Dindo. Agachados: Beto, Careca, Plínio, H. Moura e Gringo

Visão de Jogo

Marco Antônio Damian

Seleção

Leão, o jogador mais vaidoso, arrogante e insolente do futebol brasileiro, duplicou seus feitos depois que passou a comandar, especialmente quando tornou-se treinador da Seleção Brasileira. A radicalização que ele promoveu na última convocação é uma evidência de sua vaidade. Desde a sexta-feira, quando anunciou os convocados, até o término do jogo contra o Peru, todos os holofotes da mídia o iluminaram e era exatamente isso que ele queria.

Imaginou que dada a fragilidade da seleção peruana, jogando em casa, a vitória iria consagrar suas idéias e sairia todo poderoso do Morumbi. Como o tiro saiu pela culatra, está mais desmoralizado do que nunca. O pior é que atirou às chamas bons jogadores, que não tiveram culpa do fracasso.

Todas as situações seriam mais fáceis de serem resolvidas, não fosse a vaidade humana. No caso da Seleção, como não existe tempo para treinamentos, o simples seria manter uma base, de pelo menos oito jogadores titulares, em todas as convocações. Como a Seleção joga mensalmente, não seria tão difícil obter pelo menos um melhor entrosamento. Igualmente dar um padrão tático ao time, como faz Marcelo Belsa, da Argentina, que atua num 3-5-2, com forte marcação, movimentação e velocidade no ataque, convocando sempre os mesmos, salvo o motivo de lesão ou suspensão.

O melhor momento da Seleção Brasileira, após o Mundial, foi na Copa América de 1999, quando jogamos contra estas mesmas seleções das eliminatórias e fomos campeões. Luxemburgo compunha o time, com três jogadores de marcação no meio de campo. Emerson, mais centralizado, Vampeta, pela direita, fazendo cobertura à Cafú e Zé Roberto, fazendo o mesmo, pelo lado esquerdo. Com uma marcação forte, fica mais fácil de jogar. A bola permanece mais em nossos pés e, via de consequência, atacaremos mais.

O conceito de ofensividade do treinador Leão é outro. É simplesmente escalar atacantes. Faltam seis partidas, sendo três em casa: Venezuela (moleza), Chile (quase fora da disputa) e Paraguai (inimigo), e três fora: Uruguai (desesperado), Argentina (difícil de vencer) e Bolívia (na altitude de La Paz, já perdemos, com time muito melhor). A classificação que era favas contadas, já não parece tão clara.

Memória Esportiva

História que a bola não conta

Os motoristas que estacionam seus veículos na rua Independência ao largo da Praça Marechal Floriano não deixam de perceber a figura de um senhor de cabelos brancos, fisionomia cansada, roupas surradas, sentado no banco da praça junto aos guardadores e lavadores de automóveis. O nome dele é Vitor Varela da Silva e poucos sabem que aquele cidadão de olhar triste foi um grande goleiro de futebol. Ao ser indagado sobre o seu passado no esporte, abre um largo sorriso, seus olhos brilham, para logo após ficarem marejados pela emoção. Sua memória está fraca e as lembranças demoram a chegar, embora afirme que está muito bem de saúde e que jamais adoeceu.

Vitor nasceu em Passo Fundo, em janeiro de 1932, tendo portanto completado 70 anos. Quando guri começou a jogar bola no Bonsucesso, time da várzea. Trabalhava como "gaioteiro", num dos muitos pontos de carroças de fretes que existiam na cidade na década de 50. Vitor realizava muitas entregas na Viação Férrea e por isso fez amizades com os ferroviários, que o convidaram a ingressar no time do Riograndense. Lembra que o presidente era Bernardino Guimarães, pessoa a quem Vitor reverencia. No "Ferrinho", Vitor mostrou uma característica muito própria como goleiro. Defendia chutes com apenas uma mão, segurando a bola como se seus dedos fossem garras. Logo foi apelidado de Mão de Onça.

No Riograndense, Vitor, o Mão de Onça, jogou com vários craques que brilharam nos clubes da cidade, tais como Noiran, que atuou no 14 de Julho, Vadecão,



Riograndense de 1956

Em pé: Jurez Pinto, Juarez, Dirceu Cabeça, Vitor, Vadecão, Lagarto, Orlando, Jares,, Gago e Bernardino Guimarães.

Agachados: Jorge, Pinto, Valentin, Nicanor e Aimoré.

lateral-esquerdo do 14 de Julho e do Gaúcho, Jorginho, Getúlio, os irmãos Aimoré e Daltro Pinto, este antigo jogador do Gaúcho e do Veterano de Carazinho, mais tarde massagista do Gaúcho por muitas temporadas. Vitor era titular absoluto do "Ferrinho", sendo seu reserva o também extraordinário goleiro Pirata, que igualmente brilhou no futebol de salão, defendendo o Capingui.

Ao deixar o Riograndense jogou no 14 de Julho de Passo Fundo e no 14 de Julho de Erechim, dos irmãos Badalotti. Afirma que quando estava no 14 de Julho local, recebeu uma proposta que poderia ter mudado seu destino. Através do antigo craque e treinador Heitor Moura, foi convidado a jogar no Renner, time profissional de Porto Alegre.

FOTO: ARQUIVO DM

Mas ele assegura dizendo: "Eles (os dirigentes) não me deixaram sair". Assevera que nunca recebeu dinheiro para jogar futebol. O máximo que conseguiam na época era um jantar no Restaurante Maracanã ou no Café Elite, depois de uma vitória.

O fato de não ter ido para o Renner frustrou Vitor, que largou o futebol e sentou praça na Brigada Militar. Trabalhou como soldado por mais de 20 anos e depois se aposentou, justamente por problemas de saúde que resultou em sua falta de memória. Quando lembra de sua falecida esposa, Vitor se emociona, diz que residia "em frente a antiga Sulina, hoje Unimed, numa casa que era do Aido Finardi" e desde 1999, mora num quarto do Hotel Glória, hoje situado na rua Capitão Eleutério e auxilia seu filho, que está desempregado, na lavagem de carros que estacionam na rua Independência.

FOTO: JOÃO VICENTE/ DM



Vitor Varela da Silva



Riograndense de 1957

Em pé: Celso, Vitor, Hermes, Badico, Pedro, Erlando, Pirata e Nanico.

Agachados: Eloy, Jorginho, Getúlio, Aimoré, Noiran e Benoni.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Castigo

Até fazer seu gol no fim do primeiro tempo, o Grêmio realizou boa partida, amassando o adversário em seu próprio campo e criando situações de gols. O Olímpia ao ter um jogador expulso aos 16 minutos, ofereceu ao Grêmio toda a chance de matar a partida. Mas o que fez o técnico Tite? Retirou de campo seu melhor jogador, Gilberto, que vinha realizando a tarefa de Zinho, que não jogou nada. Dos pés de Gilberto nasceram todas as boas jogadas ofensivas do time. Cansaço? Pois ele tem que jogar até a exaustão, pois em decisão não há cansaço. Logo depois retira Grafite, que não vinha jogando bem, mas era o homem que poderia decidir. Ao sair de campo, os zagueiros paraguaios se tranquilizaram e o tricolor não chegou mais. Tite escolheu o time taticamente e o resultado foi um castigo para a confusão que ele formou.

Arbitragem

O Grêmio reclama do que? No gol anulado Luiz Mário estava adiantado e embora não tenha participado da jogada, pulou na frente do goleiro antes do chute de Claudiomiro, dando a impressão ao bandeirinha que atrapalhou Tavares. Um lance discutível até pela televisão. O pênalti que Eduardo defendeu, ele realmente se adiantou. A alegação que nenhum árbitro pune este tipo de lance não tem fundamento. A boa arbitragem argentina lembrou-me Carlos Castrilli, também argentino que marcou um pênalti para o Corinthians contra a Portuguesa, num empurrão na cobrança de escanteio e foi execrado. Também disseram: Nenhum juiz brasileiro apita esse tipo de lance. Pois a história se repetiu e na verdade, sem bairrismo ou clubismo, os dois árbitros acertaram. A verdade é que o Grêmio perdeu por seus próprios erros.

Série C

Os dirigentes do E. C. Passo Fundo ainda não decidiram se participarão do brasileiro da Série C. Ouvi rumores de que no caso de vir a disputar, a direção técnica do time poderia ser entregue ao técnico Marcos Gaúcho. Conheço seu trabalho e sua capacidade. Marcos ainda não teve uma real chance de treinar os times da cidade, mas seu trabalho em equipes de Santa Catarina e Paraná, lhe renderam boa experiência e currículo. Marcos foi um craque dentro de campo e é um estrategista fora dele.

Jogo inesquecível

Na próxima semana será criada a seção Meu Jogo Inesquecível, dentro da Memória Esportiva. Torcedores que quiserem relatar em no máximo 20 linhas, a história de um jogo que jamais esquecerão, poderão entregar o texto no DM, editoria de esportes.

Quase tão bom quanto a sua cama, com a vantagem de acordar em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES

311.1226





Arte: Leonardo Dóo

Esporte

Histórias da Bola

Massagistas, os heróis anônimos

De um modo geral eles são assim mesmo, passam despercebidos, poucos os corhecem, muitas vezes nem os nomes são sabidos, que é por apelidos que são chamados. São portanto, heróis anônimos, mas incansáveis, porque sua luta principia bem antes de começar o jogo, acompanha-a todo o seu desenvolvimento, e continua após o encerramento do espetáculo.

Existem as exceções, aqueles que estão vinculados a grandes clubes. No mais, são apenas "massagistas" e nada mais. Mas a verdade é que eles são também humanos, que vivem e sofrem as emoções de suas de suas agremiações, que se acostumam a querer bem os atletas a que servem, e cujos músculos retezados ou estropiados, são recompostos e recuperados por mãos hábeis.

E quem poderia supor o que vai na alma de um massagista, quieto e sossegado, lá num canto do gramado, sentado ao lado de

sua maleta de uns poucos medicamentos? Pois todas as atenções dos torcedores, jornalistas, dirigentes, estão voltadas para o jogo e os jogadores. Ninguém para eles dispensaria um só olhar, a não ser quando entram em dasabalada corrida em campo para atender um lesionado, ou mesmo para servir de veículo de instruções fornecidas pelos treinadores.

Mas, um dia ,domingo chuvoso, dia 18 de outubro de 1964, no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, jogam 14 de Julho e Riograndense de Santa Maria, pelas quartas-de-finais do estadual/1ª divisão. O time visitante havia vencido o primeiro jogo, por 3 x 1. Nada além da vitória servia para o 14 de Julho.

Decorre o primeiro tempo, com a vitória quatorzeana por 2x0. De repente, o Riograndense desconta, e no minuto seguinte empata. Pois foi naquela tarde, que um massagista, conseguiu ser o astro maior do espetáculo. Porque



(primeiro agachado da esq. para dir Daltro Pinto - o massagista que mais tempo permaneceu no Wolmar Salton

conseguiu demonstrar em público que ninguém, como ele, amou tanto a camiseta de seu clube. Ele se chamava Crisante Cezar, e não

REPRODUÇÃO CZAMANSKI

resistiu à perspectiva de nova derrota de seu grande amor e oferecendo como incentivo à vitória, o que tinha de melhor a propiciar, sua própria vida, e não o fez em vão, porque o milagre aconteceu. O tropeço iminente se transformou em triunfo consagrador, por 5 gols a 2.

Vitória amarga e cara, que seu preço foi a existência do até então anônimo massagista, a partir daquela data, incorporado

definitivamente à galeria das mais ilustres figuras do rubro passofundense. A homenagem a todos os heróis anônimos, que eram chamados por Vêncio, Doroty, Pinto, Lara, Julio, Espalha, Sagüi, Marreta, Tartaruga, o atual massagista do E.C. Passo Fundo Olavo Pereira, e tantos outros incansáveis, que lutam para pôr em campo, em perfeitas condições, os craques que farão a alegria de milhares de torcedores.

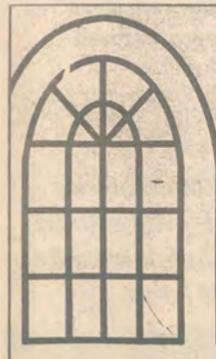
REPRODUÇÃO CZAMANSKI



Após encerrar a carreira Vêncio (o primeiro da direita para a esquerda) trabalhou como massagista do Gaúcho em 1965



Júlio foi o massagista do 14 de Julho em 1960



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:



Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Histórias que a bola não conta

No início da década de 40, chegou a Passo Fundo, vindo do Sá Viana de Uruguaiana, um uruguaio que jogava de centroavante ou meia-esquerda. Seu nome era Cândido Miléo. Dono de excelente domínio de bola, foi um verdadeiro craque. Jogou no Riograndense e no 14 de Julho. Depois de abandonar a carreira virou técnico do 14 de Julho. Algum tempo após deixou a cidade e nunca mais voltou.

Vários anos se passaram quando o passo-fundense Geserino Annes, o Zizi, também jogador de futebol, era o gerente da agência Banrisul na cidade de Camaquã. Certo dia ao chegar

num restaurante naquela cidade, viu o segurança do estabelecimento esconder um mendigo que estava nas imediações. Zizi olhou para aquele senhor maltrapilho, o reconheceu e perguntou: "Você não é o Miléo?". Seus olhos brilharam ao afirmar que sim. Zizi então se dirigiu ao segurança e disse: "Esse homem foi um dos melhores atacantes do futebol do nosso Estado". Espantado o segurança nada respondeu. Então Zizi, o levou para dentro do restaurante, solicitou uma mesa separada nos fundos, e lhe pagou um farto almoço. Entre orgulho e lágrimas, Miléo saciou a fome.



Miléo, agachado com a bola, ajudando a compor juntamente com Zica, Custódio, Edú, Susin, Alberico, Maneca e Ferrari uma das grandes equipes do 14 de Julho.

Onde Anda

Em 1970, o S.C. Gaúcho trouxe dos juvenis do Internacional de Porto Alegre, seis jogadores para seu elenco. Eram eles: Telmo, goleiro, Paulo Fraga e Paulo Gonçalves, zagueiros, Luis Carlos, lateral esquerdo, Rubens, centroavante e Canhoto, ponteiro esquerdo. Ao final da temporada, com exceção de Luiz Carlos, todos os outros foram embora. Apenas Telmo jogou poucas partidas, pois Nadir era titular absoluto.

ODM Esportes, localizou Telmo Berger, residindo na cidade de Rio Pardo/RS. Casado é pai de cinco filhos e professor aposentado. Ao largar o futebol, ainda jovem, Telmo, se elegeu vereador por três legislaturas, foi titular das secretarias de Educação e Agricultura, em seu município, e secretário Estadual de Educação para a região do Vale do Rio Pardo.



Goleiro Telmo atuou na equipe do S.C. Gaúcho em 1970

Seleção Passo-fundense de Futebol

Nesta edição, o DM lança pela primeira vez as seleções escaladas por pessoas com idade acima de 50 anos, que estiveram presente nos gramados, nas salas das diretorias e nas arquibancadas dos estádios, ajudando a escrever ao longo dos anos, as páginas da história do futebol de nossa cidade. As seleções foram escaladas com jogadores que atuaram nos clubes de Passo Fundo independentemente do período.

Silvio Carrão de Lima (ex-dirigente do S.C. Gaúcho) Nadir, Machado, Antonio Carlos, Daison Pontes e Maneca; Raul, Roberto e Luiz Freire, Meca, Bebeto e Antoninho.

- Sérgio Lângaro (ex- atleta amador)

Susin, Pupe e Barão; Jerônimo, Custódio e Vacaria, Come-Bola, Isabelino, Bebeto, Polaco e Jamegão

- Abílio Soveral Fuão (ex- atleta amador e dirigente esportivo) Nadir, Gringo, Amâncio, Daison Pontes e Gentil; Heitor Verardi e Santarém; Meca, Naninho, Bebeto e Zoca.

- Sergio Mosch Cardoso (ex-dirigente do 14 de Julho) Lara, Zangão, Pinga, Daison Pontes e Vacaria; Heitor Verardi, Santarém e Wilson Moraes, Meca, Bebeto e Zoca.

- José Catharino Ferreira (ex- atleta amador)

Timpa, Vete, Barão, Daison Pontes e Gradin, Heitor Verardi, Santarém e Claudio Freitas, Jamegão, Bebeto e Chinesinho.

- Murilo Coutinho Annes (ex-jogador amador e dirigente do Independente)

Harry Becker, Barão e Pupe, Vete, Prinche e Quero-Quero, Noio, Heitor Verardi, Jamegão, Chinesinho e Pregentino.

- Clodomiro Machado (ex-jogador de futebol profissional) Valdemar, Machado, Amâncio, Barão e Gradin, Heitor Verardi e Roberto; Meca, Jamegão, Bebeto e Ivo Aguiar.

Ivo Risieri Tasca (ex-jogador amador e dirigente do Independente)

Harry Becker, Barão e Quero-Quero, Prinche, Heitor Verardi e Marcondes, Adão Galinha Morta, Jamegão, Vadila Marques, Célio Barbosa e Pregentino.



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

ARGEMIRO CUSTÓDIO E LÍRIO SUSIN RECEBEM HOMENAGEM DOS VETERANOS

Em solenidade realizada nas dependências do Clube União Batutas dos Ferroviários de Passo Fundo, numa iniciativa da Associação dos Veteranos do Futebol Passofundense, foram homenageados os velhos e conhecidos desportistas locais, Argemiro Custódio que acaba de completar 84 anos de vida e o empresário Lírio Susin que foi companheiro de Custódio na década de 1940.

Estiveram presentes quase que a totalidade dos associados e amigos dos homenageados, todos levando o seu carinho aqueles que num passado já distante nos propiciaram grandes alegrias no futebol amador do Rio Grande do Sul.

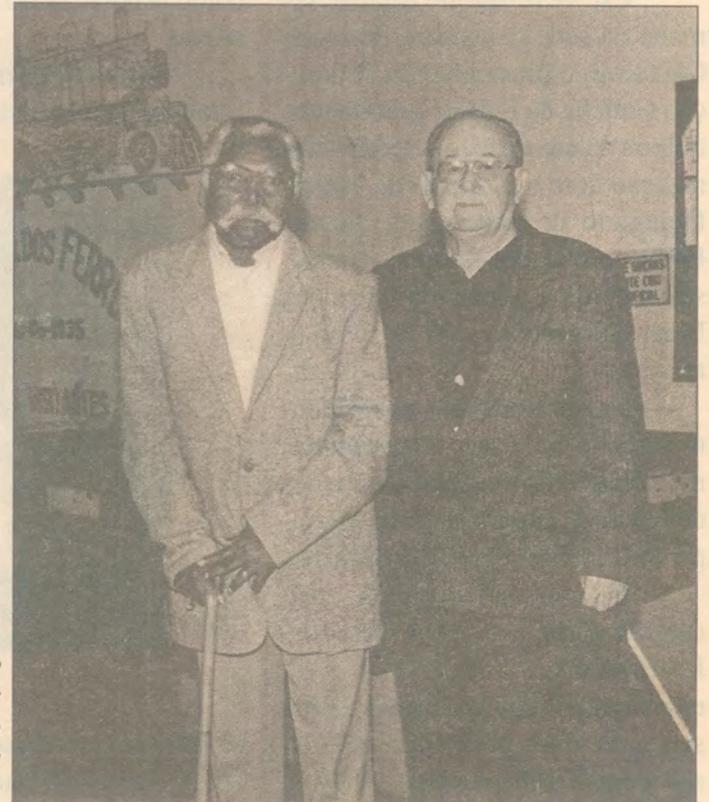
A iniciativa foi dos irmãos Orlando e Osvaldo Spanemberger com a colaboração de todos os integrantes dos Veteranos.

Marcaram presença entre muitos os ex-atletas Prinche, Badico, Alvacir e Manéca, de um passado mais recente além dos filhos e netos do "Velho Custódio". Falando em filhos, é

bom lembrar que dois deles jogaram pelo futebol profissional nos anos de 60 e 70, com Reys e Saul tendo se destacado e lembrando as boas qualidades do pai.

A homenagem aconteceu no dia 9 de agosto, dia dos pais, justamente para lembrar estas duas figuras, Argemiro Custódio e Lírio Susin, que foram dos campos de futebol nunca se cansaram na sólida educação de seus filhos.

Sr. Argemiro Custódio, 84 anos, tri-campeão da cidade pelo Riograndense F. C. nos anos de 1940, 1941 e 1942 e Sr. Lírio Susin, grande goleiro do 14 de julho nos anos 40.



1ª fila, da esquerda para a direita, em pé: Nery, Saul, Custódio, César, Neno, Roque João Linguíça, Ubiratan, Gilberto, Reis Custódio, Marquinhos e Camarão. 2ª fila, da esquerda para a direita, em pé: João, Vergílio, Maneca, Bolinha, Prinche, Custódio, Lírio Susin, Alvacir, Coutinho, Luiz Custódio, Gelson Custódio e Regis Custódio. Sentados, da esquerda para a direita: Orlando, Benoni, Vadeção, Gay, Badico, Nenê, Leonardo Custódio, João Almeida, Angelo e Johnson Custódio.

Muito motorista gaúcho parece desconhecer que, pelo novo Código de Trânsito, fazer retorno em local proibido é infração gravíssima. Além de pesar no bolso, é penalidade de sete pontos.

Lembrete da:
NACIONAL CORRETORA DE VEÍCULOS
Compra - Venda
Intermediação de Veículos

Fone: 311-8585

LEITE HOLANDÊS

Compromisso com a qualidade

Cabanhas Ughini



Waldemar Marques & Cia Ltda.
CRECI 6573 CGC 90.717.893/0001-83

DIRETORES
Waldemar Marques
Zulmira M. Modesti Marques (Otília)
Zulmar Modesti Marques

Escritório:
RUA BENJAMIN CONSTANT, 694
FONE: (054) 313-2784



Arte: Leonardo Dóo

Esporte



Independente - 56 anos de Glória - II Parte

O HEPTA - CAMPEONATO CIDADINO

De 1952 a 1958, só deu Independente no campeonato cidadão de amadores. Tudo começou no dia 19 de outubro de 1952, no Estádio da Tingaúna, na decisão contra o Atlético. Vitória alvi-negra, por 3x1, gols de Plínio Rosseto, duas vezes e Pepino Silva. O Independente era o campeão, tendo o seguinte time base: Vêncio, Antonio e Roque; Egydio, Hiran e Hermes; Alberto, Heitor Verardi, Plínio, Pepino e Juarez. A partir de 1953, a disputa com certame local, ficou esvaziada, em razão da desintegração do Atlético, e da passagem ao regime profissional de 14 de Julho e Gaúcho.

O GRANDE ADVERSÁRIO ALVI-NEGRO

Em 1953, o IGAA, representando Passo Fundo, no Campeonato Estadual de Amadores, chegou a semi-final, perdendo para o Internacional de

São Borja, na terceira e decisiva partida, realizada em Santo Ângelo, por 3 a 2, tendo Ivo Diogo, que após brilhou no Inter de Porto Alegre, feito o gol decisivo, na prorrogação. Em 1954, outra semi-final, contra o Internacional de São Borja. Depois de uma vitória para cada lado, a decisão em campo neutro. Foi designada a cidade de Santa Maria. O alvi-negro sedento de vingança, empatou a partida em dois gols. Na prorrogação, derrota passofundense, por 3 a 2, com gol de Ivo Diogo. Em 1957, o IGAA, chegou a finalíssima contra o Internacional de São Borja. Empate em Passo Fundo, e o vice-campeonato, após nova derrota, por 3x2. Desta feita, Ivo Diogo já estava no Inter de Porto Alegre, companheiro de Heitor Verardi, contra quem jogaria a primeira decisão.

CAMPEÃO ESTADUAL

Em 1962, o clube do Boqueirão, passou a primeira fase

do Estadual, batendo o Grêmio de Marau, Santa Isabel, de Gaurama e Guaíba de Getúlio Vargas. Foi a semi-final, e derrotou o Gaúcho, de Serafina Correa. Na final o adversário era o Brasil de Farroupilha. Vitória do IGAA, jogando na serra, por 4 a 3, gols de Bertóglgio, duas vezes, Anselmo e Edú. No segundo jogo, na Tingaúna, uma surpresa. O Brasil, venceu por 5 a 2, provocando a realização da terceira partida. Designada a cidade de Guaporé. Jogando uma partida espetacular, o Independente, venceu por 4 a 2, gols de Bertóglgio, duas vezes, Juarez e Carmo, sagrando-se campeão estadual, pela primeira e única vez em sua história. Os jogadores, treinados por Antonio Severo de Freitas, o ex-goleiro Pirata, eram os seguintes: Luiz Sachett, Flávio Belotti, Jatir Bilibio, Lindemar Franzon, Miguel Ambrósio, Ben-Hur Fontana, Walter Machado, José Juarez Rodrigues, Carmo Lammell, Edino

REPRODUÇÃO CZAMANSKI

Bertóglgio, Juan Garcia Reyes, Anselmo Alves dos Santos, Wilmar de Souza, Hearderley Lopes, Edú Pimentel, Zilmar Varella, Aldo Bonissoni e João Mamedes.

GRANDES DIRIGENTES

O Independente, em sua trajetória de glórias, foi comandado por grandes desportistas, seus verdadeiros torcedores, que amavam o clube e não mediam esforços para vê-lo alcançando suas grandes conquistas. O maior deles foi o Alceu Laus. Desportista, que esteve presente, desde a fundação do clube, até sua morte. Foi desde

presidente, até enfermeiro do Independente. Ninguém como ele, venerou tanto o alvi-negro. Hugo Lisboa, presidente por vários anos. Idealizador, homem de grandes empreendimentos, concretizou o sonho da construção do Estádio da Tingaúna. Deoclécio Rostro, Vítório Verardi, Eduardo Barreiro, Dr. Murilo Annes, Dr. Ivo Risieri Tasca, Capitão Geraldo Majela Bernardes, Arlindo Agostini, Tenente Kraemmer, foram alguns ilustres nomes, do magnânimo Independente Grêmio Atlético de Amadores.

SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- **Dirceu Pereira da Silva** - (ex-jogador do 14 de Julho e Rio-grandense) Lara, Zangão, Pinga, Daizon Pontes e Vadeção; Heitor Verardi e Wilson Moraes, Meca, Santarém, Bebeto e Zoca.
- **Jesus Castanho Mendes Neto** (Dirigente do S.C. Gaúcho) Carlos Alberto, Gringo, João Pontes, Daizon Pontes e Maneca; Jair e Luiz Freire, Meca, Pedro, Bebeto e Leivinha.
- **Ivar Soares** (Chitão) (Ex-jogador do Independente e 14 de Julho) Rebequinho, Piranha, Daizon Pontes, Nivio e Gradin; Heitor Verardi e Santarém, Mariotti, Naninho, Armando Rebechi e Zoca.
- **Marcos Gazzoli** (Ex-jogador do Rio-grandense) Pirata, Hugo Loss, Vando e Vadeção, Marcos e Branco Ughini, Meca, Caíco, Plínio Rosseto, Heitor Verardi e Ratinho.
- **Telmo Lago** (Ex-jogador do Rio-grandense) Waldemar Pantera, Barão e Daizon Pontes, Heitor Moura, Sabino e Custódio, Adão Galinha Morta, Miléo, Célio Barbosa, Marcondes e Jamegão.
- **Dino Rosa** (radialista, ex-jogador do Independente e Rio-grandense) Vêncio, Barão e Guaporé, Vete, Vicente e Áureo, Dom Pedrito, Libinho, Labarthe, Pontes e Alexandre
- **Octávio Dante** (torcedor de futebol) Timpa, Machado, Daizon Pontes, Nivio e Maneca, Santarém e Roberto; Meca, Arthur, Plínio Rosseto Jorge Berthier.
- **Arlindo Frenzem** (torcedor de futebol) Waldemar Pantera, Barão e Guaporé, Prinche, Custódio e Gradin, Papagaio, Jamegão, Clóvis Aita, Vadila e Ivo Aguiar.



Independente - 1957

SUPERMERCADO



SCORTECAGNA

HOTEL EXCELCIOR
General Netto, 511

Hoje tem **FUTSAL** na Diário da Manhã



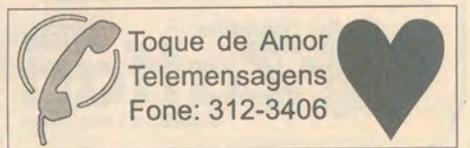
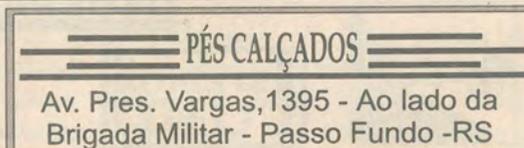
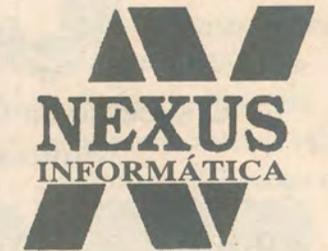
A partir das 19h30min - Direto do Ginásio Capingüi em Passo Fundo.

Campeonato Estadual de Futsal série Ouro

UPF/Zamil x Jobi/Sta Maria.

NARRAÇÃO: Rogério Alencar
REPORTAGEM: Carlos Dantas

TÉCNICO: José L. Puglia
ESTÚDIO E PLANTÃO: Itamar Frigo
DIREÇÃO GERAL: Saete Allgayer





Esporte

Independente - 56 anos de glória

Nesta e na próxima edição, o DM-Esporte, vai contar de forma sintetizada a história e as glórias do Independente Grêmio Atlético de Amadores, valorosa agremiação do Boqueirão, fundada no dia 21 de outubro de 1941, e que na última terça-feira, completou 56 anos de existência.

A FUNDAÇÃO:

Na noite de 21 de outubro de 1941, no salão de festas do Hotel Avenida, um grupo de ex-dirigentes do S.C. Gaúcho, fundou o Independente Grêmio Atlético de Amadores, cujo estandarte, preto e branco, diferenciava dos demais clubes locais. Como o próprio nome explicita, a nova agremiação, deveria manter-se sempre no futebol amador. Seu primeiro presidente foi Deoclécio Rostro, tendo os irmãos Ulisses e Alceu Laus, na comissão técnica.

A PRIMEIRA CONQUISTA:

O anos era de 1946. Disputando o certame citadino a quatro temporadas, o alvi-negro, não havia sentido o sabor da vitória. Comandados pelo incansável presidente Hugo Lisboa, a diretoria do IGAA, montou um time experiente, capaz de ser campeão daquele ano. A Grande final do dia 15 de setembro, foi entre Independente e 14 de Julho. Os rubros precisavam apenas do empate. OIGAA, inscreveu, apenas para a partida decisiva, o grande centro-avante Vadila Marques, do Internacional de Porto Alegre. Com

o Estádio da Vila Vergueiro, completamente lotado, Pregentino Parizzi, faz o primeiro para o 14 de Julho. Na garra e na malandragem (o primeiro gol foi com a mão), o alvi-negro, vira para 3 a 1. Marcaram, Vadila Marques, Nino e Flávio. Quase no final, de tanto insistir, Pupe, descontou. Foi a primeira das muitas conquistas do Independente, que na partida final, formou com: Caio, Rostro, Josino e Barão, Bino, Célio e Dall'Agnol; Noio, Avás, Vadila Marques, Nino e Flávio Annes.

ESTÁDIO DA TINGAÚNA:

O IGAA era o clube de elite da sociedade passofundense. Tinha um bom time, e sócios, mas não tinha estádio para jogar. Foi então que Aparício Lângaro, fez a doação do terreno, no Boqueirão para a construção do estádio próprio. No dia 1º de abril de 1951, após árduo trabalho, o Estádio da Tingaúna (que na língua tupy-guarany, que dizer preto e branco, as cores do clube), foi inaugurado.

O convidado foi o Grêmio Portoalegrense, que pela primeira vez se exibiu em gramados passofundenses. O presidente, Hugo Lisboa, era Cônsul gremista na cidade, e havia liberado o jogador Valdemar Verardi para o tricolor. Seria uma espécie de retribuição gremista, ao Independente.

Estádio lotado e tempo chuvoso aguardavam os jogadores.



REPRODUÇÃO CZAMANSKI

Independente - 1951 - inauguração do Estádio da Tingaúna

OIGAA, formou uma seleção, entre seus jogadores e o Glória de Carazinho. Além deles, os convidados, Rubens Hoffmeister e Toinho. O primeiro vindo de Santo Angelo, de passagem por Passo Fundo, para integrar o Cruzeiro de Porto Alegre. O segundo, engenheiro agrônomo, colega de Flávio Annes, em visita a cidade, havia jogado no Bonsucesso, do Rio de Janeiro. Após sempre estar em vantagem no marcador o Independente, cedeu o empate em três gols, faltando menos de 5 minutos para terminar o jogo. Rubens Hoffmeister e Ratinho, de falta fizeram os gols do alvi-negro. Gorrion, Pedrinho e Bexiga, de pênalti, marcaram para o Grêmio. O Independente, formou com: Zeno, Helio Barleze e Vete; Hiran Verardi, Weber (Beto) e Mocotó; Noio (Mauro), Toinho (Miro), Hoffmeister, Ratinho e Flávio.

A partir daí, o clube começou a colecionar títulos, como o hepta-campeonato citadino amador de 1952 a 1958. Mas isso e muito mais, contaremos na próxima edição.

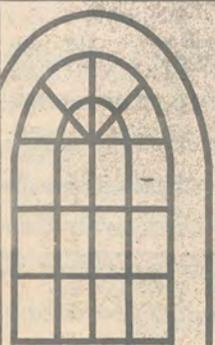
SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

Nesta edição, estaremos publicando a relação dos jogadores, escolhidos pelo comentarista esportivo Jarbas Sampaio Correa. Em razão da vivência e militância no futebol passofundense, e em homenagem aos seus 40 anos de crônica esportiva, completados neste ano, o DM Esporte, abre uma única e exclusiva exceção. Jarbas Sampaio Correa, elegeu os três melhores jogadores, de cada posição, em todos os tempos.

- Goleiros** - Waldemar Pantera, Harry Becker e Lara
Laterais - direito - Vete, Pupe e Bino
Zagueiros de área - Barão, Pinga, Sabino. Branco, Daizon Pontes e Heitor Moura.
Laterais - esquerdo - Luiz Carlos, Gradin e Maneca
Centro-médios - Valdemar Verardi, Heitor Verardi, e Wilson Morais
Meias - direita - Jamegão, Santarém e Libinho
Meias - esquerdas - Ivo Aguiar, Marcondes e Chinesinho
Ponteiros - direitos - Meca, Dom Pedrito e Adão Galinha Morta
Centro - avantes - Vadila Marques, Miléo e Bebeto
Ponteiros - esquerdos - Mujica, Zoca e Cabrinha



Equipe do Independente - 1942



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:



Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Memória Esportiva

Independente 60 anos

No dia 21 de outubro de 1941, no salão de festas do Hotel Avenida, dirigentes dissidentes do Gaúcho, reuniram-se e fundaram o Independente Grêmio Atlético de Amadores. Clube de futebol que nasceu e se mantém até hoje sua condição de amador.

Os grandes momentos de sua história aconteceram quanto da inauguração de seu estádio, a Tingaúna, em 1951. Pela primeira vez pisava em solo passifundense, o Grêmio de Porto Alegre, time há muitos anos profissional. A façanha do Independente foi ter empatado o jogo em 3x3, com o centro-avante Rubens Hofmeister, marcando duas vezes para o locais.

Ainda nos anos 50, foi hepta-campeão citadino, entre 52 e 58. Vice-campeão estadual, em 57, e duas vezes semifinalista do estadual, em 53 e 54. Em 1962, conquistou seu mais importante título, o de campeão estadual de amadores.

Entre as tantas pessoas ilustres que dirigiram os destinos do clube, citamos Hugo Lisboa, o construtor do estádio e Alceu Laus, o maior benemérito e torcedor número um do Independente. Atualmente presidido por João Amantino da Rocha, o Independente disputa anualmente o tradicional campeonato municipal de amadores, mantendo viva a chama alvinegra.



Ataque do Independente em 1952
Clóvis, Pepino, Rui, Heitor e Plínio



Independente de 1955
Em pé: Moisés, Egídio, Niveo, Wando, Benoglio, Godinho, Peres e Alceu Laus
Agachados: Roni, Demosthenes, Evaldo, Tiba, Nascha e Capitão Majella



Independente de 1958
Em pé: Bonissoni, Chidão, Nívio, Bilíbio, Belotti, Valdemar, Evaldo, Bertóglio e Godinho.
Agachados: Alceu, Paulo Afonso, Pavinato, Reissoli, Demóstenes e Valdir Setti.



Independente de 1967
Em pé: Mota, Celso, Joãozinho, Biguá, Zezinho, Aguiar e Orlando.
Agachados: Gringo, Anselmo, Serginho, Mario e Adãozinho

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Inter

Embora tenha boas chances matemáticas para chegar a segunda fase, a realidade do time não permite maiores sonhos. Praticamente livre do rebaixamento, Parreira deveria aproveitar alguns jovens dos juniores, fixando como titular, por exemplo, Fábio Pinto, Daniel Carvalho, William, Leandrão, dando moral e experiência aos mais jovens. Para o ano que vem, com mais duas ou três contratações, formaria um time bom e entrosado. Contratar a essa altura, com o mercado restrito é burrice, e contratar bondes, serão mais alguns no Beira-Rio. E não esqueçam, nas maiores conquistas do clube, a base era prata da casa.

Juventude

A direção do Juventude abriu seu cofre, contratou o ditador Leão em detrimento a Zé Teodoro. O clube vinha fazendo uma boa campanha, compatível com as possibilidades de seu plantel. Pois Leão, após seis rodadas deixa o time na bacia das almas e o rebaixamento bate em seus calcanhars. Daqui a 100 anos, quando pesquisas apontarem a maior burrice futebolística do século XXI, os dirigentes do Ju serão lembrados.

Gauchão

Excelente o regulamento do Gauchão 2002. A primeira fase, entre 13 de janeiro a 26 de maio, com 24 rodadas, dá a possibilidade do clube manter atividade por mais tempo e investir num elenco de jogadores mais qualificado. Ficando entre os quatro primeiros, disputará a Copa RS, que envolverá a dupla grenal. Pela primeira vez em sua história, existe a real possibilidade do Passo Fundo, sonhar a lutar em ser campeão estadual.

Mancada

Jornal de Porto Alegre, mancheteou que pela primeira vez o Gauchão não contará com a dupla grenal. Errado, em 1937, 1938 e 1939, o campeonato estadual foi disputado sem a dupla grenal, que havia se desligado da Federação, disputando o campeonato de Porto Alegre por outra Liga.



Memória Esportiva

Jair, um verdadeiro volante

FOTO: ARQUIVO DM

Discute-se muito a atribuição do volante no futebol atual. O jogador da posição tem de ser bom marcador e saber jogar, ter um bom passe e chegada ao ataque para o arremate ao gol. Existe uma carência de bons jogadores que exerçam com brilhantismo as funções do volante, no futebol brasileiro.

Antigamente o homem da posição, chamava-se centro-médio. Era o mais inteligente e habilidoso jogador do time. Sua função era a de criar as jogadas de ataque, partindo do meio de campo. Era sua a tarefa do lançamento aos atacantes e do chute de fora da área. No futebol brasileiro, tivemos inúmeros exemplos de craque que atuavam como centromédios, como Danilo Alvim, Bauer, Modesto Bria, Ávila, Salvador, Dino Sani, Zito, Wilson Piazza e Clodoaldo, por exemplo.

No começo dos anos 70, criou-se no Rio Grande do Sul a figura do centro-médio "brucutu", aqueles mercadores implacáveis, que quando tinham a bola nos pés, não sabiam o que fazer com ela. A epidemia de jogadores com essas características espalhou-se pelo futebol brasileiro e eles estão aí, até hoje, com espaço garantido com grandes clubes e na seleção brasileira.

Um dos raros centromédios que surgiram no futebol gaúcho, nos últimos 25 anos, com qualidades no desarme (com lealdade), categoria no domínio de bola, passe e lançamentos perfeitos, foi Jair. Sim, Jair, centro-médio do Gaúcho, cujo futebol não deve absolutamente nada, a muitos desses que estão enganando em clubes grandes. Jogava muito mais do que os atuais jogadores da posição, que tem servido inclusive à seleção brasileira.

No São Paulo

Quando menino, Jair era um fenômeno das peladas de rua. Na época era comum, times de bairros e vilas, se defrontarem, tendo como prêmio, uma flâmula, ofertada pelo time perdedor. Foram tantas que seu time ganhou, que os adversários começaram a ter prejuízos, e



Gaúcho de 1977 Em pé: Claudio, Ricardo, Brito, Paulo Ferro, Vilmar, Maurício e Marreta (roupeiro) Agachados: Cesar, Sérgio Ronaldo, Tarcísio, Jair e Serginho

partidas contra o time do Jair, a flâmula não entrava em jogo. Depois Jair foi jogar no São Paulo, time da Xangri-lá, então zona de meretrício, e surgir para o futebol, pelas mãos do treinador Padeiro.

A Insistência

Depois do São Paulo, Jair foi para o Independente, que participava do estadual de amadores. Em 1973, amigos e colegas de time, insistiam para ele fazer testes no Gaúcho e Jair foi, treinou e o mandaram embora. Tempos depois, voltava, treinava bem e o mandavam embora.

A cena se repetiu outras vezes, até, que em 1975, o técnico Santarém, pediu à direção a sua contratação. No principio os torcedores ficaram desconfiados do baixinho atarracado, como reforço, mas poucos jogos depois, tornou-se ídolo e jogador indispensável ao time.

Quase no Grêmio

Foi em 1976, que Jair chegou ao auge. Sua classe com a mágica perna esquerda, sua enorme impulsão para o cabeceio, a categoria na marcação e no passe, colocaram em choque dirigentes da dupla grenal pelo seu passe.

O Grêmio fez a melhor oferta e ficou com a preferência para contratá-lo. Preço do passe e salários acertados, quando numa quarta-feira chegou à cidade, Antonio Carlos Verardi, gerente do Grêmio para levar o jogador. Na mesma noite o Gaúcho jogou contra o Santa Cruz, e Jair acabou com o jogo, na vitória alverde por 2 x 0. No vestiário, banho tomado e bicho no bolso, o craque foi comemorar a vitória e sua ascensão no futebol, na gloriosa Zona da Xangri-lá. Numa desavença, Jair levou uma facada no abdômen, que o levou direto ao hospital. No leito hospitalar, Jair

viu sua grande oportunidade na carreira, escapar por entre os dedos, com a desistência gremista de leva-lo ao Estádio Olímpico.

O ocaso

A vida sempre foi dura para Jair, mas ela continuou e o craque, resignado com a sorte, voltou aos campos. Continuou exibindo um jogo de alto quilate, mas as suspeitas sobre sua conduta fora dos gramados ficaram marcadas. Teve breves passagens pelo Novo Hamburgo e Chapecoense, intercalando voltas ao Gaúcho. Vestiu ainda a camisa do 14 de Julho, no limiar da existência do clube e voltou à várzea.

Um craque extraordinário que o futebol não aproveitou, por não ter a sorte o acompanhado. Hoje Jair é funcionário do Sport Club Gaúcho, e ainda mostra uma pequena parte de seu grande futebol, em partidas de veteranos.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Romário

Impressiona ver o sensacionalismo de parte da imprensa esportiva brasileira. Romário não jogou nada contra o Uruguai, como de resto todo o time, para ser chamado de ex-jogador. Bastou marcar quatro gols no indigente Guarani, sendo dois de pênaltis, para voltar a ser endeusado. Herói ou vilão? Nenhuma coisa, nem outra. Romário é um estupendo jogador, quando está em sua melhor forma. Quando não está, vira um jogador comum. Com 35 anos e avesso a treinamentos, continua sendo útil à seleção, quando está bem fisicamente. Se parar por 15 ou 20 dias, necessita de outros tantos para readquirir seu condicionamento físico e técnico. Neste momento, Felipão acertou em não convocá-lo.

Grêmio

Quando ainda jogavam Marcelinho e Warlei, escrevi neste espaço, que faltava ao Grêmio um atacante de área, finalizador. Hoje não tem mais Marcelinho e Warlei e o atacante também não chegou. Um esquema tático que prioriza o ataque pelos flancos, não ter ninguém na área para o cabeceio e a conclusão, é um contra-senso. A torcida do Grêmio pede o atacante e a direção não ouve.

UFA!

O Internacional venceu. Depois de um longo e tenebroso período de jejum, veio a vitória. Tudo bem desconte-se a ruindade do adversário, que jogou 60 minutos com 10 jogadores. Mas a vitória veio e foi na raça, na vibração e na vergonha na cara. Isso tira um pouco da pressão sobre os jogadores e Parreira, e agora é encarar com naturalidade e amassar o Gama no Beira-Rio, para chegar aos seis pontos, sair do sufoco, acertar um time base e tentar brigar por posições mais dignas na tabela.

SÓ CONQUISTA
O MUNDO,
QUEM SE PREPARA
PARA O FUTURO



Matricule-se
agora!!

EM
VELOCIDADE
MÁXIMA!

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo - RS



Esporte

Jamegão: O maior de todos

Toda a vez que conversamos com passo-fundenses que tenham mais de 60 anos, sobre futebol, percebemos que eles parecem voltar ao passado, como num toque de magia. O primeiro jogador que lhes vem a mente, é Jamegão. Então seus olhos brilham, e um entusiasmo juvenil faz com que contem maravilhas sobre o craque. As histórias verídicas e aquelas lendárias, são contadas com a voz saudosa e algumas vezes embargadas, e o interlocutor, cada vez mais perplexo e curioso, pedirá que se conte mais e mais, sobre o maior jogador de futebol que vestiu as camisas dos nossos clubes em todos os tempos. Uns dizem que ele foi igual a Pelé. Outros, que somente Pelé, foi melhor que ele. Mas em coro, todos afirmam: "Foi o jogador

mais habilidoso que vimos jogar em nossa vida. Jamegão se chamava Orestes da Rosa Pastorini, e nasceu em Bagé, filho de uma abastada família, no dia 27 de maio de 1911.

No início dos anos 30, Jamegão rumou a Porto Alegre, para jogar futebol. Começou no Internacional, jogando em qualquer posição, inclusive de goleiro. Na época do amadorismo 'marrom', foi atraído por uma proposta do Grêmio, e transferiu-se para a 'baixada'. Em 1934, jogou num dos maiores times da história gremista: Lara, Dario e Sardinha I; Jorge, Acosta e Sardinha II; Laci, Russinho, Luiz Carvalho, Foguinho e Jamegão. Nessa época foi convocado para a Seleção Gaúcha, que disputava o campeonato brasileiro de seleções para jogar

no ataque, mas também era eventual reserva do lendário Eurico Lara, para o gol.

Em 1936, Jamegão chegou a Passo Fundo, não se sabe exatamente por qual razão. Sentou praça na Brigada e começou a defender a equipe do Cruzeiro. Na época, Gaúcho e 14 de Julho estavam licenciados, e a rivalidade mais latente era entre os brigadianos e os ferroviários do Rio-grandense, excetuando Conceição e Instituto. No Cruzeiro foi campeão regional, num timaço formado por Toró, Alfredo Rasga - Diabo e Lavico; Jerônimo, Zica e Alberico; Peixe, Célio Barbosa, Polaco, Jamegão e Rádio. Com a extinção do Cruzeiro, a maioria dos jogadores foi para o Rio-grandense, mas Jamegão, com a volta do Gaúcho, foi para o alvi-verde, que formou o melhor ataque de sua história, com Papagaio, Jamegão, Clóvis Aita, Ivo Aguiar e Micuim. Em 1942, foi para o Rio-grandense, sendo tri-campeão citadino, regional e semifinalista do estadual, com o seguinte time básico: Lângaro, Sabino e Isabelino, Banha, Custódio e Quero - Quero, Come Bola, Jamegão, Marcondes, Célio e Polaco. Após jogar algumas partidas no 14 de Julho, Jamegão foi para Erechim jogar no Atlântico, num outro time espetacular: Waldemar Pantera Bósio e Sabino; Odracir Rico, Dirceu Chitolina e Alderico; Barbieri, Jamegão, Borges, Magri e Eolo. Esteve depois no Ypiranga, 14 de Julho de Erechim, Joaçaba e



A famosa equipe do Rio-grandense formada em 1942: Da esquerda para direita: Lângaro, Jamegão, Come-Bola, Isabelino, Sabino, Quero-Quero, Custódio, Célio, Nativo, Banha, Marcondes, Orestes e Brazilino Costa



Jamegão (segundo da esquerda para a direita) com sua característica toca na equipe do Cruzeiro em 1938

Chapecó, antes de encerrar sua carreira.

Quem o viu jogar, diz se tratar de um fenômeno. Com quase dois metros de altura (também era exímio jogador de basquete), e calçando chuteiras nº 45, Jamegão fazia o que queria com a bola. Contam que nos arremessos laterais, ele prendia a bola, entre o dorso do pé e a canela, e corria com elas sem deixá-la cair. Ou então, quando a bola vinha alta em sua direção, ao invés de dominar no peito, Jamegão, levantava o pé na altura do seu tórax, "matava" a bola e vinha com ela grudada no pé até o chão. Nas cobranças de escanteio, Jamegão encolhia o pescoço, dominava a bola na cabeça e corria com ela para dentro do gol adversário. A sua extraordinária habilidade no domínio da bola, fazia com que ele desse quantas embaixadas quisesse, com bolinha de tênis, e no meio da apresentação, trocasse a bolinha por laranja, depois limão, ou o que lhe dessem, sem deixar cair.

É difícil explicar ou encontrar adjetivos para falar de Jamegão, mas uma história tem de ser contada. Certa feita no Rio-grandense foi jogar contra o Ypiranga, em Erechim. No caminho, houveram diversos problemas com o trem que levava a delegação. O 'ferrinho', chegou poucos minutos antes da partida. Todos tensos e cansados. Primeiro tempo, Ypiranga 5 a 0. No intervalo, os jogadores desabituaados a vexames, temiam pelo pior. Menos Jamegão, que procurava tranquilizar seus companheiros. Ele apenas disse: "Eu vou ficar na área. Vocês levantem a bola para mim, que eu resolvo". 20 minutos do segundo tempo. Ypiranga vencia por 5 a 4. Três de Jamegão e outro de Polaco. 40 minutos do segundo tempo. Riograndense 6 a 5. Outro de

Jamegão e um de Come-Bola. Os torcedores do Ypiranga, em silêncio foram embora do estádio. Sabiam que para o gênio da bola, tudo era possível.

Jamegão, que tinha 16 filhos, fixou residência em Santa Catarina, e faleceu a aproximadamente 10 ou 12 anos. As histórias deste fenômeno da bola, começam a virar lendas, e as lendas não morrem, pois passam de pai para filho, de avô, para neto, assim Jamegão será lembrado eternamente.

Seleção Passo-fundense de Futebol

- Antônio Piva (torcedor de futebol)

Nadir, Zangão, Nivio, Vadeção e Maneca; Honorato e Roberto; Caíco, Arthur, Armando Rebecchi e Biguá.

- José Carlos Borges Fortes (torcedor de futebol)

Rebequinho, Zangão, Daizon Pontes, Branco Ughini e Gradim; Prinche e Heitor Verardi; Meca, Santarém, Naninho e Plínio Rosseto.

- Gentil Brotto (torcedor de futebol)

Volney, Piranha, Alceu, Vedeção e Maneca; Adair e Arthur; Meca, Caíco, Armando Rebecchi e Antoninho

- Octacilio de Godoy (torcedor de futebol)

Lângaro, Sabino e Isabelino; Nativo, Banha e Custódio; Come-Bola, Jamegão, Célio, Marcondes e Orestes.

- José Daltro Gomes (Torcedor de futebol)

Nadir, Machado, Tomé, Daizon Pontes e Maneca; Santarém e Roberto; Meca, Pedro, Bebeto e Antoninho

- Antônio Moura da Silva (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Sabino e Barão; Prinche, Heitor Verardi e Heitor Moura; Meca, Jamegão, Bebeto, Santarém e Ivo Aguiar.

COM LICENÇA, A HONDA ACABA DE DEIXAR AS OUTRAS CUSTOM NA POEIRA



Liberdade é o sonho mais antigo do homem.

Equipagro

VT 600 C SR... custom brasileira. E é Honda

ASSISTÊNCIA TÉCNICA 313 1177 - PASSO FUNDO



Artes: Leonardo Dóvo

Esporte

Histórias do Futebol

Jogo tumultuado entre Gaúcho e Grêmio termina empatado em 2x2

No dia 26 de fevereiro de 1968, a coluna do jornalista Antonio Carlos Porto da Folha Esportiva, tinha a seguinte manchete: "... E ainda se puxa revólver no futebol". Tudo começou um dia antes, um domingo de carnaval. Gaúcho e Grêmio tinham jogado pela primeira rodada do Campeonato Gaúcho. Antes do jogo, o Gaúcho recebeu um troféu oferecido pela ACEPA, por ter sido a equipe mais disciplinada de 1967.

O primeiro tempo:

Graças ao nervosismo de seus jogadores o Gaúcho foi dominado no primeiro tempo. Logo aos oito minutos, Flávio perde uma bola no meio de campo para Sérgio Lopes. De imediato ele a manda para a área, despretensiosamente. A bola bate numa saliência do gramado e engana Nadir. Grêmio 1x0. Quando o periquito começa a reagir, eis que surge o segundo gol tricolor. Sérgio Lopes lança Volmir dentro da área. Pontes vacila, Volmir

fica na cara de Nadir que é driblado. Pontes na corrida também é driblado. Grêmio 2x0. Era o prenúncio de uma goleada.

Segundo tempo:

Parecia outro jogo. Gitinha compactou seu time no meio campo, tirando os espaços do adversário. O Gaúcho começou a massacrar o tricolor. Aos 33 minutos, a décima chance de gol do alvi-verde somente no segundo tempo. Machado cruza da direita. A bola passa por Altemir, e Raul pega de voleio, estufando a rede de Arlindo. Grêmio 2x1. A torcida põe fogo na partida. A garra alvi-verde é insuperável. Aos 43, Meca vai a linha de fundo e cruza para trás. Bebeto vem na corrida e manda uma bomba de primeira. A bola bate embaixo da trave, pica a poucos centímetros dentro do gol e volta aos braços de Arlindo. Jogadores e torcedores do Gaúcho comemoram o gol. Árbitro e auxiliar correm em direção ao meio de campo. 2x2.

REPRODUÇÃO CZAMANSK



Partida entre o Gaúcho e Grêmio - 1968: Meca e Jadir disputam pelo alto. Observam: Everaldo (de costas) Paulo Souza, Bebeto e Altemir.



Uma das formações do S.C. Gaúcho em 1968: Em pé - Flávio, Luiz Antonio, Nadir, Machado, Daison Pontes, Jamir, agachados: Meca, Honorato, Bebeto, Roberto e Adilson.

A confusão:

Todo o time do Grêmio foi para cima da arbitragem que já estava à margem do campo. Alí, próximo a mesa do representante, estava o Sr. Aparício Reis (de saudosa memória), pai de Bebeto. Seu Aparício, que tinha a visão comprometida, e quase sem entender nada, viu o tumulto, e imediatamente, acertou um tapa no rosto do goleiro Arlindo, que se vestia de preto, pensando que era o árbitro. Ele achava que o gol havia sido anulado.

Ao fazer o movimento, seu casaco levantou, aparecendo o revólver que ele portava no coldre. Seu Aparício estava armado pois era Delegado de Polícia. Arlindo se acalmou e os ânimos serenaram, recomeçando o jogo. Repórteres de rádios e jornais de Porto Alegre, aproveitaram e fizeram um sensacionalismo. E a lenda em torno do fato se criou. Registrando apenas que Antonio Carlos Porto, não estava em Passo Fundo.

O craque:

Nesse jogo se deu uma das maiores atuações de um jogador do Gaúcho. O paulista Adilson, que veio do Corinthians pelas mãos do jornalista Gilson Paz. Adilson driblou tantas vezes a defesa do Grêmio, que o grande comentarista Ruy Carlos Ostermann, proferiu a seguinte frase: "Como um jogador desses ainda está no interior?"

Os times:

S.C. Gaúcho:

Nadir, Machado, Geraldo, Daison Pontes e Jamir; Flávio e Honorato; Meca, Bebeto, Adilson e Wilsinho (Raul).

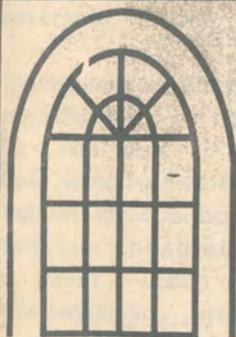
Grêmio:

Arlindo, Altemir, Paulo Souza, Aureo e Everaldo; Jadir e Sérgio Lopes; Volmir (Babá), Joãozinho, Alcindo e Loivo.

Árbitro:

Vilson Vômero da Silva, com Ilmar Keidmann e Gomercindo Silva

- Marco Antonio Damian
- Gerson Costa Lopes



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Empreendimento:



Memória Esportiva

Juarez Missel, o algoz de Elói Schleder

Passo Fundo é um príncipe celeiro de atletas competidores em modalidade de atletismo. Apenas do passado, podemos nominar Jarbas Benck, Hugo Roberto Lisboa, Elói Schleder, Jorge de Mello Engers, Clóvis de Oliveira (Moreninho), Liliane Rizzoto, Carlos Teixeira, Enio Vargas, Paulo Silva, entre outros.

Contemporâneo de muitos deles, surgiu um atleta especial, uma das mais refulgentes promessas, o hoje médico anestesiológico, Juarez Missel.

Os primeiros sonhos

Em 1965, Passo Fundo sediou as Olimpíadas dos Colégios Secundaristas e o menino Juarez, que residia próximo ao quartel do exército, local das provas de atletismo, encantou-se com o que viu. Atletas tentando superar seus próprios limites, para colocar no peito uma medalha e, afinal, ser herói em sua escola, sua cidade.

Dois anos depois, com apenas 13 anos de idade, ele venceu a prova eliminatória dos 1500 metros, que dava direito a participar dos mesmos jogos dos colégios secundaristas, nos quais sonhava em competir. Defendia o Cenav, hoje EENAV, e em Uruguiana, conseguiu classificar-se em terceiro lugar, trazendo a medalha de bronze para Passo Fundo.

A invencibilidade

Treinando empiricamente, sem técnico ou a menor metodologia, Juarez passou a competir em todo Estado do Rio Grande do Sul, defendendo o Cenav ou o Instituto Educacional e até, em algumas provas, vestindo a camiseta do Internacional, de Porto Alegre. Corria dos 800 metros à maratona.

Entre os anos de 1969 e 1971, não perdeu nenhuma prova que disputou. Comemorou muitas conquistas, entre elas o bi-campeonato das Olimpíadas Metodistas, competindo com



ARQUIVO DM

O corredor lidera com folga prova disputada na pista do Instituto Educacional, em agosto de 1969

atletas de alto nível, que representavam os colégios IPA e Americano, de Porto Alegre, e o tri-campeonato dos Jogos Abertos da Primavera, de Passo Fundo.

Lembra o percurso da rústica dos Jogos da Primavera. A saída era defronte ao Turis Hotel, desciam a rua Morom até a estação rodoviária, retornando pela avenida Brasil, até o estádio Wolmar Salton, voltando pela rua Morom, até a rua General Neto, contornavam a praça pela rua Independência, chegando de volta ao Turis Hotel.

A rivalidade com Elói Schleder

Desde o final dos anos 60, a rivalidade entre Missel e Schleder passou a ser o mais picante ingrediente nos Jogos dos Colégios Secundários de Passo Fundo. Missel defendendo o Cenav e, em alguns anos, o IE, enquanto Schleder defendia o Conceição. Ao todo participaram de oito competições, todas vencidas por Missel. Conta que Schleder tinha muita resistência, mas pouca velocidade. Então Missel tirava larga vantagem no início e depois apenas administrava a prova até o seu final.

Em 1972, jogando uma partida de basquete, Missel lesionou o olho, que teve um pequeno deslocamento da retina. Por essa razão, ficou afastado

das competições por um ano. Schleder passou a reinar sozinho em provas de rústica. Competindo em Porto Alegre, foi convidado pelo Sesi, de São Paulo, à competir por eles. O final da história é conhecido. Schleder foi o representante brasileiro nas maratonas olímpicas de Moscou, em 1980, e Los Angeles, em 1984.

O abandono

Ainda jovem, Juarez Missel casou e com 21 anos já era pai. Começou a trabalhar e continuar os estudos. O tempo para treinos e competições tornou-se raro.

Mesmo assim, ao voltar às corridas, venceu, entre outras, os Jogos Intermunicipais, em Caxias do Sul, em 1973. Competiu até 1975, ao mesmo tempo em que cursou a faculdade de Educação Física. Mais tarde fez



Passados mais de 30 anos, Missel retorna ao local e relembra alguns de seus momentos mais marcantes

um ano de Odontologia e, posteriormente, a Faculdade de Medicina, o que tornou-se imperioso o abandono do esporte.

Depoimento

O próprio corredor relembra alguns nomes importantes em sua trajetória. "Gostaria de lembrar algumas pessoas que me incentivaram a praticar o atletismo, como os irmãos Airbal e Adirbal Corralo, Eoil da Costa e o Dr. Ubirajara Oro, um mestre do atletismo, que certa feita afirmou que, com meu biotipo e minha técnica, poderia competir entre os grandes fundistas europeus", diz Missel.

A volta

Aos 48 anos, estabelece objetivos para a volta ao esporte. Diz ter imensa saudade do ambiente sadio, da camaradagem e ética do esporte, salientando ser o ambiente que não existe na medicina. Tem uma mágoa por saber que tinha enorme potencial e não o aproveitou para ser um profissional do atletismo. Mas passou a treinar com afinco para voltar a calçar sapatilhas. Quer correr a Maratona de Porto Alegre e a maratona das maratonas, em Nova York, e ainda assistir os Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, para sentir de perto e respirar o ambiente do atletismo, algo que poderia ter feito, com tranquilidade, se seguisse a carreira.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Gaúcho

Louvável e elogiável a audácia e a coragem de Sérgio Moraes, ao assumir a presidência do Gaúcho, em meio a uma grande turbulência política e crise financeira. Oxalá tenha o apoio de sua diretoria, até o final de sua gestão. Os nomes que a compõe são de pessoas de prestígio e credibilidade em Passo Fundo e profundo conhecimento no futebol, como Rudimar Pedro, Jesus Castanho Mendes Neto e o próprio Sérgio Moraes.

Gauchão

Engana-se quem diz que o Campeonato Gaúcho irá cair sem as presenças de Grêmio, Inter e Juventude. Ao contrário. Uma competição bem organizada, que dure pelo menos de seis a oito meses, em que os clubes participantes tenham um objetivo maior, que é o de ser campeão estadual, será a salvação do futebol do interior.

Tinga

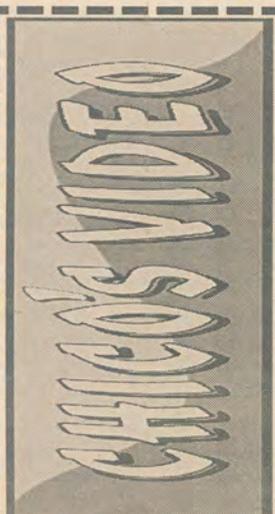
O Grêmio tem duas saídas para o jogador Tinga. A primeira, renovar o contrato já, pelo prazo de dois ou três anos. A segunda, vedê-lo imediatamente, para o primeiro clube que oferecer uma boa proposta. Se esperar muito, o jogador fica próximo de ganhar passe livre e negociar com quem bem entender. Observem que seu discurso está muito parecido com o de Ronaldinho.

Brasil x Uruguai

Será praticamente decisivo o jogo deste domingo. Caso vença, o Brasil ficará numa posição privilegiada, tirando o próprio Uruguai do seu encaixe. O país inteiro voltará a torcer pela Seleção do Felipão. Eu preferiria ver Fábio Rockembach no lugar de Juninho, para se obter uma marcação mais forte no meio, com o avanço dos laterais. Arrisco até um palpite: o Brasil vencerá por 2x0.

Libertadores

Um grandioso jogo entre Boca e Cruz Azul, na última quinta-feira. A catimba, a violência e a categoria argentina, contra a valentia, garra e a categoria mexicana. Um espetáculo a parte da torcida e a adrenalina lá em cima. Um espetáculo de encher os olhos.



LIMITE VERTICAL

Prenda Sua Respiração

K2, a montanha paquistanesa de 28.250 pés na Cordilheira Karakoram, é o cenário desta aventura aditivada com pura adrenalina. É uma corrida contra o tempo de um ex-alpinista (Chris O'Donnell) que lidera uma missão para resgatar a irmã (Robin Tunney) e outros membros de uma expedição que ficaram presos no K2 depois de uma terrível avalanche. Martin Campbell, o celebrado diretor de A Máscara do Zorro e 007 Contra GoldenEye, traz ação em alta-voltagem e suspense arrepiante, num filme que coloca o homem diante de suas limitações e do impressionante poder da natureza incontrollável.

Agora com DVD's

Av. Brasil, 312 - Sala 12 - Shopping Bento Brasil
Fone: 311 - 5012 - Passo Fundo - RS

Tele-entrega, Tele-busca, Videokê.



Memória Esportiva

Lagão e o basquete, paixão à primeira vista

O basquete é um dos esportes mais populares da atualidade e o preferido de muitos jovens, por influência do brasileiro Oscar Schmidt e de astros do basquete americano, Michael Jordan, Allen Iverson e Kobe Bryant. Vamos voltar agora para o final da década de 60, época em que o basquete não era tão popular e tão pouco se tinham notícias de estrelas do basquete internacional. Foi no ano de 1969, cursando a terceira série ginasial, que o jovem Carlos Roberto Lago entrou pela primeira vez em contato com o esporte. A paixão foi imediata.

Frente a muitas dificuldades, dentre elas a financeira, Lagão, como era conhecido, estudava e trabalhava para ajudar a família. Jogava basquete com amigos na escola, no intervalo das aulas e, passava diariamente, às cinco horas da manhã, com os inseparáveis companheiros Marco Antônio Lima (Tomate) e Eduardo Amaral (Chico). Treinavam na quadra aberta do colégio CENAV, uma quadra de cimento, e a bola, ao contrário das de hoje, era confeccionada em couro costurado. Independente do tempo, ou da temperatura, Lagão e seus parceiros religiosamente madrugavam para treinar arremessos e jogadas.

Os treinos se davam sem qualquer orientação técnica. Devido a isto, os três atletas desenvolveram um estilo próprio de jogo. Devido a sua determinação, e a uma estranha necessidade de auto-superação, Lagão começou a se destacar com sua mão certa em arremessos de três pontos. Pelo ótimo desempenho em competições na cidade de Passo Fundo, foi convidado a representar o time do IE, ganhando em troca uma bolsa de estudos.

Nesta época já cursava o científico e, participando de competições estaduais, não demoraram a chegar convites para jogar em diversos times, como o clube Atlântico de Erechim, time de bas-



Time de basquete da ABORGS, 1980
Em pé: João Arthur, Rovani, Lagão, Bruno Markus e Rigo
Agachados: Gilboé, Jorge Imperatore, Negrão e Ruy Soares

quete da cidade de Cruz Alta, clube Náutico União de Porto Alegre e outros. Todos os convites foram negados frente a sua necessidade de trabalhar para se sustentar, além do objetivo maior de cursar a universidade.

Aos dezoito anos ingressou no NPOR e serviu o exército, onde recebeu honrarias por ter contribuído com o quartel de Passo Fundo a vencer olimpíadas estaduais. Ingressou no curso de odontologia da UPF e, em 1978, foi



Time de basquete Guaracar, 1991
Em pé: Lagão, Alexandre, Foguinho, Rossano e Prof. Adriano
Agachados: Caco Lago, Caluto, Ferraz, Pato e Ricardo

reconvocado pelo exército como oficial da área de saúde, onde continuou a participar dos jogos entre os batalhões. Durante as décadas de 80 e 90 Lagão participou de inúmeros campeonatos na cidade de Passo Fundo e de olimpíadas estaduais, em que acumulou um grande número de medalhas, troféus e homenagens, além de ser eleito melhor jogador e cestinha em vários destes torneios. Aos 47 anos, Lagão continua jogando basquete nas tardes de sábado, onde desafia os amigos de seu filho no clube comercial. Com um fôlego invejável, criado às custas de corridas diárias, faz inveja aos jovens, que suam para vencer o seu time. Mesmo em jogos informais Lagão joga sério e não admite perder.

Dá uma verdadeira aula para rapaziada, e continua com sua mão certa, tanto que foi convidado neste ano pelo técnico Adriano para integrar a equipe de Passo Fundo para disputar os JIRGS. Foi homenageado na Copa San Marino de Basquete, oportunidade em que teve a satisfação de entregar a medalha de campeão para o próprio filho, Carlo Theodoro Raymundi Lago. O seu desempenho no esporte, a sua postura íntegra, a sua vida regrada e saudável, servem como exemplo para os jovens passo-fundenses.

A mesma determinação com que se dedicou ao esporte, fazem do Dr. Carlos Roberto Lago um destaque na área da odontologia, um dedicado professor universitário, e um exemplar pai de família. Pena que não aceitou os convites para integrar a seleção gaúcha de basquete.

Quem sabe assim teríamos dois ídolos ao invés de somente o grande Oscar Schmidt. Mas tudo bem Lagão, você é, sem dúvida, um dos melhores jogadores de basquete de todos os tempos da cidade de Passo Fundo.

Colaborou Bruno Carlini Junior

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Mateus

Mateus, para você identificar é o primeiro agachado à direita, ao lado do seu colega Paulo César Carpegiani. Mateus é um amigo, taxista ali na Avenida Brasil esquina com a Bento Gonçalves. Bem falante, jogou, continua jogando e conhece futebol. Colorado roxo (ou seria vermelho) tem opiniões contrárias à do técnico Parreira. Diz por exemplo, que ele mesmo treinando fisicamente durante um mês, mesmo aos 50 anos, jogaria mais que Leandro Guerreiro. Também não admite que Fábio Pinto seja reserva. Bom, quando Carpegiani voltar a treinar o Inter, Mateus terá um canal direito para dar suas opiniões a quem manda.



Maradona

O espetáculo da despedida de Maradona daria letra de tango, tamanha emoção. O Estádio La Bombonera lotado, ria quando Maradona ria e chorava, quando seu ídolo se desmanchava em lágrimas. Impressionante como o povo cultiva seus ídolos. A pérola da transmissão do jogo foi do narrador da ESPN Brasil, Milton Leite. Ao recordar o primeiro gol de Maradona contra a Inglaterra, na Copa de 86, o comentarista ilustrou: "Maradona driblou até o Príncipe Charles". Milton Leite, complementando saiu com essa: "Meteu até entre as pernas da Rainha". Ai, ai ai.

Destaques

A editoria de esportes do Diário da Manhã, leia-se Cleber Bertonecello, criou um evento de premiação esportiva que irá marcar o mundo dos esportes em Passo Fundo.

Quase tão bom quanto a sua cama, com a vantagem de acordar em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES
311.1226





Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Lançamento de livro reuniu craques do passado

O Clube Recreativo Industrial, sede social, recebeu em suas dependências, na última sexta-feira, dia 12 de dezembro, uma verdadeira constelação de craques do passado. O acontecimento deu-se por conta do lançamento do livro "Futebol de Passo Fundo, Contribuição à Sua História" de autoria do passfundense Marco Antonio Damian. O livro, o primeiro no gênero de Passo Fundo, traz uma síntese da história dos principais clubes de futebol da cidade, a narrativa de grandes jogos, a biografia dos nossos craques e uma homenagem à crônica esportiva local. Tudo recheado de fotos.

Prestigiaram o evento os seguintes craques: GRINGO JURIATTI, centro-avante do 14 de Julho, um dos maiores artilheiros da história do clube; ROQUE PIOVESAN, zagueiro do Independente, bi-campeão regional em 52/53; VALENTIM VIANA, centro-médio do Rio-grandense na década de 50, um dos grandes nomes do 'ferrinho'; ORLANDO SPANEMBERG, lateral do 14 de Julho no final dos anos 50; IVAN LARA, um dos maiores goleiros do futebol de Passo Fundo. Sobrinho de Eurico Lara, lendário goleiro do Grêmio, Lara, atuou no Gaúcho e 14 de Julho; UBIRATÃ, meio-campista do 14 de Julho de 1963 a 1965, formou com Délio ou com Verardi, um grande meio-campo rubro; VADECÃO, grande zagueiro de área ou lateral, que atuou no Rio-grandense, Gaúcho, 14 de Julho e Independente; RAUL, ponteiro-esquerdo veloz e driblador, que jogou no Gaúcho em 1963; RAUL MATTE, o grande capitão alvi-verde, um dos heróis da conquista de 1966; BRANCOUGHINI, centro-médio ou quarto-zagueiro do Gaúcho por 10 anos consecutivos. Um dos nomes sagrados da história alvi-verde; RATINHO, meia-esquerda habilidoso veloz. Goleador do Gaúcho, Independente, Atlético, Ypiranga e outros; OMIR, craque de bola dos anos 50. Atuou no Gaúcho, 14 de Julho, Atlético e Glória de Carazinho; PRINCHE, um dos mais técnicos dos jogadores do nosso futebol. Jogou no Gaúcho, 14 de Julho, Grêmio Bagé, Internacional

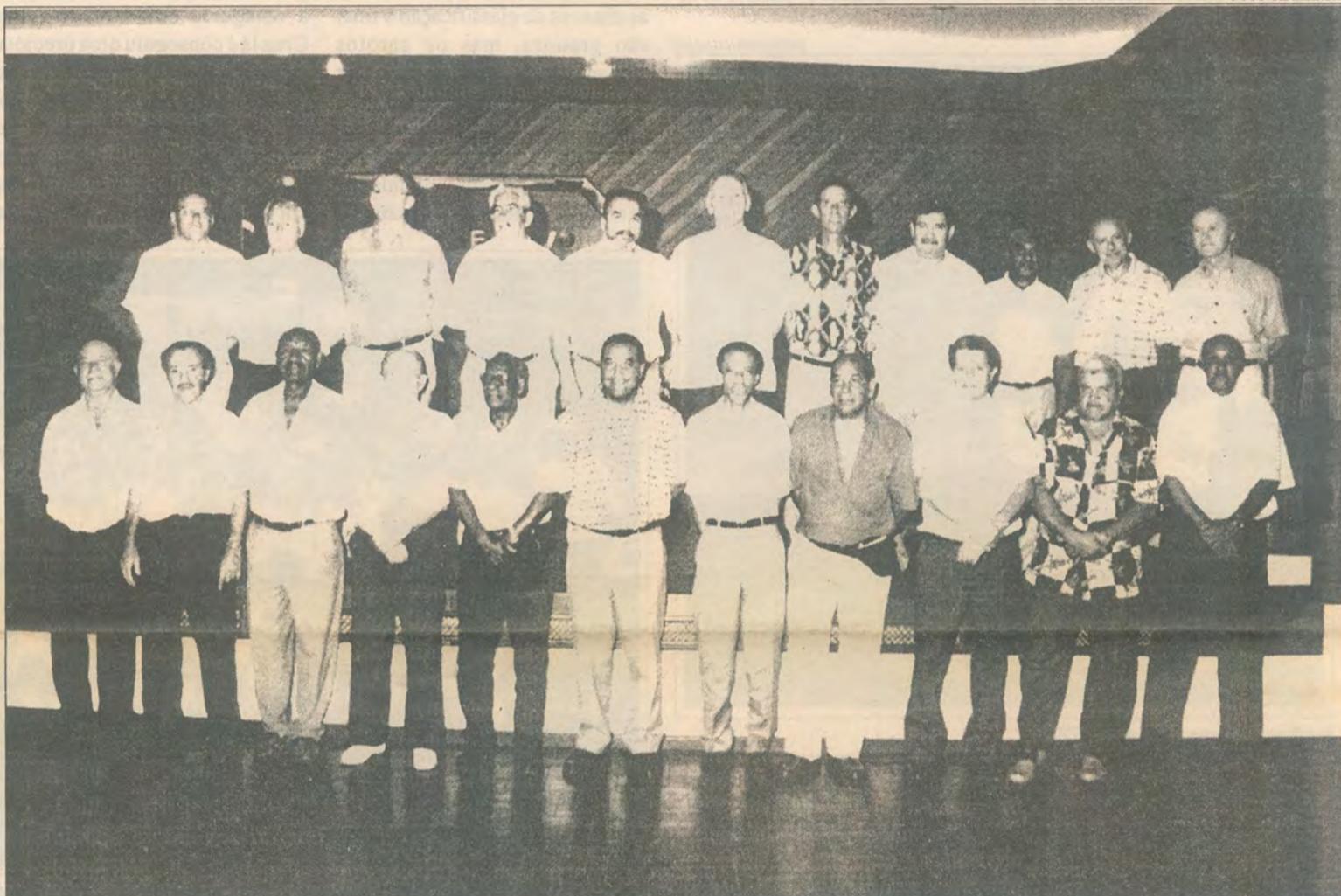


FOTO CZAMANSKI

Ex-jogadores de várias décadas estiveram presentes no lançamento do livro "Futebol de Passo Fundo, Contribuição a sua História".

de Porto Alegre e outros; SUSIN, goleiro do 14 de Julho da década 40, também atuou pelo Gaúcho; GRADIN, lateral esquerdo ou centro-médio de grande técnica e raça jogou no 14 de Julho, Gaúcho e Atlântico, entre outros; ADAIR BICCA, centro médio de grandes qualidades e conduta, disciplina irrepreensíveis; MECA, simplesmente o maior ponteiro-direito da história do nosso futebol, além de ser uma figura humana extraordinária; SANTARÉM, um dos maiores jogadores de futebol da história do Rio Grande do Sul, dos últimos 40 anos; MARCOS, centro-médio ou meia-esquerda do Rio-grandense na década de 50. Um grande jogador; CABEÇA, lateral do Rio-grandense e 14 de Julho, da década de 50. Além dos craques, estiveram presentes o radialista JARBAS SAMPAIO CORREIA, representando a crônica esportiva; SANTO VERZELETTI, ex-presidente da Liga Passo-fundense de Futebol; ANIELO D'ARIENZO, ex-presidente do

Gaúcho; Dr. Jorge ALBERTO SALTON, autor do prefácio do livro, e diretor de futebol do Gaúcho, PAULO ROBERTO NECKLE, vereador de Passo Fundo, JORGE CHAVES,

massagista de vários clubes de nossa cidade, ODOLIR DI DOMÊNICO, empresário, diretora da firma Angelo Di Domênico & Filhos Ltda e presidente do Clube Recreativo Industrial,

entre os muitos convidados que se fizeram presentes. A noite de lançamento do livro acabou sendo um reencontro de craques do passado, e ficará na memória daqueles que compareceram.

SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Edilar Brock (torcedor de futebol)

Volney, Zangão, Alceu, Nivio e Maneca; Adair e Roberto; Caíco, Pedro, Armando Rebecchi e Zoca

- Nelson Harres (torcedor de futebol)

Rebequinho, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Adair e Roberto; Meca, Raul Matté, Bebeto e Antoninho.

- Valdemar 'Badico' Marques (ex-jogador do Rio-grandense)

Waldemar Pantera, Barão e Pupe; Maneca, Valdemar Verardi e Vacaria; Meca, Marcondes, Bebeto, Heitor Verardi e Polaco

- Enio Marques da Silva (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Sabino e Barão; Prinche, Valdemar Verardi e Gradin; Meca, Jamegão, Célio, Chinesinho e Ivo Aguiar.

- Walter Mendes de Oliveira (torcedor de futebol)

Lara, Zangão, Tomé, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Ubiratã e Heitor Verardi; Mariotti, Santarém, Armando Rebecchi e Zoca.

- Onésio Dos S. Borges (torcedor de futebol)

Lara, Prinche, Barão, Branco e Maneca; Heitor Verardi e Santarém; Meca, Wilson Moraes, Olavo e Zoca.

- Paulo Roberto Rigon (torcedor de futebol)

Volnei, Machado, Valmor, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Adair, e Santarém, Meca, Roberto, Bebeto e Raul Matté.

- Pedro A. Da Silva (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Barão e Rasga Diabo; Prinche, Custódio e Gradin; Gafanha, Jamegão, Vadila, Célio e Pregentino.



Arte: Leandro Dóro

Esporte

Leivinha, um ponteiro nas Américas

Por volta de 1967, chegou ao Colégio Conceição, um tímido jovem, vindo da cidade de Constantina, para estudar e ficar no internato. Logo, chamou a atenção de seus professores e colegas, em razão da sua intimidade com a bola. Jogava na meia-direita do time do colégio, e era conhecido pelo seu verdadeiro nome: Valdir. A habilidade e o cabelo loiro, lhe valeram o apelido de Leivinha. O original ainda jogava na Portuguesa de Desportos, e mais tarde faria

sucesso no Palmeiras e Seleção Brasileira.

Dirigentes do 14 de Julho, a verem o menino no campo esburacado do Conceição, o convidaram para jogar, como juvenil, no alvi-rubro. Agora, deixou o internato e foi morar na concentração do 14. Em 1968, foi para o Juvenil do Grêmio, e no ano seguinte para a mesma categoria, no Internacional. Mas a sua maior prioridade eram os estudos, por isso, voltou Passo Fundo para

prestar vestibular.

Aí, uniu o útil ao agradável. Foi contratado pelo Gaúcho, para substituir um grande ídolo no coração da torcida periquita. Meca. Era o ano de 1970. A partir daí sua carreira futebolística decolou. O Gaúcho montou um grande time, contando no ataque com Leivinha, Luiz Freire, Bebeto e Serginho. Na época chamavam de ataque universitário, pois Luiz Freire, era acadêmico de Medicina, e os demais, de Educação Física.

Em 1973, Leivinha viveu um grande momento. Foi convocado para a Seleção Gaúcha, que fez uma grande excursão de grande sucesso pelas três

Américas. Jogou na Colômbia, Haiti, Guatemala, México e Estados Unidos. Leivinha sempre como titular. Em 1974, nova convocação para a Seleção Gaúcha, para disputar a Copa Atlântico Sul, com o Avaí de Florianópolis, Penharol e Nacional de Montevidéu, e o Racing de Buenos Aires. Jogando grandes partidas, os gaúchos tornaram-se campeões.

Em 1975, transferiu-se para o São Luiz de Ijuí, e posteriormente para o Guarani de Bagé. Em 1978, empestado, disputou o campeonato brasileiro pelo Caxias. Coincidentemente, o ataque universitário, jogou em épocas distintas, é verdade, no Caxias.

Em 1980, foi contratado pelo Cascavel do Paraná, e em seu jogo de despedida, fez o gol da vitória do time paranaense, contra o Internacional de Porto Alegre, em partida amistosa.

Leivinha foi um ponteiro-direito ofensivo, tinha boa velocidade e facilidade nos dribles. Chegava com frequência na linha de fundo para cruzamentos precisos. Enfim, foi um jogador de habilidade, aplicação e dedicação em campo. Ao encerrar a carreira, tornou-se professor de Educação Física, e hoje é o presidente do Sindicato dos Funcionários Municipais, em Passo Fundo.



Leivinha na equipe do Gaúcho em 1973, quando o Inter conquistou no Beira Rio o título Estadual

REPRODUÇÕES CZAMANSKI



Seleção Gaúcha - 1974

SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Luiz Sachet (ex-goleiro do Gaúcho)

Abey, Telmo Aita, Barão, Daizon Pontes e Maneca; Branco Ughini e Heitor Verardi, Meca, Omir, Bebeto e Armando Rebecchi.

- Daniel Viuniski (ex-presidente do Gaúcho)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca, Adair e Gitinha, Meca, Caíco, Bebeto e Antoninho.

- José Ernani Garcez Ferreira (ex-jogador do Gaúcho)

Doroty, Machado, Daizon Pontes, Branco Ughini e Maneca; Heitor Verardi, Wilson Moraes e Santarém, Meca, Bebeto e Daltro Pinto.

- Nilo Cardoso (ex-jogador do 14 de Julho e Atlântico)

Lara, Machado, Aldo, Daizon Pontes e Gringo; Ubiratã e Santarém; Meca, Plínio Rosseto, Bebeto e Liminha.

- Nery Simão (ex-jogador e presidente do 14 de Julho)

Abey, Prinche, Sabino, Valmor e Gradin; Pouca-Roupa e Santarém; Márioti, Célio, Jamegão e Vadi.

- Délio Viana de Oliveira (ex-jogador do Gaúcho e 14 de Julho)

Nelcy, Piranha, Caneco, Paulinho, e Chita; Heitor Verardi e Ubiratã, Marioti, Tuta, Armando Rebecchi e Zoca.

- Pedro Rosa "Gradin" (ex-jogador do 14 de Julho e

Atlântico)

Valdemar Pantera, Nardo e Barão; Prinche, Branco Ughini e Heitor Moura, Adão Galinha Morta, Pregentino, Vadila, Jamegão e Marcondes.

- Anielo D'Arienzo (ex-presidente do Gaúcho)

Valdemar Pantera, Josino, e Barão, Bino, Zica e Maneca; Adão Galinha Morta, Vadila, Bebeto, Jamegão e Culmann.

- José Frederico Teixeira Kurtz (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Barão e Daizon Pontes; Custódio, Sabino e Heitor Moura, Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio, Marcondes e Polaco

- Paulo Faccio (ex-jogador do Gaúcho, Atlântico e Juventude)

Carlos Alberto, Gringo, Mário Tito, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul e Roberto, Leivinha, Pedro, Bebeto e Seginho.

- Joel Urdagarin (torcedor de futebol)

Nadir, João Pontes, Daizon Pontes e Maneca; Jair, Raul, Roberto e Santarém, Leivinha, Bebeto e Meca.

- Albino Brotto (torcedor de futebol)

Nadir, Machado, Vadeção, Vando e Maneca; Heitor Verardi e Roberto, Meca, Arthur, Bebeto e Antoninho.

**PREPARE O FUTURO DE SEUS FILHOS
VENCEDORES COMEÇAM CEDO**

INGLÊS PARA TODAS AS IDADES
Novas Turmas

Todos os Horários

Matrículas Abertas

Rua Coronel Chicuta 69 - 313 4600

FISK



Bring your friends



Esporte

Luiz Freire: de craque a técnico de futebol

Oriundo do futebol de salão, Luiz Freire, na adolescência já tinha o perfil do craque, jogando pelo Clube Náutico Capingüi, equipe multi-campeã, presidida pelo seu pai, desportista Aroldo Madureira Freire, já falecido. Jogando um futebol de alto nível, Luiz Freire, era disputado pelos Colégio Conceição e Instituto Educacional, que lhe garantiam bolsa de estudos somente para ele jogar futebol.

INÍCIO NO GAÚCHO

Em 1971, o Sport Club Gaúcho, reformulou seu elenco de jogadores, priorizando atletas do futebol amador e estudantes locais. Entre vários jogadores, despontaram Luiz Freire, Cid, Ademir, Bertangnoli, Ivane Carmo. Jogando pela meia - direita, Luiz Freire tomou conta da posição de titular, e formou em 1973 no alviverde, num grande time, que tinha como base, Carlos Alberto (Cavalheiro), Gringo, João Pontes, Daizon Pontes e Luiz Carlos (Zé Augusto); Raul, Roberto (Paraná) e Luiz Freire; Leivinha, Bebeto e Serginho.

SELEÇÃO GAÚCHA

Em 1974, a Federação Gaúcha de Futebol formou uma seleção do interior do Estado, para

participar da Copa Atlântico Sul, juntamente com o Racing da Argentina, Penharol e Nacional do Uruguai e outros. Luiz Freire, foi convocado, jogando como titular em todas as partidas, ao lado de Raul Matté, Téio, Leivinha, Adilson, Zico e outros. Os Gaúchos tornaram-se campeões, e Luiz Freire teve grande destaque. Seu passe, em razão disso foi adquirido pelo Grêmio Porto-alegrense, e a partir daí, o craque peregrinou por vários clubes.

O CIGANO DO FUTEBOL

Além do Grêmio, Luiz Freire jogou no Internacional, sagrando-se campeão gaúcho em 1984, ao lado de craques como Mauro Galvão, Rubem Paz, Luiz Fernando Paulista, Kita, Silvinho e outros. Atlântico e Ypiranga de Erechim, Esportivo de Bento Gonçalves, quando foi artilheiro do Gaúcho 77, SER Caxias, onde formou dupla com Bebeto em 77/78, Aymoré de São Leopoldo Brasil e Pelotas, São Luiz de Ijuí, Passo Fundo, Guarany de Bagé, Coritiba, onde sagrou-se artilheiro do campeonato paranaense, em 1979, Criciúma, Chapecoense e São Bernardo, em São Paulo.

O GOLDO FANTÁSTICO

Luiz Freire, mesmo jogando

numa função de ponta de lança, recuando para ajudar na armação das jogadas de ataque, fazia muitos gols. Tanto que foi artilheiro dos campeonatos gaúcho e paranaense. Quando jogava pela Chapecoense, marcou um gol antológico contra o Paissandú de Brusque. Foi o terceiro dele naquela partida. Partiu do meio de campo com a bola dominada, tabelou com um companheiro, driblou mais três adversários, driblou o goleiro e entrou com bola e tudo para dentro da goleira. Naquele domingo, o programa Fantástico, da rede Globo, exibiu várias vezes a obra de arte, elegendo como o gol do Fantástico.

DE CRAQUE A TÉCNICO

Quando jogava pelo E.C.P.F., em 1991, foi convidado a dirigir tecnicamente o time. Convite aceito, começava ali outra exitosa carreira, a de técnico de futebol. Quando jogava, Luiz Freire, foi dirigido por técnicos inteligentes e competentes, como Machado, Chiquinho, Ernesto Guedes, Enio Andrade, Otacílio Gonçalves, Claudio Duarte, Luiz Felipe Scolari e outros. Todos com seus métodos de trabalho e características. Espertamente, o treinador Luiz Freire procurou



Em 1979, Luiz Freire foi o goleador do Campeonato Paranaense atuando pelo Coritiba

tirar proveito dos aspectos positivos dessas características, para se consagrar, também nesta carreira. Luiz Freire, treinou por duas vezes a Ser Caxias, a Chapecoense, Lajeadense, Guarany de Venâncio, as

categorias de base do Internacional de Porto Alegre, e hoje desenvolve seu trabalho no Esporte Clube Passo Fundo, exatamente onde começou. Luiz Freire foi o prata da casa que consagrou no esporte mais apaixonado do mundo.



ADVOGADOS

Dr. Flávio Luz
OAB/RS - 3526

Dr. Mauro Machado
OAB/RS - 10333

Fagundes dos Reis, 565 - Conj. 408
Fone: 313-5603



Luiz Freire ainda mascote da equipe de Futsal do Capingüi

Lançamentos

EDITORA
VOZES

ESTATÍSTICA EM MISTÉRIOS VOL. I

O texto deste livro é totalmente novo, é totalmente original em sua metodologia de apresentação do conteúdo e serve também para o auto-estudo. É um livro de leitura fácil e compreensiva e permite que o usuário busque o seu caminho na condução de uma pesquisa ou na interpretação de resultados de pesquisa que lhe cheguem às mãos. Quase não se dá ênfase ao cálculo e incentiva-se a utilização de recursos modernos da computação para aprofundar a interpretação dos dados. Os exemplos citados ao longo dos volumes estão dentro da realidade de pesquisa do Brasil. Todos os exercícios e exemplos foram testados com alunos universitários para verificar a compreensão do texto e do raciocínio para atingir a solução. Proporciona também uma leitura crítica de pesquisas e relatórios que utilizaram recursos estatísticos, orientando os leitores a perceberem distorções e manipulações dos dados apresentados.

Toda esta preocupação tiveram as autoras para oferecer ao estudante um manual prático, sem mistérios e sem traumas. Todas as disciplinas universitárias que estudam estatísticas podem se valer deste livro. Este é um livro feito para a realidade educativa do Brasil.

Autoras: Bunchaft e Kellner

ESTATÍSTICA SEM MISTÉRIOS VOLUME I





Esporte

Mané Garrincha no 14 de Julho

No início de 1968, através do empresário Jorge Luiz Ribeiro, os dirigentes do 14 de Julho, trouxeram a Passo Fundo, para uma partida exibição, o mundialmente conhecido Mané Garrincha. Parecia um sonho. Bi-campeão mundial de seleções, participantes de três copas do mundo, ponteiro-direito do Botafogo e Corinthians, aqui entre nós, vestindo a camisa do 14 de Julho.

No domingo ensolarado do dia 3 de março de 1968, pisava em solo passo-fundense um monstro sagrado do futebol, um jogador que se equivalia ao Rei Pelé. Garrincha chegou à cidade às 11h30min, e foi alvo de muitas homenagens.

O convidado para o jogo foi o Atlético de Erechim e o 14 de Julho, estrearia os jogadores Amâncio, Arthur e Antoninho, todos ex-Gaúcho. Mas os torcedores que compareceram em bom número no Estádio Dr. Celso da Cunha Fiori, queriam mesmo era ver Garrincha.

No vestiário o clima entre os jogadores rubros, era de enorme expectativa. O técnico Armando Rebecchi apenas escalou o time, pois como poderia expor planos táticos a Garrincha? Enquanto isso os demais jogadores, face à humildade do ídolo, estavam bem a vontade.

Em campo Garrincha era um ex-atleta. Se fora das quatro linhas continuava a ser um astro, lá dentro as coisas eram diferentes. Fora de forma, sem reflexos, não lembrava em nada o futebol

bonito, eficiente e moleque de outrora. Garrincha não era nem sombra do que foi, e o 14 de Julho, não tinha a vontade necessária para vencer. O Atlético, marcou seu gol ainda no primeiro tempo, numa grande jogada de Salada, que Waldemar completou a gol.

Mané Garrincha ficou em campo, quase todo o jogo, saindo quando faltavam poucos minutos. O 14 de Julho ainda perdeu um pênalti, que Aldo chutou nas mãos do goleiro Valdir. Final, Atlético 1 a 0. Para os torcedores não importou o marcador, tampouco o fraco rendimento do ponteiro. Importou sim, conviver, pelo menos por poucas horas, com um dos maiores ídolos do esporte mundial. Que se pouco mostrou em campo, fora dele, mostrou ser um extraordinário ser humano. No final da partida ele pediu desculpas pela má atuação, e nos dias que se seguiram, enalteceu a bondade e hospitalidade da nossa gente, nos programas esportivos do Rio de Janeiro. Foi uma hora conhecer Garrincha.

Os times:

14 de Julho: Wilson Sansão, Amâncio, Moisés, Tomé e Noé (Aldo); Jaime e Santarém (Vacaria); Garrincha (Mariotti), Arthur, Tuta (Dito) e Antoninho (Liminha e mais tarde Cardoso).
Atlântico: Valdir, Frazão, Alvin, Glênio e Carlos; Salada (Mujica) e Selmar; Roberto, Miguel (Valdemar), Zeca (Tomazzi) e Luizinho (Fernando).

Árbitro: Egydio Reolon, auxiliado por José Paulo Vieira e Gradin.

REPRODUÇÃO CZAMANSKI



Seleção passo-fundense de futebol

- Oswaldo Mantovani (torcedor de futebol) Susin, Sabino e Isabelino; Prinche, Custódio e Gradin; Adão Galinha Morta, Marcondes, Miléo, Jamegão e Célio Barbosa.

- Luiz Wilson Branco Ughini (ex-jogador do Gaúcho) Cavalheiro, Prinche, Barão, Daison Pontes e Gradin; Heitor Verardi e Santarém, Meca, Caíco, Sariba e Bebeto.

- Valdir Scarsi (ex-jogador do Gaúcho, Caxias e Guarany de Bagé) Carlos Alberto, Gringo, Valmor, Daison Pontes e Maneca, Raul, Santarém e Roberto; Leivinha, Bebeto e Antoninho.

- Américo Martins de Oliveira (ex-jogador do 14 de Julho e Gaúcho) Nadir, Machado, Amâncio, Daison Pontes e Maneca; Heitor Verardi, Santarém e Roberto,

Artur, Bebeto e Raul.

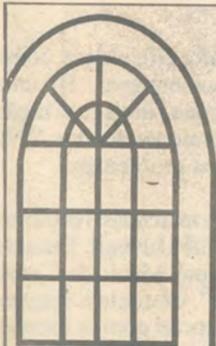
- Serafim Rodrigues da Silva (ex-jogador amador) Pirata, Sabino e Barão; Prinche, Branco Ughini e Heitor Moura, Meca, Jamegão, Bebeto, Vadila e Ivo Aguiar.

- Valentim Viana de Oliveira (ex-jogador do Rio-grandense)

Valdemar Pantera, Tibiche e Barão; Quero - Quero, Zica e Heitor Moura; Brasileiro, Jamegão, Vadila, Marcondes e Polaco.

- Paulo Giongo (ex-dirigente do Independente) Susin, Pupe e Daison Pontes, Gringo, Heitor Verardi e Jair; Meca, Pepino Aita, Vadila, Bebeto e Ciro.

- Carlos P. Zanon (Torcedor de futebol) Volney, Machado, Tomé, Daison Pontes e Vacaria; Heitor Verardi e Santarém; Meca, Caíco, Bebeto e Mariotti.



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Memória Esportiva

Mateus e Paulo César Carpegianni

FOTOS ARQUIVO DM

Quem? Mateus e Paulo César Carpegianni? Meio de campo do Internacional? Do Flamengo? Da seleção brasileira? Nada disso. Mateus jogou com Paulo César Carpegianni em partidas exibições em Sertão, Tapejara e futebol sete em Passo Fundo. Paulo César Carpegianni é cunhado de Roberto Antonello, em 1977, jogador do Gaúcho e veio a Passo Fundo visitar seus familiares. Como é de praxe, jogador de futebol quando está em férias gosta de jogar bola e com Carpegianni não foi diferente. Na época era um consagrado meio campista e capitão do time do Flamengo. Havia sido multi-campeão gaúcho e bicampeão brasileiro com o Internacional e disputado a Copa do Mundo de 1974, como titular da seleção brasileira. Como todos sabem, hoje Carpegianni é técnico de futebol e dono do RS Futebol, time profissional de Alvorada, que disputa a segunda divisão. Mateus na época jogava na várzea e treinava no Gaúcho alimentando um sonho: assinar contrato como jogador profissional no Gaúcho. Centro-médio marcador, de muito fôlego e alguma habilidade. Hoje com 50 anos



Combinado de jogadores com a camisa do Gaúcho e Atlético de Tapejara. Carpegianni é o terceiro agachado e Mateus o último

ainda corre atrás da bola e é motorista de táxi no ponto da esquina da Avenida Brasil e Bento Gonçalves. É torcedor do Internacional e se diverte contando histórias que vivenciou pela sua presença constante com os jogadores e sua amizade com o velho lateral Gringo, especialmente nas partidas em que jogou ao lado de Paulo César Carpegianni. Algumas histórias que Mateus gosta de contar.

Mui amigo

Na partida contra a seleção de Sertão, Carpegianni percebeu que Mateus jogando na lateral-esquerda tocava bem a bola e pediu para ele trocar com outro jogador e ir para a meia-esquerda. Mais umas boas trocas de passe e elogios do craque ao humilde Mateus. A partida terminou empatada em 3 x 3 e no fim do jogo um senhor que para Mateus pareceu ser uma pessoa influente na cidade, conversou com o dirigente do Gaúcho Oscar Possamai, que acompanhava os atletas de Passo Fundo, perguntando por Mateus. Imediatamente Possamai respondeu: "Nem vá atrás que esse aí é lá da Vila Sapo".

Migué

Na partida de futebol sete jogada contra a Granja Ughini, o combinado jogou com Tiaco de goleiro, Vacaria, Ernesto (que jogou no Bangu), Mateus, Carpegianni, Roberto e Kita, que estava começando a carreira. Carpegianni estava gastando a bola e colocando Kita na cara do gol várias vezes. O artilheiro, que não parava em pé por estar de tênis, perdia um gol atrás do outro. O goleiro da Granja Ughini Charuto pegava tudo. Então Carpegianni trocou de posição com Kita e na primeira bola que chegou perto do gol fingiu que ia chutar, segurou a bola em baixo do pé, o goleiro se jogou e o craque apenas deu um leve toque por cima de Charuto. Ao passar por Kita, comentou: "Viu. Dê um migué no

goleiro que é um abraço". Pela sua carreira brilhante no futebol, Kita deve ter aprendido a dar um migué nos goleiros.

Suor de lembrança

No retorno do jogo na Granja Ughini, Mateus veio para o centro da cidade no carro com Vacaria, Carpegianni e Caraba. Todos os que jogaram, menos Caraba, ainda estavam com o uniforme suado do jogo, o que molhou os bancos do carro. Ao chegarem ao destino e descenderem do veículo, Caraba percebeu os bancos molhados e não teve dúvidas. Sentou em cima para ficar como lembrança o suor de Carpegianni.

Corneta

Ainda na partida de futebol sete, o falecido lateral do Gaúcho Gringo, assistia a partida e corneteava Vacaria a cada jogada que não dava certo. Ao mesmo tempo o funcionário da antiga Menegaz, conhecido por Meio Quilo, corneteava Carpegianni quando esse eventualmente não acertava um passe. Foi quando Caraba irritado perguntou aos dois: Aonde vocês jogaram para ficar corneteando? No meio do jogo Carpegianni, saiu da cancha e deu um abraço em Caraba por defende-lo.

Para quem quiser confirmar essas histórias ou ouvir muitas outras, Mateus trabalha a noite no ponto de táxi e está sempre disposto a contar histórias dos bastidores do futebol de Passo Fundo.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Ausência

A página Memória Esportiva e a coluna estiveram ausentes durante quatro meses, em razão de outras atividades particulares. Nesse período muitos leitores acharam falta da Memória, do que ficamos muito orgulhosos. Para recomencermos uma matéria inusitada, contando algumas histórias da passagem de Paulo César Carpegianni, em Passo Fundo.

Passo Fundo

Depois de duas derrotas e onze dias parado para colocar a casa em ordem, o técnico Cedenir Machado começa a apresentar em campo sua estratégia e forma de jogar. A goleada contra o São José foi alvissareira e talvez a melhor partida do time em toda a competição. Tomara que haja uma seqüência de vitórias para o time embalar. Cedenir tem pouca experiência como treinador, mas em sua carreira como jogador foi orientado por profissionais de primeira linha do futebol gaúcho, como Carlos Fronner, Marco Eugênio, Dino Sani, Minelli e outros. Aliás Cedenir foi um estupendo zagueiro, altamente técnico e de muita garra. Nos tempos de Caxias, muitas vezes carregou Felipão nas costas.

Parreira

Parreira sempre foi chamado de retranqueiro, mas esse conceito terá de ser revisto. Impressionante a forma de jogar do Corinthians. Joga com dois zagueiros, os laterais que apóiam muito, apenas um volante de marcação feroz, Vampeta que ajuda na marcação, e que tem uma safda de bola qualificada, Ricardinho, o homem pensante, que avoca a responsabilidade do jogo e três atacantes, com dois ponteiros jogando bem abertos, e que fecham para a área, para dar espaços aos laterais. Ao contrário do que diz Tite, que apenas o Grêmio disputa duas competições e está bem em ambas, o Corinthians está classificado no Rio-São Paulo e com um pé na semifinal da Copa do Brasil. O Corinthians joga como se jogava na década de 70.

Veteran Car

Fui convidado a comparecer ao jantar de posse do novo presidente do Veteran Car Club de Passo Fundo, Sr. Miguel Guggiana. Fiquei impressionado com a organização do clube e com o número de associados e a variedade de automóveis antigos, muitos exclusivos no Brasil. Agradeço o amigo Nelson Marques da Rocha, o ex-presidente, pelo convite.



Time de futebol sete do combinado de jogadores com a camisa do Gaúcho. Kita, Tiaco, Vacaria, Roberto, Mateus, Carpegianni e Ernesto

COPA SUL-MINAS

Entre para o time. SKY e reserve o melhor lugar.



MULTI-SAT 312-8826



A EMOÇÃO MORA COM VOCÊ.

Jogos transmitidos pelo sistema pay-per-view. Consulte SKY sobre as condições desta oferta.



Arte: Leonardo Dório

Esporte



Meca - Um craque, um ídolo

Américo Martins de Oliveira, nasceu em Carazinho, e em casa ganhou o apelido de Meco. Depois virou Meca, mas nem ele sabe porque. Alto e esguio, desde menino, quando morava com sua tia Joaquina, gostava demais de jogar bola. Assistia os jogos do Veterano e do Glória e tinha em Mucho, Zeno, Alambique, Pelego, Helio Barleze, Beijo (seu tio), entre outros, seus ídolos no futebol.

Estudava e jogava no Colégio La Salle. E, se destacou tanto que levado pelas mãos do tio Beijo, foi jogar no Ipiranga, time varzeano, formado pelos associados do Clube Flor da Serra. Seus pais, Rivadávia Dona Nadir, assistiam a seus jogos. E ao chegar em casa sua mãe analisava com ele, e algumas vezes o criticava pelo seu posicionamento em campo. Foi sua grande incentivadora. Passou pelo Brasil, time da várzea, antes de ser convidado pelo Veterano.

Em 1956, já era titular do Jaldenegro. Nesse mesmo ano, após um amistoso contra o Floriano, o desportista Romeu Rodrigues da Cruz, famoso descobridor de talentos, solicitou permissão ao pai do craque, para levá-lo ao juvenis do Inter. Seu Rivadávia sequer deu ouvidos a proposta. No Veterano jogou com grandes feras como Irno, Oscarito, Pouca-Roupa, Hugo, Jorginho e os irmãos Irami e Irapuã, que tinham outro irmão. O grande Ipojucã, do Vasco e Seleção Brasileira.

No começo de 1959, com sua família já residindo em Passo Fundo, Meca era disputado por vários clubes. Mas optou em jogar no 14 de Julho, pois esse, lhe arrumara emprego na Transportadora Sulina. Meca jogava e trabalhava, inclusive à noite, para compensar as faltas, quando treinava. Foi bi-campeão cidadão em 59/60. Em 1959, o 14 de Julho, infinitamente supe-

rior ao Gaúcho, lhe aplicou duas sonoras goleadas. 5x2 e 5x1. O ataque arrasador era formado por Meca, Caíco, Armando, Noiram e Calé. No Colorado, esteve ao lado de grandes craques, como Vadecão, Verardi, Níveo, Vando, Gradin, Maneca, Luiz Roberto, Rebequinho, entre outros.

A partir de 1961, o Gaúcho começou a montar uma boa estrutura no futebol, trazendo jogadores de Porto Alegre, o que se seguiu nos anos seguintes. Em 1962, estoura uma "bomba", na cidade. Meca e Vadecão, saíram do 14 para o Gaúcho. Imediatamente os dirigentes rubros, foram até a Sulina, para pedir a demissão de Meca. O proprietário, Avelino Andreis, só disse uma palavra: não. Além de funcionário competente e exemplar, Meca era muito querido pelos seus colegas.

E foi no Gaúcho que Meca se identificou mais com a mística camisa e com a fanática



REPRODUÇÕES CZAMANSKI

Meca em uma de suas arrancadas no jogo Gaúcho 0x3 Grêmio em 1966, ao seu lado Áureo tentava fazer a cobertura.

torcida. Jogou no alvi-verde até encerrar a carreira brilhante. Foi tri-campeão cidadão de 63 a 66. Bi-campeão regional em 65/66. Campeão estadual da 2ª divisão em 1966. Vice-campeão estadual em 1965. Vice-campeão do Torneio Início do Campeonato Gaúcho em 1967. Campeão da Copa Everaldo Marques da Silva, competição de nível estadual em 1970.

Meca jogou no Gaúcho ao lado de monstros sagrados do nosso futebol, como Nadir, Altino, Adair, Sariba, Montezana, Maneca, Daison Pontes, Olavo, Tuta, Wilson Moraes, Newton Queiróz, Branco Ughini, Moreninho, Raul, Arthur, Vadecão, Gitinha, Antoninho, Amâncio, Roberto, Santarém, Zangão, Serginho, Luiz Carlos, Carlos Alberto, além do extraordinário Bebeto.

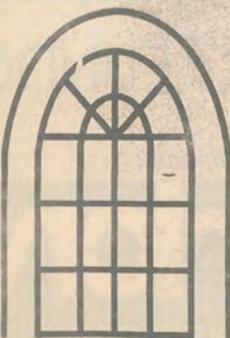
Meca, viveu sua vida profissional e vive sua vida particular, sempre dentro de uma singela simplicidade e humildade. Amigo de todos, era um jogador

de qualidades técnicas indiscutíveis. Foi o nosso Garrincha dentro do campo. E assim como Mané, não gostava de uma coisa. Como conta seu colega e amigo Maneca "Os treinadores não podiam armar esquemas táticos para Meca. Aí ele não jogava. Meca tinha que ficar solto em campo e fazer o que ele sabia. Aí ele decidia". Foi juntamente com Bebeto, os maiores ídolos da história recente do Gaúcho. Os torcedores o idolatravam pelo que ele jogava, pelos gols que fazia, pelo amor a camiseta, e pela simplicidade que o identificava com a galera.

Sua última partida nos profissionais, foi exatamente como toda sua vida. Contra o modesto União, campeão amador, no dia 13 de dezembro de 1970. Meca, o craque, o ídolo, ainda pode ser visto, como um "jovem" cinquentão, "flutuando como uma gazela, nos campos de futebol sete do Caixaerial Campestre Tênis Clube.



Equipe do Gaúcho em 1967: Em pé - Maneca, Nadir, Honorato, Machado, Amâncio e Pontes (agachados) - Meca, Arthur, Raul, Roberto e Antoninho



**GOLDEN
SHOPPING
CENTER**

O novo centro de PASSO FUNDO

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Memória Esportiva

O bom e velho Gringo

Seu nome era Arthur Nicolodi de Oliveira, o apelido Gringo. Um excelente amigo, uma figura humana esplêndida, simples, humilde, por demais engraçada e um jogador de muita raça e amor à camiseta. Gringo apareceu para o futebol no Independente. Em 1967, contratado pelo 14 de Julho, mudou para lateral, tanto direita como esquerda. No ano seguinte foi campeão estadual da segunda divisão, ficando na reserva de Osvaldo, lateral-direito muito forte e pouco técnico. Gringo permaneceu no 14 até o início de 72, quando com os cofres combalidos o clube fechou suas portas provisoriamente.

Ao mudar de clube Gringo encontrou toda sua felicidade ao vestir a camisa do Gaúcho, clube do coração de quem morava no Bairro Boqueirão. Foram quatro anos como titular da lateral-direita alviverde. Foi ídolo da torcida que se identificava com o jeitão simples do jogador. Durante as partidas ele até conversava com os torcedores que ficavam no alambrado. Ao perceber que não tinha mais pernas para acompanhar os ariscos e velozes ponteiros, foi jogar como quartozagueiro. Continuou chegando junto e arrepiando os atacantes que se achessem chegar em sua área, até o começo de 1977, quando pendurou as chuteiras. Não era velho para continuar jogando, mas o precário preparo físico, fruto das inúmeras festas regadas a homéricas bebedeiras, não permitia mais sua atividade esportiva.

Ao deixar os gramados Gringo tinha um ponto de táxi no Boqueirão, profissão que passou a exercer. Não ganhava muito dinheiro, pois não cobrava as corridas dos amigos e quando estava numa boa conversa sobre futebol se recusava a atender seus clientes. Na década de 80 foi treinador dos juniores do Gaúcho, campeão do interior, no campeonato estadual. As histórias do Gringo



Independente de 1966 - Em pé (da esq. pra direita): Mota, Celso, Joãozinho, Biguá, Zezinho, Aguiamar e Orlando. Agachados: (esq. pra direita): Gringo, Anselmo, Serginho, Mário e Adãozinho

Essas são milhares. Gringo era muito engraçado para contar suas histórias. Tinha uma maneira simples, numa linguagem só sua e muitos palavrões para conta-las. As pessoas que as ouviam morriam de rir quando ele apenas as iniciava e os personagens de suas histórias eram adjetivados como "carniças". Os ponteiros que Gringo marcava não tinham vida fácil. Os que queriam fazer graça em cima dele, se arrepiavam amargamente. Lino do Caxias foi um deles. No primeiro lance quis fazer uma firula e foi desarmado, na seqüência do lance, com a bola longe, Gringo o agarrou pela camisa e lhe desferiu um violento tapa no rosto, dizendo rispidamente: "Vou te quebrar f.d.p.". Atônito, Lino foi se queixar para o capitão do seu time Felipão e não jogou mais nada.

Outro foi Valdomiro do Inter, que na primeira chegada forte de Gringo em sua canela falou: "Calma Gringo. Vamos fazer o seguinte: eu não chego em ti e tu não chegas em mim. No fim do jogo te dou minha camisa". Gringo furioso respondeu: "Enfia a camisa na sua mulher, seu carniça, que eu vou te arrebenhar". Ao lado do alambrado, onde todos ouviram. Gringo quando queria era bandido. Sua chuteira tinha uma trava extra perto do bico. Era sua arma mortal. Pedia aos companheiros bolas a dividir e cravava a trava na perna do adversário.

A antológica do Gringo foi quando Bebeto, seu compadre e grande amigo, foi candidato a vereador. Num jantar/comício Gringo conseguiu reunir mais de 200 pessoas. O candidato a deputado, que era de Soledade e fazia dobradinha com Bebeto, discursou, depois foi o próprio Bebeto, que no final passou a palavra ao Gringo, pra lá de mamado. Gringo subia em cima da mesa e elocuiu: "Os homens estão aí enchendo o bucho de vocês. Tem de votar neles. Agora, se não votarem, vão tudo pra p.q.t.p.". Encerrou o breve discurso e ainda foi aplaudido.

Depois de uma longa enfermidade Gringo faleceu muito moço, em 1997. Foi uma perda sentida por todos, pois ele era a testemunha mais hilariante da história do futebol de Passo Fundo.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Vexame

Com uma semana de atraso (mas o assunto ainda está em vigência) vou dar minha opinião sobre o vexame da Fórmula 1, no domingo. Desde a mais luxuosa mansão até o mais prosaico barraco, onde tenha um aparelho de TV, os domingos de fórmula 1 no Brasil é sempre o mesmo, assistir a corrida e torcer por um bom desempenho dos brasileiros. Até 94 torcíamos pelas vitórias de Senna, Piquet, antes Fittipaldi e Pacce. Depois nos desacostumamos com elas até que Barrichello fosse contratado pela Ferrari, a maior de todas as equipes. Ai o Brasil começou a sonhar com novas vitórias. Domingo passado o povo se frustrou. Todos esperaram que a musiquinha do Senna enfim fosse tocada, mas a 10 metros da linha de chegada o brasileiro deixou seu adversário passar. Frustração geral. No pódio outra palhaçada. O "bom samaritano" Schumacher fingindo constrangimento colocou o bobo da corte em seu lugar, lhe deu o troféu e o fez escutar com todo orgulho e reverência o hino alemão. Ai volta a cena o bobo da corte e diz que atendeu ordens e que poucos dias antes assinara um excelente contrato. Espera aí. Assinou contrato para perder? Vendeu sua dignidade? Iria perder o emprego por vencer uma corrida para sua equipe? Que esportista é esse que entra na pista sabendo que vai perder. Não, Barrichello ganhou. Ganhou muito dinheiro para perder. Na verdade quem perdeu fomos nós, que vamos para frente da TV pensando que a fórmula 1 é um esporte e que nosso representante é sério.

Ferrari

Tenho lido em jornais e ouvido na televisão, que Barrichello é o primeiro brasileiro piloto a sentar no cockpit da Ferrari. Ledo engano, o primeiro piloto da Ferrari foi Chico Landi, o pai de todos os pilotos. Não só pilotou um carro Ferrari, como venceu um Grande Prêmio em Brescia na Itália, em 1948. Aliás, foi a primeira vitória da escuderia, e o grande Enzo Ferrari o patriarca do império, o reverenciava como um semideus e foi seu amigo pelo resto da vida. Lendo a gente aprende.

Resposta

Juvenal Amarillo, Chico Aramburú, titulares e Noronha, Nena e Adãozinho, reservas, foram os gaúchos na Copa de 1950. Próxima pergunta: Qual jogador gaúcho foi convocado para duas copas. Numa jogava no Inter e na outra no Grêmio?



Gaúcho x Internacional, em 1974 - Gringo é o primeiro, no canto direito. Também aparecem na foto Zé Augusto, Claudiomiro, Lívio, Paraná, Escurinho e Figueroa

FOTO: ARQUIVO DM

Agora a Unesul leva você mais longe.



Unesul

No nosso destino é a sua satisfação.
sac@unesul.com.br • (51) 3375.9000





Arte: Leonardo Dóio

Esporte

Histórias do Futebol

14 de Julho é campeão do Centenário de Passo Fundo

Em comemoração ao 140º aniversário de Passo Fundo, a página esportiva do DM, presenteia o leitor com a história daquele que foi o um dos mais importantes jogos do glorioso futebol passo-fundense. O clássico Gaúcho e 14 de Julho aconteceu durante anos, mas o que decidiu o Título de Campeão do Centenário de Passo Fundo foi singular e nenhum outro clube além do 14 terá em sua galeria esse troféu.

A cidade de Passo Fundo, havia completado seu 100º aniversário no dia 7 de agosto de 1957. Agora já era o dia 29 de setembro. O 14, vice-líder da 2ª divisão de profissionais, chave 4, tinha a sua frente apenas o Glória de Carazinho. O Gaúcho, estava mal na competição. Carregava a lanterna. O clássico, válido pelo regional, decidia o título de campeão do centenário de Passo Fundo.

O 14 de Julho era considerado o favorito, pois, além de tudo, tinha goleado seu adversário, no Gá-Quá anterior por 4x1. Naquela ocasião, os goleadores

foram Gringo (2), Calé e Orlando. Com Juarez descontando para o alvi-verde.

Embora o sol escaldante, um ótimo público lotou a "Baixada Rubra", para assistir o espetáculo, pelo caráter decisivo que ele representava.

O jogo:

Os rubros entram em campo com uma equipe mais experiente. Contam com o goleiro Lara, ex-Cruzeiro de Porto Alegre. Pinga, ex-Nacional, também da capital (era pai do zagueiro Pinga, hoje no Londrina e que foi revelado pelo Internacional). Gentil e Gradin, já veteranos, e Caíco, o craque do time. Funcionário do Banco do Brasil, ele participava de um churrasco na AABB e chegou ao estádio apenas minutos antes da partida, e por pouco não jogou. Todos comandados pelo técnico Célio Barbosa.

No Gaúcho, treinado pelo Capitão Bueno, Vete e Juarez, eram os mais calejados na arte da bola. E Branco, um esplêndido jogador. Considerado um dos maiores

REPRODUÇÕES CZAMANSKI



14 de Julho 1957 campeão do Centenário: Em pé - Gentil, Pinga, Neno, Vadecão, Lara e Gradin. (Agachados) Claudino, Caíco, Gringo, Calé e Bergamota.

craques da história do clube. A partida em seu primeiro tempo foi fraca tecnicamente. Talvez em razão do calor. Embora as poucas chances de gols criadas, o jogo tinha boa movimentação, e a vontade de vencer, tornava-o atrativo. O Gaúcho, mesmo inferior, equilibrava as ações, acentuando a máxima do futebol, que diz que "clássico é clássico". O período inicial terminou com placar zerado.

Começou a etapa final e com ela, uma agradável brisa, que vinha do rio Passo Fundo, ainda não poluído. A partida ficou muito melhor. Ambos os times criavam situações de perigo constantemente, e Caíco que no intervalo tomara um banho de água fria, jogava um bolão. Rebequinho e Vete, estavam

absolutos, e davam tranquilidade ao restante do time. Rebechi marcava Gringo, com muita atenção, pois tratava-se do homem gol do adversário, e Branco organizava e muniava seu ataque. Mas o 14 era realmente superior e martelava a meta contrária. Aos 31 minutos acabou saindo o único gol. Caíco recebe a bola do lado esquerdo e faz menção em cruzá-la. Vê a área congestionada e não tem a quem passar. Resolve então arriscar o chute, e foi extremamente feliz. A bola sai de seu pé colocada sem muita força, e toma elevação em direção ao gol. Rebequinho, com a visão encoberta, não percebe a trajetória da bola. Quando a vê, ela está mansamente resvalando em sua rede. O grito de gol fere os ouvidos do grande goleiro. Caíco, o herói, está no meio

de um "bolo" de jogadores de camisas vermelhas. Todos querem abraçá-lo. Dentro do estádio começa uma festa comandada pelo lendário Pupe. Ao trilar o apito do árbitro Narciso Vodainski, a festa se espalha pela cidade. O 14 de Julho era o campeão do centenário de Passo Fundo. Título único, a enriquece sua galeria de troféus.

Os times

14 de Julho - Lara, Vadecão, Pinga e Gentil, Neno e Gradin, Claudino, Caíco, Gringo, Calé e Bergamota.

S.C. Gaúcho - Rebequinho, Finco, Vete e Rebechi, Branco e Nicanor, Enir, Veteinho, Careca, Aderbal e Juarez.

Árbitro - Narciso Vodainski, com boa atuação

Pesquisa Marco Antônio
Reportagem Gerson Lopes



Uma das formações do S.C. Gaúcho em 1957 - Em pé - Capitão Bueno (técnico), Finco, Hugo Loss, Branco, Vete, Rebequinho, e Nicanor. (Agachados) - Enir, Veteinho, Careca, Rebechi e Aderbal

NOVO SERVIÇO EXECUTIVO PARA SÃO PAULO

Novos ônibus equipados com:

- Ar-condicionado
- Toailete a bordo
- Vídeo, água mineral e cafezinho

Diariamente:

- de Passo Fundo: às 15h30min
- de São Paulo: às 20 horas

REAL TRANSPORTE E TURISMO S/A
RESERVAS E INFORMAÇÕES: 311-1226



O esporte nas páginas de O NACIONAL

O esporte sempre fez parte da vida de O NACIONAL. E o futebol, como não poderia deixar de ser, contribuiu para enriquecer ainda mais as páginas do jornal. São muitos os textos que lembram momentos históricos, mas há que se destacar os que retratam os grandes clássicos disputados entre o Gaúcho e o 14 de Julho entre as décadas de 40 e 50.

EXPRESSIVA VITÓRIA DO 14 DE JULHO

Que venceu o Gaúcho, na primeira rodada do Campeonato da L.P.F.

Jogaram, na tarde ensolarada de domingo, iniciando o campeonato local, as equipes do 14 de Julho e do Gaúcho, tradicionais rivais do nosso futebol, no longínquo gramado da vila Cruzeiro.

O encontro que foi assistido por uma grande assistência, terminou com a vitória dos colorados por 3x2. O jogo foi completamente despido de técnica, apesar de ser um tanto movimentado. Na preliminar os colorados também levaram a melhor por 3x1, conseguindo assim dois pontos na tabela de sua categoria.

O encontro foi dirigido pelo desportista Ciro Gomes, que teve um desempenho regular, facilidade muito pela conduta dos disputantes, que foi francamente disciplinada.

Os quadros formaram com as seguintes constituições:

14 DE JULHO - Suzin; Sabino e Pupe; Nardo, Poucaroupa e Gradin; Moisés, Nerí, Cambolm, Pregentino e Chinês.

GAÚCHO - Timpa; Gerdi e Celso; Xavier, Taú e Marcon; Céllo, Papagaio, Prego, Cacildo e Arnaldo.

A saída foi dada pelo Gaúcho às 15,55 horas. Aos 4 minutos, Chinês abre a contagem da tarde, vencendo o arqueiro dos verdes. O jogo prossegue melhor controlado pelos colorados, mas, numa escapada da direita surge o tento de empate, obra do centro-avante Prego, que alinhou a redonda, aos 30 minutos, no fundo das redes do 14. O desempate não demorou muito, cabendo a Pregentino aumentar para dois e para três, respectivamente aos 38 e aos 42 minutos, da primeira fase, terminando com o 14 na vantagem por 3x1.

No segundo período surgiu novamente um tento, para o Gaúcho, aos 43 minutos, sendo Arnaldo, ponteiro alvi-verde, o autor do mesmo, encerrando assim o marcador. Destacaram-se: Pregentino, a maior figura dos 22 disputantes, numa tarde de gala; Sabino, Marcon, Timpa, Nardo e Celso. O trio médio dos alvi-verdes, a não ser Marcon, fracassou redondamente, o mesmo acontecendo com o ataque, que foi um ponto nulo.

(publicado em O NACIONAL a 07/08/1945)



SÓ PORQUE TEVE MAIS FÔLEGO

O Gaúcho venceu ontem o 14 de Julho

Graças à rivalidade dos contendores e o equilíbrio de suas forças que mantiveram um prélio renhido e emocionante durante quase todo o tempo regulamentar da partida, a magnífica tarde futebolística de ontem conseguiu entusiasmar os numerosos aficionados que acorreram ao campo do S.C. Gaúcho, que se degladiava com o seu tradicional adversário de todos os tempos, o 14 de Julho.

Depois de uma boa preliminar entre as esquadras secundárias, entraram em campo as esquadras principais, assim constituídas:

GAÚCHO - Abeí; Zica e Armandinho; Miquimba, Paim e Alberico; Tico, Papagaio, Peixe, Souza e Mujica.

14 DE JULHO - Suzin; Jerônimo e Barão; Cauduro, Silvio e Prinche; Gradin, Miléo, Carlos, Pupe e Bica.

O 14 de Julho fez uma brilhante partida até quando faltavam apenas 12 minutos para finalizar e que estava o resultado de 1 a 1.

Nesse momento deu-se o colapso da defesa colorada e o Gaúcho aproveitou para desfazer a contagem de igual para 4 a 1, tendo Tico, do



Gaúcho, sido o goleador marcando três gols.

Serviu de juiz o desportista Mac Genity, que teve boa atuação.

(publicado em O NACIONAL a 10/05/1942)



Uma das muitas equipes do Gaúcho. Em pé: Daizon Pontes, Adair, Nadir, Amancio, Machado e Maneca. Agachados: Meca, Tuta, Raul Matte, Gitinha e Antoninho.

MEMÓRIA ESPORTIVA

O futsal da Brahma

Em 1947, a Cia. Cervejaria Brahma adquiriu as instalações da Cervejaria Serrana, de Bade & Barbieux e fixou-se em Passo Fundo, convivendo por pouco mais de 50 anos com nossa comunidade. Além da geração de empregos e arrecadação de impostos, a Brahma tornou-se um símbolo da cidade. Na época nos bares, restaurantes, cabarés e no comércio, o cliente solicitava uma Brahma ao invés de pedir cerveja.

Como toda a grande empresa a Cervejaria oferecia aos seus funcionários a condição de formar times de futebol. Não apenas para o lazer, mas também para ingressarem em competições oficiais. Durante algumas décadas o Corinthians da Brahma disputou e venceu certames amadores. O time de futebol dos funcionários foi campeão brasileiro entre as unidades da empresa. Esses assuntos, entretanto serão temas em outras reportagens.

Futsal

No futsal, o melhor time da Cervejaria Brahma começou a ser formado no final dos anos 70. Alguns craques do salonismo da época passaram a fazer parte do quadro de funcionários da empresa, entre eles Rudimar Silva Santos, ex-jogador do Íris e Cosmos, prematuramente falecido, Cláudio Algarve, o Betinho, que atuara nas mesmas equipes e Fernando Annes, ex-jogador do IE e Íris, que jogava com a mesma eficiência vôlei e basquete.

Nos campeonatos sesianos o time da Brahma era uma atração a parte, jogando contra excelentes equipes das empresas Semeato, Menegáz, Coopasso, Frigoríficos Costi e Planaltina. Eram clássicos extraordinários de alta técnica, muita garra e a emoção que vinha das arquibancadas dos ginásios lotados pelos demais funcionários dessas firmas. O torneio 1º de Maio, homenagem ao dia do trabalhador, era um espetáculo de brilho e cores. Numa tarde decidia-se a campeão, com decisões, em caso de empate, em cobranças de pênaltis que elevavam a adrenalina de jogadores e torcedores à estratosfera.

Voltando ao time da Brahma, ele era constituído por seis titulares que se



Veteranos da Brahma de 1981 - Em pé: Altayr, Renato e Fasolo. Agachados: Mário Tito, Bortolon e Heleno



Brahma de 1981 - Em pé: Fernando, Paulo Simor e Beiço. Agachados: Betinho, Heleno e Rudimar

revezavam em quadra. O goleiro era Heleno, arrojado, corajoso, seguro e ágil, oriundo das quadras de asfalto do Colégio Conceição, Rudimar, Betinho, Fernando, três supercraques, Beiço, driblador infernal, catimbeiro manhoso e Pisca, um cra-

que que chegou a atuar no S.C. Gaúcho. Entre os que figuravam no banco de reservas, Carabina, o outro bom goleiro, Fumaça e seu potente chute, Alberi, o habilidoso, Breno Martins, segurança e elegância como fixo, João Armando, Marcos Bongalhardo, Paulo Caratajú Simor, recentemente falecido, Iramar e Jocely "Tilica", entre outros. O treinador desse time era Luiz Airtton Dias, o Kiko, um pivô extra-série do futsal dos anos 70.

O elenco diretivo da empresa formava o time dos veteranos da Brahma, todos ex-jogadores de primeira linha, que dificilmente perdiam jogos entre times da mesma idade. Mas por via das dúvidas convidavam o goleiro do time A, para garantir o resultado. Nele jogavam o saudoso Renato Bonsembiante, Altayr Bitencourt, Bortolon, Fasolo e outros. A direção de futebol ficava ao encargo do desportista Silvio Carrão de Lima, também dirigente do Gaúcho.

A Cia. Cervejaria Brahma foi embora de Passo Fundo, deixando um enorme vazio no coração de seus ex-funcionários, pelo amor que tinham por ela, pela convivência saudável no trabalho e pelos grandes times que davam verdadeiras aulas do bom futebol e futsal.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Rivalidade

A velha rivalidade entre Passo Fundo x Erechim está de volta. Durante várias décadas ela esteve presente no futebol de campo, alimentando o ódio entre Gaúcho, 14 de Julho, Atlântico e Ypiranga. Hoje ela estará na quadra do Ginásio Capingüi. O Atlântico, campeão em seu grupo na primeira fase, vem recheado de craques como Scala, Juninho e Jorginho e credenciado como favorito. Para reverter esta situação será necessário o apoio maciço dos torcedores. O bafô na nuca dos erechinenses é fundamental. Ginásio lotadíssimo, gritos de incentivo, sem agressividade e sem perder a paciência num eventual início atrás do placar. Quanto ao time concentração total ao jogo nos 40 minutos, marcação implacável e muita vibração em quadra. O bom Javali saberá armar sua estratégia para surpreender o adversário. Nossa vitória é um dever cívico.

Autódromo

Extremamente oportuna a entrevista com Nestor Valduga, presidente da FGA, no último sábado no debate sobre a construção do autódromo realizada pela Rádio Diário da Manhã AM. Valduga afirma que o automobilismo do Rio Grande do Sul clama por um novo e moderno autódromo, já que Tarumã está obsoleto e sucateado e a cidade de Guaporé carece de estrutura hoteleira e sua posição geográfica não lhe favorece. Valduga afirma que Passo Fundo e Caxias do Sul possuem projetos para construção de autódromo. Certamente que dois autódromos ficaria inviável, portanto Passo Fundo, que possui uma tradição inigualável no interior do estado no automobilismo tem de tomar a dianteira e não perder mais tempo. As vantagens que esta obra traria ao município são incomensuráveis.

Real Madri

Tenho acompanhado, na medida do possível, jogos do Real Madri, na Liga Espanhola e na Copa dos Campeões Europeus. Eles passeiam, em campo. Fazem gols quando querem e estão a anos luz dos adversários. Evidentemente que haverão de perder alguma partida, mas o show de bola impressiona. O Real Madri revive seus gloriosos momentos do supertime do final dos anos 50 início de 60. Para os saudosistas vai a pergunta. Qual o melhor ataque do Real Madri? Canário, Del Sol, Di Stefano, Puskas e Gento ou Figo, Raul, Ronaldinho, Zidane e Morientes.

Treinadores

Creio que o bom treinador tem de possuir muita inteligência, ser estudioso, estrategista, extremamente dedicado ao seu trabalho, possuir incontestável liderança, ter bom caráter e servir como exemplo aos seus comandados. Não tem que necessariamente ter sido jogador. Claro que até ajuda, mas não é fundamental. Pois a pergunta está lançada. Renato Gaúcho e alguns outros treinadores brasileiros possuem todas essas características? Pelo menos para Renato acho que falta muito para ele ser um grande treinador. Na verdade está enterrando o Fluminense, do amigo Luiz Carlos Carvalho. Aliás, Fluminense, Vasco e Botafogo estão na bacia das almas, na metade do campeonato e certamente um deles não escapará da degola. Euricos, Palmeiros e Caixas D'Água da vida comecem a o movimento para virada de mesa.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Tales Ferreira Goulart

Desde que comecei a arbitrar futsal, muitos jogos foram emocionantes e me marcaram por boas atuações. Foram inúmeras decisões e até jogo da seleção brasileira. Mas um me marcou de forma especial e tornou-se meu jogo inesquecível. Inesperadamente fui convocado para apitar a decisão da Liga Nacional de 1997, no meu primeiro ano como árbitro da CBFS. Eu já havia apitado a semifinal e sinceramente não esperava ser indicado para a final.

O outro árbitro era o experiente colega Paulo Weeck, que antes do jogo, no dia anterior no hotel, conversou muito comigo passando-me uma maior tranquilidade. Afinal tinha apenas 26

anos e uma enorme responsabilidade pela frente. Ao adentrarmos no Ginásio Mineirinho ao lado dos times finalistas, Atlético Mineiro e Banespa, senti a adrenalina subir e uma enorme emoção tomar conta de mim. Eram mais de 24 mil torcedores, o maior público já registrado na história do futsal, gritando a fazendo um barulho ensurdecedor.

As câmeras da Rede Globo, direcionando seu foco em nós árbitros e jogadores. O Brasil inteiro assistindo o espetáculo. Nós não poderíamos errar de jeito nenhum. Ademais, embora um grande contingente policial, a quadra não tinha nenhuma proteção, nem a rede. Felizmente os joga-

dores colaboraram se preocupando apenas em jogar, a partida foi absolutamente normal, nossa arbitragem foi tranqüila, sem erros e tudo transcorreu na mais perfeita harmonia.

A maior dificuldade durante o jogo era fazer os jogadores ouvirem o apito, tamanho o barulho que a torcida fazia dentro do ginásio. O Atlético Mineiro, que tinha um grande time, com Lenísio como artilheiro da competição e do jogo, venceu por 4 x 1, sagrando-se campeão. No final da partida a festa dos mineiros foi indescritível, com todos invadindo a quadra para comemorarem. Com relação a nós árbitros, viramos as costas e fomos ao vestiário com a missão cumprida e para mim em particular com um jogo inesquecível.

"Nós não poderíamos errar de jeito nenhum"

Memória Esportiva

O Jornal Diário da Manhã começa a publicar, a partir deste final de semana, a página MEMÓRIA ESPORTIVA, destinada a resgatar alguns dos personagens e fatos que fizeram a história do esporte passo-fundense e gaúcho. A iniciativa, que tem como colaborador direto o escritor Marco Antônio Damian, visa proporcionar aos leitores do DM mais uma opção de leitura e de informação. A página MEMÓRIA ESPORTIVA será publicada sempre aos finais de semana, na Editoria de Esportes do Jornal Diário da Manhã de Passo Fundo.

Gre-Nal é Gre-Nal

Uma pequena frase, um tanto óbvia, reflete exatamente o que é o maior clássico dos gaúchos. Dá uma dimensão do quanto é difícil decifrá-lo. Nada é concreto, nada é definitivo, nada é seguro, em se tratando de Gre-Nal, mas a pequena frase sintetiza qualquer definição que se possa dar sobre ele.

A grandeza do Gre-Nal é diametralmente igual a grandeza dos dois clubes. Certa feita, o então presidente gremista, Rudy Armin Petry, cunhou uma sentença que fez estremecer o Rio Grande, das barrancas do rio Uruguai ao Chuí, da fronteira com a Argentina até as margens plácidas da Lagoa dos Patos. "O Grêmio só é grande devido a grandeza do Internacional".

E é exatamente isso. O Grêmio tinha a velha Baixada, que era apenas um campo com um pavilhão, mas melhor que a Chácara dos



O colorado Heitor Verardi

Eucaliptos. Então o Internacional construiu o Estádio dos Eucaliptos e a partir daí montou o melhor time de sua história, o Rolo Compressor.

Aí o Grêmio ergueu o Estádio Olímpico e venceu 12 campeonatos estaduais, em 13 anos. O Internacional demorou, mas levantou o Gigante do Beira Rio, fez seu segundo maior time (ou seria o primeiro?) e ganhou o Brasil, com seus três títulos nacionais. Não se dando por vencido, o tricolor ampliou seu estádio, passou a denominá-lo Monumental e ganhou a América e o Mundo.

Inúmeros foram os fatos e personagens do Gre-Nal, alguns intimamente ligados a Passo Fundo. Aqui estão dois deles.

Heitor Verardi

Os quatro irmãos Verardi, filhos de Passo Fundo, foram joga-

dores de futebol. O mais velho, Waldemar, que começou no Independente, foi centro-médio titular do Grêmio, no início dos anos 50. Heitor, o mais jovem, foi estudar em Porto Alegre e, concomitantemente, foi ser titular do meio de campo colorado, em 1958 e 59. Foi ele o protagonista de uma célebre história do Grenal, em agosto de 58.

O Estádio dos Eucaliptos estava lotado, com mais de 30 mil torcedores, dos quais 6 ou 7 mil eram gremistas.

Os torcedores tiveram uma surpresa quando viram, entrando em campo com a camisa número 5, Heitor Verardi. Não que ele não fosse titular.

Mas sim pelo fato de que, apenas dois dias antes, seu pai, Vitório Verardi, tinha falecido, em Passo Fundo. Mas foi Heitor mesmo quem pediu para jogar. A partida estava equilibrada, com Heitor cadenciando e distribuindo as jogadas do Internacional. Joaquinzinho e Bodinho davam trabalho aos zagueiros gremistas, Airtton e Ênio Rodrigues. Pelo lado tricolor, Gessy marcou um gol, acertadamente anulado pelo árbitro Miguel Comesanã.

Heitor era o melhor em campo. Fazia sua grande partida na temporada, mandando no meio campo, com a velha categoria que Deus lhe deu e realizando jogadas que só ele sabia.

Aos nove minutos do segundo tempo, Ivo Diogo recebeu a bola na esquerda e viu Bodinho entrando no meio da zaga. Fez um cruzamento perfeito, que Bodinho pegou de sem-pulo, estufando as redes do goleiro gremista Germinaro.

Na comemoração do gol, Heitor extravasou toda a sua tensão, lembrou de seu pai e caiu num choro convulsivo. Todos no estádio, vendo a dor e a tristeza do craque, choraram com ele e gritaram numa só voz: Verardi, Verardi.

Ele conta que foi a maior emoção de toda sua carreira como jogador.

Os times daquela partida foram os seguintes

GRÊMIO: Germinaro, Orlando, Airtton e Mourão; Ênio Rodrigues e Éilton; Rudimar, Gessy, Juarez, Mil-



Equipe do Inter em 1958

Em pé: Dilson, Kim, Barradinha, Silveira, Zangão e Bruno Camozzato
Agachados: Joaquinzinho, Ivo Diogo, Larry, Verardi e Deraldo

ton e Vieira.

INTERNACIONAL: Lapaz, Zangão, Florindo e Barradas, Heitor Verardi e Joel; Joaquinzinho, Bodinho, Larry, Tati e Ivo Diogo.

Alcindo

O hoje tranqüilo treinador do Sport Club Gaúcho, Alcindo Martha de Freitas, foi um dos maiores personagens da história Gre-Nal, nos anos 60. O Bugre Xucro, com a camisa 9 do Grêmio, foi um verdadeiro tormento para os colorados.

Aliás, ele tinha ódio do Inter, de onde foi escurraçado, simplesmente por pedir uma simples ajuda de custo, para pagar as passagens de ônibus de sua casa até o estádio, quando era jogador juvenil do clube. Seus dois irmãos, Alfeu e Kim, jogavam nos profissionais.

Em abril de 1964, quando o Brasil passava por um período de grande ebulição política, Alcindo marcava os três gols do Grenal, na vitória gremista por 3x0. Nessa partida, Gainete, goleiro rubro, inimigo do atacante, foi substituído por Silveira, após levar o último gol.

Outro goleiro colorado que sofreu pelos pés de Alcindo foi o então jovem Schneider.

Em 1968, com a experiência de um seminarista, Schneider foi lançado na mais ardente fogueira da inquisição, no Gre-Nal da final do campeonato.

Alcindo marcou dois gols e deu os passes para os gols de Volmir e Babá, na goleada por 4x0. Pobre Schneider! Ficou quase qua-

tro anos amargando o banco de reservas, até dar a volta por cima. Mesma sorte não teve o zagueiro Nitota, recém saído dos juvenis, que substituiu Scala no intervalo e praticamente encerrou sua carreira, que sequer havia começado, graças ao show de Alcindo e Cia.

Alcindo marcou 12 gols em Grenais, recorde superado apenas pelo legendário Carlitos, do Rolo Compressor, que marcou 16. O último gol de Alcindo em Gre-Nais ocorreu em 1977, após o jogador ter ficado mais de seis anos longe do Grêmio.

Em sua volta, marcou de cabeça o terceiro gol, na vitória tricolor por 3x0. Neste ano o Grêmio quebrou uma hegemonia colorada de oito anos de conquistas.



O goleador gremista Alcindo



Equipe do Grêmio em 1968

Em pé: Arlindo, Everaldo, Ari Hercílio, Renato Silva, Jadir e Áureo;
Agachados: David, Joãozinho, Alcindo, Sérgio Lopes e Loiro

Só falta você.
Viaje Unesul.

unesulpf@terra.com.br - Fone: (0xx54) 311-3099

Memória Esportiva

O julgamento do século

Corria o ano de 1947 e o Gaúcho perseguia o título citadino de amadores faziam oito anos. Sua última conquista fora em 1939. O Riograndense vencera em 40/41/42 e 44, o 14 de Julho em 43 e 45 e o Independente em 46. Na última rodada do retorno, o líder 14 de Julho levava um ponto de vantagem sobre o Gaúcho e o clássico decidiria tudo.

O clássico

O 14 entrou no campo da Vergueiro, reduto inimigo, com Timpa, Sabino e Pupe, Nardo, Tau e Gradin, Gafanha, Nery Simão, Celio Barbosa, Prinche e Pregentino. O Gaúcho vinha com Benito Gonzales, Come-bola e Guaporé, Souza Neto, Vicente e Vete, Jorge Berthier, Avas, Labarthe, Chinesinho e Capoani.

Pupe fez 1x0 para o 14 e Chinesinho empatou, tudo no primeiro tempo. O jogo chegava ao seu final e os torcedores quartozeanos comemorando nova conquista.

Os torcedores periquitos já desciam o campo em direção ao centro (as ruas Bento Gonçalves, General Neto e Chicuta, terminavam na Uruguai), quando numa tabela entre Avas e Berthier, Pupe se antecipou e cabeceou contra suas próprias redes. Gaúcho 2x1. Gaúcho campeão.

As articulações

Enquanto o Gaúcho se esbaldava em festas, comemorando o título, ladinamente os dirigentes quatorzeanos Celso Fiori, Maggi De Cesaro e Ruy Gomes de Pinho articulavam para juntar provas contundentes para ganhar os pontos no tapetão.

O problema era conven-



Festa do título de 47, no Restaurante e Café Elite. Na foto, José de Maman, Maggi De Cesaro e Ruy Gomes de Pinho.

cer o presidente José De Mamann, um verdadeiro esportista. Para ele, vitórias e derrotas eram do jogo e se restringiam ao campo.

A árdua tarefa coube a Pinho, que telefonava com tanta insistência à empresa madeireira e à casa do presidente, que passados dois dias, chamou Pinho e disse-lhe: "podes protestar o que quiser, pois nem minha mulher agüenta mais tua insistência".

O protesto

O 14 de Julho ingressou com o protesto formal junto à Liga Passo-fundense de Futebol, por ter o Gaúcho infringido o artigo 67 do Regulamento Geral da FRGF, combinado com o artigo 281 da CBD. Trocando em miúdos, o Gaúcho escalou seis atletas com inscrição "não-amador", quando o permitido era no máximo cinco.

Para entender. O profissionalismo no futebol do Rio Grande do Sul foi implantado em 1942.

Como poucos clubes aderiram ao novo regime, foram criadas as classes de jogador profissional, não-amador e amador. O não amador era para aqueles profissionais que poderiam defender clubes amadores, sem cumprir estágio.

Voltando, o Gaúcho tinha Labarthe, Benito Gonzales, Avas, Come-bola, Vicente e Berthier, inscritos como não amadores. Deles, Berthier era amador, mas quando foi assinar a ficha da Liga, não haviam formulários de amador em seu almoxarifado. Para quebrar o galho, assinaria como não-amador, para depois ser corrigida a inscrição.

O julgamento

O estardalhaço, a boataria e

a confusão na cidade ficaram por conta do astuto Maggi De Cesaro. A parte jurídica, com o renomado advogado Celso Fiori. Por sua obra, o protesto, da Liga, foi encaminhado ao Poder Judiciário, para ser examinado e julgado pelo Juiz de Direito.

Pela primeira e única vez, na história do futebol de Passo Fundo, um simples protesto, pedindo a reversão de pontos de um jogo, seria julgado por um magistrado.

No dia do julgamento, o átrio do Fórum, cujo prédio (antigo) localizava-se onde hoje ainda funciona o Fórum, estava completamente lotado.

Era público de jogo. Apostas eram feitas ali mesmo. Os meirinhos (oficiais de justiça) e brigadianos passaram trabalho para manter a ordem no recinto. Repórteres dos jornais de da Rádio Passo Fundo, a única existente na época, esperavam atentos o veredito.

Na sala das audiências, em frente ao juiz, o jovem Berthier, assustado, colocado na cova dos leões, como se tivesse cometido o mais hediondo dos homicídios. Evidentemente o juiz nada decidiu. Apenas julgando-se incompetente para julgar causa desportiva, mandou o protesto para o TJD da Federação. O circo, porém, já tinha sido armado e o propósito dos dirigentes tinha sido atingido.

No TJD o protesto foi julgado, os argumentos do 14 de Julho foram declarados procedentes e a taça mudou de mãos. Na mesma noite, o Restaurante e Café Elite foi palco para uma tremenda festa, com homenagens aos "craques" Celso Fiori, Maggi De Cesaro e Ruy Gomes de Pinho. Naturalmente a festa terminou em algum famoso cassino da XV, ao som de melodiosos boleros entoados pela Orquestra de Celio Barbosa, o centroavante do time.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Gaúcho

A atitude dos jogadores e do técnico Alcindo, do Gaúcho, em retornarem aos trabalhos, independente de problemas financeiros, foi profissional e acima de tudo de hombridade. Apesar do atraso no pagamento dos salários não ser ter tão significativo, em termos de tempo, para eles, que ganham pouco e não possuem reservas econômicas, é realmente um enorme transtorno. Os profissionais do Gaúcho deram um voto de confiança ao presidente Juracy e sua diretoria, que certamente dará reciprocidade. Louvemos, pois, os jogadores, técnico e funcionários do clube.

Pobre futebol brasileiro

Uma das poucas alegrias do povão sofreu mais um duro golpe. Mais um pouco de oxigênio foi retirado do agonizante futebol brasileiro. Não haverá jogos noturnos nas principais praças esportivas, exceto Porto Alegre, durante longo período, em razão do racionamento de energia no país. Euclides Scalco, um dos coordenadores da Câmara de Gestão da Crise Energética, afirmou que a sociedade brasileira pode viver sem futebol noturno. Evidente que pode, mas e o futebol brasileiro, sobreviverá sem jogos noturnos? Partidas a tarde, em dias úteis, significará estádios praticamente vazios e audiências esvaziadas na tv, o que significará menos publicidade nos estádios e menos patrocínios, o que significará a fuga dos investidores nos esportes em geral, o que significará...

O racionamento de energia elétrica é apenas mais um na gigantesca montanha de erros e equívocos cometidos pelo governo.

Pérola

Ao ser perguntado sobre a queda do Brasil no ranking da Fifa, o lateral Roberto Carlos, do Real Madri, saiu com essa preciosidade: "a Fifa não entende nada de futebol". A frase não causa nenhuma surpresa, vinda de onde veio. Mas a mídia esportiva deveria simplesmente abolir entrevistas com esse sujeito e multar pecuniariamente repórteres que o entrevistassem, para abster ouvintes e leitores de tais improprios.



14 de Julho, campeão Citadino de 1947. Em pé: Dindo, Tau, Bazei, Timpa, Prinche, Gradin, Nardo, Pupe, Sabino e Miléo. Agachados: Rui, Paulo, Nery, Gafanha, Paulista, Celio, Pregentino e Lauro.

Memória Esportiva

Os Amigos da Bola

A expressão "amigos da bola", foi proferida pelo jornalista Lauro Quadros, então comentarista e colunista da Cia. Caldas Junior, e adjetivava os verdadeiros craques, aqueles que conhecem todos os segredos da bola, que a tratam com a intimidade de uma alcova e fazem dela sua verdadeira e fiel confidente.

Uma história contada por Paulo Roberto Falcão, em seu livro "Histórias da Bola", define bem o amigo da bola. Conta que o Internacional jogava uma partida duríssima pelo campeonato brasileiro, quando numa confusão na sua área, Mauro Galvão, saiu com a bola dominada driblando entre três adversários, propiciando um pré-enfarte na torcida e em seus companheiros. Falcão dirigiu-se ao zagueiro e com rispidez exclamou: - Pó dá um bico e tira ela daí!

- Onde é o bico, Paulo? - respondeu Galvão.

Ambos tinham e Galvão ainda tem, relações de intimidade com a bola.

Os amigos da bola de Passo Fundo, são inúmeros, desde os primórdios, onde o bom jogador se media pelo chute ao alto que dava na bola. Era assim mesmo, aquele que batia mais forte e mandava a bola para as nuvens, era o mais aplaudido. Aos poucos, chegaram aqueles que colocavam no chão e tratavam a esfera com o maior carinho. Os primeiros foram:

Javel e Culmann

Eram ponteiros, direito e esquerdo, respectivamente e jogaram no Gaúcho na década de 20. Tinham facilidade para o drible e marcavam muitos gols. Javel Silveira jogou no Grêmio, Internacional e Santos, Julio Culmann, apelidado de "Garoto de Ouro", nunca saiu de Passo Fundo.

Jamegão

Por volta de 1936, chegou a Passo Fundo, para sentar praça na Brigada Militar, um jovem alto, magro, meio desengonçado, chamado Orestes da Rosa Pastorini, que tinha o apelido de Jamegão. Havia jogado no Guarany de Bagé, Grêmio, Internacional e Seleção Gaúcha. Segundo os que o viram atuar, foi o melhor jogador da história do futebol da



14 de Julho de 1946 - Jamegão é o primeiro em pé, da direita para esquerda

terre de Fagundes dos Reis. Fazia exatamente o que queria com a bola, isso em campos esburacados e de chão batido. Seu malabarismo com a bola deixava boquiabertos os torcedores e seus companheiros de Cruzeiro e depois do Riograndense. Fazia longos e precisos lançamentos, aplicava dribles estonteantes e marcava muitos gols. Jogava em todas as posições, inclusive goleiro, se preciso fosse.

Prinche

Surgiu no começo dos anos 40 no Gaúcho se transferiu para o 14 de Julho e mais tarde atuou no Internacional, Grêmio Bagé, em seu time milionário, recheado de craques uruguaios, Grêmio Santanense, na época um dos principais times do estado, Guarany de Cruz Alta, Nacional de Porto Alegre e breve passagem pelo Corinthians Paulista. Sabia jogar, possuía um exuberante domínio de bola e passava vários jogos sem errar um único passe. Jogava como centro-médio ou lateral-direito.

Santarém

Um dos maiores amigos da bola que



14 de Julho de 1963 - Santarém é o segundo agachado, da esquerda para direita

Passo Fundo conheceu, jogando pelos nossos clubes.

Chama a bola de "tu" e ela com uma obediência escrava se prostava aos seus pés, implorando um carinho. Antonio Carlos Lemos Santarém, que jogou no Cruzeiro de Porto Alegre, Flamengo de Caxias, Pelotas, Ypiranga, Gaúcho e principalmente no 14 de Julho, pode ter seu futebol definido por duas palavras: jogava demais.

Pedro

Meia-direita trazido ao Gaúcho, em 1975, fez dupla perfeita de ataque, com Bebeto. Saído dos juvenis do Internacional, jogou pela Associação Caxias e pelo Riograndense de Santa Maria, antes do alívio.

Um príncipe com a bola nos pés. Sempre de cabeça erguida, driblava para a frente, com objetividade, sempre pronto para fazer um golaço (poucos de seus gols não foram uma pintura) ou prestar uma assistência. E a bola, numa submissão canina, grudada aos seus pés. Foi um verdadeiro craque.

Outros amigos

É extensa a relação dos amigos da bola. Entre eles, Alfredo Delveaux, centro-médio, que jogou na primeira seleção gaúcha oficial, em 1922, quando defendia o Ruy Barbosa da Capital. Miléo, uruguaio, Vadila Marques, que jogou no famoso Rolo Compressor do Internacional. Ivo Aguiar, também do Rolo, Chinesinho, Gafanha, Clóvis Aita, Marcondes, do Riograndense, Pouca-Roupa, Dom Pedrito, Libinho, Adão Galinha Morta, Marimba, Bruno Camozzato, Valdemar Verardi, Heitor Verardi, jogaram em Grêmio e Inter, respectivamente, Vicente, Sariba, Branco Ughini, tinha de jogar de smoking, tal a elegância em campo, Wilson Moraes, que lançava a bola a 40 metros de distância, em cima de uma tampinha de garrafa, Lindomar, Arthur, o charque, um cracaço, Roberto, dono do meio de campo do Gaúcho, Zangão, Vadi, do 14 de Julho, Jair, o pequeno volante alviverde, Luiz Carlos Sarará, Marcos Jacaré, Jaime Boni, Cabrinha e Cláudio Freitas, o último dos moicanos.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Tinga

Sinceramente, torço para que ele faça (se fortitar), uma grande apresentação na seleção brasileira e a ajude a sair do sufoco. Tinga está encaixado perfeitamente no esquema de jogo do Grêmio. Tem plena liberdade de movimentação e possui muito fôlego para isso, marcando e atacando com frequência. Felipão não poderá lhe restringir seu espaço para jogar e continuar a desempenhar seu papel de coadjuvante. Assim poderá render, caso contrário...

Brasileirão

Todos falam em Cruzeiro, Grêmio, Flamengo, São Paulo e Vasco, para os principais favoritos. Pois vou dar minha modesta opinião. Observem atentamente os dois Atlético, o mineiro e o paranaense, que poderão ser as surpresas.

Brasileirão II

Ouso comentar novamente. Seriam viáveis e rentáveis trazer dois jogos do brasileiro para o Vermelho da Serra, um do Inter e outro do Grêmio. A região aplaudiria e daria uma ótima resposta.

Calendário

No último final de semana, time uma overdose de futebol, assistindo pelo canal PSN, sete jogos da Mercosul. Com exceção de Cruzeiro e Colo Colo, os demais foram, grandes jogos. A Mercosul é melhor que a Libertadores e seria uma pena extingui-la.

"Em que horários o ônibus da linha Planaltina passa pelo Centro?"

Dúvidas? Informações?

Agora você tem uma linha direta com a Coleurb, para solicitar informações ou esclarecer qualquer dúvida sobre o serviço de transporte coletivo. Pode até fazer sugestões! Ficaremos felizes com a sua ligação!

COLEURB

De segunda a sexta: das 8:45h às 12h e das 14h às 17:15h - Sábado das 8h às 12h.

A sua linha direta com a Coleurb!



Coleurb responde

0800 510 4699

coleurb@bol.com.br

Ligação gratuita!

MEMÓRIA ESPORTIVA

Os campeões



Sport Club Gaúcho de 1966 - Em pé: Carabajal, Machado, Maneca, Amâncio, Nadir, Honorato e Daizon Pontes. Agachados: Meca, Olavo, Raul Matté, Gitinha e Antoninho



14 de Julho 1968 - Em pé: Ivon Lara (massagista), Osvaldo, Gitinha, Cavalheiro, Amâncio, Tomé e Noé. Agachados: Arthur, Mariotti, Picão, Pedruca e Liminha



Sport Club Gaúcho de 1984 - Em pé: Juarez, Carlos Alberto, Joubert, Nico, Jair e Túlio. Agachados: Orlei, Bebeto, Zeca, Jurandyr e Ciro



Passo Fundo de 1986 - Em pé: Betão, Darci Munique, José, Rebechi e Walmor. Agachados: Zé Carlos, Castor, Alfredo, Cláudio Freitas e Almir

Se campeão estadual, seja na primeira, segunda ou terceira divisão é um justo motivo de comemoração. Os clubes de futebol profissional aqui da terra sentiram o doce gosto de ser campeão estadual.

O Gaúcho foi campeão da primeira divisão, equivalente hoje a série B, em 1966, abrindo caminho para

outras conquistas. Dois anos depois, em 1968, foi a vez do 14 de Julho, repetir o feito do rival. Após ser rebaixado, o Gaúcho voltou a divisão especial, depois de ter vencido a segundona, em 1984. Coincidentemente, demorou dois anos para a cidade vibrar com outra conquista.

O Esporte Clube Passo Fundo, ainda com a fusão 14 de Julho e Gaúcho, em sua primeira participação foi o vencedor da

segunda divisão. A última comemoração coube ao Gaúcho, no ano 2000, sagrar-se campeão da série C ou terceira divisão. Salienta-se que em 14 de Julho, em 1976 e o Passo Fundo, em 1999, retornaram a elite do futebol do rio Grande do Sul, mesmo sem serem campeões. Com as fotos abaixo, a Memória Esportiva presta uma homenagem aos nossos campeões.

MEU JOGO INESQUECÍVEL • Antonio Carlos Santos

Meu jogo inesquecível foi 14 de Julho x Brasil de Pelotas, em 1969, no Vermelho da Serra. Foi um domingo de frio intenso e por isso pouca gente no estádio. Naquele final de semana recebi a visita de um amigo de Santa Maria, o qual levei ao campo. Mesmo passando muito frio, ficamos maravilhados com o jogão de bola que presenciamos. O Brasil era muito forte. Tinha o goleiro Gióvio, Marcos, que depois jogou no Gaúcho e ainda mora em Passo Fundo, Edy, ponteiro direito, Maneca, sentro-avante e Torino, um cração de bola. O treinador do 14, que não lembro quem era,

deixou o goleiro Cavalheiro na reserva e entrou com o Wilson Sansão. Nosso goleiro falhou demais e logo nos primeiros minutos o Brasil venceu por 2 x 0.

No segundo tempo, João Pedro descontou, mas logo depois o lateral Noé falhou feio e o Brasil fez o terceiro gol. Imaginei naquelas alturas que tomaríamos uma goleada e não tinha jeito do técnico retirar o goleiro reserva. Ele estava inseguro e deixava o time da mesma forma. O 14 tinha um volante chamado Zé

Carlos, que havia jogado no Ypiranga. Ele estava mal no jogo e mal no campeonato, mas fez dois gols e empatou a partida. Ai

“No fim da partida, não lembro bem, mas acho que foi João Pedro quem empatou novamente em 4 x 4”

entrou o Cavalheiro e no minuto seguinte, Torino cobrou uma falta da intermediária. Cavalheiro estava frio e a bola entrou. No fim da partida, não lembro bem, mas acho que foi João Pedro quem empatou novamente em 4 x 4. No 14 jogavam o Santarém, Vadi, Mariotti, Valmor, Amâncio, também era um grande time.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Colorados

Esta semana tenho visto torcedores colorados revoltados e indignados com o time e principalmente com Celso Roth. Eles não perdoam as mancadas do treinador no grenal. Alguns colorados como o Beto Zanin, do Café do Beto, por exemplo, se recusa peremptoriamente falar sobre futebol. O pior é a flauta que tem de aturar. O gremistão Ivo Pavin não pode enxergar algum colorado, que aos altos brados pergunta: “Porque será que a CBF marcou o jogo do Inter para o dia de finados?”. Realmente é difícil e constrangedora a situação em que o clube colocou seus fiéis torcedores.

De quem é a culpa?

Os problemas no Internacional já têm a maturidade de uma década, no mínimo. Relembrando a última grande conquista foi a Copa do Brasil em 1992. Depois o gauchão de 1994, que a torcida nem comemorou. O Grêmio abdicou da competição. Lembram que realizou três partidas numa tarde? No jogo em que o Inter faria a festa do título, perdeu para o Brasil de Pelotas, frustrando a todos. Por último o gauchão de 1997, este sim, em cima do Grêmio. E foi só. O torneiozinho supergauchão, este ano é brincadeira. Essa é fácil. Pedro Paulo Záchia, Paulo Rogério Amoretty, Jarbas Lima, Fernando Miranda e agora Fernando Carvalho, os presidentes são os únicos culpados. Afinal os destinos do clube, os erros e acertos são de suas responsabilidades. São eles que indicam diretores de futebol medíocres. São eles que contratam treinadores e jogadores. É de responsabilidade deles os problemas de relacionamentos, insegurança e angústia que vivem diariamente seus funcionários e profissionais.

Técnicos

Nos últimos 10 anos o Inter trocou de treinadores muitas vezes. Na memória tenho a lembrança de Antonio Lopes, que dispensado, voltou mais uma vez, Celso Roth, três vezes, Abel Braga, Falcão, Cláudio Duarte, várias vezes, Figueroa, Paulo Autuori, Nelsinho Baptista, Pedro Rocha, Procópio Cardoso, Cássia, Zé Mário, Parreira, Leão, Guto Ferreira. Certamente estou esquecendo alguns, mas na relação são 15 treinadores, em 10 anos. É muita falta de convicção. Fora as centenas de jogadores, que voltarei a lembrar alguns que se tornaram piada.

Custódio

O velho craque se foi. Na sexta-feira, 25.10, faleceu Argemiro Custódio, ex-jogador do Gaúcho e Riograndense. Custódio foi um grande lateral-esquerdo. Aqueles que o viram jogar falam maravilhas do futebol técnico e de muita garra, que o caracterizavam. Era o mais antigo jogador de futebol, ainda vivo, residindo em Passo Fundo. Nossas condolências aos familiares, especialmente aos também ex-jogadores Reis e Saul, agora os representantes de uma família de craques.



Ligue e participe

Rádio Diário da Manhã AM 570

Diário da Manhã

311-9221

311-7756

MEMÓRIA ESPORTIVA

Os causídicos da bola

Em agosto comemora-se o mês do Advogado, classe de profissionais que em muito tem ajudado no desenvolvimento e progresso de nossa cidade. A Memória Esportiva portanto presta uma singela homenagem à classe, nas pessoas de alguns causídicos que antes de suas formações jurídicas, foram ídolos dos clubes de futebol de Passo Fundo. De antemão pedimos desculpas por uma eventual omissão do nome algum craque/advogado.

Os primeiros

No início da década de 20 surgiu no Gaúcho um vigoroso zagueiro, que mais tarde tornou-se um brilhante advogado, Pedro Silveira Avancini. Poucos anos depois foi o 14 de Julho que apresentou um centro-avante, que atuara no Esportivo de Bento Gonçalves, Celso da Cunha Fiori, o mais destacado criminalista de Passo Fundo e patrono do clube.

Nos anos 40 o Independente possuía dois jogadores, que também foram dirigentes do clube e importantes advogados em nossa Comarca, Ivo Ricieri Tasca e Murilo Coutinho Annes, que também jogou no Força e Luz de Porto Alegre, quando cursava a Faculdade de Direito.

Anos 50

No início dos anos 50 o futebol de Passo Fundo passou a condição profissional. O 14 de Julho, começou a importar jogadores de outros clubes, especialmente do Renner e outros clubes de Porto Alegre, além de bons jogadores da região, como o centro-médio Marimba e lhes oferecia remuneração. O Gaúcho com menos recursos financeiros montou equipes com jogadores da cidade, a maioria estudantes e entre eles alguns craques que posteriormente optaram pela carreira jurídica.

Branco e Caíco

Branco, centro-médio de extraordinária qualidade técnica. Jogou no América, time da várzea e no Gaúcho, durante dez anos. Formou-se em Di-



Sport Club Gaúcho de 1951 - Em pé: Nelson, Português, Tochetto, Mário, Doroti, Agnelo e Simão de Felippo. Agachados: Totti, Omir, Pontes, Cagi e Ivo Correia



Sport Club Gaúcho de 1958 - Em pé: Hércules, Bexiga, Chiquita, Enir, Branco e Luiz Sacchett. Agachados: Itamar, Marchetti, Alberi, Alberi Ribeiro, Biguá e Aderbal.

reito, mas nunca exerceu a profissão, pois sempre atuou como empresário no ramo do comércio. Caíco um era atacante, baixinho e franzino, que compensava com uma imensa habilidade, dribles e velocidade. Funcionário do Banco do Brasil, igualmente nunca advogado.

Luiz Sacchett

Goleiro de muita elasticidade e facilidade na saída de gol. Luiz jogou no Gaúcho, seu time de coração, do qual foi conselheiro, Independente e Rio-grandense. Atualmente reside em Passo Fundo e está aposentado, apenas auxiliar, com sua larga experiência, a banca de advocacia de seus filhos.

Alberi Ribeiro

Meia-esquerda do Gaúcho, possuía muita habilidade e precisão nos pas-

ses e lançamentos longos. Batia na bola com o pé esquerdo como poucos e era exímio na aproximação com o centro-avante para as jogadas de tabelamento. Não marcava muitos gols, pois seu forte mesmo era a assistência. Alberi Falkembach Ribeiro possui um notável saber jurídico e sua banca é uma das mais requisitadas entre os advogados de Passo Fundo.

Omír

Meia-direita de exuberante talento para a bola. Craque com todas as letras, começou no América, depois jogou no Gaúcho, 14 de Julho, onde foi campeão regional em 55, Atlântico de Erechim, Glória e Veterano de Carazinho. Omír Neuhaus por muitos anos foi consultor jurídico do INSS e reside em Carazinho.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Valdir Scarsi (Leivinha)

Era a última rodada da fase classificatória para as finais do gaúcho de 74 e o Gaúcho jogaria em casa contra o Pratense. Tinha de ganhar por diferença de quatro gols e torcer para que o Encantado ganhasse do Novo Hamburgo e o Caxias do São Luiz. Os dois times estavam na nossa frente e com saldo de gols superior.

Eu não estava num bom momento e a torcida estava pegando no meu pé. E o pior foi que entrei em campo para jogar fora de minha posição, como meia-direita ao lado de Bebeto. O gol demora-

O gol demorava a sair e a torcida ficando impaciente

va a sair e a torcida ficando impaciente. Eram quase 30 minutos quando marquei o primeiro gol de cabeça, algo raro em minha carreira. Marcamos mais dois gols e os resultados paralelos nos ajudavam, o que nos daria a classificação, mas o quarto gol até aquele momento teimava em não sair, apesar da nossa pressão. Era frio e chovia. O gramado era um lamaçal. Não lembro direito, pois já se passam 28 anos, mas a partida estava indo para o final, quando o Mosquito foi a linha de fundo e cruzou para a área congestionada. A bola veio

a meia altura e entre os zagueiros entrei de peixinho e cabeceei fora do alcance do goleiro. Foi o quarto gol que classificou o Gaúcho.

No final da partida marcamos mais um e ficamos torcendo para o Encantado, pois o Caxias havia ganho. Foi uma angústia esperar quase meia hora para o fim daquele jogo, que o Encantado ganhava por 1 x 0. O empate do São Luiz nos tiraria a classificação. Nós ficamos no campo e a torcida na arquibancada até o final, quando o Encantado marcou mais um e enfim começamos a nossa festa. A minha em particular, pois me reabilitei com a torcida e marquei dois gols de cabeça.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Futsal

As diretrizes do trabalho fixadas pelos dirigentes e comissão técnica da UPF/Semeato/Clube Juvenil para este ano, no meu entender, foram coroadas com amplo sucesso. O título da Copa Abertura foi a consagração para o grupo de jogadores, em sua maioria com idade juvenil. A Série Ouro, com o ingresso dos fortes clubes que jogavam a Liga, evidentemente dificultaria outro sucesso do time de Passo Fundo, que de qualquer forma luta com garra e muito amor a camiseta em todos os jogos para se classificar, pois ainda há tempo de sobra para tanto.

Mas esses meninos não podem ser cobrados em demasia, tampouco o trabalho do treinador Javali e dos dirigentes. Esses mesmos jogadores que atuam no time principal, jogam pela categoria juvenil e estão invictos depois de mais de uma dezena de partidas, com 100% de aproveitamento, ou seja, não perderam um ponto sequer. E é exatamente essa equipe que está sendo preparada para os campeonatos de ouro num futuro próximo. Foi muito bonito o gesto dos torcedores no último sábado na derrota para a UCS, que aplaudiram os jovens atletas. É admirável o trabalho paciente que a UPF/Semeato/Clube Juvenil vem realizando no futsal.

Internacional

Foi lamentável e até certo ponto injusta a derrota do Internacional contra o Corinthians. No segundo tempo exerceu uma marcação sob pressão em cima dos paulistas, encurtando os espaços e chegando até com certa facilidade ao ataque. Quando conseguiu empatar, Guto Ferreira retirou de campo seus melhores jogadores, Daniel Carvalho e Librelato. O primeiro com muita habilidade armou as melhores jogadas do time e o segundo, o jogador que dava velocidade e puxava os contra ataques. Com o empate o Corinthians iria obrigatoriamente para cima e daria os espaços para os contra ataques, mas aí o Inter não tinha mais ninguém para executá-los e por castigo levou o terceiro gol. Outra coisa, os zagueiros e especialmente os laterais e posicionam e marcam muito mal. São bons jogadores mas necessitam de melhor orientação do treinador. Se não ganhar da Ponte Preta a casa cai, antes que seja tarde.

Grêmio

Assisti o jogo no último domingo entre Grêmio e Palmeiras e o time gaúcho não jogou mal. Exerceu uma boa marcação mas tem um ataque ineficiente. Contra o Vasco, apesar de praticamente começar o jogo vencendo, jogou muito mal. Não soube administrar a partida, cedeu espaços preciosos ao Vasco que merecidamente chegou ao empate. O Grêmio foi salvo pelo gongo, com um míssil de Rodrigo. Mais uma vez não gostei das substituições de Tite. Centro-avante só é substituído por outro, salvo ao faltarem poucos minutos para garantir a vitória. Tirar um atacante agudo que está mal e colocar um zagueiro faltando mais de meia hora para terminar a partida é pedir para perder. Existe um ditado entre os apostadores do jogo do bicho que diz o seguinte: "Quem joga por necessidade perde por obrigação". Vale também para o Internacional.

Emergentes

Entre os muitos jovens jogadores apresentados pelos clubes neste Brasileirão, nas duas rodadas três deles me chamaram a atenção pelo futebol de habilidade e categoria. Robinho, do Santos, Carlos Alberto, do Fluminense e Souza, do Vasco da Gama. São craques da nova safra brasileira.

Os "De Felippo" notabilizaram-se pelo seu fanatismo pelo futebol e pela fidelidade político-partidária - os que restam entre nós

Meirelles Duarte

O corrente ano assinala as oito décadas da criação e fundação do Sport Clube Gaúcho, que tem uma longa e brilhante história que nestas colunas já foi, pelas mais variadas formas, reportada, desde a forma e a inspiração como nasceu, os seus responsáveis nos primeiros momentos de sua existência e até a influência que provocou o nascimento daquele que seria, pelos anos afora, o seu arqui-rival, o Grêmio Esportivo Recreativo 14 de Julho. Na verdade foram equipes que marcaram a fase de ouro de nosso futebol e pelo que estamos vivendo atualmente, não será superada, muito menos igualada, pois o que restou do futebol profissional, o Esporte Clube Passo Fundo, depois de um início auspicioso, animador, vem numa seqüência de fracassos que começam a tirar dos torcedores a esperança de que se possa um dia retornar aos grandes momentos vividos não só por Gaúcho e 14 de Julho como pelo próprio Passo Fundo em seus primeiros anos.

A FIDELIDADE DOS TORCEDORES - Nos saudosos tempos do Gaúcho, 14 de Julho, Riograndense dos ferroviários e o Independente dos amadores, criaram-se torcedores de uma fidelidade transparente, eram conhecidos e respeitados. A rivalidade era tanta que conheciam-se os torcedores e se mantinham distanciados, dividindo praticamente a cidade, com o Boqueirão abrigando a grande massa alvi-verde, e a Exposição, hoje Bairro São Cristóvão, tinha predominantemente torcedores do 14 de Julho. Até as unidades militares se dividiam. Os jovens que ingressavam no Exército Nacional e que jogavam futebol em seus colégios, eram logo encaminhados ao Gaúcho, através do capitão Bijuca, da família Di Primio, que era técnico e alvi-verde de coração. Na Brigada Militar, militavam os mais veteranos, todos envergando a farda tradicional da milícia gaúcha, tendo, em determinadas épocas, formado grandes equipes com jogadores de alta linhagem. Assim era a cidade que vivia, respirava e sonhava com seu futebol.

OS DE FELIPPO - Uma família notabilizou-se não só pela simpatia, mas poderia afirmar sem que ultrapassasse os limites da normalidade, que era uma família fanática do Gaúcho. Os irmãos e irmãs da família De Felippo ficou famosa principalmente respeitada, pois nos estádios de futebol, eram agressivos e participavam do primeiro ao último minuto dos jogos, gritando, apupando, criando apelidos, para os adversários que sempre os desmoralizava, para irritá-



Salvador De Felippo, o mais conhecido da família

los e facilitar tudo para o seu Gaúcho.

UMA TORCIDA DIFERENTE - Como em cada jogo do Gaúcho, nas décadas de trinta, quarenta a cinquenta, sempre tinham gritos e as posições influentes dos De Felippo. Sem eles, o clima era bem diferente e de pouca vibração. Todos faleceram sem conhecer outra agremiação que não fosse o alvi-verde que, os mais velhos, viram e contribuíram em sua fundação em 1918. Tinham o sangue quente dos italianos, pois as raízes, pai e mãe, vieram do Velho Mundo para viver na promissora terra brasileira.

AS ORIGENS DOS DE FELIPPO - Como já lhes disse, os De Felippo já mencionados formam a primeira geração de brasileiros, pois seus pais nasceram na Itália, ambos na província de Belmonte. O pai, Ângelo De Felippo veio com cinco anos para o Brasil. Aquela que viria a ser sua esposa veio, no mesmo navio, com quatro anos de idade, da mesma província.

A família De Felippo se estabeleceu na capital do Estado onde criou seus filhos. O sr. Ângelo quando já adulto e casado, se estabeleceu com o comércio de jóias, efetuando vendas a domicílio, viajando por



O casal Antônio e Julieta Ancines, no casamento do filho Ênio com a jovem Elaine Minussi

todo o interior do Estado. Foi quando conheceu Passo Fundo e sentiu na cidade inclinações de grande progresso e desenvolvimento. Resolveu, então, tornar Passo Fundo seu domicílio. Aqui constituiu toda a sua família e aqui foi, também, sepultado juntamente com sua esposa.

FAMÍLIA NUMEROSA - A família do sr. Ângelo De Felippo foi numerosa, mas para a época era tida como uma família normal, pois a grande maioria os filhos passavam de uma dezena. Oito foram os filhos, que pela ordem de nascimento foram os seguintes: Pascoal, falecido e sepultado em Ponta Grossa; Vicentina, que foi casada com Antônio Oliveira Lima, ambos falecidos deixando muitos descendentes; Amadeu, que tornou-se famoso no futebol como o primeiro ponteiro esquerdo do recém fundado Sport Clube Gaúcho. Foi quem conseguiu uma das primeiras bolas oficiais. Faleceu a pouco, tendo sido o primeiro carvoeiro da cidade. Sua casa comercial estava na Av. Brasil, quase defronte ao Instituto Educacional. Era até exclusivo neste ramo de fornecimento de carvão para particulares e churrascarias. Salvador, que como torcedor foi o mais conhecido e respeitado. Foi proprietário da primeira padaria da cidade associado que fora com o sr. Carlinhos Rotta, pai do general Rotta, ali na esquina da Rua Moron com 7 de Setembro onde está sendo construído o novo shopping da cidade; Armando, que foi do comércio. Julieta De Felippo Ancines que de todos os filhos e filhas é a única que ainda vive para nos contar toda a história desta família com raízes em nossa cidade, mãe do professor e radialista Antônio De Felippo Ancines, o popular Tônico. Domingas De Felippo Del Claro, que foi casada com o sr. Domingos Del Claro que tinha padaria no Boqueirão. Carmelita, que foi esposa de João Carvalho, ambos falecidos. Vitório De Felippo, que por longos anos foi proprietário de um dos mais freqüentados bares da cidade, especialmente da preferência de políticos e esportistas.

SALVADOR PERDEU UM BRAÇO - O sr. Salvador quando jovem, por volta de 16 ou 17 anos, perdeu seu braço esquerdo quando, trabalhando numa oficina, teve o braço decepado por uma correia. Enfrentou a vida com apenas o braço direito. Teve a primeira agência lotérica da cidade, sendo

seu concorrente o sr. Deoclécio Rostro, também já falecido. O sr. Salvador era um líder entre todos os demais irmãos, inclusive os mais velhos. Fiéis torcedores do Gaúcho, fiéis eram também na hora de optar por candidatos nos pleitos, principalmente os municipais. Sempre foram opositores do PTB que aqui, na época, predominava e elegia, de forma seguida, os seus candidatos. Os De Felippo nunca abandonaram seus correligionários do velho PSD, mesmo sabendo que vencer era praticamente impossível.

O NOSSO AMIGO TONICO - Vivendo com sua mãe, dona Julieta, Tônico, solteiro, tem do seu lado a irmã Eloisa também solteira, que cuidam com todo carinho de dona Julieta. Ao todo foram 8 irmãos, sete homens e só a Eloisa mulher. O pai, Antônio Ancines, era do comércio já há alguns anos falecido. Dos filhos de dona Julieta, somente um faleceu que era oficial do Exército Nacional. No ano em que o Gaúcho, clube que se transformou na paixão de meio Passo Fundo completa 80 anos, é sempre bom lembrar quem o viu nascer e por toda uma vida com ele conviveu, os De Felippo.



A mãe dos De Felippo, Angelina, tendo ao lado o filho Armando. De pé os filhos Simão e Ângelo



O Tônico, recebendo um diploma do reitor Alcides Guareschi



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

OS GRANDES GOLEIROS - 1ª PARTE

Todo o time de futebol, começa por eles. No entanto eles são diferentes. Se vestem de forma estranha, aos demais companheiros. São solitários. Quando seu time sofre um revés, são os que mais padecem. Quando seu time faz gols, eles comemoram sozinhos. Eles são os goleiros. Amados e amaldiçoados aos mesmo tempo. Passam de Heróis à vilões, em questão de minutos. DM - Esporte presta hoje e na próxima semana, uma homenagem aos nossos grandes goleiros.

HARRY BECKER

Extraordinário goleiro, que jogou no Internacional e no São José, de Porto Alegre, antes de defender o Gaúcho. Foi eleito pela imprensa da Capital, como o melhor goleiro do Estado, em 1939, jogando pelo alvi-verde. Aliás, seu clube de coração, era o São José. Harry, atuava com a camiseta do 'zequinha', por baixo da do Gaúcho. Tinha uma jogada característica. Quando a bola vinha alta em direção ao gol, Harry a deixava passar e pegava, com as mãos nas costas, dando ao adversário uma impressão de gol. Foi uma lenda do nosso futebol.



NADIR

Considerado por muitos como o melhor goleiro já visto em nosso futebol. Nadir, começou jogando pelo Independente, teve rápida passagem pelo 14 de Julho, jogando apenas duas partidas amistosas, em 1961, e no mesmo ano foi contratado pelo Gaúcho. Ficou no alvi-verde, até 1970, período em que ganhou vários títulos. Defendeu o Juventude e o Pelotas, voltando ao Gaúcho, em 1975, para encerrar a carreira. Goleiro tranqüilo e seguro, dava solidez a sua defesa. Nadir fazia da simplicidade, sua grande virtude. O grande goleiro, faleceu recentemente.



CAVALHEIRO

Goleiro oriundo das categorias de base do Grêmio Portoalegrense, defendeu o Cruzeiro, antes de transferir-se para o Gaúcho, em 1960. Jogou várias temporadas, como titular do Ipiranga de Erechim, e do 14 de Julho. Voltou a atuar pelo Gaúcho, na década de 70. Goleiro que conhecia profundamente sua posição. Em razão de sua alta estatura, tinha facilidade para sair do gol, em cruzamento para a área. Fazia defesas acrobáticas espetaculares, lembrando o grande goleiro Pompéia, do América carioca.



SUSIN

Começou a jogar futebol, defendendo o Colégio Conceição, no final da década de 30. Em 1940, foi convidado, e aceitou, a jogar pelo 14 de Julho. Esteve no Gaúcho, em 1943, voltando ao alvi-rubro, no ano seguinte. Jogador de estatura baixa para a posição, era dono de boa elasticidade e impulsão. Em toda a sua carreira, nunca foi substituído, mesmo quando se lesionava. Susin, marcou época no 14 de Julho.



TIMPA

Goleiro do Instituto Educacional na década de 40, transformou-se num dos melhores de Passo Fundo, em todos os tempos. Timpa defendeu o Gaúcho, 14 de Julho e Atlântico de Erechim, sempre como titular absoluto. Foi campeão em todos os clubes em que passou. Timpa, encerrou ainda jovem sua brilhante carreira, de goleiros arrojado, técnico e muito seguro.



SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Dirceu Rebelatto (torcedor de futebol)

Carlos Alberto, Machado, Daizon Pontes, Vacaria e Jamir; Adair e Santarém, Meca, Luiz Freire, Bebeto e Serginho.

- Eduardo Otto Wentz (ex-atleta amador)

Nadir, Machado, Amâncio, Daizon Pontes e Maneca; Raul e Roberto, Meca, Luiz Freire, Bebeto e Serginho

- José Mello de Freitas (ex-dirigente esportivo)

Nelcy, Maneca, Nívio, Alceu e Juca; Heitor Verardi e Santarém, Tuta, Caíco, Armando Rebechi e Zoca

- Antônio Carlos Lemos Santarém (ex-jogador do 14 de Julho e Gaúcho)

Volney, Zangão, Valmor, Tomé e Luiz Carlos, Heitor Verardi e Santarém, Meca, Sariba, Bebeto e Liminha

- Osório Silva Duarte (ex-jogador amador)

Waldemar Pantera, Barão e Litwin, Prinche, Rico e Heitor Moura, Jorge Berthier, Jamegão, Vadila, Célio e Lauro

- Balduino Rosseto (ex-jogador do Gaúcho)

Rebequinho, Prinche, Léio, Branco Ughini e Maneca, Zizi Annes e Heitor Verardi, Caíco, Santarém, Plínio Rosseto e Tubino.

- Ivo Pavin (ex-atleta amador)

Rebequinho, Zangão, Tomé, Daizon Pontes e Maneca, Raul Matté e Heitor Verardi, Meca, De Carli, Bebeto e Banana.

- João Lemes Rodrigues (torcedor de futebol)

Waldemar Pantera, Barão e Edú, Heitor Moura, Waldemar Verardi e Rico, Papagaio, Heitor Verardi, Célio Barbosa, Jamegão e Polaco.

- Oleocrides Rodrigues (torcedor de futebol)

Rebequinho, Machado, Nívio, Daizon Pontes e Maneca, Adair e Heitor Verardi, Meca, Caíco, Armando Rebechi e Antoninho

- Celso Vicente Marini (ex-atleta amador)

Rebequinho, Machado, Daizon Pontes, Branco Ughini e Maneca, Adair e Heitor Verardi, Meca, Santarém, Bebeto e Gitinha.



GOLDEN SHOPPING CENTER

O novo centro de PASSO FUNDO

Show Room
Depto. de Atendimento

Rua Cel. Chicuta, nº 525
Fone: (054) 311-1186
CEP 99010-121 - Passo Fundo - RS

Empreendimento:

orion
CONSTRUTORA



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Grandes Goleiros - II Parte

Waldemar

Veio de Livramento para Passo Fundo, jogar no Rio-grandense. Em razão de ser negro, vestir-se de preto e ser excepcionalmente ágil, ganhou o apelido de Pantera Negra. Foi um fenômeno. A cada jogo, ele se transformava num espetáculo a parte. Fazia defesas milagrosas, como uma quando defendia o Atlântico de Erechim, contra o Rio-grandense. O meia Quero-Quero, cabeceou violentamente a bola, dentro da área pequena, no canto oposto, onde estava o enorme goleiro. Waldemar, num piscar de olhos, saltou e encaixou a bola. Ao levantar-se, encarou o jogador riograndino, e lhe disse: "jamais tomarei gol de centro-médio". Waldemar, também defendeu o Gaúcho e o Penharol de Montevidéu.

Toró

Toró, chegou em Passo Fundo, por volta de 1935, vindo de São Paulo. Logo, tomou conta do gol do Cruzeiro, time da Brigada Militar. De origem polonesa e grande estatura, Toró, marcou, na memória daqueles que o viram atuar. Era extremamente arrojado. Para defender sua meta, colocava o rosto no bico da chuteira adversária, se necessários fosse. Após a extinção do Cruzeiro, Toró, defendeu as cores do 14 de Julho, em algumas partidas amistosas, o Rio-grandense.



Rebequinho

Membro de família de futebolistas, Rebequinho, começou jogando em Passo Fundo, no S.C. Gaúcho, em 1957, junto com seu irmão, Armando Rebechi, então lateral-esquerdo. Em 1960, ambos transferiram-se para o 14 de Julho. Guilherme Rebechi, este era seu nome, era baixo e franzino, para a posição. Porém, tinha incrível agilidade, e muita segurança no gol. Quando estava no auge de sua carreira, faleceu num acidente automobilístico, nesta cidade em 1962.



Lara

Goleiro seguro, tranquilo e experiente, chegou à Passo Fundo, para defender o 14 de Julho, em 1957, ano que os rubros, venceram o campeonato do Centenário da cidade. Antes havia jogado no Cruzeiro de Porto Alegre e no Farroupilha de Pelotas, entre outros clubes. Atuou em 1961, pelo Gaúcho. Lara é sobrinho do lendário Eurico Lara, goleiro do Grêmio Portoalegrense. Ao encerrar a carreira, tornou-se massagista do 14 de Julho, e hoje possui uma academia de massagens na cidade de Carazinho.



Carlos Alberto

Carlos Alberto, o Beijo, veio do Palmeirense de Palmeira das Missões, ao Gaúcho, no início dos anos 70, para substituir o grande Nadir, que se transferira para o Juventude. Suas atuações convincentes, a segurança que passava a seu time, e também a sorte, fizeram a torcida periquita, esquecer o antigo titular. Carlos Alberto, jogou ainda pelo Pelotas, Esportivo, e Pinheiros do Paraná, antes de encerrar a carreira. Infelizmente, Carlos Alberto, faleceu prematuramente a alguns anos.



SELEÇÃO PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL

- Carlos Bairon Marques (ex-jogador do Gaúcho e 14 de Julho) Lara, Vadecão, Sabonete, Nivio e Juca, Heitor Verardi e Joir; Meca, Tuta, Chinesinho e Cebo
- Heitor Carrão de Oliveira (torcedor de futebol) Nadir, Piranha, Amâncio, Vadecão e Maneca; Honorato, Roberto e Gitinha; Meca, Bebeto e Banana
- Vivaldino de Souza Gay (ex-jogador do Riograndense) Waldemar Pantera, Sabino e Isabelino, Custódio, Banha e Quero-Quero; Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio Barbosa, Marconde e Polaco.
- Pedro José D'Agostini (ex-jogador amador) Nadir, Machado, Valmor, Daizon Pontes e Maneca; Heitor Verardi e Santarém, Meca, Caíco, Bebeto e Zoca.
- Leopoldo D'Arienzo Junior (ex-dirigente do S.C. Gaúcho) Vêncio, Barão e Guaporé; Machado, Heitor Verardi e Vacaria; Meca, Santarém, Bebeto, Sariba e Banana. Ermirino S. Rodrigues (ex-jogador amador) Pirata, Vadecão, Hugo Loss e Vando; Marcos e Branco Ughini, Meca, Caíco, Plínio Rosseto, Heitor Verardi e Ratinho.
- João Arthur Fortes (ex-jogador do 14 de Julho e Pratense) Nadir, Machado, Valmor, Daizon Pontes e Vadecão; China, Kita e Luiz Freire; Leivinha, Bebeto e Gitinha.
- Orlando Spanemberg (ex-jogador do 14 de Julho) Nadir, Machado, Nivio, Daizon Pontes e Vadecão, Neno, Roberto e Heitor Verardi; Meca, Bebeto e Calé.
- Roque Luiz Piovesan (ex-jogador do Independente) Vêncio, Barão e Pupe, Bino, Santarém e Gradin, Meca, Libinho, Bebeto, Heitor Verardi e Juarez.
- Heitor Verardi (ex-jogador do 14 de Julho, Independente e S.C. Internacional) Cavalheiro, Zangão, Nivio, Branco Ughini e Vadecão; Santarém e Luiz Freire; Meca, Caíco, Bebeto e Plínio Rosseto.

SUPERMERCADO



SCORTECAGNA

HOTEL EXCELCIOR

General Netto, 511



Hoje tem **FUTSAL** na Diário da Manhã

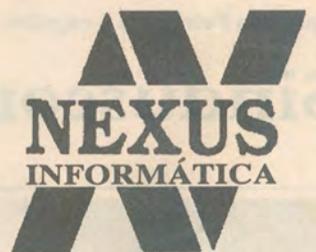
A partir das 18:30 - Direto do Ginásio da Tramontina em Carlos Barbosa

Campeonato Estadual de Futsal série Ouro

ACBF X UPF/Zamil

NARRAÇÃO: Rogério Alencar
REPORTAGEM: Carlos Dantas

TÉCNICO: José L. Puglia
ESTÚDIO E PLANTÃO: Itamar Frigo
DIREÇÃO GERAL: Salete Allgayer



La Bareda Grill



HOSPITAL DO TÊNIS
TECNOLOGIA EM REFORMAS

CONTINUAÇÃO

HISTÓRIA DO FUTEBOL: OS GRANDES JOGOS

Ao longo da história os clubes passo-fundenses apresentaram seus torcedores com jogos memoráveis. Foram emoções indescritíveis que jamais sairão da memória daqueles que as presenciaram, e por mais que o tempo passe lances

decisivos, jogadas geniais e as escalações dos times permanecem na "ponta da língua" dos fanáticos torcedores. O RONDA ESPORTIVA, a cada edição, abrirá o velho e empoeirado baú de recordações e falará sobre estas emoções.

14 DE JULHO X RIOGRANDENSE DE SANTA MARIA

O dia 25 de outubro de 1964, foi um domingo de muita chuva. Céu triste e carrancudo abrigava um público de abnegados e fanáticos torcedores molhados, mesmo os que se acolhiam no velho e esburacado pavilhão.

O jogo, segundo da série, punha em disputa o prosseguimento no campeonato estadual da 2ª divisão. O primeiro jogo, em Santa Maria, venceu o Riograndense por 3 a 1. O campo pouco gramado, estava embarrado e escorregadio, quando entraram os dois times.

Camiseta vermelha, os donos da casa saudaram a barulhenta torcida. Mais discretos, os santamarienses, num uniforme todo ver-

de escuro com uma faixa horizontal no peito, em vermelho. Logo aos 3 minutos Zoca fazia o primeiro gol quatorzeano, numa infelicidade do goleiro adversário que escorregou ao saltar na bola. Em seguida Armando Rebechi amplia. Jogadores e torcedores em êxtase, a vitória estava se delineando. Saída do Riograndense, Liminha vai a linha de fundo e cruza com força para a área, Chita tenta sair da linha da bola, mas não houve tempo, ela bate-lhe na canela e entra. 2 a 1. Nova saída, Juca rouba a bola e lança novamente Liminha que coloca a bola da cabeça de David que empata.

Os jogadores rubros incrédulos



14 DE JULHO - Piranha, Nelcy, Caneco, Ubiratã, Paulinho e Chita; Valdir, Armando, Marioti, Délio e Zoca.



14 DE JULHO entrando em campo na Baixada para o jogo contra o Riograndense de Santa Maria, em 1964.

os apenas se olham, sem nada dizerem. Os torcedores se desesperaram. No banco de reservas o massagista Crizante Gonçalves César é vitimado por mau súbito, e levado as pressas ao hospital, onde vem a falecer. No vestiário os jogadores Armando Rebechi e Délio, os mais experientes, juntamente com o técnico Egydio Reolon, sonegam a informação aos demais jogadores e ao árbitro, pois este fatalmente suspenderia a partida.

Volta o período final, e o 14 de Julho se supera com garra, valentia e bom futebol. Aplica sonoros 5 a 2 no adversário com gols de Zoca, Mariotti e Armando Rebechi.

Final de partida e a alegria inicial é transformada numa amargurada tristeza.

Aquele velho e anônimo massagista acabou roubando o espetáculo, porque ninguém como ele amou tanto a camiseta alvi-rubra, pois naquele momento de aflição, tão forte foi a emoção, que ele ofereceu o que tinha de maior valor pela vitória de seu clube: sua própria vida. Apenas sua alma pode sorrir o riso largo de satisfação, daqueles que se vêem com justiça louvados e enaltecidos.

Colaboração:

Marco Antônio Damian

Muito motorista gaúcho parece desconhecer que, pelo novo Código de Trânsito, fazer retorno em local proibido é infração gravíssima. Além de pesar no bolso, é penalidade de sete pontos.

Lembrete da:

**NACIONAL CORRETORA
DE VEÍCULOS**

Compra - Venda
Intermediação de Veículos

Fone: 311-8585

**COMERCIAL DE FRUTAS
E VERDURAS VASSOULER**

Qualidade acima de tudo.

Distribuidora Regional.

Rua Carazinho, 326 - Vera Cruz

Fone 311 3244

LEITE HOLANDÊS

Compromisso com a qualidade

Cabanhas Ughini

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Os grandes presidentes do Gaúcho



Jogo Gaúcho X Grêmio (0 x 3) em 29/05/66. Jogo festivo para colocação das faixas de Campeão Regional de 1965. Em pé: Dr. Meireles Duarte, Dr. Daniel Viuniski (Presidente), Wolmar Salton (Patrono), Altino Nascimento (Técnico), Carbajal, Daison Pontes, Maneca, Amâncio, Nadir, Machado, Honorato, Vêncio (massagista), Dr. Elton Ventura, Flávio Araújo. Agachados: Pedro (roupeiro), Joãozinho, Meca, Gitinha, Newton Queiróz, Odilon, Raul, Antoninho e Bira.

Ao longo de sua brilhante história, o alvi-verde foi dirigido por homens igualmente brilhantes. Ilustres torcedores que dedicaram parte de suas vidas em prol do clube do coração. Grande é o Gaúcho e grandes são seus presidentes. As conquistas espetaculares no futebol, o Estádio da Montanha, o clube social, todas foram obras deles, que deixaram um legado de vitórias dentro de campo e um patrimônio valioso, às gerações futuras.

Nesta edição homenagearemos alguns que fizeram história no "mais querido da cidade".

Victor Loureiro Issler, um dos fundadores. Frederico Graeff Filho (Nenê Graeff), presidente na reorganização do clube em 1937. Armando Ferreira da Silva, dirigiu a grande campanha estadual de 1939. Francklin Mader, presidente em

quatro gestões seguidas. Armando Menegaz e Nilo Zimmermann, adquiriram o imóvel e construíram o Estádio da Montanha. Wolmar Salton,

o eterno patrono e grande benemérito, ajudou na construção do estádio que leva seu nome. Eblem Kalil, vencedor do cidadão de 1961, que-

brando um jejum de nove anos. João Maluli, empreendedor, impulsionou o clube social, com a construção do complexo de piscinas. Daniel Viuniski, o que montou o grande time campeão estadual. Anielo D'Arienzo, vários anos presidente, levou o clube à divisão especial. Helio Bernardon, outro benemérito. Aficionado torcedor. Antonio Loureiro Kruehl, jogar e presidente do clube. Ruy Mattos de Souza, bi-campeão regional da Copa Governador do Estado, com um time inesquecível. Augusto Ricardo Ghion, levou de volta o Gaúcho à divisão especial, com um ótimo time. Rudimar Pedro, o último presidente do futebol profissional, e, Roberto Amarante, atual presidente, com gestão voltada ao clube social.



1985 - Presidente Augusto Ricardo Ghion (Marau), Jeferson, Zé Ricardo, Joubert, Ben Hur, Maurício e Sérgio Pontes. Agachados: Larri, Zeca, Pisca, Mica e Ciro.

Farmácia Avenida Brasil
 UMA EMPRESA DO GRUPO OÁSIS

Medicamentos e perfumarias

Av. Brasil Oeste, 475 - Fone 313 6296

Bar Oásis

Apostas às 14hs e 18hs com desconto de 30%
 Prêmios pagos na hora.

Fone 981 1368
317 1839

RUA GAL. NETTO, 499
 AV. BRASIL, 417
 RUA BENTO GONÇALVES, 735

CASA DE CARNES
LAZZARETTI

Anexo Armazém com produtos coloniais.
 Av. Presidente Vargas, 1772 - São Cristóvão

A mais variada linha de carnes.
 Aos domingos e feriados carnes assadas sob encomenda com entrega no horário marcado.

RESERVAS (054) 315 1157



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Os meninos do Gaúcho

A semana foi tensa. Os treinamentos intensificados. O corre-corre dos técnicos e dirigentes era maior que o normal. O preparo psicológico dos próprios pais com os meninos requeria maior atenção. O clima de ansiedade, mas também de otimismo pairava sobre o Estádio da Montanha. Afinal, meninos nascidos nos anos de 1983, 1984, 1985 e 1986, iriam disputar quatro decisões. Isto mesmo, quatro decisões do campeonato estadual, denominado Gaúcho Esperança. É tão bonito este nome. Esperança que todos esses meninos sejam mais que craques. Esperança que esses meninos sejam grandes homens.

A categoria 1983 teve a primeira grande tarefa. Segurar um empate contra a AABB, em São Gabriel, no sábado à tarde. Jogando com raça e bem posicionado em campo, o empate teve o doce sabor do título. Os meninos nascidos no ano de 1986 começaram a festa na Montanha no domingo. Inapelável 3 a 0, no Ipiranga de Sarandi, jogando um futebol moderno, de contra-ataques, velocidade e habilidade. A seguir entraram os meninos da categoria 1984, mais calejados a grandes decisões, precisavam vencer, e venceram o Vera Cruz, por 2 a 0, conquistando o tri-campeonato. No último jogo, a equipe 1985 empatou pela segunda vez em 0 a 0, com o Cometa de Panambi, e também foram campeões. A categoria 1982 já havia sido campeã a aproximadamente um

mês atrás, com grande folga sobre seus adversários. Inacreditável. Em seis categorias que disputou no estadual, o Sport Club Gaúcho, escreveu seu nome no lugar mais alto do pódio cinco vezes.

Esses meninos fizeram acordar um gigante adormecido, chamado Estádio Wolmar Salton. Esses meninos trouxeram a velha Montanha que no ano passado completou 40 anos, centenas de torcedores que por certo irão readquirir o hábito de rumar ao Boqueirão. Esses meninos fizeram o 'Casquinha' um símbolo da torcida alvi-verde, empunhar sua velha e surrada bandeira periquita. Esses meninos souberam encarnar a fantástica mística da camisa verde e branca. Esses meninos tiveram a garra do velho Zica, do Armandinho, do Raul Matté, do Gringo. Esses meninos mostraram a elegância, em campo, do Vadila, do Margarida, do Branco, do Wilson Moraes. Esses meninos foram habilidosos, como Sariba, o Maneca, o Roberto, o Pedro. Esses meninos correram com a velocidade do Papagaio, do Moreninho, do Meca. Esses meninos foram oportunistas e goleadores, como o Clóvis Aita, o Célio, Montezana, o Beбето. Esses goleiros meninos, tiveram a frieza do Harry, do Nadir, do Carlos Alberto. Esses meninos tiveram a fibra e a liderança do Altino, do Adair, do Gitinha. Esses meninos tiveram consigo um gigante, dono de um caráter irretocável e de uma sabedoria de



FOTOS ORIDES M.FLORÃO

Categoria 1983 conquistou o título em São Gabriel

mestre, chamado Adair Lopes Bicca. Esses meninos são o Gaúcho.

Por certo, meninos do Gaúcho, a tribuna de honra que no último final de semana, se formou no céu, tinha as presenças do seu Wolmar Salton, seu Honorino Malheiros, seu Mader, seu Avancini, seu Alfredo Loureiro, seu Luiz Castro, seu Nilo Salton, seu Nilo Zimmermann, o Eblem Kalil, o Zé Mário - Cruz, o Pedrinho Nunes, o Dr. Paulo Azambuja, o Maluli, o Flávio Araújo, o Hermes Cruz e tantos outros, que derramaram suas lágrimas de tanta alegria, exatamente na hora da chuva, e estão

orgulhosos de vocês meninos do Gaúcho.

ODM - Esporte presta esta homenagem a vocês, e àqueles que trabalharam incansavelmente para lhes dar tudo o que vocês precisavam para tornarem-se heróis. A direção, Dr. Jorge Alberto Salton,

que como diz a música nativista "...saiu igualzito ao pai.", Hélio Sturm, Severo Machado, seu Rui, Moacir Della Valentina, Volnei e o Luiz que cuidaram do físico, da técnica e do preparo psicológico dos meninos. E principalmente aos pais.



Primeiro título estadual do Gaúcho em 1997/98 foi conquistado pela equipe 1982



Técnico Adair Bicca comandou as equipes 1983, 1985 e 1986

Memória Esportiva

Poupança, o árbitro

Jocenir Lourival Soares Borges, hoje presidente a COOTRAPAF, Cooperativa dos Trabalhadores, é um expert no assunto, participando e ministrando palestras sobre o tema, inclusive em Brasília. Há alguns anos atrás, Jocenir era árbitro do futebol varzeano, uma profissão de altíssima periculosidade, um verdadeiro ato de heroísmo. Era conhecido no meio futebolístico por Poupança, pelo simples fato de ser funcionário da Caderneta de Poupança Habitação, instituição financeira existente na época. Suas histórias sobre as arbitragens, hilárias ou dramáticas são muitas, a maioria impubescíveis. Foram 17 anos em gramados da várzea, do interior do município (onde o pau corria solto), na região, em amistosos entre profissionais e campeonatos de juniores, já que foi integrante do quadro de árbitros da FGF.

Árbitro por acaso

Em 1977, Poupança era dirigente e goleiro do Clube Vitória, da localidade de Passegueiro. Julgando que seu time era constantemente prejudicado pela arbitragem, resolveu fazer uma reclamação com o Senhor Armando Cavalcanti, então presidente da Liga. Como a praticidade e a decisão eram características de Cavalcanti, ele simplesmente pegou um apito e dois cartões (amarelo e vermelho), que estavam em cima de sua mesa e bradou com seu incon-

fundível sotaque francês: "Estás insatisfeito? Pegue isto e vá você apitar". Poupança, não menos corajoso retrucou: "Me dê essa m..., que vou mostrar como se apita um jogo". Permaneceu árbitro até 1994.

Auxiliar colorado

O jogo estava encardido, com a adrenalina nas nuvens no Estádio Delmar Sironi. Repentinamente o auxiliar, o falecido Sargento Alberi, entrou em campo pulando, festejando, jogando a bandeirinha para cima e gritando: "Geraldão, Geraldão". Poupança interrompeu a partida e foi tirar satisfações de seu auxiliar, que o abraçou e gritou: "Gol do Inter, gol de Geraldão". Em seu bolso um pequeno radinho de pilha e toda sua atenção voltada ao Grenal.

Os clássicos do interior

Poupança lembra as agruras das partidas no interior do município. Cada jogo uma guerra. O representante do time mandante, vinha até o Circulo Operário, ali na Avenida Brasil esquina Marcelino Ramos, buscar o trio de arbitragem, tendo a incumbência de trazê-lo de volta. O carro começava a rodar e a tentativa de suborno começava. Tinha que ter muita firmeza e personalidade para agüentar a pressão. Algumas vezes, o árbitro mandava

parar o carro, descia e a partida tinha de ser adiada. Caso o time da casa fosse derrotado, mesmo sem erros do árbitro, dava-se adeus à carona. O pagamento então que fosse esquecido. As roupas no vestiário às vezes sumiam e a intimidação, agressão e até ameaça de morte eram fatos corriqueiros. Sair correndo com o uniforme pelas estradas vicinais, até conseguir uma carona salvadora fazia parte do jogo. O amor ao futebol e a tentativa de melhorar o orçamento familiar, talvez justificassem os riscos de apitar no interior.

Árbitro candidato

Poupança não quis citar nomes, mas a história é hilária. Um árbitro, seu contemporâneo, era candidato a vereador em Passo Fundo. Ele utilizava apenas um cartão, mas com duas faces diferentes. Uma amarela e outra vermelha, talvez por questão de economia. Numa partida, ao fazer uma falta violenta, um jogador recebeu cartão amarelo. Em seguida, outro pontapé e o cartão do árbitro levantado. Para surpresas de todos, inclusive do jogador punido, ele continuou jogando. No intervalo, Poupança, que era seu auxiliar, lhe perguntou porque não havia posto o infrator para fora ao que lhe respondeu o árbitro: "Olha aqui", mostrando o cartão. Na face vermelha, estava estampado a foto o nome e número do árbitro candidato, ficando escondida à cor do cartão. Se o jogador votou nele, ninguém soube.

FOTOS ARQUIVO DM



Ozélcio Ribeiro, Poupança e Carlos Borges



Carlos Borges, Poupança e Sargento Alberi

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Seleção

Foram até agora nove jogos oficiais da seleção, sob o comando de Felipão. Rigorosamente em todos eles, o time jogou mal. O que estará havendo com um treinador comprovadamente inteligente e capaz? Porque está errando tanto? Seu esquema com três zagueiros fincados dentro da área é um fracasso. Seu time não tem um articulador de jogadas no meio de campo, não tem uma liderança entre os jogadores, capaz de avocar a responsabilidade do jogo, não tem um finalizador na frente, não tem um esquema de cobertura aos alas, a marcação é deficiente e a lentidão do meio de campo, uma desolação. Os jogadores são bons, mas estão perdidos em campo. Algumas estrelas (leia-se Rivaldo, Cafu e até Roberto Carlos, que não jogou contra a Bolívia). A tese do treinador de em princípio jogar pelo empate, para eventualmente vencer, não serve para a seleção brasileira.

Desertor

O Delegado de Polícia e Coordenador técnico da seleção, denunciou o jogador Élber na FIFA, por deserção. Mas o jogador está lesionado faz uns 15 dias e fazendo tratamento em seu clube, que não o liberou para a seleção. Vai estourar punição no jogador? É a péssima mania de Felipão convocar jogador machucado. A lista é extensa, como Lucio, Antonio Carlos, Ronaldo, Roberto Carlos, Cafu, Luizão e Élber, para citar alguns. É mais uma prepotência de Lopes, que quando treinava o Inter, deu voz de prisão ao árbitro reserva, que tentava impedi-lo de invadir o gramado.

Edson Gaúcho

A imprensa de Porto Alegre fala de Edson Gaúcho, técnico sensação do Caxias, como um ilustre desconhecido. Para nós de Passo Fundo, não é tanto. Edson foi zagueiro central do 14 de Julho, em 78 ou 79, indo depois para o Juventude e mais tarde para o Náutico. Era um zagueiro tosco, rebatedor, ao melhor estilo Felipão, quando jogador.

Parreira

Um time que está ganhando não se mexe. Puxa, essa é muito velha, não Parreira?

Só falta você.
Viaje Unesul.

unesulpf@terra.com.br - Fone: (0xx54) 311-3099

Memória Esportiva

Quem era o melhor?

A grande rivalidade do futebol passo-fundense foi inegavelmente entre Gaúcho x 14 de Julho. De 1921 a 1985, os dois se digladiaram ferozmente um querendo matar seu oponente. Os torcedores se odiavam e se provocavam, especialmente na semana do clássico. Foram quase duas centenas de Gaquás de muito equilíbrio. O maior momento da história dos clubes foi na segunda

ARQUIVO DM



Gaúcho de 1968

Nadir - Jogou no Gaúcho, Juventude e Pelotas

Machado - O único jogador em comum nas duas fotos. Flamengo de Caxias, Gaúcho e 14

João Pontes - Veterano, Brasil de Pelotas, Gaúcho e Atlético de Carazinho

Daizon Pontes - Cruzeiro, Flamengo RJ, América RJ, Pelotas, Gaúcho e 14

Jamir - Corinthians SP, Gaúcho e Grêmio

Flávio - Guarani de Cruz Alta e Gaúcho

Zangão - Internacional, Gaúcho, Caxias e 14

Roberto - Grêmio, 14, Gaúcho, Ypiranga e Guarani de Bagé

Meca - Veterano e Gaúcho

Bebeto - 14, Gaúcho, Grêmio, Inter, América RJ, Bahia, Caxias, Inter SM

Raul Matté - Juventude, Flamengo de Caxias, Gaúcho e Atlético de Carazinho

metade da década de 60. O Gaúcho, em 1966 e o 14 de Julho, em 1968, foram campeões da segunda divisão do rio Grande do Sul. As duas fotos abaixo se referem ao Gaúcho de 1968 e 14 de Julho de 1969, ambos times espetaculares. Ao lado do nome do jogador, informamos alguns dos times em que jogaram, para que o leitor tenha mais subsídios para formar suas convicções. Quem era o melhor?

ARQUIVO DM



14 de Julho de 1969

Volnei - Jogou no Grêmio Santanense, 14, Cruzeiro e São Luiz

Machado - O único jogador em comum nas duas fotos. Flamengo de Caxias, Gaúcho e 14

Valmor - Uruguaiana, 14 e Ferro Carril

Tomé - Madureira RJ e 14 de Julho

Noé - Flamengo de Caxias, Juventude, 14 e Atlântico

Elói - Santa Cruz, Flamengo de Caxias, Grêmio, Juventude, Ypiranga e 14

Santarém - Cruzeiro, Glória, Veterano, 14, Gaúcho, Flamengo de Caxias e Ypiranga

Vadi - São Paulo de Rio Grande, 14, Cruzeiro, São Luiz

Mariotti - 14, Esportivo, Guarani de Bagé

João Pedro - Grêmio, Veterano, 14, Cruzeiro POA

Liminha - Riograndense SM, Gaúcho, 14, Juventude de Caxias

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Talento

Passo Fundo é pródiga em revelar talentos para o esporte seja ele qual for. Um desses esportes é o automobilismo, onde desde a década de 50, muitos passo-fundenses brilharam nos autódromos e ruas do Rio Grande do Sul e Brasil.

Hoje a estrela chama-se Cláudio Ricci, um piloto velocíssimo, arrojado e dono de uma técnica rara de pilotagem. Confesso que o automobilismo nunca foi meu esporte favorito, mas levado por alguns amigos tenho acompanhado de perto as corridas e o fascínio por ele é praticamente instantâneo. Ricci já chegou aos 30 anos e as competições europeias ficaram mais distantes, mas a nível nacional está entre os melhores. Sua performance nas Mil Milhas Brasileiras deste ano, é algo comparável aos lendários passo-fundenses Orlando Menegaz e Ítalo Bertão. Se há alguns anos atrás, Ricci tivesse tido melhores oportunidades, leia-se patrocínios, a Fórmula 1 não seria uma utopia. Afinal, Felipe Massa foi seu velho freguês.

Fracasso

Alguns jornalistas de Porto Alegre rotularam a goleada sofrida pelo Grêmio como "fracasso gremista na Sul/Minas". Exageraram, pois perder para o campeão brasileiro, naquelas circunstâncias é até normal, mesmo o placar dilatado. Mas a verdade é que o Grêmio está jogando de forma previsível, lentamente e com marcação deficiente. A vitória contra o River foi alentadora mas enganosa. Se os argentinos tivessem convertido em gols a metade das chances clara criadas teria vencido facilmente o jogo.

O esquema de Tite está manjado. Nenhum dos seus três zagueiros tem a característica de ser o elemento surpresa na frente, como era o Marinho, seja por incapacidade técnica ou física e seu ataque, sem Luiz Mário, fica muito lento. Tite que é um grande treinador, teria de dar uma mexida no time para novamente surpreender.

Pergunta

Em época de Copa do Mundo, vamos inovar aqui na coluna. A partir dessa edição faremos algumas perguntas sobre as copas, para que o leitor pesquisa ou faça um exercício de memória. Alô Luiz Carlos Carvalho, um expert em seleção brasileira aí vai a pergunta: "Quem foi o primeiro jogador gaúcho a disputar uma Copa do Mundo"? As respostas poderão ser enviadas ao editor esportivo através do telefone, fax, carta ou pessoalmente. Os que acertarem terão seus nomes divulgados na coluna.

Algumas coisas acontecem

MUITO RÁPIDO e mudam nossas vidas
PARA SEMPRE.

Matricule-se agora!

INGLÊS - FRANCÊS-ESPANHOL-PORTUGUÊS (1º E 2º graus, VESTIBULARES E CONCURSOS)

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo-RS

FISK
Rápido e para sempre



Arte: Leonardo Dóvo

Esporte

Reis - O grande centro-médio

Reis já nasceu craque. Filho do grande lateral ou centro-médio Custódio, ídolo do Rio-grandense na década de 40, que também brilhou no Gaúcho, Reis Jorge Custódio, herdou a categoria e a raça do seu velho pai.

O início:

Desde pequeno,

jogando no campo das 'tunas', próximo a Gare da Viação Férrea, já se deslumbrava a habilidade e o jeito com a bola nos pés daquele menino, que dominava o meio campo do seu time. Titular absoluto do time do Colégio Conceição, o futebol de Reis, chamava a atenção dos times profissionais da cidade, e



Equipe do Rio Grande: em pé - Ezequiel, Motine, Galego, Ari, Ademir e Reis. Agachados - Leleco, Lambari, Alfeu, Haroldo e Luizinho.



Reis Jorge com a faixa de Hepta Campeão Gaúcho em 1968, ao lado de craques como Jadir (E) e Sérgio Lopes, Paica e Cléo.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA CONSAGRAÇÃO "PAZ"

Rev. Carlos Hasse

Rua João Coni, 62 - Bairro São Cristóvão

Fone: 313-1770

CULTOS:

1^{os} e 3^{os} Domingos 9h - 2^{os} e 4^{os} Sábados 19h

A CRUCIFICAÇÃO QUE ALCANÇOU O SEU OBJETIVO

"Jesus, ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico. (Ali) o crucificaram" (Jo 19.17,18).

No dia 30 de janeiro de 1973 Patrício Tamao, natural de São Domingos, na República Dominicana, permitiu que ele próprio fosse crucificado como um sacrifício em favor da paz mundial e do entendimento entre as pessoas do mundo inteiro. Apesar do sofrimento que suportou durante as vinte horas em que esteve na cruz, o seu objetivo não foi alcançado. A paz ainda não é uma realidade. Milhares e milhares de pessoas, nestes vinte anos que se seguiram à crucificação de Patrício Tamao, morreram, e certamente muitas ainda morrerão, antes que venha o fim.

Diz o Evangelho de João, que ali, no Calvário, ou Gólgota, ali crucificaram a Jesus. Quando aquele profeta de Nazaré foi crucificado, na manhã da primeira Sexta-Feira da Paixão da história, ele permitiu que o fizessem, porque também tinha um objetivo: salvar o mundo da condenação eterna ao sofrimento no inferno. E o sacrifício daquele homem não foi em vão; o seu objetivo realmente foi alcançado.

A Escritura Sagrada, a Palavra de Deus, o declara ao afirmar: "Cristo, tornando-se maldição por nós, nos livrou da maldição imposta pela Lei. Como dizem as Escrituras: Maldito todo aquele que for pendurado numa cruz." (Gl 3.13 BLH). Ela também diz: "Porque vocês sabem o preço que foi pago para livrá-los da vida inútil que herdaram dos seus antepassados. Esse preço não foi uma coisa que perde o seu valor como o ouro ou a prata. Vocês foram libertados pelo precioso sangue de Cristo, que era como um cordeiro sem defeito e sem mancha. O próprio Cristo levou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz a fim de que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. Por meio dos ferimentos dele vocês foram curados" (1 Pe 1. 18,19; 2.24 BLH).

Amigo, a crucificação de Jesus de fato alcançou o seu objetivo: com a sua morte ele salvou a toda a humanidade! Sim, com a morte de Jesus, você e eu, que cremos nele, temos garantida a vida sem fim! Amém.

E.M.S.

já se desenhava um horizonte de glórias nos gramados dos grandes estádios.

O profissional:

Em 1959, Reis aceitou convite para vestir a camiseta vermelha do 14 de Julho, na condição de aspirante. Na época as equipes mantinham o chamado 'segundo quadro' ou 'aspirante', cujos jogadores eram os recém saídos dos juvenis e também aqueles que não jogariam no time titular, e faziam as preliminares. No ano seguinte, Reis transferiu-se para o Grêmio Santanense, sendo campeão cidadão já em 1961. Na fronteira atuou numa equipe que tinha craques do quilate de Amorim, Adãozinho, Camelinho e outros.

Um grande time:

Após brilhar no Grêmio Santanense, Reis foi contratado pelo veterano Rio Grande, na chamada "noiva do mar". Alí jogou ao lado de craques que se consagraram no cenário esportivo estadual. Formou em 1965, meio de campo com Lambari, que se destacou no Internacional, e que faleceu na cidade de Recife, após ter atuado pelo Santa Cruz. Em

1967, foi o ano de ouro para o craque Reis. O Rio Grande fez um campeonato excepcional, contando com um grande time, formado por Glênio (Sartori), Ezequiel (Pedro), Adilson, Motine (médico do Internacional) e Marcos; Reis e Haroldo (Neca); Leleco, Gonha (Selmar) Jesus e Luizinho.

A consagração:

Em 1968, Reis estava envergando a camisa do Grêmio Portoalegrense. Com o passar dos anos, Reis ainda mostra a velha categoria que o consagrou como um dos melhores centro-médios do futebol gaúcho, vencendo ao

Internacional, na final por 4 a 0. O time do Grêmio tinha, Alberto (Arlindo), Altemir, Ari Hercílio, Paulo Souza (Áureo) e Everaldo; Jadir (Reis) e Sergio Lopes, Vomir (Babá), Joãozinho, Alcindo (Paraguaio) e Loivo. Depois de deixar o Grêmio e passar por algumas equipes de Santa Catarina Reis Jorge Custódio, deixou o futebol e voltou a residir na cidade de Passo Fundo. Mesmo com o passar dos anos, Reis ainda mostra a velha categoria que o consagrou como um dos melhores centro-médios do futebol gaúcho.



Aspirantes do 14 de Julho - em pé - Gradin, Charuto, Solani, Valentim, Sebastião, Juca, Reis e Orlando. Agachados - Neno, Bisognin, Chitão, Itagiba, Biguá e Nanico.

HISTÓRIAS DO FUTEBOL

Riograndense "O time dos ferroviários"

Era comum nas primeiras décadas deste século, existirem times de futebol oriundos de empresas ou segmentos profissionais. O Nacional, o Renner e o Força e Luz, de Porto Alegre, eram os exemplos mais contundentes.

No incipiente futebol de Passo Fundo, o primeiro foi o Riograndense Foot Ball Club, fundado em 1925, por funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, os chamados ferroviários.

Vestindo as cores verde e vermelha, com seus jogadores, a princípio apenas ferroviários, mais tarde aberto a todos os craques, o "ferrinho", era um pesadelo na vida dos dois maiores rivais, Gaúcho e 14 de Julho, donos das maiores torcidas.

A década de 40, foi prodigiosa aos rio-grandinos. Formou um dos maiores times da história futebolística de Passo Fundo, tornando-se 4 vezes campeão citadino, 3 vezes campeão regional e semi-finalista do estadual, em apenas 5 anos, de 1940 a 1944.

Era bom aquele time. Os ferroviários cheios de orgulho não cansavam de recitar: Lângaro, Sabino e Isabelino; Custódio, Na maioria trabalhava da Viação Férrea. As viagens feitas obviamente de trens, à Erechim, Cruz Alta, Santa Maria e outras cidades, reservavam aos craques algumas mordomias. Quem jo-

gava não trabalhava naquele dia. Sim, pois no time tinha foguista, maquinista, guarda-freios...

Era tão bom o time do Riograndense, que em 1941, foram jogar a semi-final do campeonato estadual contra o Internacional, em Porto Alegre. O colorado e seu "rolo compressor", com Tesourinha, Vilalba, Ávila, Osvaldo Brandão, Rui, Carlitos, Juliô Petersen, era praticamente inbatível. Mas eles temiam o Riograndense. Temiam tanto que mandaram a partida para a "Baixada", estádio do Grêmio, o único com iluminação. Pobres ferroviários. A maioria nem conhecia Porto Alegre, que dirá jogar num "grande" estádio e ainda à noite. Os craques, com exceção de



Rio Grandense 1957

Em pé: Celso, Vítor, Hermes, Badico, Pedro, Erlando, Pirata e Nanico.
Agachados: Eloy, Jorginho, Getúlio, Aimoré, Noiran e Benoni.



Riograndense 1942

Em pé: Come-bola, Sabino, Celio, Marcondes, Banha, Orestes, José Carnacini, Brasileiro Costa.
Agachados: Jamegão, Isabelino, Lângaro, Noronha, Nativo, Quero-Quero e Custódio.

Marcondes, não conseguiam sequer manterem-se em pé, pois a grama molhada pelo sereno e os refletores, cegando o goleiro Lângaro, não renderam o esperado. Perderam é verdade, mas em condições normais, a história poderia ter sido outra.

Mas aquele timaço passou, e o "ferrinho", com poucos torcedores, e o futebol caminhando para o profissionalismo, foi enfraquecendo. Passou a disputar na década de 50, o campeonato amador, tendo como adversário o Independente. Até que num arroubo de grandeza, resolveu se profissionalizar. Isto foi em 1962. Disputou 4 anos com bons times. Em 1963, venceu o todo poderoso Ypiranga de Erechim, que tornou-se campeão.

Tirava pontos preciosos dos times de Carazinho, de Erechim e dos rivais Gaúcho e 14 de Julho. Até que em 1966 se licenciou na Federação e nunca mais teve forças para voltar. Fechou uma página de lindas histórias e grandes craques.

Depois de muitos anos esquecido, o Riograndense, voltou a ser lembrado. Numa festa realizada no Clube União Batutas, no dia 09 de agosto último, um dia após completar 73 anos. Na ocasião foi homenageado o único craque ainda vivo do timaço da década de 40. Argemiro Custódio. Jogador da linha-média, craque de futebol, que deu ao mundo da bola mais uma preciosa contribuição. Um sucessor, seu filho Reis Jorge, outro craque com todas as letras.

Farmácia Avenida Brasil
UMA EMPRESA DO GRUPO OÁSIS

*Medicamentos
e perfumarias*

Av. Brasil Oeste, 475 - Fone 313 6296

Bar Oásis

*Apostas às 14hs e 18hs com
desconto de 30%
Prêmios pagos na hora.*

Fone 981 1368

RUA GAL. NETTO, 499
AV. BRASIL, 417
RUA BENTO GONÇALVES, 735

CASA DE CARNES

LAZZARETTI

Av. Presidente Vargas, 1772
São Cristóvão

A mais variada linha para churrasco
nos domingos e feriados carnes assadas
sob encomenda com entrega
no horário marcado

RESERVAS (054) 315 1157

Riograndense - o time dos ferroviários



No dia 8 de agosto de 1925, a exemplo do Nacional de Porto Alegre e do Riograndense de Santa Maria, foi fundado um clube de futebol entre a classe dos ferroviários, ligados a viação Férrea do Rio Grande do Sul. Nascia o Riograndense Foot Ball Club, com grafia inglesa, exatamente como era costume na época.

As cores verde e vermelho deram vida a seu estandarte, e no dia 30 de maio de 1926, o "ferrinho", carinhosamente chamado pelos torcedores, entrou em campo pela primeira vez, para um partida amistosa contra o Gaúcho.

Em 40 anos de existência, o clube conquistou vários títulos citadinos e regionais. Experimentou anos de glórias, como o tricampeonato citadino e o bicampeonato regional, no início da década de 40. Outros anos amargos como o licenciamento no início dos anos 60. De 1962 a 1965, aderiu ao profissionalismo, disputando a segunda divisão estadual.

Craques de grande quilate, desfilaram pelos gramados envergando a camiseta "rubro-esperança", tais como o fenômeno inigualável e orgulho-grandino, Jamegão, o maior craque de todos os tempos que jogou em Passo Fundo, mais o goleador Célio Barbosa, e ainda Sabino, Isabelino Polaco, Marcondes, Custódio Nativo, Come Bola dono de uma verdadeira "bomba" nos pés, Quero - Quero, Adão Galinha Morta,

Rasga-Diabo, Waldemar Pantera, Pirata, Lângaro, Ivo Aguiar, Barão, Chispa, Orestes, Vadila Marques, Gago, Bino, Montauray, Telmo Lago, Valentim Viana, Délio Viana, Nicanor, Libinho, Alvicio, Getúlio, Jorginho, Calé, Aimoré, Jares, Olinto, Vadecão, Daltro Pinto, Orlando, Orlando Climaco, Benoni, Erlando, Noiran, Gradin, Álvaro, Palma, Mendiola, Biguá, Anselmo e tantos outros.

Amanhã, dia 9 de agosto, a diretoria do clube União Batutas dos ferroviários, ligado ao velho "ferrinho", irá homenagear o aniversariante, com um churrasco ao meio-dia em sua sede, localizada no Parque da Gare, e conchama aos ex-atletas e velhos torcedores, para comparecerem ao evento.

GRANDES TIMES

1935 - Osmar, Josino Marques e Bijuca; Gaspar, Pitágoras e Bino, Charuto, Nino Di Primio, Vadila Marques, Orestes e Darcy Dias.

1940 - Sitoni, Alfredo, Rasga-Diabo e Barão; Chispa, Sabino e Otacílio; Orestes, Moacir, Damásio, Nativo Lopes e Quero - Quero.

1941 - Lângaro, Rasga - Diabo e Sabino; Custódio, Nativo e Quero-Quero, Come-Bola, Marcondes, Polaco, Célio Barbosa e Orestes.

1942 - Lângaro, Sabino e Isabelino, Custódio, Banha e Quero - Quero; Come - Bola, Jamegão, Célio, Marcondes e Orestes.

1943 - Waldemar Pantera, Sabino e Barão; Custódio, Banha e Quero - Quero, Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio, Marcondes e Polaco.

1944 - Abeí, Sabino e Isabelino; Custódio, Banha e Quero - Quero; Adão Galinha Morta, Marcondes, Célio, Jamegão e Aurélio.

1951 - Luiz, Alvidio e Telmo; Quero - Quero, Valentim e Nicanor I; Nicanor II, Libinho, Rui, Pepino e Dico.

1953 - Pirata, Léo e Nicanor II; Bocha, Beto e Valentim; Campolim, Getúlio, Ademar, Calé e Délio.

1956 - Pirata, Nicanor e Vadecão; Neno, Valentim e Orlando; Jorge, Calé e Gedião, Pinto e Benoni.

1958 - Pirata, Cabeça, Ugo e Jares, Valentim e Erlando; Jorge, Benoni, Paulista, Noiram e Getúlio

1962 - Sebastião, Charuto, Godinho, Da Silva e Jares; Gringo e Orlando, Paulista, Valentim, Valdomiro e Gradin.

1965 - Palma, Olinto, Melena, Alceu e Álvaro; Paulista e Sidney; Justino, Mendiola, Biguá e Anselmo,

PRINCIPAIS DIRIGENTES

José Escobar, Álvaro. G. de Mello, João Colavin, Theodoro Della Méa, Humberto Della Méa, Angelo Gracha, José Denovaro, João Sitoni Filho, João Cúrio de Carvalho, José Carnacini, Sérgio Osório, João Bauer Nogueira,



Brazilino Costa, Diogo Ribeiro, Bernardinho Guimarães, João Lamachia Godinho, Henry Nunes Holsen, Eurico Machado Soares, Delmar Sitoni, Paulo Teixeira e outros.

AS GRANDES CONQUISTAS

- Campeão citadino em 1935
- Campeão citadino em 1940

- Campeão da 10ª região serrana em 1940
- Campeão da região da serra em 1940
- Bi - campeão citadino em 1941
- Bi - campeão serrano em 1941
- Tri - campeão citadino em 1942
- Campeão citadino em 1944
- Campeão serrano em 1944
- Campeão citadino em 1959
- Várias vezes campeão dos torneios início, de encerramento e extra •

Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafézinho, geladeira, poltrona king-size.

saídas: de Passo fundo 14h40, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES
311.1226





Arte: Leonardo Dóo

Esporte



Rio-grandense - Tricampeão Citadino

Na primeira metade da década de 40, o Rio-grandense Foot Ball Club, agremiação da Viação Férrea, foi o grande time de futebol da cidade. Tinha em seu elenco excelentes jogadores, a maioria ferroviários. Venceu os campeonatos citadinos de 1940, 1941, 1942 e 1944. Vamos contar como foi seu tricampeonato.

1940 - O Gaúcho era bicampeão da cidade e queria mais. Trouxe jogadores de alta qualidade técnica para reforçar seu time, pois o objetivo era o campeonato estadual, quase conquistado no ano anterior. O Rio-grandense também tinha um grande time, e se era inferior tecnicamente, se valia muito da garra e superação de seus jogadores. No primeiro turno o

Gaúcho havia ganho do "Ferrinho" por 6x1. Mas um tropeço alvi-verde ante o 14 de Julho, colocou-o contra o Rio-grandense na decisão. Para o periquito bastava o empate. Campo da Vila Vergueiro completamente lotado. O Gaúcho começa melhor, pressionando bastante e obrigando o goleiro Sitoni a realizar grandes defesas.

Num contra-ataque, aos 12 minutos Célio marca 1 a 0 Rio-grandense. Aos 35, novamente a marca do artilheiro. Célio faz Rio-grandense 2x0. Termina o primeiro tempo com a torcida do Gaúcho incrédula. Logo aos dois minutos, novamente Célio marca Rio-grandense 3 a 0. Estava se desenhando uma goleada? Nada disso. Aos 7 minutos, finalmente Avas, vence a barreira chamada



REPRODUÇÕES CZAMANSKI

Rio-grandense-1940 - em pé - Moacir, Celio, Barão, Nativo, Damásio, Chispa, Come - Bola (gravata) e Orestes. (agachados) Lângaro, Quero-Quero, Sitoni, Rasga-Diabo e Otacilio.

Sitoni. Rio-grandense 3 a 1. Barão e Rasga-Diabo, além do goleiro, são os melhores em campo. A pressão é terrível. Aos 38 minutos Papagaio bate de pé esquerdo e faz o segundo. Rio-grandense 3 a 2. A partida fica dramática. Os jogadores estão extenuados pelo esforço físico e pela tensão do jogo. Aos 45 minutos, o árbitro Dante Martelli, apita o final da partida. Rio-grandense campeão. **RIOGRANDENSE:** Sitoni, Rasga-Diabo e Barão, Chispa, Sabino e Otacilio, Orestes, Moacir, Damásio, Nativo e Quero-Quero.

GAÚCHO: Harry Becker, Armandinho e Josino, Guri, Sudete e Itagiba, Avas, Jamegão, Aita, Ivo Aguiar e Papagaio.

1941 - Disputado entre Rio-grandense, Gaúcho e 14 de Julho, o citadino teve quatro turnos. Os três primeiros terminaram empatados. A decisão ficou en-

tre o Rio-grandense e 14 de Julho. Primeira partida melhor de três, no campo da Vila Lucas Araújo, reduto riograndino. Vitória dos donos da casa por 4x3. Polaco, Marcondes, Célio Barbosa e Come - Bola fizeram para os vencedores. Miléo (2) e Tico para os rubros. Segunda partida, realizada no campo da Vila Rodrigues, do 14. Vitória colorada por 5 a 3. Gols de Miléo (3) e Pupe (2). Marcondes (2) e Come - Bola, descontaram. Terceiro jogo, novamente na Vila Rodrigues, e aconteceu o que ninguém esperava. Uma histórica goleada. Rio-grandense 6 a 0. Célio (3), Marcondes (2) e Polaco marcaram. Rio-grandense bicampeão.

RIO-GRANDENSE: Lângaro, Rasga-Diabo e Guri; Custódio, Sabino e Nativo; Come-Bola, Polaco, Marcondes, Célio e Orestes.

14 DE JULHO: Susin, Edú e Barão; Jerônimo, Alberico e Heitor Moura; Maneca, Miléo, Pupe, Gojo e Tico Trindade.

1942: Decisão entre Rio-grandense e 14 de Julho e novamente numa melhor de três jogos. Todos foram disputados no campo da Vila Vergueiro, reduto do Gaúcho. Primeiro jogo, empate em dois gols. Segundo jogo, vitória do Rio-grandense por 3 a 1. Terceiro jogo, bastando empate para o "ferrinho", vitória colorada por 1 a 0. Agora o quarto e decisivo jogo. Com seis minutos de partida o Rio-grandense já vencia por 2 a 0, gols de Jamegão e Marcondes. Se não fosse pela tarde magnífica do goleiro Susin, a goleada seria inevitável. Além de realizar "milagres", debaixo dos paus, Susin defendeu um pênalti cobrado por Come-Bola, jogador de chute extremamente potente. O "ferrinho", tocando a bola, apenas deixou o tempo passar para conquistar mais um título. Rio-grandense tri-campeão citadino.

RIO-GRANDENSE: Lângaro, Isabelino e Quero-Quero, Custódio, Nativo e Noronha, Come Bola, Jamegão, Marcondes, Sabino e Célio.

14 DE JULHO: Susin, Edú e Pupe; Jerônimo, Cauduro e Prinche, Djalma, Peixe, Miléo, Vadilae Bica



Formação do Rio-grandense em 1942 - Em pé - Come-Bola, Sabino, Celio, Marcondes, Banha, Orestes, José Carnacini, Brasileiro Costa. (agachados) Jamegão, Isabelino, Lângaro, Noronha, Nativo, Quero-Quero e Custódio.

NOVO SERVIÇO EXECUTIVO PARA SÃO PAULO

Novos ônibus equipados com:

- Ar-condicionado
- Toailete a bordo
- Vídeo, água mineral e cafezinho

Diariamente:

- de Passo Fundo: às 15h30min
- de São Paulo: às 20 horas

REAL TRANSPORTE E TURISMO S/A
RESERVAS E INFORMAÇÕES: 311-1226



Memória Esportiva

Riograndense, 76 anos

No dia 8 de agosto de 1925, funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, reuniram-se na residência do Sr. Leopoldo Ritzel e fundaram o Riograndense Foot Ball Club, com a cores vermelha e verde. Outros clubes ligados aos ferroviários já existiam ou foram criados, como os Riograndenses de Santa Maria e Cruz Alta e o Nacional de Porto Alegre.

O auge do Riograndense local foi de

1940 a 1944, quando em cinco anos, foi quatro vezes campeão da cidade e regional. Em 1941, chegou entre os quatro primeiros do estadual, que disputaram as finais em Porto Alegre. O Riograndense perdeu então para o famoso Rolo Compressor do Internacional, numa partida noturna disputada no Estádio da Baixada. Como nunca haviam jogado à noite, os passo-fundenses tiveram enormes dificuldades de enxergar a bola.

Essencialmente amador, o Riograndense aderiu ao profissionalismo, em 1962, disputando com 14 de Julho, Gaúcho e clubes da região, a primeira divisão de profissionais. Em 1965, teve sua derradeira participação no futebol e no ano seguinte fechou suas portas. Ainda hoje se encontram vários ex-jogadores e torcedores, como Valentim Viana e José Kurtz, por exemplo, que se mantém fiéis ao velho Ferrinho.

FOTOS ARQUIVO DM



Riograndense de 1935 - Somente os jogadores
Em pé: Charuto, Vadila Marques, Nino, Darcy Dias e Barroso
Agachados: Gaspar, Jorge e Bino. Deitados: Josino Marques, Montanha e Bijuca Di Primio



Riograndense de 1957
Em pé: Celso, Vitor, Hermes, Badico, Pedro, Erlando, Pirata e Nanico
Agachados: Eloy, Jorginho, Getúlio, Aimoré, Noiran e Benoni



Riograndense de 1942
Lângaro, Jamegão, Come-Bola, Isabelino, Sabino, Quero-Quero, Custódio, Célio Barbosa, Nativo, Banha, Marcondes, Orestes e Brazilino Costa (presidente)



Riograndense de 1959
Em pé: Cabeça, Valentim, Pedro Martins, Pirata, Rubens, Hugo Loss, Jares e Gago (técnico)
Agachados: Jorge, Aimoré, Erlando, Marcos e Benoni



Riograndense de 1956
Em pé: Juarez Pinto, Juarez, Dirceu Cabeça, Vitor, Vadecão, Lagarto, Orlando, Jares, Gago (técnico) e Bernardino Guimarães (presidente)
Agachados: Jorge, Pinto, Valentim, Nicanor e Aimoré



Riograndense de 1962
Em pé: Orlando Clímaco, Cão, Moisés, Headerley, Valter e Sebastião
Agachados: Paulistinha, Gringo Juriati, Itamar, Bonaldo e Gradin

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Derrota obrigatória

Entre os apostadores do jogo do bicho existe um ditado, que diz assim: "Quem joga por necessidade, perde por obrigação". Pois este chavão caiu como uma luva para a seleção brasileira. Ter cuidados defensivo é uma coisa, mas armar uma descarada retranca é outra. Contra uma equipe qualificada como a Argentina, não atacar é sinônimo de derrota. É do torcedor se entristecer assistir nossa seleção passar 90 minutos mendigando um empate ou no caso, uma pífia vitória, sem jogar.

Três zagueiros I

Sempre soube que o esquema com 3 zagueiros dá a flexibilidade de que um deles atue como um elemento surpresa no ataque. Somente na seleção brasileira isso não ocorre. Joga-se com 3 zagueiros mesmo, fincados na área, dando chutão para a frente. Reparem que a Argentina utiliza o mesmo esquema, mas Vivas ou Ayala, aparecem constantemente alimentando seu ataque.

Três zagueiros II

Teoricamente o esquema permite que os alas realizem função de ponteiros, uma vez que haverá cobertura nas laterais. Cafu e Roberto Carlos não são e nunca serão ponteiros, pois não sabem driblar e Cafu não sabe cruzar. O esquema de Felipão, com esses jogadores não irá funcionar.

Pipoca

Marcelinho Paraíba pipocou. Participou de apenas uma jogada, se limitou a atrasar a bola quando estava em seus pés e não dividiu nenhuma.

Passo Fundo

Quando a cidade pensava que futebol só na TV, eis que surge o Passo Fundo, pela primeira vez numa competição nacional. Louvemos Rodighero e os dirigentes do clube, pela iniciativa e ousadia. Todos os que gostam de futebol tem o dever de prestigiar e ajudar o tricolor. Uma pena haver pouco tempo para preparar o time.

Só falta você.
Viaje Unesul.

unesulpf@terra.com.br - Fone: (0xx54) 311-3099

MEMÓRIA ESPORTIVA

Roberto, um mestre da bola

Em 1966 chegou a Passo Fundo um jovem alto, magro, dono de um futebol elegante, jogando com a cabeça erguida, toque de bola refinado e preciso nos lançamentos. Veio para jogar no 14 de Julho e atendia pelo nome de Roberto. Fora descoberto jogando no Cerâmica da cidade de Gravataí e levado ao Grêmio. Quando estourou a idade de juvenil, foi emprestado ao 14. Na verdade ele não teve chances de jogar no Grêmio. Na época o tricolor mandava no futebol gaúcho e tinha na posição de Roberto nada menos que Sergio Lopes, o Fita Métrica, um talento no trato com a bola.

Mesmo jogando no péssimo campo na velha Baixada Rubra, Roberto mostrou uma categoria diferenciada. Formou um trio no meio de campo quatorzeano que era um verdadeiro luxo. Zangão (aquele que foi campeão no Internacional em 61), Roberto e Santarém. Todos jogadores de habilidade rara, muito difícil de encontrar no futebol atual. Apesar do timaço que o 14 possuía, foi o Gaúcho quem venceu o campeonato regional e

depois o estadual naquele ano.

Jogando entre os grandes clubes do Rio Grande do Sul, o Gaúcho tratou de reforçar seu elenco de jogadores e tirou do rival o grande Roberto. Em 1967 e 1968 o alviverde realizou excelentes campanhas no campeonato estadual e Roberto, jogando com Gitinha ou Honorato ou Flávio, era o senhor do meio de campo.

Ainda em 68 o craque foi contratado pelo Ypiranga de Erechim. Em 1970 o Ypiranga inaugurou seu estádio, Colosso da Lagoa e montou um grande time, que tinha Valdir (goleiro), Mujica, Arli, Roberto, Borjão e Hélio Alves entre outros. Igualmente realizou o segundo maior festival de futebol já visto no estado, perdendo apenas para a inauguração do estádio Gigante da Beira-Rio.

No ano seguinte Roberto e seu futebol que encantava os torcedores retornaram ao Estádio Wolmar Salton, palco de suas maiores exibições. Em 1972 o Gaúcho teve, segundo muitas opiniões, a melhor formação de sua história, na era profissional. O time tinha Carlos Alberto (falecido), Gringo (falecido), João Pontes, Daizon Pontes e Luiz Carlos; Raul Matté, Roberto e Luiz Freire; Leivinha, Bebeto e Serginho. Rigorosamente todos, respeitando suas características, foram grandes jogadores de futebol.

O próximo clube de Roberto foi o Guarany de Bagé, onde o craque teve idas e vindas ao Gaúcho. Permaneceu no



Guarany de Bagé em 1973 - Em pé: Nanão, Brito, Afonso, Carlinhos, Gilberto e Mário Tito. Agachados: Anilton, Pará, Néia, Roberto e Adeli

alviverde até encerrar a carreira, com uma breve saída para disputar o campeonato brasileiro de 1979 pelo Caxias.

Roberto é lembrado pelos torcedores do gaúcho com muito carinho pelo seu futebol de alta técnica e alegria e pelos memoráveis jogos que realizou vestindo o manto verde e branco. Um desses jogos aconteceu em 1976. Para muitos torcedores o maior jogo realizado no Boqueirão. Gaúcho x Grêmio. Um jogo eletrizante em que Roberto, Jair, Bebeto e Pedro deram um show memorável e histórico. O Gaúcho perdeu por 3 x 2, depois de estar vencendo por 2 x 1, quando faltavam menos de cinco minutos para encerrar a partida. Hoje Roberto Antonello, que é cunhado do treinador e ex-jogador Paulo César Carpegiani, reside em Porto Alegre, sua terra natal. Trabalha como um bem sucedido corretor de seguros e é pai de Juca, meio campista revelado pelo Internacional, atualmente jogando no Criciúma. Embora Juca seja um bom jogador, fica longe do futebol mostrado por seu pai.



Sport Club Gaúcho de 1972 - Em pé: Gringo, Luiz Carlon, Raul, Carlos Alberto, Mário Tito e Daizon Pontes. Agachados: Juarez, Luiz Freire, Bebeto, Roberto e Ariovaldo

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Julio (Pipoqueiro da Praça)

Sou torcedor do Gaúcho e sempre que pude acompanhei o time, onde fosse jogar. Em 1965 lotamos uma Kombi com 10 ou 12 torcedores, o que era comum na época e fomos a Erechim assistir Ypiranga x Gaúcho, no velho Estádio da Montanha. Naquele tempo os jogos eram perto de Passo Fundo.

Erechim ou Carazinho basicamente. Saíamos depois do meio-dia, normalmente defronte o Café Sonora, no centro da cidade. Este jogo que vou falar foi espetacular. Os dois times eram

bons e o ataque do Ypiranga era composto por Assis, Alfeu, Meia-Noite e Manequinha. No Gaúcho o desfalque era Tuta que não pode jogar. Joãozinho, , que era um guri jogou no seu lugar. O gaúcho saiu ganhando por 1 x 0, gol do Gitinha, em jogada de Raul. O Ypiranga empatou logo depois, gol de pênalti sofrido por Pedruca e cobrado por Barbosinha.

No segundo tempo Machado e Gitinha deslocaram o ombro e ficaram em campo fazendo número. Machado ficou na ponta-esquerda e em seu lugar foi deslocado

Adair e Newton Queiroz foi para o meio do campo. No final da partida o Gaúcho conseguiu um escanteio. Newton Queiroz cobrou e o zagueiro Garcia do Ypiranga rebateu de cabeça. No rebote, de fora da área, Maneca pegou um voleio de primeira, mandando a bola no ângulo. O goleiro do Ypiranga se chamava Luiz Carlos e nem viu por onde passou a bola. Mais uns cinco minutos e terminou o jogo. Foi a vitória mais emocionante e espetacular que me lembro do Gaúcho fora de casa. Também foi um dos gols mais bonitos que vi em minha vida, aquele do Maneca. Este foi meu jogo e meu gol inesquecíveis.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Futsal

Em princípio, para obter a classificação, a UPF/Semeato/Clube Juvenil terá que necessariamente vencer suas partidas em casa e tentar abocanhar alguns pontinhos fora. Porém, existe um diferencial. A ACBF e a Ulbra, são dois clubes cujos elencos de jogadores são imensamente superiores aos demais e virtualmente vencerão seus adversários dentro ou fora de casa. Então são duas vagas praticamente asseguradas. Restarão outras duas, para seis postulantes, entre eles o time de Passo Fundo. Portando a derrota em Frederico Westphalen e uma eventual derrota para a ACBF, neste sábado, ainda ficam dentro de uma normalidade. Claro que ninguém gosta de ser derrotado, mas o que quero referir é que perder para a ACBF não quer dizer morte. Agora, se a UPF/Semeato/Clube Juvenil vencer a ACBF dará um gigantesco passo, lembrando que na fase classificatória o empate em 3 x 3 foi uma injustiça para os passo-fundenses.

Futsal II

Escutei atentamente o jogo do Ypiranga de Frederico contra a UPF/Semeato/Clube Juvenil, quarta-feira, através da Diário da Manhã AM. A narração do Mafessoni é eletrizante, e nos permite ter uma visão da partida absolutamente clara. Vale a pena dar um passeio no "dial" do seu rádio até chegar a Diário da Manhã AM - 570 khz. Estão matando a charada.

Rodrigo Fabri

Finalmente este jogador voltou a jogar o fino da bola. Quando surgiu na Portuguesa em 96, dizia que era certa sua convocação para a Copa da França. Ao se transferir para o Real Madri, que até hoje detém seu passe, o futebol sumiu. Foi emprestado a vários clubes e nunca mais se firmou. Ao chegar ao Grêmio, sob desconfiança demorou a engrenar. Agora jogando em sua real posição, como um segundo atacante, mesma função de Rodrigo Mendes e Luiz Mário, por exemplo, está acabando com o jogo. Rodrigo Fabri não é meia armador nem lateral-esquerdo. Mas precisa ter ao lado um centro-avante de ofício que lhe abra espaços, que chame a atenção dos zagueiros para si, para Rodrigo chegando de trás, arremate a gol como só ele sabe.

Palmeiras

Todo o ano é a mesma coisa. O campeonato brasileiro reserva um susto para um dos clubes chamados grandes. Grêmio e Fluminenses já jogaram a segundona. O Internacional foi salvo por Dunga, o Corinthians, já foi salvo pelos árbitros, o Botafogo foi salvo pelos tribunais, o Flamengo foi salvo por Felipe Mello, o São Paulo jogou numa espécie de segunda divisão que na mesma competição lhe levou à primeira a ainda foi campeão. Cruzeiro e Atlético já penaram amargamente nas últimas colocações. Este ano está sendo a vez do Palmeiras, que não possui um time ruim, mas as coisas não dão certo em campo e ponto final. Troca-se técnicos e jogadores e o futebol não engrena, a sorte corre longe e chega o inferno astral. Acredito, porém que o Verdão irá se salvar. O que ninguém me tira da cabeça é que algum dos cariocas ficará entre os quatro últimos. Seus times são ruins de doer.



Algumas coisas acontecem
MUITO RÁPIDO e mudam nossas vidas
PARA SEMPRE.
Matricule-se agora!

INGLÊS - FRANCÊS-ESPANHOL-PORTUGUÊS (1º E 2º graus, VESTIBULARES E CONCURSOS)
Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo-RS



Rápido e para sempre



Arte: Leonardo Dóro

Esporte

Santarém - Um Craque fora de série

Em qualquer lugar de Passo Fundo, onde o assunto seja futebol, há sempre uma unanimidade: "Santarém, se jogasse hoje, seria jogador da seleção brasileira. Ele jogava o fino da bola".

Antônio Carlos Lemos Santarém, nasceu em Porto Alegre, no dia 30 de dezembro de 1938. Ainda garoto, o filho do seu Otacflilio e da dona Eliza, levava jeito com a bola, nas peladas de rua do bairro Auxiliadora. Aos 17 anos, assinou sua primeira ficha de amador com o Auxiliadora Futebol Clube. No mesmo ano se transferiu para o Força e Luz, e mais tarde para o Clarão da Luz.

Em 1958, com 19 anos, foi

levado pelas mãos do Capitão Luiz Gastão Bastos, da 5ª Zona Aérea, para os juvenis do Cruzeiro. Estreou na equipe principal no Gre-Cruz da páscoa, tendo jogado ao lado de craques consagrados como Irno, Neno, Cacique, Nonô, Figueró, Salvador, Tesourinha II, Mauro Barrilzinho de Pólvora e Luiz Roberto, que depois jogou no 14 de Julho.

Em 1960, o Cruzeiro foi excursionar para fora do país, e Santarém, juntamente com Tupãzinho, que depois brilhou no Palmeiras, sobram na delegação. Aborrecido, recebeu convite do Pelotas, tendo jogado uma partida amistosa contra o Internacional, mas não quis ficar. Aceitou

proposta do Veterano de Carazinho, onde jogou por dois anos. Em 1962, foi para o Glória, da mesma cidade.

Sua fase como jogador de Passo Fundo, começou em 1963, mais precisamente em abril, quando vestiu pela primeira vez a camisa do 14 de Julho no ano seguinte. Na sua rápida passagem pelo alvi-verde, formou um meio-campo, antológico: Wilson Moraes, Santarém e Sariba. No colorado jogou ao de Verardi, Lindomar, Roberto, Jaime, Zangão, Eloy, Zé Carlos, Décio entre outros.

Tudo que se falar sobre a habilidade de Santarém com a bola nos pés, ainda é pouco. Dono de uma técnica refinadíssima, esse malabarista da bola, também era

REPRODUÇÃO CZAMANSKI

jogador de chegar a frente e marcar muitos gols. No dia 16 de outubro de 1967, Santarém, esculpiu, em plena "Baixada Rubra", contra o Flamengo de Caxias, uma obra de arte. Recebeu a bola de Cavalheiro no bico da grande área. Driblou, Darlan, driblou Gaspar, driblou Eduardo, driblou Aberlado, driblou Artêmio, driblou Vilmar, driblou Laércio, driblou o goleiro Chico e entrou com bola e tudo, pois era desnecessário ter humildade. Correu com os braços abertos em direção ao velho pavilhão. Lá, sentada, com lágrimas nos olhos e orgulho no coração, sua mãe, dona Eliza que viera de Porto Alegre para vê-lo jogar, lhe acenou. Essa obra de

gênio, está para quem quiser ver, inserida nos anais da Federação Gaúcha de Futebol, como um dos gols mais lindos da história do futebol do Rio Grande do Sul.

Campeão da 2ª divisão pelo 14 de Julho em 1968, no mesmo ano, passou três meses no Ypiranga de Erechim. Antes de encerrar a carreira, jogou pelo Juventude de Guaporé, Colorado de Não Me Toque e voltando a condição de amador no Independente.

Após, tornou-se técnico de futebol, dirigindo o Gaúcho, o 14 de Julho, o Santo Angelo e a Chapecoense. Hoje, Santarém é funcionário da Caixa Econômica Estadual, em vias de aposentadoria.



Equipe do 14 de Julho de 1967 - em pé - Cavalheiro, Décio, Osvaldo, Rebechi, Gringo e Beto, agachados - Mariotti, Jaime, Cardoso, Santarém e Liminha.

Seleção Passo-fundense de Futebol

- Osvaldo Lopes (Ratinho - ex-jogador do Gaúcho, Independente e Atlético)
- Valdemar Pantera, Sabino, Barão, Odracil Rico, Vicente, Áureo, Dom Pedrito, Jamegão, Prego, Margarida e Donato.
- Argemiro Custódio - (ex-jogador do Gaúcho e Riograndense)
- Cavalheiro, Barão e Alfredo Rasga - Diabo; Alemão, Zica e Nativo Lopes; Adão Galinha Morta, Jamegão, Célio Barbosa, Peixe e Papagaio.
- Polidoro Mendes da Costa (ex-conselheiro do S.C. Gaúcho)
- Harry Becker, Barão e Armandinho; Machado, Vicente e Jamir; Meca, Santarém, Bebeto, Gitinha e Antoninho.
- Clélio Aita (ex-jogador do S.C. Gaúcho e S.C. Internacional)
- Waldemar Pantera, Litwin e Daison Pontes; Machado, Osvaldo Brandão e Heitor Moura; Avas, Jamegão, Clóvis Aita, Heitor Verardi e Ivo Aguiar.
- João Romeu Damian (ex-técnico do S.C. Gaúcho)
- Volney, Jaime Boni, Valmor, Daison Pontes e Juca; Heitor Verardi, Santarém e Wilson Moraes; Meca, Bebeto e Naninho.
- Mário Selvão (esportista)
- Nadir, Gringo, Machado, Daison Pontes, Maneca, Heitor Verardi, Jamegão, Meca, Libinho, Bebeto e Chinesinho.

Amor em quatro tempos
Inteligência Emocional Aplicada à Vida e à Escola

Ceres Sartori
Alexandre Oliveira

Não fique com o coração na mão!

Amor em Quatro Tempos

Sucesso de vendas na VIIª Jornada de Literatura, o livro de
Ceres Sartori e Alexandre Oliveira
já se encontra nas livrarias

Leve o seu para casa!

À venda na Livraria das Faculdades, Livraria da UPF e Escola Fisk

ou solicite o
seu pelo telefone:
313-4600

Memória Esportiva

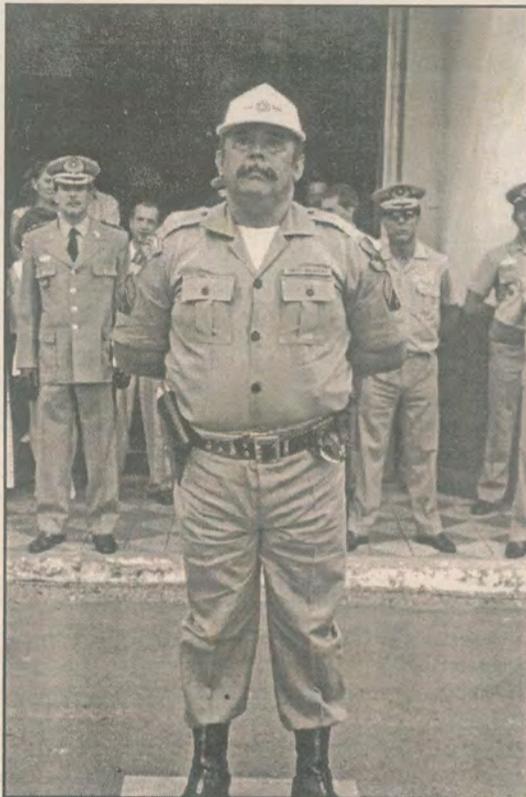
Sargento Alberi, um grande exemplo

Existem pessoas que vêm ao mundo para servir, para ajudar aos desamparados, para dar bons exemplos. São pessoas despojadas do materialismo e que fazem de seu coração e sua alma algo grandioso, que abrigue a bondade, a sinceridade e o amor ao próximo. Uma dessas pessoas foi Alberi Lima dos Santos, que era conhecido como Soldado Alberi, depois, Cabo Alberi e por último Sargento Alberi.

Não havia quem não o conhecesse, pois sua vida profissional passou nas fileiras da Brigada Militar. Quando soldado, Alberi cuidava do trânsito da cidade e seu comportamento cordial educado, porém, um tanto irrequieto chamava a atenção de todos. Controlava o trânsito com mão de ferro, trilhando seu apito insistentemente, fazendo com que os veículos tivessem um fluxo normal e tranquilo e os pedestres, sua prioridade, o aplaudissem.

Paralelamente às funções na Brigada Militar, Alberi sempre foi um desportista. Jogador de futebol do time da Brigada, árbitro e bandeirinha nos jogos da várzea de Passo Fundo e seu mais brilhante trabalho, a organização de campeonatos de futebol entre meninos de rua.

Ao pôr em prática sua idéia, Alberi construiu um humilde campinho de futebol, onde realizou seu primeiro campeonato denominado Meninos de Rua. O empreendimento foi um estrondoso sucesso e o objetivo que Alberi queria alcançar, conseguiu. Era o de conscientizar essas crianças a estudarem e praticarem esporte, que os levariam a serem alguém na vida. Foram mais de 20 campeonatos. Mal um terminava, começava outro, não dando tempo sequer para que algum menino pensasse em desistir. Pelo seu trabalho Alberi recebeu várias condecorações, como a Medalha Grão Mestre Fagundes dos Reis, oferecida pela Câmara de Vereadores, Medalha Educação, Segurança Pública e Ação Social, requerida pelo então Vereador Flaminio Mello e Medalha Estrela de Reconhecimento, pelos relevantes serviços prestados à nossa comunidade, oferecida pela Brigada Militar. Em seus horários de folga, Alberi percorria escolas em vilas mais carentes, ministrando palestras e aulas aos



menores, orientando-os contra o consumo de drogas, sobre o bom comportamento no trânsito e sobre o salutar mundo do esporte.

O Jornal Atualidade, publicou em 1992, uma frase proferida pelo Sargento Alberi, que mostra bem seu caráter. Dizia: "Nosso trabalho não é atrás de escrivaninhas, m gabinetes fechados, mas sim nas ruas, bairros e vilas, valorizando os meninos e proporcionando-lhes o lazer, o despertar para uma vida digna".

Após sua aposentadoria, Alberi estava trabalhando com o mesmo largo sorriso, como monitor no Colégio Conceição, quando subitamente, no dia 13 de dezembro de 1998, seu coração parou. Deixou uma imensa saudade em seus amigos e um profundo vazio no coração de sua esposa Rosa Maria e em seus filhos Rodrigo, Rafael e Roberto Vicente. Possivelmente alguém lá em cima precisava de sua ajuda e o chamou para cuidar de alguns meninos.



VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Copa do Mundo

Falta menos de uma semana. Atenção torcida brasileira, prepare seu coração para um sofrimento atroz. Time do Felipão ganha, mas faz o torcedor sofrer feito Yaser Arafat confinado em Ramalah, com bombas por todos os lados. Falem com os gremistas. Muitos deles hoje sofrem as seqüelas cardíacas de 95/96. Mas Felipão tem estrela e sabe como ninguém jogar torneios, competições curtas. As preocupações são as de sempre, time muito recuado, laterais inoperantes, falta de mais um meia de ligação, preferencialmente que jogue com o pé esquerdo e os dois centroavantes, jogadores de explosão, que necessitam de um preparo físico perfeito, e hoje não tem essa condição. Mas vamos torcer e sofrer.

Justiça

No grupo B do super-campeonato gaúcho o 15 de Novembro e o Guarani, disputam a vaga a final. Minha torcida agora é para o São Gabriel chegar lá. Nada contra gremistas, colorados e juventudistas, é apenas uma questão de justiça. Para efeito estatístico, o campeão gaúcho já deveria ter saído do gauchão, vencido pelo Guarani de Venâncio, que disputou 25 jogos, turno, retorno, semifinal e final. Os outros quatro que com exceção do Grêmio, deram, vexame na Copa Sul-Minas, caíram de pára-quadras num torneio onde o campeão, disputará ape-nas cinco partidas. Não é justo. Em São Paulo, o campeão estadual é o Ituano. O super-paulistão, assim como o nosso, é apenas um caça-níquel.

Fórmula 1

Deu no jornal Lance desta semana. Rubens Barrichello inconfor-mado com as criticas que vem sofrendo, disse: "Quem não gostou do que aconteceu na Áustria, que não assista mais as corridas". Ele tem razão, não dá para assistir mesmo. A Rede Globo e seus patrocinadores é que devem estar contentes com essa declaração.

Resposta

A pergunta que formulamos na semana passada, sobre qual o jogador que disputou duas copas do mundo, numa jogava no Inter e outra no Grêmio, a resposta é Batista. Em 78 jogava no Inter e em 82 no Grêmio. Ao longo do mês fizemos quatro perguntas e ninguém acertou. Pela ineficiência das respostas, damos por encerradas as perguntas da copa.

**Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo**

Leito REUNIDAS

**RESERVAS e
INFORMAÇÕES**

311.1226

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados



Memória Esportiva

FOTOS ARQUIVO DM



Juvenil do 14 de Julho 1965 - Em pé: Guigota (treinador) Cobrinha, goleiro não identificado, Zé Pedro, Celso Marini, Jaques, Justino e Paulo de Castro. Agachados: Gigi, Kirinus, Romeiro, Gilberto e Bibe

Simplemente Guigota

Quem chegasse ao Bar Oásis, há alguns anos atrás e perguntasse se alguém conhecia o Aguir Matheo, certamente ninguém saberia. Mas se indagasse, que era o Guigota, não haveria dúvida "É aquele ali", responderiam todos, apontando para aquele sujeito simples, cercado de amigos, conversando sobre futebol. Agora convenhamos, Aguir Matheo é um nome estranho, incomum, ruim de pronunciar. Guigota não, Guigota tem até sonoridade e é muito simples como seu dono. Bom, Guigota era um fanático por futebol, foi treinador, massagista, supervisor, árbitro e dirigente, enfim

boa parte de sua vida foi dedicada ao esporte. Ele também tinha algo de folclórico. Muitas estórias eram atribuídas a ele, algumas verdadeiras e outras não, mas que acabaram fazendo parte do próprio folclore dos cidadãos da cidade.

O torcedor Guigota

Dada a proximidade de sua casa com o velho campo do Gaúcho na Vila Vergueiro, Guigota não saía de lá. Assistia a treinos e jogos e disputava peladas com seus amigos. Tornou-se torcedor alviverde. Seus outros times eram o Grêmio, Palmeiras e Flamengo e por eles discutia seus pontos de



Guaraé 1963 - Em pé: Guigota (massagista), Martinho de Farias, Varela, Ruy Menegaz, Adilo e Lelé. Agachados. Aramis, Valdir Justí, Odir e Jobem

vista até morrer. O Gaúcho era sua maior paixão e o domingo era sagrado o dia de ir ao campo. Quando o Gaúcho jogava fora de casa, ia assistir ao jogo do 14 de Julho, secando veladamente, pois tinha muitos amigos de coração rubro.

O envolvimento com o esporte

Guigota foi secretário da Liga Passofundense de Futebol de Salão, técnico do juvenil do Capinguí, dos times adulto do Guaraé, Los Terribles, Atlanta, União e Pindorama, massagista do Capinguí (campeão estadual em 60) e Guaraé, além de árbitro. No futebol de campo foi técnico do juvenil do 14 de Julho, do Gaúcho e do time principal do Riograndense, árbitro da várzea, supervisor do Gaúcho e auxiliar do massagista Daltro Vitorino Pinto. Foi cronometrista e organizador de várias competições de futebol de salão, campo e basquete.

A paciência do Guigota

Essa era célebre. Quase nada abalava o pacato Guigota. Sempre calmo, disposto a apaziguar qualquer discussão, tolerante com as brincadeiras, humilde, não media esforços para fazer favores a amigos. Para avaliar sua paciência basta dizer que Guigota era assistente de jogo de carta. Pasmem, não é brincadeira, Guigota sentava numa mesa de jogo para assistir as partidas de pife. Somente se manifestava e fazia comentários, após algum jogador bater. Certa feita estava no Bar Snooker, que ficava na Moron, onde hoje é a entrada da Galeria Mazzoleni, quando a polícia bateu a procura de vadios. Guigota que não estava jogando, não perdeu a calma com a truculência policial e indagado sobre o que fazia ali em plena tarde, respondeu: "Vim apenas trazer o nome de um remédio para a funcionária do bar". A cara de pau também era apreciável.

O boêmio Guigota

Guigota estava para a noite assim como as estrelas também estão. Seu roteiro noturno incluía vários bares e cabarés até encontrar uma bela (as vezes nem tanto) mulher para jogar-se em seus braços. As histórias de Guigota na noite de Passo Fundo são muitas, centenas até, a maioria impubescíveis. Das altas rodas ao baixo meretrício lá estava Guigota, um notívago contumaz. Guigota morreu em 1991 e com ele sepultou-se alguns fatos que ninguém ficou sabendo. Ah, ia esquecendo. O nome completo de Guigota era Aguir Matheo Damian e não por acaso era meu tio.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Seleção

Excetuando as individualidades, o time de Felipão voltou a apresentar problemas táticos e técnicos, que se não equacionados trarão dificuldades ao time na Copa. 1) A marcação está sendo feita muito atrás. A linha de zagueiros e os volantes, jogam na intermídia para trás, deixando muito espaço para o adversário tocar a bola, pensar e ele sim avançar seus zagueiros. Os problemas que isso representa é o isolamento dos meios de ligação e o seu desgaste físico para chegar à área adversária. Notem que quando Ronaldinho Gaúcho ou Rivaldo, recebiam a bola em seu próprio campo, tinham a rigor apenas duas opções, a jogada individual ou a espera da chegada de um ala, para passarem a bola.

Adiantando a marcação, pelo menos durante parte do jogo, seria uma solução. Assim como jogou o Grêmio da Copa do Brasil do ano passado. 2) Outros problemas para Felipão são os alas, que tem dificuldades na marcação e no apoio, especialmente Cafu. O homem marca mal, tem fôlego para chegar ao ataque, mas não sabe cruzar a bola ou passa-la. É uma questão técnica que se reflete no esquema do treinador. Com o fraco aproveitamento dos alas no ataque, não seria o caso de segura-los mais atrás e tirar um zagueiro para colocar um atacante desde o começo do jogo? Em boa parte da partida o Brasil jogou num esquema 5-2-2-1. Com a retirada do Anderson Polga e do Gilberto Silva, passou a 4-3-3 e o time ficou com mais posse de bola e chegou ao empate. Fica a dúvida. Será que Felipão está escondendo o jogo ou nosso sofrimento vai ser atroz.

Passo Fundo

Mais uma vez não deu. Fica fora da competição com quatro rodadas de antecedência. O que faltou desta vez? O time é bom, teria condições de se classificar, considerando os adversários. Mas o que faltou? Planejamento? Convicção? Dinheiro? As respostas serão dadas pela diretoria nos próximos dias aos programas de rádio e televisão. Fica a tristeza pela derrota e pelo desmonte do time, por motivo de economia, que certamente advirão. Para o próximo ano será tudo como antes? Ou no segundo semestre começará um planejamento técnico e financeiro muito bem pensado, agregando pessoas que tenham vontade de ajudar, visando a volta das vitórias para 2003?

Lisonja

Fiquei lisonjeado e extremamente agradecido pelos incentivos que recebi pela volta da Memória Esportiva. Vamos caprichar cada vez mais, e estamos aceitando sugestões dos leitores para futuras matérias.



Algumas coisas acontecem
MUITO RÁPIDO e mudam nossas vidas
PARA SEMPRE.

Matricule-se agora!

INGLÊS - FRANCÊS-ESPANHOL-PORTUGUÊS (1º E 2º graus, VESTIBULARES E CONCURSOS)

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo-RS

FISK
Rápido e para sempre

MARCO ANTONIO DAMIAN

ONDE ANDA...

...DÉLIO VIANNA DE OLIVEIRA - No final da década de 40, o campo do Riograndense situava-se onde hoje é a Rua Dalto Filho, proximidades do DAER. Ali, num campo desnivelado, um menino começava a mostrar indiscutíveis qualidades no trato com a bola. Chamavam-no de irmão do Valentim, este um vigoroso centro-médio do time principal do "ferrinho". Correndo no gramado irregular, lembranças de craques como Jamegão, Marcondes e Polaco, que naquele local, haviam brilhado, povoavam a mente do menino, que sonhava jogar como seus ídolos. Pouco tempo passou para que os torcedores comesçassem a chamá-lo pelo nome: Délio.

EM CRUZ ALTA - O Riograndense foi passagem fugaz em sua carreira. Logo, vestia a camisa 11 do Nacional de Cruz Alta. Jogando ao lado de craques consagrados como Sório, Carioca, Ercilio e outros. Certa feita, jogando o clássico



Nacional de Cruz Alta - 1954.
Em pé: Carlinhos, Décio, Pé-de-Mola, Hofmeister, Zequinha e Sório.
Agachados: Délio, Carioca, Ercilio, Darcy e Bebeto

contra o Guarany, do grande e temido Prinche e do lendário Alma de Gato, Délio entrou em campo com um alfinete escondido no calção. Fora dos olhos do árbitro, enfiou o alfinete na coxa de Prinche. Todos no estádio ouviram o grito aterrorizante do centro-médio, que transtornado vociferava ao árbitro contra seu algoz. Perturbados, os jogadores do Guarany se desconcentraram e a vitória coube ao Nacional, o time de Délio. Mais tarde, o craque jogou

também pelo Guarany.

O NACIONAL DE PORTO ALEGRE - Em 1955, Délio transferiu-se para o hoje extinto, Nacional de Porto Alegre. Um belo time de futebol, onde o extraordinário Tesourinha encerrou sua brilhante carreira. No rubro-negro, nosso craque jogou ao lado de Ortunho, Pinga, Quito e outros nomes famosos.

NA DUPLA GA-QUA - No início dos anos 60, Dé-

lio retornou a Passo Fundo, especificamente para o Gaúcho. Nessa época, o alviverde começava a formar o embrião do time vitorioso da segunda metade da década. Foi histórico o meio de campo formado por Délio e Sariba. Em 1964, trocou a Montanha pela Baixada, indo defender o 14 de Julho. No mesmo ano sagrou-se campeão regional, como capitão do time. Em 1967, encerrou sua trajetória no futebol, ainda vestindo as cores rubras.

ONDE ANDA - Délio era um jogador moderno para os padrões da época. Veloz e preciso nos passes, era eficiente na marcação, bem como na armação de jogadas para seu ataque. O grande craque Heitor Verardi, afirma ter sido Délio seu melhor companheiro de meio de campo. Aposentado como funcionário público da polícia civil, Délio reside em Passo Fundo, e delicia-se a contar aos amigos histórias de seu exuberante futebol.



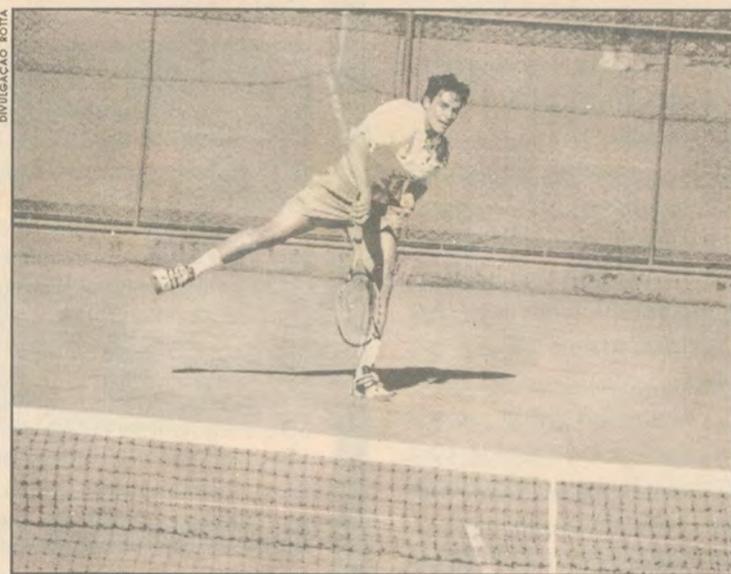
Gaúcho - 1961. Em pé: Sariba, Oniltô, Amancio, Lara, Vadeção e Maneca.
Agachados: Raul, Moreno, Meca, Délio e Montezana

Tenistas podem medir forças em grande evento

Os aficionados do Tênis terão com o que se preocupar, a partir do dia 04 de março, se realmente quiserem medir forças com adversários e colocar em evidência suas qualidades e competência. Para tanto, a Daniel Tennis Center estará realizando, numa primeira etapa, de um total de quatro, de 04 a 07 de março, o circuito "Daniel Tennis Center".

"O mesmo será formado de quatro etapas, com pontuação pré-determinada, onde ao final de cada torneio serão computados os pontos dos participantes, formando, assim, o ranking do circuito. Ao final da última fase, teremos os campeões de cada categoria, os quais receberão prêmios oferecidos pelos patrocinadores", explicou Márcio Daniel.

A primeira etapa do circuito será "A Copa Burlamaque de Tênis", na quinta-feira, 04 de março, com início previsto para às 18 horas, onde se enfrenta-



Disputa: Grandes tenistas da Região deverão enfrentar os passo-fundenses

rão tenistas passo-fundenses e atletas de cidades situadas a menos de 100 Km da Capital do Planalto Médio.

Sexta-feira, dia 05 de março, a partir das 14 horas, acontecerá os jogos entre as categorias de 10 aos 16 anos, sendo que as demais categorias se enfrentarão, no mesmo dia, a partir das 18 horas. Caso tudo

transcorra conforme o programado, no sábado, 06, acontecerá os jogos dos tenistas residentes a mais de 100 Km de Passo Fundo.

Os interessados em participar deste grande evento, poderão obter maiores informações na Lekan - Eventos, pelo fone (054) 311-7632, em horário comercial.

Por aqui passam todos os assuntos.
Por aqui passam os olhos de muitos leitores!
Esteja você, também, à frente dos consumidores!

Anuncie ROTTA!
(054) 311-0033

Memória Esportiva

Tingaúna, a agonia de um estádio

FOTOS ARQUIVO DM

Há exatos 50 anos, a cidade de Passo Fundo era contemplada com a inauguração de um moderno (para os padrões da época) estádio de futebol. Foi no dia 1º de abril de 1951 que o orgulhoso Independente Grêmio Atlético de Amadores trazia, como paraninfo para a cerimônia, o Grêmio Porto-Alegrense, pisando pela primeira vez em solo de Joaquim Fagundes dos Reis.

O Estádio da Tingaúna, que na língua tupy-guarani quer dizer preto e branco, as cores do clube situado no alto do boqueirão, foi construído numa área doada por Aparício Lângaro. Acontece que o doador estava loteando uma área contígua, denominada Vila Lângaro, e previa a valorização dos lotes próximos do estádio do Independente, clube da elite da sociedade passo-fundense.

As obras, sob o comando do incansável presidente Hugo Lisboa, demoraram dois anos para serem concluídas. O estádio era todo cercado de tábuas, com arquibancada e pavilhão coberto, pista atlética, copa, drenagem e espaço para a construção de uma quadra de basquete, o que nunca se realizou.

A inauguração

Foi uma festa inigualável naquele ano. Um acontecimento esportivo/ social que mobilizou as mais altas autoridades do município. Junto com a delegação gremista, seu presidente Saturnino Vanzelotti e o presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Aneron Correa de Oliveira.

O Grêmio, do goleiro Sérgio Moacir, do zagueiro Cresso, dos passo-fundenses Valdemar Verardi e Heitor Moura e do centroavante Geada, empatou em 3x3 com o time amador do Independente, reforçado pelos carazinhenses Zeno e Hélio Barleze e pelo tanque, trombador, atacante Rubens Hofmeister, que jogou no Cruzeiro, de Porto Alegre, e mais tarde foi presidente da FGF. Os 3.445 pagantes, todos elegantemente vestidos, viram um espetáculo digno do grande estádio.

Grandes conquistas

O Estádio da Tingaúna foi palco de muitas conquistas do clube. O hepta-campeonato citadino, entre 52 e 58, os títulos regionais, um vice-campeonato estadual e, em 1962, a conquista máxima do Campeonato Estadual de Amadores. Dentro de seu estádio, o Independente tinha alguns fregueses de caderno, como o Grêmio Marau, Guaíba e Tabajara, de Getúlio Vargas, Gaúcho, de Serafina Córrea, 14 de Julho, de Erechim e Palmeirense, além do Riograndense local.

Seu grande nome e seus craques

Muitos dirigentes lutaram pelo Independente, como Hugo Lisboa, Deoclécio Rostro, Vitório Verardi, Cap. Geraldo Majela, Eduardo Barreiro, os irmãos Noio e Flávio Annes, entre tantos outros. Mas ninguém amou mais o clube do que Alceu Laus. Presidente por mais de duas décadas, viveu intensamente, desde a inauguração até a sua morte, o Independente.

Também muitos craques desfilaram sua categoria no gramado do Tingaúna, vestindo a gloriosa camiseta do IGAA. Heitor Verardi, Plínio Rosseto, Nívio Belotti,



Público lotou as arquibancadas no dia 1º de abril de 1951, data da inauguração do estádio

Bruno Camozzato, Perácio, Espanhol, Lelé, Jobem (os quatro últimos consagrados como os melhores jogadores de futebol de salão de Passo Fundo), Reissoli, Vando, Bruno Palma, Carmo, Serginho, Jair, Pirata, Ratinho, Juarez e mais dezenas de nomes consagrados.

O Tingaúna hoje

O Independente sobrevive neste ano, em que completa 60 anos de existência (fundado em 21/10/1941), disputando a Primeira Divisão do Campeonato Municipal de Ama-

dores, competição em que já foi campeão em 1999. O atual presidente, João Amantino da Rocha, o João Padeiro, mantém viva, com muito esforço, a chama do clube. Mas precisa de apoio, pois o Tingaúna está agonizando. Não parece mais um estádio, serve apenas para abrigar circos, parques infantis e acampamentos ciganos. Acha-se quase impraticável para o fim que foi construído: o futebol. O Poder Público e empresários poderiam ajudar o Independente a reformá-lo, devolvendo à Passo Fundo seu mais antigo estádio de futebol.



Independente de 1951, quando da inauguração do Tingaúna. Em pé: Hiran Verardi, Mauro, Hoffmeister, Flávio, Ratinho, Toinho, Noio e Vicente Souza. Agachados: Mocotó, Vete, Zeno, Hélio Barleze e Nelson Weber.

FOTO DM



Aspecto do abandono atual em que se encontra o estádio

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Povão

O povo brasileiro, de um modo geral, é simples e humilde, se resignando com o que lhe é imposto e acreditando sempre num futuro melhor. Exatamente por isso o povo voltou a acreditar e se encantar com a Seleção Brasileira, na nova "Era Felipão". E sabem por que? Porque o povo vê o treinador como a si próprio. Simples, sincero, autêntico. Desde Zagallo, nossa seleção tem tido menos torcedores.

O povo não gosta de exibicionismo, arrogância, boçalidade, isto é com os argentinos. As ofensas, como "vocês terão de me engolir", os ternos e gravatas, as entrevistas empostadas, procurando através de metáforas, explicar o inexplicável, não é coisa do nosso povão. Nunca, desde a final da Copa de 94, a vitória contra o Uruguai, será tão comemorada pelo povo brasileiro, que irá festejar a nova era, a do próprio povo.

Zinho

Um pouco antes da convocação da seleção, pelo Luis Felipe, conversei com alguns amigos e apostava em Zinho entre os 22 jogadores. Errei no palpite, mas acertei no nome. Domingo passado, foi o grande destaque, como de resto tem sido sempre. Participou dos três gols, marcando um. Certamente está numa fase técnica e de amadurecimento insofismável.

Bairrismo

A imprensa paulista é imbatível neste quesito. Está a anos-luz na frente da gaúcha e da carioca. O desprezo com que comentaram a vitória do Grêmio foi uma prova da mediocridade e pequenez de alguns cronistas esportivos. Mas nada foi pior do que assisti no canal ESPN Brasil, sediado em São Paulo. No programa Sport Center, na manhã de segunda-feira, falaram exaustivamente da vitória da seleção de vôlei, do torneio de tênis de Queens, deixando o último bloco para falar da Copa do Brasil. Pasmem: alternaram imagens dos gols do Grêmio com imagens da parada gay, que tinha acontecido na Avenida Paulista, um dia antes, tendo como fundo musical o hino gremista. Foi uma afronta ao povo gaúcho.

Inter

Conversei no final de semana passado com um conselheiro colorado, que afirmou ser correta a forma com que o presidente Miranda vem conduzindo o clube. O saneamento e a organização que vêm sendo realizados começarão a frutificar no próximo ano. Será mantida a comissão técnica, salvo se Parreira for convidado a ser o coordenador técnico da CBF, e a torcida terá muitas alegrias. É esperar e conferir.

MEMÓRIA ESPORTIVA

Tuti, um campeão brasileiro

FOTOS ARQUIVO DM

O frio rigoroso do inverno de 97 era sentido em todas as entranhas na cancha do Clube Chapecó, onde era disputado o campeonato brasileiro de bocha. Jogavam a partida de trios o Atlântico de Erechim e o Clube Nossa Senhora das Dores de Santa Maria. Vestindo a camiseta vermelha do tradicional Atlântico, o passofundense Tuti, jogador da posição intermediário. O Atlântico perdia por 8 x 1 e numa virada sensacional venceu por 15 x 8. Tuti acertou rigorosamente todas as bochadas ou tiros, no jargão bochófilo.

O jogo seguinte foi ainda mais emocionante. O dono da casa Chapecó, saiu ganhando por 4 x 0. Em nova e monumental arrancada o Atlântico chegou a 14 x 4. O Chapecó foi reagindo e ponto a ponto foi encostando no placar até chegar ao empate 14 x 14. Os torcedores apinhados em volta da cancha foram ao delírio com a reação e possibilidade de uma vitória histórica. Os jogadores erechinenses olhavam-se não acreditando no que viam. A classificação às semifinais estava escapando entre os dedos. Mas a sorte também acompanha os bons e faltando duas jogadas para Atlântico, que não estava com o ponto, aconteceu uma jogada brilhante.



Equipe do Clube Recreativo Juvenil, campeã citadina de bocha em 2001. Tuti é o primeiro agachado, da esq. pra direita

Tuti ergueu o braço e largou a bocha exatamente em cima do balim. A pequena esfera voou contra a parede e voltou encostando numa bocha gaúcha que estava praticamente fora do jogo, 15 x 14, estava terminado o jogo. A festa foi extraordinária e no restante da competição o trio não precisou jogar, pois o simplista e a dupla venceram suas partidas e o título brasileiro veio para majestosa sede da Sociedade Esportiva e Recreativa Atlântico. A dramática vitória dá a exata dimensão de como este jogo é empolgante.

Tuti é o apelido do representante comercial Itamar Vanzetta, na atualidade um dos melhores jogadores de bocha do Rio Grande do Sul. Tuti começou

a jogar bocha em 1981 no Clube Industrial.

Sócio da entidade, morava próximo a ela e acostumou-se a assistir aos jogos. Um dia faltou um jogador e ele foi convidado a entrar em quadra. Gostou do jogo e de sua própria performance e nunca mais deixou de jogar. Foi titular do time do Industrial durante nove anos. Nesse período venceu algumas vezes o campeonato da cidade e várias outras competições. Em 1990 foi vice-campeão estadual de trios, em Santa Maria, numa competição que reuniu 109 equipes. Em 91 foi jogar no Clube Campestre e junto com o colega Odilon Garcia foi o idealizador das modernas canchas do clube.

Em 1993 foi convidado a

jogar no forte time do Clube Recreativo Juvenil, onde está até hoje e vive seu melhor momento no esporte. Sua única e breve saída foi para reforçar o Atlântico no campeonato brasileiro. O Clube Juvenil com Tuti de titular venceu consecutivamente nove vezes o campeonato da cidade e está na iminência, justamente neste final de semana, de chegar a décima conquista, quando estará decidindo mais um título citadino. Também pelo Clube Juvenil Tuti foi campeão gaúcho em 1994, quando em outra final de tirar o fôlego bateu o Unidos de Santa Maria.

Chegou agosto, o mês da Copa do Mundo de Bocha, o maior evento esportivo da história de Passo Fundo e Itamar Vanzetta faz parte da comissão organizadora da competição. Seu dia necessitaria bem mais do que vinte e quatro horas, em face dos inúmeros afazeres que esses abnegados dirigentes estão responsabilizados a realizarem. Por outro lado Tuti, o jogador, compõe juntamente com Gerson, Cesar e Leandro o quarteto que representará o Brasil, com a camisa do Clube Recreativo Juvenil. Chegando ao escritório de Tuti, vê-se que apenas o título mundial falta para ornamentar sua galeria de troféus.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Campeonato Brasileiro

Começa hoje mais um brasileiro. Vai ser o campeonato da miséria. A maioria dos clubes com jogadores jovens, saídos das categorias de base ou de clubes pequenos. Jogadores mais experientes mudando de clubes e insatisfeitos com as reduções de salários. A competição terá equilíbrio técnico, mas com nivelamento por baixo. Ademais uma overdose de jogos na TV, com transmissões das divisões A e B, tirará ainda mais o público dos estádios. O futebol brasileiro está ingressando numa nova realidade e haverá uma espécie de estágio para que o esporte volte ao normal, com competições atraentes, daqui a talvez um ou dois anos.

Campeonato Brasileiro II

Bom, o São Caetano está chegando sempre e não é mais novidade. O Brasileirão quase chegou na Copa do Brasil e o Paysandú chegou na Copa dos Campeões. São os pequenos nivelando-se com os grandes ou será o contrário. Pelo que tenho observado apenas o São Paulo está investindo em contratações de vulto. O resto é uma pindaíba só. Embora seja o clube mais deveroso do futebol brasileiro, acredito que a diretoria de trabalho do Flamengo dará resultado. Seu time é formado basicamente por jovens pratos da casa. E quando se investiu nesse tipo de trabalho o clube se deu bem. Lembrem-se de Zico, Tita, Adílio, Junior, Leandro, Mozer etc. Acho porém que Lula Pereira não é treinador ideal para essa equipe. Entre quase 26 candidatos ao título, creio que São Paulo e Flamengo chegarão longe.

Futsal

O Capingüi terá que necessariamente lotar para ajudar a UPF/Semeato/Clube Juvenil a conquistar a vitória contra a UCS. O time de Caxias do Sul é o mais temido e direto adversário pelo direito de chegar às finais. A vitória em casa portanto é fundamental. Se vencer, os pontos perdidos inexplicavelmente nas duas primeiras rodadas, talvez não façam falta.

Bocha

A partir desta semana iniciam-se os treinamentos nas canchas onde serão disputadas as partidas do campeonato mundial de bocha, no Clube Juvenil. O time de Passo Fundo terá um tempo curto para adaptar-se a cancha e as regras. A saída será treinar até a exaustão. Durante a semana um grande público irá assistir aos treinos dos craques Tuti, Gerson, Cesar e Leandro. O povo passofundense e a imprensa precisam começar a viver mais intensamente o clima desta competição que será histórica.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Paulo Rigon

Quem não sabe do relacionamento fraterno que mantenho com o estimado amigo Rudimar Pedro até poderá imaginar que esse relato seja uma resposta ao que ele publicou neste espaço, no



domingo, 4 de agosto. Desde criança gosto muito de futebol. Em minha vida tive o privilégio de presenciar grandes jogos. Talvez o primeiro foi uma partida do 14, reforçado pelo genial Garrincha, contra um dos clubes de Erechim. Após, vários grandes jogos do Gaúcho e do meu 14, contra dupla Gre-Nal ou times do interior. Na seqüência, por exemplo, com 15 anos de idade estive no Beira Rio na extraordinária conquista do primeiro título brasileiro pelo colorado.

Tive a oportunidade de assistir algumas emocionantes edições do Gre-Nal, de vários clássicos entre Brasil e Pelotas, o disputado e emocionante Bra-Pel. Grandes jogos, principalmente do Brasil em campeonatos brasileiros contra clubes

de todo o país, entre eles aquele 2x0 diante do Flamengo de Zico, Mozer, Fillol, Júnior e cia. Além desses, até algumas partidas da Seleção Brasileira em Porto Alegre.

Apesar disso, o meu jogo inesquecível foi um 14 x Gaúcho, à noite e no final dos anos 70. Como o Rudimar, eu estudava no Cecy e também matei a aula para assisti-lo. Juntamente com o colega Henrique Milan furei o controle dos queridos professores Geraldo Hallwas e Neiva Tonal. Depois, nós dois acompanhados pelo também professor do Redator Auxiliar e amigo Ironi Andrade, de táxi rumamos ao estádio da montanha. Lá comorei muito a vitória de 1x0 do 14 com um gol de cabeça do Kita.

Quase tão bom quanto a sua cama, com a vantagem de acordar em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e INFORMAÇÕES

311.1226





Arte: Leonardo Dóro

Esporte

UM CRAQUE CHAMADO POLACO

FOTO DIVULGAÇÃO

A crise financeira mundial no final da década de 20, as revoluções, a crise política, que abalou o País, até a metade dos anos 30, refletiram em todos os segmentos da sociedade brasileira. Com o futebol, mesmo sendo amador, não foi diferente. Clubes como o 14 de Julho, Gaúcho e Rio-grandense, fecharam temporariamente suas portas. Foi neste período difícil e condições adversas, que surgiu o Esporte Clube Cruzeiro, time da Brigada Militar, que sozinho, manteve a paixão pelo futebol em Passo Fundo.

A CHEGADA DO CRAQUE

Por volta de 1934, chegou em Passo Fundo, um soldado cujo nome era Romário Pires de Oliveira, nascido no dia 11 de maio de 1913, na distante cidade de Alegrete. Seu apelido era

Polaco, e se apresentou como um atacante que tinha um chute potente. O Tenente Octaviano Lerina Lopes, presidente do clube e um apaixonado pelo futebol, logo percebeu que se tratava de um grande jogador.

CAMPEÃO REGIONAL

Com Polaco na meia-esquerda, ao lado de outros craques, o Cruzeiro, tornou-se campeão regional em 1936, cujo time básico tinha a seguinte formação: Toró, Alfredo, Rasga - Diabo (Irmão de Polaco) e Lavico (Alemão); Jerônimo (Volny), Zica e Alberico; Peixe (Elpídio), Jamegão Célio Barbosa Polaco e Rádio (Aristeu). Era um grandetime de futebol. Na partida decisiva contra o Rio-grandense de Cruz Alta, o tricolor passo-fundense venceu por 3 a 2, gols de Polaco,



Em pé: (E): Não identificado, Gerônimo, Zica, Polaco, Alberico, Alemão, Aristeu. Agachados: Lavico, Célio Barbosa, Elpídio, Jamegão, Rasga-Diabo, Toró e Ajala.

Jamegão e Alfredo Rasga-Diabo.

RECONHECIMENTO

Polaco foi um dos grandes goleadores da história antiga do futebol de Passo Fundo. Jogando sempre ao lado esquerdo, possuía um chute extremamente forte. Eram poucos os goleiros que se atreviam a colocar a mão na bola, quando Polaco batia pênaltis. Para se ter uma idéia mais abrangente do futebol de Polaco, basta reproduzir o trecho publicado na Revista Brigada Gaúcha, de abril de 1956, que falava sobre os atletas brigadianos, como Tesourinha, Laxixa e Zeno, no futebol, mais Volmi das Missões, Bocorni e João Alcina Junior, no atletismo. Diz assim a revista: "...Dizem, entretanto, que o mais espetacular craque brigadiano foi Polaco, um meia-esquerda que pertencia ao quadro de

praças do 3º RC (Passo Fundo). Em 1936, apreciamos de perto as suas performances. Era de fato um espetáculo. Tivesse surgido hoje, estaria rico..."

RIO-GRANDENSE

Após a extinção do Cruzeiro, em 1938, quase todos os jogadores, transferiram-se para o Rio-grandense, trocando de emprego, indo para a Viação Férrea. Polaco também foi jogar no 'ferrinho', porém, permaneceu na brigada Militar. No Rio-grandense se consagrou, sendo bi-campeão Citadino e Regional em 41/42, e campeão Citadino em 1944.

O time de 1941, formado por Lângaro, Alfredo Rasga-Diabo e Gury (irmão de Ivo Aguiar); Custódio, Sabino e Nativo, Come-Bola, Marcondes, Célio Barbosa, Polaco e Orestes, tornou-se semifinalista do campeonato estadual, perdendo apenas para o grande

Internacional de Porto Alegre e seu rolo compressor.

O time de 1944, o último grande esquadrão do 'ferrinho', formava com Abeí, Sabino e Isabelino; Custódio, Quero-Quero e Banha; Adão Galinha Morta, Marcondes, Célio Barbosa, Jamegão e Polaco. Aqueles que tiveram o privilégio de tê-los visto jogar, falam maravilhas desses craques.

O ADEUS

Aquele menino de origem humilde, que jogava com bola de meia nas ruas e campinhos de terra batida de Alegrete, tornou-se um gigante, um extraordinário craque de futebol, que encantou gerações de torcedores e que ainda hoje é lembrado com saudade por aqueles que tiveram a alegria de vê-lo em campo. Polaco, faleceu no dia 10 de outubro de 1977, na cidade de Getúlio Vargas, entristecendo o mundo da bola.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA CONSAGRAÇÃO "PAZ"

Rev. Carlos Hasse
Rua João Coni, 62 - Bairro São Cristóvão
Fone: 313-1770

CULTOS:
1^{os} e 3^{os} Domingos 9h - 2^{as} e 4^{as} Sábados 19h

Vivendo em Cristo

"(Deus) vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2.1)

Jesus disse: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Normalmente a qualidade de vida de uma pessoa é avaliada em termos de comida, roupas, saúde, emprego e salário. E constatamos que muitos vivem em péssima situação. Os ricos, entretanto, têm de tudo e do melhor. Isto, porém, não basta.

A vida "em abundância" que Jesus oferece, vai muito além dos bens materiais. E sem esta vida em Cristo todos os homens são imensamente pobres e vivem em péssima qualidade de vida. O apóstolo Paulo diz que todos, por natureza, estão mortos em delitos e pecados. Vida com qualidade, rica e abundante, encontramos unicamente em o Cristo.

Mas que vida é esta?

É a vida que nasce de um coração perdoado e convertido. É a vida que "não consiste na abundância dos bens" (Lc 12.15) que alguém possui. Consiste nos bens espirituais, dádivas graciosas de Deus, tais como: fé, esperança, paz, alegria, amor, paciência e misericórdia. É vida abundante, porque sacia as necessidades da alma, proporciona comunhão com Deus e penetra na eternidade.

Esta vida está em Cristo! Esta vida Deus a oferece a nós, que estamos mortos em delitos e pecados. E dela brotam as energias que queimam o egoísmo, a injustiça e a indiferença. E acendem a compaixão, a honestidade e todas as virtudes cristãs, que glorificam a Deus e proporcionam conteúdo e dignidade à vida humana. Isto é a vida em Cristo. Vida abundante. Ela está à disposição de todos. Pela fé em Jesus, o Filho de Deus, ficamos livres de nossas culpas e pecados, e passamos a viver nele, em justiça e retidão. Busque a Jesus, prezado leitor! Ele garante: "O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.37)! Amém.

V.R.

MARCO ANTONIO DAMIAN

Marco Antonio Damian é passo-fundense, e autor do livro: "Futebol de Passo Fundo - Contribuição A Sua História", que vendeu mil exemplares em sua 1ª Edição. Fervoroso torcedor, Marco Damian vem, há tempos, dando a sua parcela de colaboração, em especial, para o futebol. Pesquisador e historiador, Damian possui uma invejável biblioteca sobre os assuntos da bola. Atualmente, prepara dois livros. Um sobre a história do futebol do S.C. Gaúcho e outro sobre as histórias do nosso futebol. E é ele quem estará nesta página, a partir desta edição do ROTTA, trazendo (ou escrevendo) muitas recordações de grandes homens que já passaram pelos "campos" do futebol e que, para muitos, foi o maior troféu da existência. Boa Leitura!

UM "SEQUESTRO", UM JOGO E UMA DERROTA

Internacional e Grêmio disputaram suas partidas pelo campeonato gaúcho de 1969, até o final de agosto. Faltando apenas duas rodadas, o campeonato foi interrompido para que a dupla Gre-Nal jogasse o Robertão (o certame brasileiro da época). A penúltima rodada marcava Internacional x Cruzeiro e, Gaúcho x Grêmio. Na última, somente o clássico, no Beira Rio.



Equipe do S.C. Gaúcho, em 1968. A seta aponta o lateral esquerdo Jamir

A GRANDE RIVALIDADE - O Grêmio era o hepta-campeão estadual, e estava com um ponto a menos que o rival. Os chamados "mandarins, que dirigiam o Inter, comandados por Carlos Stechmann, Aldo Dias Rosa, Ibsen Pinheiro, Ivo Correia Pires e outros, trabalhavam muito bem o terreno extracampo, pois segundo eles, era onde o clube perdia os campeonatos. A semana em que antecedeu a rodada foi uma verdadeira guerra de bastidores. O Colorado abertamente ofereceu dinheiro ao Gaúcho, para tirar pelo menos um pontinho do tricolor. Esse por sua vez, ameaçava colocar o jogo "sub-judice", em razão da oferta do inimigo. A imprensa especializada de Porto Alegre, incendiava ainda mais essa paranóia. Viam-se diabos e fantasmas em todos os cantos deste Rio Grande.

... ENQUANTO ISSO EM PF - O Gaúcho era só problemas. Por força de ter ficado mais de dois meses sem qualquer atividade, o alvi-verde dispensou seu plantel. Folha de pagamento onerosa e pouquíssima receita, foram motivos claros para aquela atitude. O treinador, Altino Nascimento, tinha ido embora. Reagrupou-se o plantel. O volante Flávio, voltou de São Paulo. Zangão e Ramiro, que haviam viajado ao Rio de Janeiro, para fazer testes no Vasco, chegaram dois dias antes da partida. Notou-se apenas uma ausência. Jamir. Um dos melhores do time. Lateral esquerdo de altíssima qualidade, vindo do Corinthians

Paulista, um ano antes. O jogador desaparecera. Boatos, especulações, desencontros de informações. "JAMIR SUMIU", era a manchete dos jornais locais e da Capital. O que aconteceu? Onde está? Todas as neuroses voltaram.

A TÁTICA GREMISTA DEU RESULTADO - Sem Jamir, o periquito recorreu ao "velho" Maneca. Estupendo jogador, porém em vias de aposentadoria do futebol, e que há muito não jogava. O técnico gremista Sérgio Moacir Torres Nunes, usou a tática mais simples e eficiente possível. Flexa, ponteiro veloz e driblador, mais João Severiano, cérebro do time, jogaram exatamente "em cima" de Maneca, completamente sem ritmo de jogo. Duas jogadas de João Severiano, aos 6 e 15 minutos de jogo, e dois a zero para o Grêmio, os 2 de Flexa. O técnico Marco Eugênio, tardiamente, colocou Flávio, como cobertura ao lateral esquerdo, e com isso o jogo equilibrou. Maneca a partir daí, anulou Flexa, quando começou a aparecer o grande nome da partida. Raul Matté. Jogou como nunca. Seu espírito guerreiro aflorou, e ele passou a comandar uma quase reação periquita. Quase, pois ainda no primeiro tempo, o árbitro Jefferson de Freitas, não apitou pênalti claríssimo sobre Índio. Na segunda etapa, o massacre alvi-verde continuou, mas não se refletiram em gols a superioridade técnica, tática e de raça. Os jogadores, torcedores e diri-

gentes do Gaúcho, mesmo derrotados, mostraram uma valentia, uma hombridade e uma demonstração de vergonha na cara.

O REAPARECIMENTO - Alguns dias após a partida, Jamir reapareceu em Porto Alegre. O jornal Folha Esportiva, estampava fotografia do jogador, que alegava estar o Gaúcho em débito consigo, motivo pelo qual, não jogaria mais em PF. Logo após, assinou contrato com o Grêmio, onde permaneceu por um ano, saindo do cenário futebolístico em seguida. Recentemente noticiou-se que Jamir exerce a função de técnico de futebol no interior de São Paulo. Na época, e ainda hoje, pessoas ligadas ao Sport Club Gaúcho dizem que, na ante-véspera do jogo, o cônsul do Grêmio em PF, com a anuência do jogador, escondeu-o em sua fazenda, no interior do Município, posteriormente levando-o a Porto Alegre. E, a história passou a fazer parte do curioso folclore do futebol passo-fundense.

FICHA TÉCNICA DA PARTIDA
S.C. Gaúcho - Nadir, Adilson, João Pontes, Daizon Pontes e Maneca; Raul Matté e Flávio, Meca, Índio, Zangão e Ramiro (Serginho)
Grêmio - Breno Kirinus, Valdir Espinosa, Di, Áureo e Everaldo; Jadir e Paíca; Flexa (Babá), João Severiano (Tupanzinho), Hélio Pires e Loivo.
Árbitro - Jefferson de Freitas
Renda: NCR\$ 9.001,00.

Sincomércio dá seu apoio ao esporte

Em importante reunião do Esporte Clube Passo Fundo, realizada no dia 28 último, o Sincomércio - Sindicato do Comércio Varejista de Passo Fundo, a convite do presidente do clube, Elói Taschetto, se fez presente e firmou compromisso de dar todo o apoio possível ao time, que em 1999 volta com muita disposição a divisão principal do Campeonato Gaúcho.

"É importante o envolvimento dos comerciantes, e sua participação, para apoiar o futebol local. Principalmente, no momento em que o time, que leva o nome da cidade, precisa do nosso respeito, participação e incentivo. Vários são os motivos que nos levam a liderar uma campanha visando buscar esta participação coletiva dos comerciantes. Um dos mais

importantes, é que o comércio, setor com mais representação na economia do município, não pode ficar alheio ao incremento que a cidade terá com a participação do Esporte Clube Passo Fundo na divisão principal", alerta Jorge Morsch.

O presidente acredita que Passo Fundo será anfitriã de milhares de pessoas, que aqui estarão para assistirem aos jogos. "O time estará trazendo para a cidade a atenção do Rio Grande do Sul e do Brasil de diversas formas, mas principalmente através da mídia. Vem daí a importância de uma entidade, como o Sincomércio, somar-se a outras forças vivas da comunidade, e nesse momento tomar parte publicamente, convocando o comércio a colaborar com o esporte local" frisa Jorge Morsch.



Parceria: Jorge Morsch assumiu com Taschetto campanha em prol do Passo Fundo

DR. FRANCISCO XAVIER
ADVOGADO

OAB 27.754

Gal. Mazzoleni C.J. 604
Gen. Netto, 386 6º Andar
Passo Fundo-RS
Tel.: (054) 313-4964

REVISTA
IORUBÁ

LEIA E ASSINE JÁ

REDAÇÃO, EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO:
RUA JOÃO VERGUEIRO, 107 - BAIRRO LUCAS ARAÚJO
FONE: (054) 312-3609 - PASSO FUNDO - RS

A Revista Iorubá vai abordar em todas as formas a herança cultural e religiosa da sociedade negra que, sob diversas influências, acabou formando um equilíbrio harmônico entre passado e presente. Além de apresentar ao leitor de todos os credos uma alternativa cultural sobre religiosidade brasileira.

Memória Esportiva

Independente X Palmeirense Um velho clássico

FOTOS ARQUIVO DM

O Palmeirense, adversário do Gaúcho neste domingo de Páscoa, é um velho rival do futebol de Passo Fundo. Foram várias as vezes em que enfrentou nossos clubes, especialmente na era do amadorismo. Em 1953, como campeão da chave 1, que envolvia equipes de Irai, Sarandi e o Palmeirense, disputou as quartas de finais, contra o Independente, campeão de chave 4, que havia derrotado o Guaíba, de Getúlio Vargas e o 14 de julho de Erechim.

Primeiro jogo

A FRGF designou a primeira partida para Palmeira das Missões, para onde seguiu o Independente. O velho ônibus, saiu de Passo Fundo, debaixo de um dilúvio. O aguaceiro era tanto, que o percurso até Carazinho, demorou mais de duas horas. Sete quilômetros após, não teve jeito. O ônibus atolou, e os jogadores voltaram a Carazinho a pé, debaixo de uma chuva torrencial. No domingo seguinte, agora com sol, a delegação conseguiu chegar ao destino. Quando os torcedores e jogadores do Palmeirense viram chegar aqueles rapazes, quase meninos, deram como favas contadas a vitória do alvi-rubro. Conta Sérgio Félix, então comentarista da ZYM 9, Rádio Palmeira: "Como o time da casa era formado



Independente de 1953 - Em pé: Bruno, Antoninho, Hugo, Elmes Andreis, Hiran e Scortegagna; Agachados: Linhares, Pepino, Plínio, Verardi e Juarez

por jogadores experientes e bandidos, imaginamos que os garotos de Passo Fundo fossem fugir do pau. Que bastaria dar uma chegada mais ríspida para amedrontá-los. Mas o que se viu depois que a bola rolou foi

uma desagradável surpresa para nós. O Independente ficou os 20 minutos iniciais dentro de nossa área e o massacre foi inevitável".

E realmente o que ninguém esperava, em Palmeira das Missões, aconteceu. O Independente, comandado pelo treinador Sargento Pontes, jogando num precioso toque de bola, contando com jogadores de alta técnica, venceu com facilidade, por 4x2. Plínio Rosseto foi o grande nome da partida, marcando três gols. O ponteiro Clóvis completou o marcador. Estevam e Sombra descontaram.

Segundo jogo

Jogando no estádio da Tingaúna, teoricamente a vitória seria fácil para os passo-fundenses. Porém o Palmeirense tirou uma lição de humildade da partida anterior e, mesmo inferior tecnicamente, impôs muitas dificuldades para o time da casa. Tanto que o primeiro tempo terminou com o placar em branco. Na segunda etapa o Independente conseguiu impor sua hierarquia técnica e venceu por 2x0, gols de Plínio Rosseto e Heitor Verardi, eliminando seu adversário na competição. Nas partidas semifinais, o clube de Passo Fundo enfrentou, numa série de três jogos, o Internacional de São Borja. Mas aí já é outra história...

Os times

O Independente, que tinha o sério desfalque do ponteiro direito Alberto Scortegagna, que havia sofrido uma fratura num jogo da União Passo-fundense de Estudantes (UPE) contra um selecionado de Passo Fundo, jogou a última partida contra o Palmeirense com Bruno Palma, Hugo Loss e Tibe; Egídio Reolon, Pinheiro e Hermes Andreis, Clóvis Linhares, Pepino Silva, Plínio Rosseto, Heitor Verardi e Juarez.

O Palmeirense foi derrotado com Zancki, Paulinho Érico; Tomazi, Semedo e Secretário; José, Danilo, Sombra (o grande destaque do time), Olney e Elias.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian

Claudio Duarte

A direção do Internacional, tanto criticada, com razão, pelas decisões ou indecisões de seu departamento de futebol, acertou em cheio na escolha de seu novo treinador. Cláudio, não o nosso grande amigo da cervejaria e do famoso cachorro quente do shopping, mas sim Cláudio Roberto Pires Duarte, o homem talhado para tentar tirar o time do atoleiro.

Motivador, brincalhão, profundo conhecedor do futebol da terra e estrategista, certamente dará ao time um novo perfil. Colocar em campo jogadores que tenham a vontade de vencer, exigir do atleta o máximo que ele possa oferecer. Esse será o grande trabalho do treinador. Mas, a princípio, os deuses do futebol estão conspirando contra ele. Não conseguiu treinar em seu primeiro dia de trabalho, em razão das chuvas e não terá contra o Caxias, no Centenário, três de seus principais jogadores: Luiz Cláudio, Lê e Fábio Rochembach. Somente o tempo dirá se o Internacional irá engrenar. Mas uma coisa é certa. Se não acertar com Cláudio, não acertaria com ninguém.

Tite

O técnico do Grêmio deu um banho tático em Zé Mario, no Grenal. Os elogios já subiram para sua cabeça. Contra o Juventude, ficou amarrado na marcação imposta por Hélio dos Anjos, escalou mal e substituiu mal. Sair jogando com Alex, no lugar de Marinho, é um escândalo. A torcida gremista deveria processar o técnico por improbidade contra o clube.

Depois, empatando em 0x0, resolve tirar seu centroavante para colocar um meia-direita. Não se troca centroavante, a não ser por outro, ou quando, faltando cinco minutos, quiser segurar o resultado. Tomou o gol e ficou sem o seu homem de área. Com sua elegância ao vestir (esperem chegar o inverno, que passará a usar ternos, como em Caxias) e sua dialética nas entrevistas, com boa fluência verbal e voz empostada, Tite não lembra Vanderlei Luxemburgo? A máscara também é a mesma?

Alcindo

Com 100% de aproveitamento em jogos em casa, o Gaúcho pegará o Palmeirense fora e a derrota ficará dentro da lógica. Mantendo as vitórias no Wolmar Salton, o Gaúcho, de Alcindo, poderá chegar com tranquilidade a classificação para a próxima fase, e as duas outras partidas fora, Canoas e Ypiranga, os lanterna, são passíveis de vitórias.



Independente - De trás para frente: Tróglgio, Pepino, Clóvis Linhares, Juarez, Elmes Andreis, Hugo Loss, Pinheiro, Egídio, Verardi, Plínio, Bruno e Arlindo Agostini



Ataque do Independente: Alberto, Pepino, Plínio, Verardi e Juarez



Esporte

Numa família de craques surgiu Heitor Verardi

Decorria a década de 40. Em sua primeira metade, foi a década do medo, das incertezas, da guerra. Alheios às preocupações, quatro irmãos tinham como prioridade, além dos estudos, correr atrás da bola, no campo de futebol construído pelo pai, Vitório Verardi, localizado no bairro Exposição, exatamente onde hoje está edificada a fábrica número 1 da empresa Semeato. O mais velho, Valdemar, já era um craque.

Os irmãos do meio, Hiran e Antonio Carlos, também bons de bola, já despontavam e eram assediados pelos clubes locais. Heitor, o mais jovem, era o que levava mais jeito com a bola nos pés.

NO INDEPENDENTE -

A pedido de "seu" Vitório, os quatro começaram a jogar no Independente. Quando Heitor, com mais ou menos 14 anos de idade, ganhou a titularidade no alvi-negro, Valdemar já estava consagrado, jogando pelo Grêmio. Na meia esquerda, Heitor Verardi foi bicampeão citadino e regional, nos anos de 1952/1953, num Independente cheio de grandes jogadores, como o próprio Hiram Verardi, Bruno Palma, Egidio Reolon, Roque Piovesam, Pepino Silva, Plínio Rosseto, Pinheiro, Hermes, Juarez, Vêncio, Antonio Verardi e outros.

NO INTERNACIONAL -

Em 1954, Heitor foi terminar o curso científico em

REPRODUÇÃO CZAMANSKI



Ataque do Independente em 1953 - (esquerda para direita) Alberto, Pepino, Plínio, Verardi e Jurez

Porto Alegre. Lá chegando, recebeu convite do irmão Valdemar para jogar no Grêmio, contratado como juvenil. Numa tarde, passeando pela Rua da Praia, encontrou-se com Tarzan Numer, torcedor notório do Internacional, que imediatamente acionou a direção colorada, que pôs na frente do craque um contrato como profissional remunerado. Como era menor, teve de conseguir a anuência de seu pai, que imediatamente autorizou. O Internacional acabava de ganhar um extraordinário jogador de futebol. Heitor ficou no Internacional até 1959, ano em que formou-se em Odontologia, sua maior ambição. Neste período, entretanto, viveu momentos brilhantes vestindo a camiseta rubra. Visitou vários países, jogou contra monstros sagrados do futebol brasileiro e mundial, como Pelé, Garrincha, Didi, Nilton Santos, Pepe, Zito, Djalma Santos e muito outros. Ao seu lado teve as presenças de Odorico, Bodinho, Larry, La Paz, Chinezinho, Ivo Diogo, Joaquinzinho, Florindo, Mossoró, Oreo, Zangão, Jerônimo, Luizinho, Brito, Tati, Osvaldinho, Salvador e muitos outros craques.

UM GRE-NAL ESPECIAL -

Em agosto de 1958, antevéspera de gre-nal, Verardi, já concentrado para o jogo, recebe uma desesperadora notícia. Seu pai, Vitório Verardi, havia falecido. Imediatamente o craque viajou de avião a Passo Fundo para acompanhar seu pai a sua última morada. De volta a Porto Alegre foi convencido por dirigentes rubros a entrar em campo, mesmo sem condições

emocionais. Todos os torcedores sabiam da dor do craque, que adonou-se do meio campo, e era a melhor figura da partida. Aos nove minutos do segundo tempo, o goleiro La Paz manda um balão para Ivo Diogo, que cruza para Bodinho pegar de sem pulo, inaugurando o placar. Heitor caiu em choro compulsivo, no que foi acompanhado pela torcida colorada. Foi um dos grandes momentos vividos pelo futebol gaúcho.

NO 14 DE JULHO -

Em 1960 retornou a Passo Fundo para montar seu consultório dentário e casar com sua noiva Marluza. Tinha apenas 24 anos, e a paixão pela bola o levou de volta aos gramados para vestir outra camiseta vermelha, a do 14 de Julho. Jogou até 1964, sendo campeão citadino em 1960, 1962 e campeão regional em 1964. Jogou ao lado de outros craques, como Nívio, Plínio Rosseto, Caíco,

Meca, Armando Rebecchi, Wando, De Carli, Vadeção, Juca, Luiz Roberto, Ubiratã, Délio, Santarém, Lara, Alceu, Raul, Tuta, Nelcy, Piranha, Paulinho, Mariotti, Zoca, Biguá, Calé, Chita e outros.

UM VERDADEIRO CRAQUE -

Heitor tinha um perfeito domínio de bola. Um pouco lento e avesso a preparação física, o impediram de chegar à seleção brasileira. Ao dominar a bola, dificilmente algum adversário a roubava de seus pés. Fazia lançamentos longos e preciosos, e raramente errava passes. Certa feita o técnico colorado Martim Francisco, pediu a Heitor que atravessa-se o campo de jogo com a bola nos pés, para mostrar a seus colegas como se carregava uma bola. Foi campeão brasileiro universitário, jogando pela seleção gaúcha, em 1956. Heitor Verardi é um dos maiores nomes de Passo Fundo, no cenário esportivo brasileiro.



Internacional em 1958 - em pé - Dilson, Kim, Barradinhas, Silveira, Zangão e Bruno Camozzato. Agachados - Joaquinzinho, Ivo Diogo, Larry, Verardi e Deraldo

Lançamentos

EDITORA
VOZES

CUSTO BRASIL - Mitos e Realidade

"No momento em que o crescimento volta a ser colocado na ordem do dia na maioria dos países, não vejo razão para que o Brasil permaneça bloqueado por uma política econômica míope e recessiva, que coloca o empresário nacional e o trabalhador em franca desvantagem frente aos congêneres estrangeiros. Num mundo cada vez mais globalizado e exposto à concorrência internacional, é condição de sobrevivência baixar o custo Brasil e equipar os nossos produtores com armas iguais ou, por que não, até melhores que seus competidores estrangeiros. Não é possível enfrentar tigres com lanças de papel. Evidentemente que não é o caso de superproteger uma indústria pouco competitiva que se esconde atrás da saia do governo. Mas sim de expô-la racionalmente e gradativamente à competição internacional, de forma ordenada e programada, dando uma oportunidade para os empresários e os trabalhadores brasileiros. Sem dúvida é preciso acabar com o paternalismo, porém sem instaurar a lei da selva". (LULA)

Autor: Luiz Inácio Lula da Silva



Equipe do 14 de Julho 1961 - em pé - Piranha, Luiz Roberto, Alceu, Nadir, Nívio e Vadeção. Agachados - Caíco, Meca, Jairo, Verardi e Saul

Memória Esportiva

Uma história de breve sucesso

FOTOS ARQUIVO DM

Telmo Aita é uma pessoa vastamente conhecida em Passo Fundo. Muitos o conhecem como maratonista, pois até bem pouco tempo competia em maratonas e rústicas em Passo Fundo e em todo o Brasil. Participou de corridas em Porto Alegre, Rio de Janeiro e em muitas outras localidades. Sua residência é repleta de medalhas e troféus ganhos pelo atleta que começou a correr com 55 anos de idade e por quase vinte anos participou de mais de 800 provas, terminando rigorosamente todas, mesmo que algumas vezes estivesse lesionado.

Poucos porém conhecem Telmo Aita como um ex-jogador de futebol, lateral-direito de muito fôlego, bom marcador, que nasceu em Cruz Alta, numa família de jogadores de futebol. Seu primo Natalino Aita, foi ponteiro-direito do Guarany e depois do Nacional; Clélio Aita, que jogava com o apelido de Pepino, reside em Passo Fundo e foi um extraordinário meia-direita do Gaúcho e Internacional, entre outros; e o melhor de todos, Clóvis Aita,

centro-avante do Cruzeiro, de Porto Alegre, Gaúcho, Guarany, de Cruz Alta e Veterano, de Carazinho.

Em 1946, Telmo Aita, com 18 anos de idade, foi tentar a sorte no Internacional. Jogou no time de aspirantes. Acontece que o Internacional da época era chamado de Rolo Compressor e jogava com Ivo, Alfeu e Nena, Viana, Ávila e Abigail, Tesourinha, Vilalba, Adãozinho, Rui e Carlitos. Era praticamente impossível algum outro jogador ser titular naquele time. Mas como na época não havia substituição durante os jogos, quem não jogava como titular era aspirante e fazia a preliminar do time principal. Desta forma os torcedores chegavam cedo, pois os aspirantes também eram um grande time. Telmo afirma que nenhuma vez conseguiu jogar no time principal.

No ano seguinte foi jogar no Floriano, de Novo Hamburgo, um respeitável time, que tinha como rival o Esperança, de Hamburgo Velho. Telmo jogava na companhia de grandes jogadores como Periquito, Crespo, Ilmo, Mirão, Zulfe, Ildo

e outros. Foi campeão hamburguense. Em 1948 veio para o Gaúcho, e foi titular do time campeão cidadão, depois de oito anos sem nenhuma conquista. Formava o Gaúcho com Vêncio, Barão e Guaporé, Telmo, Vicente e Auro, Dom Pedrito, Libinho, Labarthe, Chinesinho e Alexandre. Era um senhor time, com um ataque dos sonhos. Com exceção de Alexandre, que era bom jogador, todos os outros eram craques.

Depois teve uma meteórica passagem pelo Araucária, de Carazinho, clube que teve uma duração fugaz. Seu próximo time foi o Glória, também de Carazinho, campeão da cidade. Pelo campeonato estadual, o



Telmo com a faixa de Campeão de Passo Fundo, título conquistado pelo Gaúcho em 1948

Glória venceu na semifinal o Esportivo, em Bento Gonçalves por 3 x 2, com uma festa memorável na cidade, na volta dos jogadores. Na partida final foi eliminado pelo Ferro Carril de Uruguaiana.

Aos 21 anos de idade, com vários títulos e uma passagem pelo Internacional, o melhor time do Rio Grande do Sul, Telmo tinha tudo para continuar uma exuberante carreira. Mas o cupido disparou sua flecha bem no coração do craque que, apaixonado por uma moça, filha de fazendeiros de Rio Pardo, trocou a bola para cuidar de mais de três mil cabeças de gado. Telmo Aita, graças a uma vida bem regrada de verdadeiro atleta, goza de saúde perfeita e está sempre na companhia de amigos a contar histórias fascinantes do mundo da bola.



Sport Club Gaúcho de 1948 - Em pé: Barão, Vêncio, Telmo, Bino, Vicente e Aúreo. Agachados: Danilo, Carlitos, Clóvis, Chinês e Alexandre

Meu jogo inesquecível

Marco Antonio Damian

Lembro que levantei muito cedo naquele sábado, não recordo o dia, para ir a Porto Alegre. Tinha 16 anos de idade e estava eufórico para assistir o jogo do século entre seleção gaúcha x seleção brasileira.

A partida era em desagravo a não convocação de Everaldo, campeão mundial, para Copa Independência de 1972. Para meu desespero meu irmão Romeu, e os amigos Jesus Castanho e o falecido Pedrinho Batista Nunes, chegaram só as 9,30 horas, para me buscar. Fui todo contente no banco traseiro do Aero Willys Itamarati, do Castanho.

Chegamos no Beira-Rio perto do meio dia, compramos os ingressos e fomos almoçar. Quando voltamos ao estádio, os portões haviam fechado com superlotação. Indignados, íamos tentar outra entrada e ao passarmos por um portão da coréia, os

torcedores o haviam estourado e todos corriam para entrar no estádio. Bem, assisti o jogo em pé na coréia do Beira-Rio, correndo em zigue-zague quase todo o tempo, pois lá da arquibancada voavam sacos de urina para baixo. Em que pese o desconforto, a partida foi espetacular. Já na preliminar a seleção olímpica, com Falcão no meio de campo, gastando a bola, venceu o time principal do Hamburgo da Alemanha por 4 x 1.

O jogo principal terminou empatado em 3 x 3. Rivelino, Paulo Cesar Cajú, Jairzinho, Leivinha, Piazza, Zé Maria, Brito, Leão, todos tri-campeões do mundo na minha frente. A seleção gaúcha, jogou com Schneider, Valdir Espinosa, Ancheta, Figueroa e Everardo; Carbone, Tovar e Torino; Valdomiro, Claudiomiro e Oberti (Mazinho). Embora tenha assistido a centenas de jogos em minha vida, este foi inesquecível.

VISÃO DE JOGO



Marco Antônio Damian

Crise

A ciranda financeira acabou. O futebol tem de se adequar a uma realidade que sempre existiu, mas que por força de alguns patrocinadores iludiu dirigentes e jogadores. Quem ganhou, ganhou. Quem não ganhou vai ficar mais difícil. Evidentemente que 20, 30 ou 50 mil por mês é um dinheirão e com ele dá para viver maravilhosamente, mas para quem se acostumou a ganhar 100, baixar o padrão é um problema. Também no futebol, o culpado é o capital estrangeiro, que viu no Brasil um filão para ganhar dinheiro fácil. Como fez a Parmalat, que encampou o Palmeiras, comprou, por exemplo, Roberto Carlos, do União de Araras, por 500 mil e o revendeu ao Inter de Milão, por 6 milhões. Fez o mesmo com muitos outros jogadores, fez um tremendo comercial, vendeu seus produtos como água e foi embora. Por essa empresa o futebol brasileiro começou a inflacionar. Os outros clubes arregalaram os olhos e passaram a procurar parceiros endinheirados. Aí entrou na jogada Pelé e sua empresa, que prevendo poder abocanhar sua fatia, inventou a tal lei, que pôs fim aos passes dos jogadores, chamados por Pelé de escravos. Pô, escravo ganhando 200 paus por mês? Todos os investidores deram no pé, os dirigentes inescrupulosos, que se apropriaram dos clubes, os faliram, e agora?

A adequação a nova realidade será dolorosa e a transição durará algum tempo. Os melhores jogadores, com o passe na mão, procurarão novos mercados. Por conseguinte, as competições, que já estão fracas, irão piorar seu nível técnico. Isso representa estádios vazios e cotas de televisão lá em baixo. Claro, não há concorrência e a Rede Globo, no que está muito certa, paga o que quer. Enquanto isso o campeonato brasileiro está novamente confuso, o presidente da CBF ausente, o clube dos 13 é uma briga só, a segunda divisão ameaçada de não se realizar, que dirá a terceira. Esta é uma duríssima realidade. Para quem, como eu, que gosta de futebol, resta torcer, esperar com muita paciência que as coisas melhorem.

São Caetano

Pois o time paulista mostrou como é possível vencer o Olímpia fora de casa. Jogando ofensivamente, marcando bem e agredindo o adversário com velocidade. Não se ganha, jogando para empatar. O Grêmio tem mais time que o Olímpia, mais plantel, sua direção gastou horrores para vencer esta competição e Tite a colocou fora, com sua mania de improvisos. Acredito porém que o Grêmio tenha um trunfo para um futuro próximo. Bons jogadores oriundos dos juniores e o excelente técnico Guilherme Macuglia, que provou em vários times sua competência. Por aí começa a volta por cima do clube.

Quase tão bom quanto a sua cama, com a vantagem de acordar em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES

311.1226



MEMÓRIA ESPORTIVA

SKF - uma história que deixou saudade

Corriam os anos 60 e um grupo de amigos adolescentes reunia-se quase diariamente nas imediações da Praça Marechal Floriano, em frente aos cinemas e ali ficavam por horas em animados bate-papos sobre os filmes ou futebol ou então sobre alguma nova conquista entre as formosas meninas da sociedade de Passo Fundo.

Um dia, convidados por Claudinho Schlottfeld, foram jogar futebol com uma singela bolinha de borracha no pátio da residência da família Longhi. Aquele local foi apelidado por eles de quadradinho. A empolgação dos garotos era tanta que os irmãos Arduíno e Gelson Longhi, proprietários da empresa SKF, que existe até hoje com o nome de Rodagira, resolveram organizar a gurizada e formar um time. O uniforme era muito bonito. Camiseta bordô, como o Torino de Itália, calção branco e meia branca.

O time da SKF começou a jogar. Disputava acirradas partidas contra o IE e contra o Conceição. Excursionava pela região atuando contra times juvenis nas preliminares de jogos do Atlântico e Ypiranga de Erechim e também nas cidades próximas. Constantemente era convidado a ser o "sparring" do time profissional do Gaúcho em memoráveis treinos no Estádio Wolmar Salton, onde vendia muito caro eventual derrota.

O ápice do SKF foi os jogos realizados no estádio do 14 de Julho, a velha Baixada Rubra, contra os quadros juvenis de Internacional e Grêmio. Foram quatro jogos e nenhuma derrota. A partida mais emocionante ocorreu contra o Internacional, treinado por Daltro Menezes e que tinha futuros e promissores craques, como Zangão, que depois jogou no Gaúcho, Chorinho, um excepcional jogador que faleceu ainda muito jovem, Dorinho, muitos anos titular do time principal e outros que tornaram-se profissionais. Pois jogando a noite, numa iluminação mais que precária do Estádio Celso da Cunha Fiori, o SKF venceu por 4 x 3, um feito memorável.

O SKF durou poucos anos. A maioria dos jogadores foi embora da cidade cursar faculdade. Aqueles que aqui ficaram, também estudantes, aderiram ao futebol de salão e a história do SKF ficou na doce lembrança de quem a vivenciou.



Em pé: Manduca, Walter Hugo, Tadeu, Fernando, Regis, Lete, Tite e Daltro Pinto. Agachados: Paulo, Glacadir, Delano, Claudinho, Susin, Bibe e Beijo Tomé. Mascote - Cleide Schlottfeld

Onde andam e o que fazem o grupo que jovens que compuseram o SKF?

Luiz Carlos Susin - Eng. Agrônomo e produtor, reside em Passo Fundo.

Carlos Armando Garcia (Tite) - Funcionário do Banco do Brasil em Porto Alegre

Fernando Heineck - Eng. Civil do Daer reside em Passo Fundo.

Armando Ferreira Filho (Manduca) - Eng. Agrônomo, pesquisador da Embrapa de Passo Fundo.

Lafaiete Lamaison (Lete) - Comerciante em Porto Alegre

Walter Hugo Figueiredo - Ex-bancário, enfrenta graves problemas de saúde.

Jorge Delano Benvenutti - Eng. Agrônomo, diretor da NK Sementes de São Paulo.

Carlos Oberdã Vieira (Bibe) - Eng. Agrônomo, diretor da Dissagro de Passo Fundo.

Glacadir Carvalho - Eng. Mecânico, residente em São Paulo.

Cláudio Schlottfeld - Cirurgião Dentista e Vice-Prefeito de Cachoeira do Sul.

Eudir Tomé (Beijo) - Comerciante em Passo Fundo.

Paulo Susin - Eng. Agrônomo em Passo Fundo.

Humberto Tadeu Lamaison (Vaca) - Eng. Agrônomo em Passo Fundo.

Regis Nogueira de Azevedo - Empresário em Porto Alegre.

Valdir Vargas - Comerciante em Passo Fundo.

Rubens Kirinus (Binho) - Eng. Agrônomo em Não Me Toque

Luiz Graeff Teixeira - Eng. Agrônomo e produtor em Passo Fundo.

Ari Pargendler - Ministro do Superior Tribunal do Trabalho em Brasília.

Lizer Volcatto - Eng. Mecânico em Passo Fundo.

Amilton Dipp - Advogado em Porto Alegre.

Geraldo Fernandes - Consultor de Empresas em Passo Fundo.

Flávio Belotti - Eng. Agrônomo em Lajeado.

Paulo Roberto Lacerda - Eng. Agrônomo em Cascavel - PR.

Daltro Vitorio Pinto - O treinador, é falecido

Arduíno e Gelson Longhi - Os idealizadores do time, ambos são falecidos.

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damían



Decepção

O presidente Rodighiero, do Passo Fundo, voltou decepcionado e revoltado da reunião na FGF em Porto Alegre. Pois tem que ficar decepcionado e revoltado realmente. O presidente da entidade propôs um campeonato gaúcho em 56 dias. Como afirmamos na semana passada aqui mesmo neste espaço. Perondi não admite campeonato gaúcho sem a dupla Grêmio e dupla Caju. Ele com sua insistência e falta de criatividade está matando o restante dos clubes pequenos. Sua posição com relação a Grêmio e Inter é tão radical que este ano promoveu um torneio relâmpago, envolvendo a dupla para dar a um deles, no caso foi o Inter, o título de campeão gaúcho, retirando da história o verdadeiro campeão, o Guarany de Venâncio.

Liga

A legislação esportiva permite que os clubes organizem ligas independentes e promovam a competição que quiserem. Então os clubes gaúchos deveriam se mobilizar e se rebelar contra os desmandos. Organizar competições atraentes, vender seu produto e começar a sair do atoleiro. Da forma como está a extinção dos clubes pequenos é uma questão de pouco tempo.

O show proibido

Os clubes que disputam o campeonato brasileiro, estão com o pires na mão, fazendo malabarismos para fecharem a conta no fim do mês. Clamam de joelhos para o torcedor ir aos estádios. Normalmente os jogos são de uma pobreza técnica franciscana. Bom, af os jovens talentos que finalmente neste ano começam a emergir, resolvem mostrar suas habilidades, driblando, passando o pé por sobre a bola, fazendo embaixadinhas e muitos gols bonitos. Realizando em campo exatamente o que os torcedores gostam de vez. Mas fazer o show, jogar bonito, segurar a bola no ataque quando o time está vencendo, fazer o torcedor vibrar com as jogadas de habilidade, tudo isso está proibido. Leonardo Gaciba, árbitro gaúcho que apitou Coritiba x Santos, acha que jogar bonito é atitude anti-esportiva. Dar pontapé, segurar pela camisa, errar o pé da bola, dar chute para fora do estádio, fazer cera, tudo faz parte do jogo. Mas jogar com habilidade é falta. Imaginem se Leonardo Gaciba apitasse partidas da seleção brasileira ou do Betis da Espanha. Denilson seria expulso no primeiro toque na bola. E o jogador do Sport Recife, que deu uns balões em campo e foi multado no salário por seu próprio clube. Tá todo mundo ficando louco. Façam o seguinte que o campo vire um ringue e só joguem quem quebrar a bola primeiro.

Espinoso

Valdir Atualpha Ramirez Espinosa, técnico do Atlético Paranaense, primo do Aldrian Ramirez da Revisteira Central, está fazendo seu time jogar o fino da bola. Ninguém é melhor que ele no campeonato brasileiro. Joga com força, velocidade, habilidade nos passes e mais de 20 arremates a gol em cada partida. Se o Atlético for bicampeão, Espinosa é o favorito para a seleção brasileira.

MEU JOGO DE FUTEBOL INESQUECÍVEL • Cláudio Scussel

Minhas raízes futebolísticas estiveram intimamente ligadas ao 14 de Julho. Até hoje sou quatorzeano e ainda espero vê-lo novamente em campo. Em toda minha vida acompanhei o 14 e o futebol em geral, assistindo a grandes clássicos, Grêmio, Internacional, Seleção Brasileira e até o Santos do Rei Pelé. Mas um de forma particular não me sai da memória.

Foi um domingo de sol em que o 14 foi jogar contra o Atlântico e, Erechim. Eu

tinha uns 12 ou 13 anos e com alguns amigos peguei um ônibus que levava torcedores ao jogo. Na verdade eram mais de 20 ônibus estacionados na rua General Neto e na Morom, defronte o Edifício Scussel, de nossa propriedade. Quem comandava aquelas centenas de pessoas era Pupe, ex-jogador e fanático torcedor quatorzeano. Ele sempre ia

no primeiro ônibus que comandava o comboio. Naquela aglomeração quem tinha dinheiro pagava ali na porta e quem não

tinha ficava esperando. Na saída mesmo que não tivesse mais lugar, os que não pagavam iam em pé e a festa começava.

O jogo em si foi empolgante. O Atlântico saiu ganhando por 2 x 0, mas o 14 jogava bem e reagiu sob o comando do extraordinário jogador Santarém, que jogou uma partida exuberante, marcou um gol do meio de campo e foi o artífice da virada para 3 x 2. No fim do jogo houveram vários focos em briga, os ônibus foram apedrejados, como era comum. Nós ainda meninos passamos um susto, mas saímos de Erechim com a alma lava pela vitória dramática. Este foi meu jogo inesquecível.

"...no fim do jogo houveram vários focos de briga, os ônibus foram apedrejados, como era comum..."

Memória Esportiva

Uma homenagem ao vôlei

Na iminência de encaminhar, com uma vitória, o primeiro título estadual do vôlei adulto para Passo Fundo, a UPF/ Grazziotin joga neste sábado, com o Capingüi lotado, contra o forte time da UCS. Memória Esportiva presta uma homenagem ao nosso vôlei, que começou a ser praticado na década de 40, nos colégios, inicialmente pelas mulheres. Se a conquista máxima do estado ainda não veio, nos é por demais conhecida a taça do vice-campeão. Apenas o Capingüi, chegou quatro vezes às finais e mais uma da própria UPF/ Grazziotin.

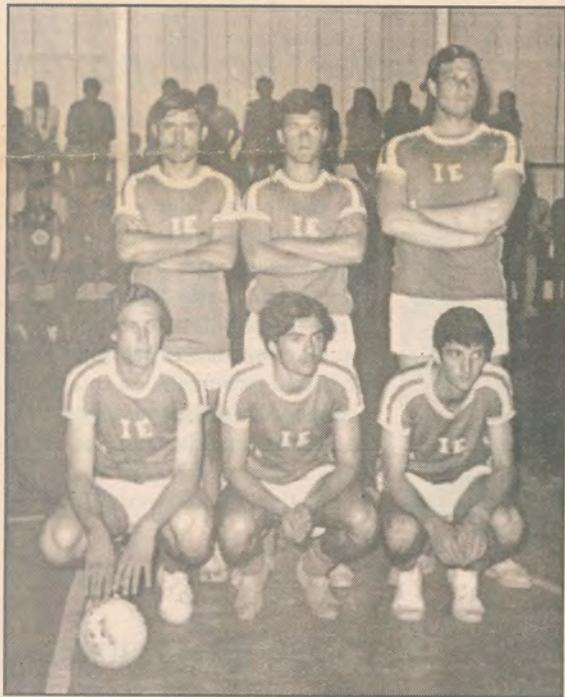
Alguns nos grandes nomes do vôlei do passado foram: Cláudio Wagner, Waldemar Carvalho, Douglas Vieira, Baio Badzinski, Roberto Leyser, Jorge Buaes, Zélio Zandavalli, Paulo "Pilincha" Feldman, Lauro Schilling, Dirceu Franciosi (Papa-gaio), Jorge Ribeiro (Marta), Marco Aurélio (chargista de ZH), Spode, Frigideira, Rubens Justi, Marcão Mendonça, Ninho, Toco Lampert, Luiz Freire, Toco Lampert, Chico Amaral Osvandré Lech, Nilva Zamboni, Maria Ribas, Jussara Menegaz, Leonor Cunha, Lorena Vargas, Temis Correa, Jacy Benck, Tânia Kuchembecker Rosing, Rosa Maria Coitinho, Marilene Silochi, Elizabeth Mafaccioli (Betona), Betinha Justi, Aniris Paiva e Jaqueline Lisboa.



Vôlei do IE em 1970 – Margarete, Jane, Coelha, Betona, Azeitona, Jaqueline, Ivete, Marilene e Betinha



Vôlei do IE em 1970 – Morcegão, Hermes, Rubens, Renatão, Luiz Freire e Caco



Equipe Juvenil do Colégio Conceição – 1993
Em pé: Venturini (técnico), Marlon, Alex, Luciano, Éverton e Gustavo Endres
Agachados: Diego, Rodrigo, Marcos, Henrique e Múcio



Time de vôlei do Capingüi para um torneio em Assunção
Em pé: Martinelli (técnico), Charuto, Jorge Buaes, Zélio, Baio, Marco Aurélio (Boca) e prof. Casquinha
Agachados: Escovinha, Papagaio, Douglas

VISÃO DE JOGO

Marco Antônio Damian



Dificuldades

Se a seleção chilena que arrumou treinador de última hora, jogar com um sistema defensivo eficiente irá criar enormes dificuldades para o Brasil vencer o jogo. Felipão convocou cinco zagueiros, quatro laterais e três volantes de marcação. Para armação de jogadas, três jogadores, sendo que Rivaldo está parado há mais de duas semanas e ainda não jogou depois da lesão. Em que pese ter cinco atacantes, Ronaldo Nazário, há quase dois anos sem jogar, atuou alguns minutos pela Inter e sofreu uma lesão muscular, o que era de se esperar. Ronaldinho Gaúcho ficou parado um semestre e está na reserva do PSG, clube que sofre no campeonato francês. Élber, um eficiente atacante em seu clube, nunca apresentou nada na seleção brasileira. Sobram França e Denílson. O treinador poderia deixar um zagueiro e um lateral em casa, e levar, por exemplo, Zinho, Marcelinho Carioca, Beto do Flamengo, Djalminha, Ricardinho, do Corinthians etc. etc. e etc.

Inter

Porque existem tantas brigas pelo poder no Internacional? Não existe respeito pela instituição, que já foi dirigida por gente do quilate de Ildo Meneghetti, Abelard Jaques Noronha, Carlos Stechmann e muitas outras celebridades. Desaforos, ofensas, más gestões administrativas, péssimas gestões da área do futebol, indisciplina. São fortes as desavenças entre a cúpula, que se reflete em campo e há nove anos o clube não chega nem próximo a decisão de alguma competição nacional e nos dois últimos anos, sequer chegou a decisão do Gauchão. O Inter precisa sem repensado primeiramente como instituição para ter o retorno em campo. Em que pese sua grandeza, estão tratando o clube com uma ignóbil pequenez.

Passo Fundo

Estamos no final de setembro, em plena primavera e o Passo Fundo, em seus três compromissos em casa, jogou com tempo bom somente contra o Brasil. Marcilio Dias, abaixo de temporal e Pelotas, com frio, vento e garoa, numa típica noite de inverno. Passando o dia de São Miguel, hoje, esperamos bom tempo, inclusive para o tricolor.

SÓ CONQUISTA
O MUNDO,
QUEM SE PREPARA
PARA O FUTURO



Matricule-se
agora!!

EM
VELOCIDADE
MÁXIMA!

Rua Coronel Chicuta, 69 - Fone: (54) 313-4600 - Passo Fundo - RS

Memória Esportiva

Uma vez 14 de Julho ...

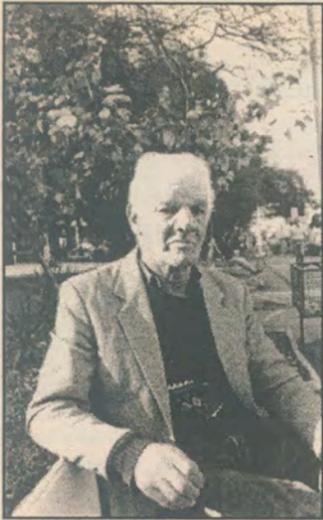
No dia 27 de junho deste ano, enquanto comemorávamos a passagem da seleção brasileira para sua sétima final de copa do mundo, obtida um dia antes, esquecido ficou uma data histórica para o futebol de Passo Fundo. Se estivesse ativo, o 14 de Julho estaria completando 81 anos de existência. O velho 14, desaparecido em 1986, incorporado que foi pelo Esporte Clube Passo Fundo, ainda tem milhares de fiéis torcedores, que relembram saudosos as glórias, conquistas, decepções, os ídolos e os dirigentes que ajudaram a construir seu patrimônio e sua história. Nunca é tarde para relembrarmos aos nostálgicos quatorzeanos, algumas fotos e esportistas, que fizeram parte do grande clube.

Dionisio Lângaro – Idealizador e um dos fundadores do 14 de Julho, cujo nome foi sugerido por ele. O primeiro goleiro quatorzeano.

Juvenal da Luz – Presidente em 1930, exerceu vários cargos diretivos e foi durante toda sua vida um ilustre colaborador. Em sua época foi o mais famoso e conceituado alfaiate da cidade.

Celso da Cunha Fiori – Centroavante rubro nos anos 20, várias vezes presidente e patrono. Foi o mentor da construção do Estádio da Baixada. Foi um dos mais brilhantes advogados criminalistas do estado.

FOTO: JOÃO VICENTE/DM



Walter Egon Goellner



FOTO: ARQUIVO

14 de 1957 - em pé: Neno, Vadecão, Orlando Clímaco, Ivon Lara, Gradin e Charuto. Agachados: Sadi, Helio, Gringo Juriatti, Calé e Itagiba

Pupe – O gigante Pupe, zagueiro nos anos 40, ao deixar o futebol tornou-se torcedor símbolo do clube. Assistia aos jogos na Baixada, do lado de fora do estádio, em cima de seu caminhão. A menor menção de alguma briga, pulava a cerca e engrossava a confusão.

Nery Simão – Meia-direita de muita movimentação, fôlego e fardo de gol. Foi várias vezes campeão na década de 40. Tornou-se diretor de futebol e presidente. Um dos articuladores da construção do Estádio Vermelhão da Serra.

Oswaldo Rodrigues de Lara – Presidente em 63/64/65 e de 74 a 80. Um dos nomes sagrados na linhagem quatorzeana. Presidente vitorioso e um verdadeiro gentleman, que sacrificou seus negócios pessoais em prol do clube de seu coração.

Armando Rebechi – Centroavante goleador, com um canhão no pé esquerdo. Campeão regional como jogador e estadual como treinador do 14 de Julho. Foi o principal responsável pela construção do Estádio Vermelhão da Serra. Seus irmãos Hilário, foi presidente em 68/69 e Guilherme, conhecido como Rebequinho, um goleiro espetacular, que faleceu prematuramente.

Caíco – Meia-esquerda habilidoso, de dribles fáceis e velocidade. Marcou o gol no clássico Gaqua, que deu ao 14 de Julho o título inédito de campeão do Centenário de Passo Fundo.

Egídio Reolon – Lateral-direito e posteriormente treinador do 14 de Julho, em várias oportunidades. Assumiu cargos diretivos e foi outro nome de envolvimento decisivo na construção do Vermelhão da Serra.

Santarém – Meio armador ou ponta de lança de rara habilidade. Talvez o jogador mais técnico que tenha vestido a camisa rubra. Possuía um domínio de bola inigualável e encantava os torcedores que iam ao estádio para vê-lo humilhar seus adversários com dribles desconcertantes. Jogou no 14, em 1963 e de 1965 a 1972.

FOTO: ARQUIVO



14 de 1966 - em pé: Kirinus, Cavalheiro, Wolmar Souza, Mário Carazinho, Zangão e Della Vecchia. Agachados: Mattos, Armando Rebechi, Bebeto, Roberto e Santarém. Mascote, Paulo Cesar Rigon

Hino do 14 de Julho

Autoria do Maestro **Alfredinho Custódio** e **Ruth Custódio Vieira**.

Salve o 14 de Julho
Do primeiro centenário é campeão
Teu distintivo me orgulho
De usar sobre o meu coração
No teu pendão carnecim
Quero morrer abraçado
Por isso eu canto assim:
Uma vez 14, sempre colorado

14 de Julho eu sou
14 eu sempre serei
Uma vez 14 de Julho
Colorado, Colorado morrerei.

VISÃO DE



Marco Antônio Damian

Felipão

Depois da derrota para a França em 98, o povo brasileiro passou a olhar a seleção com preocupação e desconfiança. Preocupação com Ronaldinho, pelos seus graves problemas de lesão, com Rivaldo e com Cafú, que nunca rendiam na seleção o que jogavam em seus clubes, e desconfiados com os treinadores. Zagallo, justificava as derrotas lembrando seu passado vitorioso. Mas do que isso adianta? Ai entrou Luxemburgo, com seus ternos Armani, sapatos italianos, que comemorava dando pulinhos com os joelhos encostados. Aquilo não era coisa para o povo. As denúncias sobre sua vida particular e a derrota na olimpíada deceparam sua cabeça. Timidamente o povo começou a pedir Felipão, mas chegou Leão. Ora bolas, outro empertigado em ternos bem, cortados. Aquilo era coisa de europeu.

Uma avalanche de derrotas o derrubou

Aí o brado do brasileiro foi retumbante. "Queremos Felipão". Saíram os neurologistas engratados e entrou um gauchão de Passo Fundo, turrão, enérgico, as vezes truculento e disciplinador, que mostrara competência de um estrategista e uma facilidade enorme em aglutinar e motivar um grupo de jogadores, o que já havia mostrado em clubes. Felipão era a cara do brasileiro. Mas o time continuou jogando mal, algumas peças essenciais não correspondiam e as críticas ao técnico ecoaram de norte a sul. A grande mídia e até o Presidente da República pediam Romário, e Felipão quieto, impávido e colosso, serenamente montava seu grupo de atletas. Foi para a Coreia desacreditado e voltou pentacampeão.

Entre alguns erros e muitos acertos Felipão calou a boca dos críticos e teve entre seus méritos o de ter formado realmente uma verdadeira família. Conseguiu através da lealdade e amizade extrair de seus comandados o máximo que eles poderiam oferecer e foi campeão. Acreditou em Ronaldinho, que não jogava em sequência há quase quatro anos e acabou como o melhor da competição. Fez Rivaldo e Cafú jogarem como nunca haviam jogado com a amarelinha. Mostrou ao Brasil que Roque Junior e Marcos, poderiam ser titulares e eles foram quase perfeitos. Tirou do anonimato Gilberto Silva e Kleber e os fez campeões. Por fim como a sorte acompanha os bons, Felipão teve a estrela em ver seleções consideradas fortes morrerem sozinhas. Felipão, tu nasceste vencedor e todos nós, que em algum momento desacreditamos na tua seleção, nos rendemos. Passo Fundo e o Brasil se orgulham de ti, pois tu és o povo brasileiro.

Quase tão bom quanto a sua cama,
com a vantagem de acordar
em São Paulo

Leito REUNIDAS

tv, ar condicionado, cafezinho, geladeira, poltrona king-size.

Saídas: de Passo Fundo 14h30, de São Paulo 19h45, exceto aos sábados

RESERVAS e
INFORMAÇÕES

311.1226

